



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

JÉSSICA LÔBO SOBREIRA

**UM NEGÓCIO DA CHINA: globalização e trabalho na fabricação de redes de dormir  
em São Bento, PB, Brasil**

Recife

2020

JÉSSICA LÔBO SOBREIRA

**UM NEGÓCIO DA CHINA: globalização e trabalho na fabricação de redes de dormir  
em São Bento, PB, Brasil**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, como parte dos requisitos exigidos para obtenção do título de doutora em Sociologia. Área de Concentração: Mudança Social.

Orientadora: Profa. Dra. Josefa Salete Barbosa Cavalcanti

Recife

2020

Catálogo na fonte  
Bibliotecária Valdicéa Alves Sliva CRB4-1260

S677n Sobreira, Jessica Lobo.  
“Um negócio da china: globalização e trabalho na fabricação de  
redes de dormir em São Bento, PB, Brasil” / Jessica Lobo Sobreira. – 2020.  
225f.: il.; 30 cm.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Josefa Salete Barbosa Cavalcanti.  
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.  
Programa de Pós-graduação em Sociologia, Recife, 2020.  
Inclui referências, anexos e apêndices.

1. Sociologia. 2. Artes industriais - Agricultura. 3. Globalização e as artes –  
Aspectos econômicos. 4. Diferentes classes sociais – Poder aquisitivos. 5.  
Trabalhos artesões. I. Cavalcanti, Josefa Salete Barbosa (Orientadora). II. Título.

301 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2021-109)

JÉSSICA LÔBO SOBREIRA

**UM NEGÓCIO DA CHINA: globalização e trabalho na fabricação de redes de dormir em São Bento, PB, Brasil**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, como parte dos requisitos exigidos para obtenção do título de doutora em Sociologia. Área de Concentração: Mudança Social.

Aprovada em: 09/ 03/ 2020

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profª. Dra. Josefa Salete Barbosa Cavalcanti (Orientadora)  
(Universidade Federal de Pernambuco – PPGS/ UFPE)

---

Prof. Dr. Ludovic Alexandre Jacques Aubin (Examinador Interno)  
(Universidade Federal de Pernambuco – PPGS/UFPE)

---

Profª. Dra. Andréa Lorena Butto Zarzar (Examinadora Externa)  
(Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE)

---

Prof. Dr. José Fernando Souto Júnior (Examinador Externo)  
(Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF)

---

Prof. Dr. Lúcio Vasconcellos de Verçoza (Examinador Externo)  
(Universidade Federal de Alagoas – PPGS/UFAL)

---

Prof. Dr. Russell Parry Scott (Examinador Externo)  
(Universidade Federal de Pernambuco – PPGA/UFPE)

Aos meus avós, José e Adélice (*in memoriam*)

## AGRADECIMENTOS

Uma tese nunca é obra de uma única pessoa. Embora a pesquisa às vezes exija introspecção e solidão, ela sempre é feita com a ajuda de pessoas sem as quais o início, o amadurecimento e a conclusão do trabalho seriam impossíveis. Assim, esta tese é a concretização de uma jornada que não foi percorrida sozinha e foi fruto de vários contextos. Trata-se de uma síntese de inúmeras contribuições, em que muitas pessoas, de diferentes maneiras se tornaram durante essa jornada, guias, abrigo, estímulo e inspiração em transformar as ideias em pesquisa e a pesquisa em um texto.

Agradeço ao comprometimento e seriedade da minha professora e orientadora Josefa Salete Barbosa Cavalcanti que é um exemplo pessoal e profissional para mim, desde que ela se tornou minha guia nessa aventura de formação profissional nos quase cinco anos que corresponderam à minha formação em nível de Doutorado. Palavra alguma seria suficiente para agradecer a leitura atenta e microscópica por ela realizada aos meus textos, pela paciente e dedicada orientação, pelos vários almoços e caronas, por todos os puxões de orelha ou pelos bons conselhos e encaminhamentos com os quais sempre conduziu as minhas questões de foro profissional e pessoal. Muito obrigada pelas nossas muitas reuniões, pelo rápido socorro nos momentos de angústia e pela honestidade e imparcialidade com que sempre tratou meus trabalhos. Suas críticas sempre são um desafio para o meu crescimento e queria ter conseguido traduzi-las em uma tese digna desses anos de cuidadosa e dedicada orientação. Agradeço por ela ter feito deste doutorado um aprendizado que levo para a vida.

Também agradeço a UFPE e ao Departamento de Sociologia, que foram minha segunda casa durante esse tempo que eu cursei o doutorado, obrigada pela acolhida. Aos Grupo de Pesquisa LAE/RURAL e Globalização e Agricultura pelas muitas ideias trocadas e aos diversos seminários que tive a oportunidade de participar. Ao PPGS/UFPE, minha eterna dívida por tornar tudo isso possível.

À minha turma de Doutorado (2015.1), que agreguei à minha família de afinidades e se tornaram uma rede de apoio nesse momento por vezes tão solitário e angustiante. Agradeço em especial, à minha amiga Emilly Marques, que se tornou minha dupla inseparável nesses anos todos de doutoramento, por ter compartilhado quase todas as muitas idas e vindas dessa “jornada” e pelos muitos momentos na biblioteca Central e do CFCH, quando precisávamos estudar nos horários de almoço - foram muitos e muitos quilômetros percorridos e infinitas memórias compartilhadas. À Gabriela Carvalho e a Nacho Vega pelas ligações que me

tranquilizaram em vários momentos, principalmente na qualificação. À Aristóteles, Dayra, Dana Milena, Filipe, Jonas, Manuella, Patrícia, Ronaldo e Zandra que possibilitaram um caminho mais leve.

Aos professores que participaram da minha defesa de Projeto, Cristiano Ramalho, Francisco Jatobá de Andrade e Russell Parry Scott e as professoras que participaram do meu Exame de Qualificação: Silke Weber, Eliane Vêras Soares e minha orientadora Salete Cavalcanti, indicando os erros e acertos da pesquisa. Suas arguições foram fundamentais para o subsecutivo desenvolvimento da escrita da tese. Espero ter respondido às questões formuladas nesse período. Ao professor Francisco Jatobá, agradeço ainda, pelos puxões de orelha que ele sempre deu quando me encontrava estudando na sala de estudos do décimo segundo andar, no turno da noite, me advertindo que não era seguro estar lá.

Ao professor Alessandro Bonanno, da Sam Houston State University, que em suas passagens pelo PPGS fez observações pontuais sobre a minha pesquisa e que foram de grande relevância e incorporadas ao texto final. Obrigada pelos questionamentos e indicações de material sobre a globalização.

Aos professores membros da banca de defesa da tese, que se disponibilizaram a contribuir com suas considerações e avaliações também externo meus agradecimentos.

Aos meus pais, Veralucia e Agostinho, meu eterno carinho e minha eterna gratidão pelo investimento que fizeram em minha educação. Não foi sem um grande sacrifício pessoal e financeiro que dedicaram boa parte dos seus rendimentos ao pagamento de boas escolas para que um dia que eu pudesse ingressar na Universidade Pública. Sem o tempo que vocês dedicaram a mim e o incentivo, suporte e apoio que eu sempre tive de vocês, jamais teria nenhum dos diplomas de titulação que hoje eu possuo. Agradeço em especial, a minha mãe, que sempre me incentivou a transpor as barreiras da minha vida e a não desistir. Ao meu pai, não poderia deixar de agradecer as muitas ligações nos momentos em que eu estava desanimada e as palavras certas de incentivo que ele sempre encontrava pra me fortalecer. Amo vocês infinito!

Ao Danilo Santos, meu companheiro de vida, agradeço especialmente pela compreensão dessa trajetória profissional um tanto incomum que eu decidi trilhar. Desde a época do meu mestrado foi quem tomou as rédeas para explicar o que eu fazia, quando eu já não tinha mais forças para explicar que me dedicava à vida acadêmica e por isso tinha horários um pouco incomuns. Nunca vou conseguir agradecer por todo apoio vindo de você, pelas inúmeras

lágrimas que ajudou a secar, e também pela fé em acreditar no meu futuro profissional que ainda me aguarda, meu muito obrigada.

À Ana Maria Costa e a Karine Mendes, agradeço pela atenção e paciência com a qual sempre conduziu meus problemas burocráticos, pela eficiência em resolvê-los. À Ana Maria e seu esposo Artur, agradeço também pelas caronas que me salvaram várias vezes de perder o ônibus para João Pessoa. A vocês, meu muito obrigada pelo carinho com que sempre me trataram; sem vocês eu não teria a tranquilidade necessária para finalizar esta tese.

Agradeço a todos os moradores de São Bento, que sempre me receberam de braços abertos e tornaram o meu trabalho de campo mais leve. Especialmente, às mulheres que trabalham com as redes de dormir, que comigo compartilharam e confiaram a partilha de suas memórias, seus anseios e o seu saber-fazer. Meu eterno agradecimento a minha amiga Ligiane Cristina, que foi interlocutora das minhas primeiras incursões à São Bento e que fez a minha pesquisa de campo ser possível. A Dona Maria, Dona Tereza, Priscila, Jailma, Dona Sebastiana e a Dona Marizinha, por abrirem as portas de suas casas e de suas famílias para mim como se a elas eu pertencesse, minha eterna dívida e gratidão.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), meu muito obrigada pelos quatro anos de bolsa de doutorado, que me permitiram conduzir a pesquisa de campo e a redação da tese de maneira exclusiva, possibilitando-me a dedicação integral às atividades acadêmicas durante esse período.

Finalmente, agradeço aos alunos e alunas da disciplina “C651 – Sociologia da Sociedade Brasileira”, ministrada pela professora Josefa Salette Barbosa Cavalcanti com quem tive a oportunidade de fazer o meu estágio docência e pude compreender a dimensão que a pesquisa ocupa em sala de aula. Espero reencontrá-los ainda muitas vezes em minha trajetória.

**P.S.:** Gostaria de deixar registrado aqui, a tristeza pelo momento histórico-político em que eu finalizo o meu doutorado ao ver o descaso do governo com a pesquisa científica no Brasil e também pelos inúmeros cortes na educação que assombram as universidades públicas federais e ameaçam a existência delas.

Um shopping das Redes, tem  
Que o mundo todo conhece  
Visto que sempre acontece  
Uma feira muito bem  
E que tanta gente vem  
Querendo a rede comprar  
Manta, lençol quem optar  
Pois tem muito sortimento  
É minha Terra São Bento  
Que orgulho desse lugar  
(FERNANDES, 2019, n.p)

“Uma rede, meu senhor”  
“Leve uma, minha senhora”  
Preço bom, faço agora  
Tem de todo valor  
Do modelo e da cor  
De sua pretensão  
Esse é meu “ganha pão”  
Ando o Brasil inteiro  
Trabalhando, sou redeiro  
Redeiro lá do sertão  
(FERNANDES, 2018, n.p)

## RESUMO

A história da confecção das redes de dormir fabricadas por agricultores artesãos do município de São Bento - PB, data do ano de 1927, conforme registrado. O trabalho realizado por mulheres feiteiras constitui atividade complementar às fainas agrícolas realizadas por pequenos agricultores de subsistência do município. O algodão garantia a matéria prima para a tecelagem das redes. Entretanto, crises na produção de algodão ocasionadas pela seca e pela praga do bicudo comprometeram a combinação das atividades. Os produtores locais passaram a depender da compra de fios produzidos externamente. Nos anos recentes, acentuaram-se as demandas para comercialização de redes em outros estados do país e no exterior, notadamente, causadas pela maior participação do capital chinês nesse mercado. As redes de dormir de São Bento foram integradas nesse processo. Esta pesquisa analisa a produção e comercialização de redes de dormir no município de São Bento, com foco nas transformações causadas pela globalização. A cadeia produtiva global foi afetada nos últimos anos pelo forte deslocamento do capital chinês em direção a várias regiões do mundo, sendo o Brasil, especificamente, os polos têxteis, objetos desses investimentos, impactando diretamente a produção e a venda dos produtos artesanais produzidos e comercializados localmente, como ocorreu em São Bento. Com o intuito de compreender o significado disso sobre a organização do trabalho, através da pesquisa de campo realizada no período entre 2017 e 2019, buscou-se mapear o impacto desse processo na organização do trabalho local. Para isso, lançou-se mão de dados quantitativos e qualitativos obtidos juntos aos gerentes e proprietários de fábricas, gestores de instituições públicas e privadas; e trabalhadores envolvidos nas tecelagens e no acabamento das redes de dormir. Como essa presença chinesa impacta na economia local? As conclusões da pesquisa mostram que empreendimentos chineses se apropriaram do principal suprimento que dá origem à fabricação da rede de dormir, o fio de algodão, e também, da comercialização de vários produtos, que antes eram de exclusividade da produção local no município, impactando negativamente na economia da região. Isto contribuiu para o barateamento do processo e produtos comercializados com preços muito competitivos, a ponto de serem produzidos com fio de origem chinesa, em São Bento e por sua vez comercializados na China. Para resistir a esse processo, os artesãos estão investindo cada vez mais na valorização do artesanato, principalmente na feitura do acabamento das redes e das varandas, com o intuito de revalorizar a produção local. O confronto entre movimentos do capital externo e a resistência tem concorrido para um processo de “readequação”, permitindo que as características artesanais

locais sejam ressaltadas, possibilitando assim uma distinção entre a rede artesanal local e a importada da China. Os desdobramentos desses processos escapam ao tempo restrito desta tese, mas apontam tendências a serem examinadas em pesquisas futuras.

**Palavras-chave:** Polo têxtil de redes de dormir; agricultura; globalização; desigualdades sociais; trabalho artesanal.

## ABSTRACT

The history of the craftsmanship of the hammocks produced by craftsmen farmers of the municipality of São Bento - PB initiated from the year 1927, as registered. The work of women makers, *feiteiras*, is a complementary activity to the agricultural tasks, carried out by small subsistence farmers in the municipality. Cotton was used to guarantee the raw product to the weaving of the hammocks. However, crises in cotton production caused by drought and the *bicudo* pest compromised the combination of activities. Local producers then became reliant on the purchase of thread produced externally. Recently, there has been an increase in the demand and the commercialization of hammocks to other states of the country, as well as abroad, mainly due to a huge participation of the Chinese funds in the markets. São Bento's hammocks have been included in this process. Hence, this study analyses the production and commercialization of hammocks from the municipality of São Bento, focusing on the transformations caused by the globalization, which resulted in a Chinese integration – because of its productive and commercial processes. In the past few years, the global production chain changed directions due to a strong shift of the Chinese funds towards several places of the world. Brazil and more specifically, the textile cluster are the destination of these investments, which affect directly the production and trade of handmade products produced and marketed, as occurred in 2017 in São Bento. In order to grasp the meaning of this shift over the work organization, we did local observation and fieldwork during the period of 2016 and 2019, in which we analyzed the impact of this process on the organization of the local work. Therefore, qualitative and quantitative data were analysed, as well as, interviews with weaving mill workers, during the production of the hammocks, the coordinators, and owners of factories and managers of public and private institutions. How does this Chinese presence affect the local economy? The research findings show that Chinese investment have taken over the control of the main supply to the fabrication of hammocks, which is the cotton thread, and also, of the commercialization of various products, which were previously restricted to local production in the municipality, negatively impacting the region's economy. Before then, these products were of local origin, exclusively; nowadays, local producers must buy threads, from China, sold at competitive prices, leading to the production of hammocks with Chinese thread in São Bento and, afterwards, commercialized in China. As a result there is some resistance from the craftspeople who are investing more in the local quality of craftsmanship, especially in the production of hammocks, with the goal to raising the local production. Despite this, there is a process of “readjustment”, allowing that

local handcrafting characteristics are highlighted and then generating a distinction between a local handcrafted hammock and the ones imported from China.

**Keywords:** hammock textile cluster; hammocks; farming; globalization; work; handcrafting.

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b>	Produto Interno Bruto a preços correntes (milhões).....	135
<b>Gráfico 2</b>	Importações no setor têxtil em São Bento - 2010 a 2019 (dólares FOB).	156

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1 -</b>	Lojas da Arezzo e Schutz em São Bento, PB.....	34
<b>Figura 2 -</b>	Primeira viagem registrada para a comercialização de redes de dormir	38
<b>Figura 3 -</b>	Principais marcos sobre o comércio de têxteis e vestuário.....	71
<b>Figura 4 -</b>	Fluxograma da Cadeia Têxtil e de Confeções.....	73
<b>Figura 5 -</b>	Entrada do município de São Bento - PB.....	78
<b>Figura 6 -</b>	Brasão do município de São Bento - PB, com destaque para a rede de dormir e a produção de algodão.....	78
<b>Figura 7 -</b>	“Feira da Pedra” no centro de São Bento - PB.....	81
<b>Figura 8 -</b>	Primeira “Feira da Pedra” no “Shopping das Redes” .....	81
<b>Figura 9 -</b>	Tear automatizado que tece o pano gabardine em uma fábrica de São Bento - PB.....	83
<b>Figura 10 -</b>	Após o processo de tecelagem, os panos são cortados e vão para a máquina de tingir em uma fábrica de São Bento - PB.....	83
<b>Figura 11 -</b>	Principais nomenclaturas utilizadas no “ramo da rede” .....	85
<b>Figura 12 -</b>	Homem tingindo meadas de fios de algodão.....	86
<b>Figura 13 -</b>	Homem estendendo as meadas de fios de algodão para secar.....	86
<b>Figura 14 -</b>	Esgoto industrial lançado no Rio Piranhas/Açu em São Bento - PB.....	88
<b>Figura 15 -</b>	Resíduo da atividade de tingimento das redes de dormir em São Bento – PB.....	88
<b>Figura 16 -</b>	Madeira extraída do entorno do Rio Piranhas/Açu.....	90
<b>Figura 17 -</b>	Forno onde é inserida a caldeira para tingimento do fio .....	90
<b>Figura 18 -</b>	Resíduos da indústria têxtil no Galpão da Fiação Patamute no município de Cajazeiras - PB.....	91
<b>Figura 19 -</b>	Rolo da urdideira elétrica para urdimento dos fios feita pelos próprios artesãos a partir do aro de roda de bicicleta e madeira.....	107
<b>Figura 20 -</b>	Fios urdidos na urdideira, visualizando as suas meadas.....	107
<b>Figura 21 -</b>	Tecedor terminando de emendar as meadas na urdideira.....	107
<b>Figura 22 -</b>	Tecelão usando o tear de três panos para confecção de tapetes artesanais.....	109
<b>Figura 23 -</b>	Detalhe do tear de três panos.....	109
<b>Figura 24 -</b>	Feiteira mostrando rede bordada à mão. Essa é uma das redes tipo exportação e devido o seu custo mais elevado é feita somente por encomenda.....	111
<b>Figura 25 -</b>	Detalhes manuais do acabamento da rede.....	111
<b>Figura 26 -</b>	Feiteiras fazendo o acabamento das redes de dormir em seus domicílios. São Bento – área rural.....	113
<b>Figura 27 -</b>	Feiteira passando mamucaba no seu “tear”.....	124
<b>Figura 28 -</b>	Tecelão fazendo o pano da rede.....	124
<b>Figura 29 -</b>	Processo produtivo da rede de dormir com acabamento não-manual.....	131
<b>Figura 30 -</b>	Configurações produtivas da fabricação das redes de dormir.....	133
<b>Figura 31 -</b>	Rede de três panos, onde é possível ver as três emendas do pano da rede.....	138
<b>Figura 32 -</b>	Detalhe das duas emendas da rede de três panos.....	138
<b>Figura 33 -</b>	Travessia feita em barcos antes da construção da ponte em São Bento - PB.....	142

<b>Figura 34 -</b>	Linha do tempo da formação da indústria têxtil em São Bento – PB....	143
<b>Figura 35 -</b>	Redeiro de São Bento no Rio Grande do Sul.....	148
<b>Figura 36 -</b>	Redeiro comercializando as suas redes do litoral de Santa Catarina.....	148
<b>Figura 37 -</b>	Mantas de origem chinesa sendo comercializadas na feira local.....	150
<b>Figura 38 -</b>	Roupão de banho infantil de origem chinesa comercializado na feira local.....	150
<b>Figura 39 -</b>	Tecelagem em São Bento- teares computadorizados que fazem os tecidos tipo brim e gabardine, utilizado nas redes do tipo “sol a sol” ....	155
<b>Figura 40 -</b>	Tecelagem em São Bento – tear computadorizado importado da China	155
<b>Figura 41 -</b>	Rede feita de linha paulista sendo comercializada no site de uma empresa local.....	169
<b>Figura 42 -</b>	Bordado industrial sendo realizado em rede de dormir.....	171
<b>Figura 43 -</b>	Detalhe do bordado industrial na rede de dormir.....	171

## LISTA DE MAPAS

<b>Mapa 1 -</b>	São Bento – localização geográfica na microrregião de Catolé do Rocha, na Paraíba.....	25
<b>Mapa 2 -</b>	Municípios que integram o Polo Têxtil e de Redes de Dormir de São Bento, PB.....	101

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1 -</b>	Relação dos entrevistados.....	46
<b>Quadro 2 -</b>	A América Latina: principais características dos modelos de desenvolvimento.....	65
<b>Quadro 3 -</b>	Produção de Milho e Feijão – São Bento (2010 a 2018).....	98
<b>Quadro 4 -</b>	População Residente (Pessoas) Ano x Situação de Domicílio.....	100
<b>Quadro 5 -</b>	Valores praticados em São Bento para o “acabamento industrial” - 2019.....	110
<b>Quadro 6 -</b>	Valores praticados em São Bento (PB) para o “acabamento manual”- 2019.....	110
<b>Quadro 7 -</b>	Características gerais comuns aos APLs.....	166

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b>	Importação de São Bento no período entre 2000 - 2019.....	153
<b>Tabela 2</b>	Cadastro Geral de Empresas Formalizadas do setor têxtil inscritas no registro CNPJ.....	157
<b>Tabela 3</b>	Pessoal ocupado total e assalariado e outras remunerações no setor têxtil de São Bento (exceto vestuário) no período 2010 - 2017.....	158

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AESA -	Agência Executiva de Gestão das Águas
APL -	Arranjos Produtivos Locais
BNB -	Banco do Nordeste do Brasil
BNDES -	<i>Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social</i>
CAD/CAM -	Computer Aided Design/ Computer Aided Manufacturing
CAPES -	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCI -	Câmara de Comércio Internacional
CEO -	<i>Chief Executive Officer</i>
CEPAL -	Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe
CIF -	Cost Insurance and Freight
CNPJ -	Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica
CONVASF -	Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco
CPRM -	Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais
Embrapa -	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
EUA -	<i>Estados Unidos da América</i>
FOB -	Free On Board
GATT -	General Agreement on Tariffs and Trade
GTDN -	Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste
IBGE -	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMS -	Imposto de Circulação de Mercadorias e Serviços
IPEA -	<i>Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada</i>
MDIC -	Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços
MEI -	Microempreendedor Individual
OIT -	Organização Internacional do Trabalho
OMC -	<i>Organização Mundial do Comércio</i>
ONGs -	Organizações não Governamentais
ONU -	<i>Organização das Nações Unidas</i>
PAA -	<i>Programa de Aquisição de Alimentos</i>
PAP -	Programa do Artesanato Paraibano
PET -	Polietileno Tereftalato
PPGS -	Programa de Pós-Graduação em Sociologia
PRODEEM -	Programa de Desenvolvimento Energético dos Estados e Municípios

PRONAF -	Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
SEBRAE -	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SENAI -	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SIDRA -	Sistema IBGE de Recuperação Automática
SINDITÊXTIL -	Sindicato da Indústria de Fiação e Tecelagem em Geral do Estado da Paraíba
SUDENE -	Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste
STF -	<i>Supremo Tribunal Federal</i>
TAC -	Termo de Compromisso de Ajustamento de Conduta
UEPB -	Universidade Estadual da Paraíba
UNIVASF -	Universidade Federal do Vale do São Francisco
UFAL -	Universidade Federal De Alagoas
UFCG -	Universidade Federal de Campina Grande
UFPB -	Universidade Federal da Paraíba
UFPE -	Universidade Federal de Pernambuco
UFRJ -	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRPE -	Universidade Federal Rural de Pernambuco

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>A PESQUISA</b> .....	24
1.1	Apresentação.....	24
1.2	Delimitação do problema de pesquisa.....	31
1.3	Definição do objeto, objetivo e hipóteses de pesquisa.....	35
1.4	O campo de pesquisa.....	36
1.5	Critérios utilizados na pesquisa.....	39
1.6	A pesquisa de campo.....	40
1.7	Estrutura da tese.....	47
<b>2</b>	<b>GLOBALIZAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO NO MUNDO DO TRABALHO</b> .....	50
2.1	Considerações sobre a globalização.....	50
2.2	A informalidade no contexto da globalização.....	54
2.3	Trabalho e reestruturação produtiva.....	56
2.4	Da globalização da agricultura às mudanças no mundo do trabalho.....	59
<b>3</b>	<b>A INDÚSTRIA TÊXTIL E DE REDES DE DORMIR NO NORDESTE BRASILEIRO: UM OLHAR PARA A CADEIA PRODUTIVA DE REDES DE SÃO BENTO</b> .....	69
3.1	Caracterização da cadeia têxtil.....	69
3.2	O desenvolvimento da cadeia têxtil no Nordeste brasileiro.....	75
3.3	O Polo de Redes de São Bento: origem e desenvolvimento.....	77
3.3.1	<i>O Polo Têxtil e de Redes de São Bento e seus impactos ambientais.....</i>	87
<b>4</b>	<b>“ENTRE O ROÇADO E A REDE”: A DINÂMICA DA PRODUÇÃO FAMILIAR NA FABRICAÇÃO DE REDES DE DORMIR EM SÃO BENTO – PB</b> .....	94
4.1	Um olhar sobre a dinâmica local.....	94
4.2	Caracterização, origem e funcionamento das unidades produtivas.....	105
4.2.1	<i>A comercialização, a feira da pedra, o shopping das redes.....</i>	115
4.3	Os sujeitos nas unidades produtivas: homens e mulheres no “ramo da rede”.	118
4.3.1	<i>As mulheres e o saber-fazer das redes de dormir.....</i>	121
<b>5</b>	<b>AS TRANSFORMAÇÕES DO TRABALHO NO POLO TÊXTIL E DE REDES DE SÃO BENTO – PB</b> .....	128

5.1	Configuração do Polo Têxtil e de Redes de São Bento.....	128
5.2	O trabalho no período “artesanal” da indústria têxtil de redes de dormir (1927 – 1958) .....	136
5.3	O trabalho no período “manufatureiro” da indústria têxtil de São Bento (1958 – 1964) .....	140
5.4	O trabalho no período da “maquinofatura” da indústria têxtil de redes de dormir (1964 – dias atuais) .....	142
<b>6</b>	<b>NEGÓCIO DA CHINA. GLOBALIZAÇÃO E ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS: transformações recentes no Polo de Redes de São Bento .....</b>	<b>146</b>
6.1	O impacto da importação de produtos chineses na produção e comercialização local.....	146
6.2	A inserção do fio chinês na tecelagem de redes de dormir e o descompromisso com o local.....	159
6.2.1	<i>A empresa Jiangsu Zhongyuan Industrial Group Co. Ltda.....</i>	161
6.3	Negócio da China, estratégia mercadológica e apropriação do local.....	164
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>176</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>184</b>
	<b>APÊNDICE A .....</b>	<b>199</b>
	<b>APÊNDICE B .....</b>	<b>199</b>
	<b>APÊNDICE C .....</b>	<b>200</b>
	<b>APÊNDICE D .....</b>	<b>200</b>
	<b>APÊNDICE E .....</b>	<b>201</b>
	<b>APÊNDICE F .....</b>	<b>201</b>
	<b>APÊNDICE G .....</b>	<b>202</b>
	<b>APÊNDICE H .....</b>	<b>202</b>
	<b>APÊNDICE I .....</b>	<b>203</b>
	<b>APÊNDICE J .....</b>	<b>203</b>
	<b>APÊNDICE K .....</b>	<b>204</b>
	<b>APÊNDICE L .....</b>	<b>204</b>
	<b>APÊNDICE M .....</b>	<b>205</b>
	<b>APÊNDICE N .....</b>	<b>206</b>

<b>APÊNDICE O .....</b>	<b>207</b>
<b>APÊNDICE. P.....</b>	<b>211</b>
<b>APÊNDICE Q .....</b>	<b>213</b>
<b>ANEXO A.....</b>	<b>216</b>
<b>ANEXO B.....</b>	<b>217</b>
<b>ANEXO C.....</b>	<b>219</b>
<b>ANEXO D.....</b>	<b>221</b>
<b>ANEXO E.....</b>	<b>224</b>

## CAPÍTULO I

### A PESQUISA



**Fios importados da China, Rede “Deus é fiel” e rede cadeira manual sendo fabricada.**  
Foto: Jéssica Lobo Sobreira, 2018.

## 1 A PESQUISA

Neste capítulo introdutório, buscamos situar os aspectos que configuram o Polo de Redes do município de São Bento, caracterizando-o e fazendo um apanhado do que foi escrito até o momento sobre este. Nos alicerçamos no debate sobre globalização e trabalho, com o intuito de identificar quais implicações que as transformações que vem ocorrendo no Polo de Redes trazem para a agricultura familiar e também para os sujeitos envolvidos nesse processo.

### 1.1 Apresentação

Desde meados dos anos 1927, a região que atualmente compreende o município de São Bento, interior da Paraíba, sofre intensas transformações na sua estrutura econômica; visualizada na expansão da indústria de redes de dormir, contribuindo para o fortalecimento do Polo industrial que abrange os municípios de São Bento, Brejo do Cruz, Paulista, Patos, Pombal, Catolé do Rocha e Vista Serrana, no Estado da Paraíba; Compreende também os municípios de Jardim de Piranhas, Serra Negra e Caicó, pertencentes ao Estado do Rio Grande do Norte<sup>1</sup>, que até meados de 1960, tinham a sua economia baseada nas atividades da agricultura. A localização do município de São Bento em relação ao estado da Paraíba pode ser visualizada no mapa 1 (próxima página).

Enquanto parte desse processo, criou-se de maneira não planejada pelo poder público, um Polo Têxtil e de Redes da Paraíba, cujas condições objetivas de implantação residiram na aglomeração de iniciativas produtivas e comerciais relacionadas ao setor têxtil, com foco em redes de dormir (que vão de modelos mais populares e com acabamentos mais simples à redes exclusivas, com acabamentos personalizados, elaborados manualmente e bordados), mantas para sofá e para dormir (em tecido semelhante ao pano da rede de dormir) e também em “miudezas para casa”, como panos de prato e panos copa/cozinha. Estabeleceu-se, a partir dos anos 1980/1990, em torno da feira local intitulada “Feira da Pedra”, em São Bento, mas hoje seu raio de influência se estende por dezenas de municípios do Sertão Paraibano e do Rio Grande do Norte<sup>2</sup> e repercute na Região, no país e em vários países do mundo.<sup>3</sup>

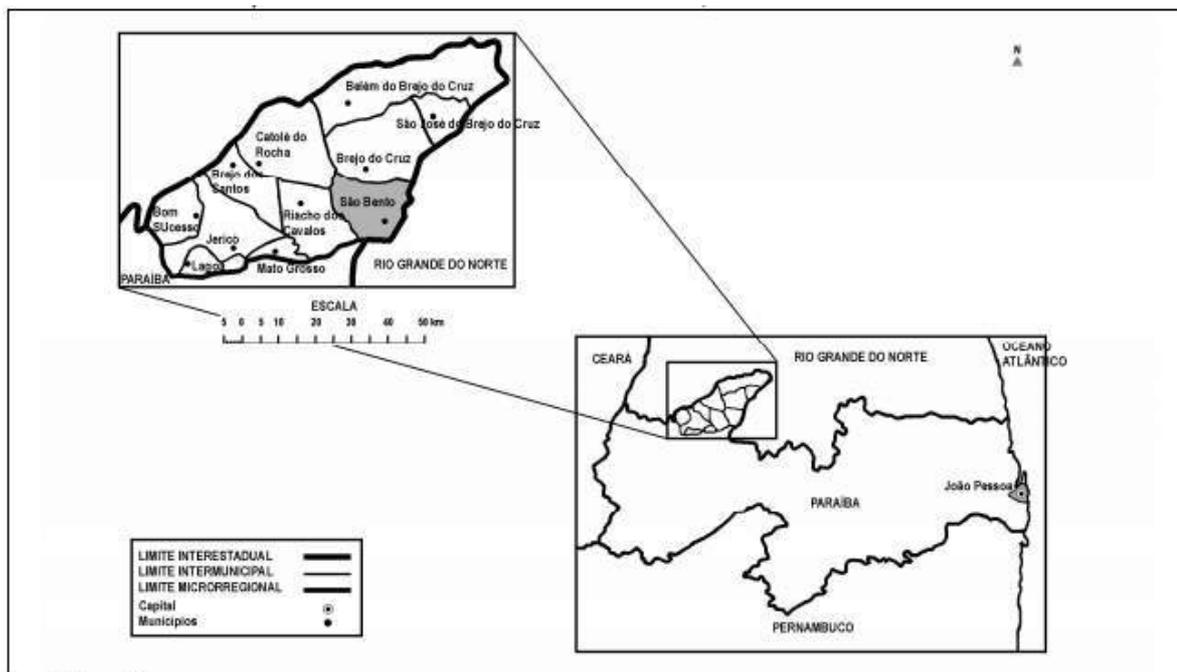
---

<sup>1</sup> De acordo com a divisão do IBGE, estes municípios se localizam no sertão nordestino, compondo a microrregião de Catolé do Rocha (PB) e do Seridó Ocidental (RN). Situação semelhante ocorreu com a “criação “do Polo de Confecções de Pernambuco estudado por VÉRAS DE OLIVEIRA, (2011); ANDRADE (2017) entre outros.

<sup>2</sup> Dados coletados através da pesquisa de campo (2017, 2018, 2019).

<sup>3</sup> Atualmente a cidade de São Bento exporta suas redes artesanais para vários países, ganhando assim fama internacional, pela qualidade, diversidade e também pelo baixo preço.

**Mapa 1** – São Bento – localização geográfica na microrregião de Catolé do Rocha, na Paraíba



Fonte: Elaborado por CARNEIRO (2006).

A produção dessa região é em sua maioria constituída de pequenas unidades produtivas familiares que se subdividem em quatro partes principais: o tear, o aprontamento, as “feiteiras” e as fábricas. O tear é o local onde se inicia a produção do “pano da rede”, geralmente funciona em um galpão próximo à moradia do proprietário ou mesmo no quintal das moradias. É principalmente nesses dois locais mencionados que se localizam os teares e os equipamentos necessários ao funcionamento da tecelagem, como as *espuladeiras*<sup>4</sup> e a *urdideira*<sup>5</sup> e sua *gaiola*<sup>6</sup>, envolvendo geralmente uma grande quantidade de trabalho, tendo sua mão de obra constituída majoritariamente por homens. A unidade produtiva constituída pelo “aprontamento”, conforme denomina-se comumente entre os que fazem o Polo de Redes, tem funcionamento agregado à

<sup>4</sup> Máquina utilizada para cumprir o processo de enchimento de espolas com fio.

<sup>5</sup> Existem dois tipos de urdideiras: a manual, que consiste em um retângulo composto por quatro traves de madeira na qual são dispostos lateralmente 24 pinos de madeira ou de ferro, aonde o trabalhador, num movimento de vai e vem, vai enganchando nos pinos um conjunto de fio formado por “24 pernas” chamadas de cabrestilho, que são retirados de outro elemento próximo da urdideira chamado de gaiola, local onde se organiza os fios para serem levados até a urdideira. O segundo tipo de urdideira é a elétrica: formada por duas ou até três gaiolas onde são dispostos os fios, quando a máquina é acionada um rolo de ferro passa a girar enrolando o fio automaticamente, sem nenhuma intervenção do trabalhador, que servirá apenas para emendar os fios na máquina após o término de cada operação (MEDEIROS, 2015, p. 91).

<sup>6</sup> Aparelho utilizado para urdidura do fio, consiste em uma grade de madeira colocada no chão, com apenas alguns metros de distância da urdideira manual ou elétrica, tanto uma quanto a outra utiliza desse equipamento, que serve para dispor ao todo 48 cones de fio em seu interior, estes serão alinhados em pares para formar “24 pernas” de fio denominado de cabrestilho, isso em uma única gaiola. Na urdideira manual, só é possível a utilização de uma única gaiola, já na elétrica, a máquina pode trabalhar utilizando até três gaiolas em um único processo (MEDEIROS, 2015, p. 94).

moradia dos proprietários, de caráter informal, ocupando espaços com dimensões variadas. Em geral, é realizado apenas com a família, envolvendo irmãos, tios, cunhados etc e também, podendo chegar a dezenas de contratados, mas com vínculos informais e são constituídas exclusivamente por “*feiteiras*” e/ou “*feiteiros*”.

As “*feiteiras*” e “*feiteiros*” trabalham fabricando a parte artesanal da rede, a parte do acabamento. O trabalho desenvolvido por eles pode ser realizado para outras pessoas, quando há demanda, e para si mesmas nos períodos de estiagem da produção, quando as vendas ficam mais fracas no comércio local (geralmente acontece quando saem os “carros de rede” para vender as redes de dormir e passam temporadas de dois, três meses vendendo de forma ambulante pelo país afora. Essa categoria se subdivide em várias especialidades tendo a “*feiteira*” ou “*feiteiro*” – pessoa que faz a varanda -, e dentre estas, as que só fazem determinado tipo de varanda, as que fazem apenas as pinturas, as que fazem apenas bordado etc. Geralmente são as “*feiteiras*” mulheres que fazem bordado, pintura e varanda. Os homens que ocupam a categoria “*feiteiro*” geralmente se especializam em fazer o punho da rede; O trabalho dos homens se concentra nas atividades realizadas no tear.

Os trabalhadores do “tear”, têm os mesmos vínculos de trabalho informais que o “aprontamento”. A diferença é que na parte da tecelagem foi observado que geralmente são os homens que são os proprietários da tecelagem, localmente chamados de “dono de tear”. Os teares ou tecelagem é o local onde se fabrica o pano da rede; sua mão de obra é composta quase que exclusivamente por homens. É um trabalho pesado, que exige bastante força física, devido ao imenso calor dos galpões onde localizam-se os teares, os homens geralmente trabalham apenas de shorts, sem utilizar a camisa, devido às altas temperatura dentro da tecelagem. As jornadas de trabalho não seguem o horário convencional e geralmente lembram muito a “lida no campo”, sendo uma espécie de “padrão” identificado no funcionamento das tecelagens localizadas em São Bento, PB. Os trabalhadores do tear iniciam a sua jornada às três horas da manhã e param às sete horas, daí eles vão para casa tomar o café da manhã e retornam trinta minutos depois. Após retornarem à tecelagem, o trabalho continua até o meio dia, onde é feito a parada para o almoço e descanso. Geralmente nesse horário todos os teares estão parados e só retornam em torno de treze horas encerrando as atividades por volta das dezoito horas. A rotina é assim da segunda ao sábado, nos domingos e dias santos não há expediente, já que a cidade apresenta uma tradição religiosa muito forte.

Quanto às “fábricas”, elas se diferenciam principalmente por acoplarem em sua mesma base a maior parte da produção, podendo ou não serem constituídas formalmente separadas do

domicílio dos proprietários, embora existam “fábricas” que apesar de serem grandes, se constituíram em prédios anexados às casas dos proprietários e mantinham uma porta que estabelecia conexão com a casa. Observamos também que as “fábricas” se localizam em espaços variados, tendo sido encontradas: ocupando o quintal das casas dos proprietários, em local próximo do domicílio dos proprietários e também nas áreas rurais. Baseando-se na contratação de trabalho assalariado – em muitos casos formalizados, mas mantendo parte dos trabalhadores em regime informal ou se utilizando amplamente do trabalho subcontratado das *feiteiras* e dos *feiteiros*, que se especializam em uma ou poucas tarefas referentes ao acabamento das redes. De maneira geral, as pequenas fábricas são unidades produtivas em condições muito precárias quando comparadas as fábricas maiores, que se caracterizam por atender às encomendas que surgem principalmente pela rede/teia de conhecidos que vão à Feira da Pedra e fazem suas encomendas e pedidos.

A última estatística sobre a produção de redes de dormir do município possui data do ano 2000, feita através de um levantamento da Prefeitura Municipal de São Bento que mostrava que a produção de redes girava anualmente em torno de 12 milhões de unidades, no entanto, se passaram quase 20 anos dessa estatística que continua sendo utilizada como parâmetro, tendo nesse período supracitado, o município de São Bento crescido vertiginosamente, principalmente, no que tange às exportações. Pela pesquisa de campo realizada no município, supomos que essa produção provavelmente tenha triplicado.

A comercialização envolve uma trama complexa que, atualmente, envolve a feira de rua intitulada “Feira da Pedra”<sup>7</sup>, os redeiros<sup>8</sup>, o *e-commerce* através de sites próprios, OLX, Instagram, Facebook, Mercado Livre e Whatsapp, enviados principalmente através do que foi denominado localmente de Prensa<sup>9</sup> e pela Agência de Correios e Telégrafos do município. Localmente, as atividades comerciais ocorrem na “Feira da Pedra”, que acontece todas às segundas feiras na cidade, impressionando pela quantidade diversificada de produtos

---

<sup>7</sup> A feira da Pedra foi transferida desde junho de 2018 para um espaço comercial construído especificamente para esse fim e intitulado “Shopping das Redes”.

<sup>8</sup> São vendedores ambulantes locais que viajam em carros baú, chamados popularmente de “Mecedinha” ou então caminhões baú, geralmente dentro do carro e que rodam o Brasil inteiro comercializando as redes de dormir de porta em porta. O carro é estacionado em um local da cidade, geralmente litoral ou interior, e os redeiros colocam um fardo de rede nas costas e saem vendendo. Em geral, os redeiros, não são os donos das redes, eles recebem apenas uma comissão por unidade de rede vendida trabalhando para o “dono do carro de rede” (expressão local) para as pessoas que trabalham exclusivamente com a fabricação de redes para venda na forma mencionada. Além do Brasil, os carros de redes conseguem comercializar nas fronteiras chegando até a Argentina, Paraguai, Uruguai, Bolívia, Chile, Venezuela, Guiana e Colômbia. Esta é uma expressão local.

<sup>9</sup> É um local onde são prensados os fardos com redes, estas são transportadas por caminhões para vários lugares do Brasil. A Prensa funciona como uma espécie de transportadora local.

comercializados e, desde o final de 2018, substituída por um Centro Comercial construído por iniciativa da Prefeitura Municipal de São Bento e do Estado, intitulado “Shopping das Redes”, para onde foram transferidos os produtores e lojistas que comercializavam anteriormente na Feira da Pedra.

Com a constituição e expansão do Polo Têxtil de São Bento, o avanço da internet e do *e-commerce*, algumas empresas viram a oportunidade de globalizar seus produtos regionais, principalmente valorizando o saber local das artesãs e imprimindo essa etiqueta dos produtos localmente produzidos atrelados à qualidade. Aos poucos, a cidade se tornou, um lugar de mobilidade de pessoas, mercadorias, serviços e especialmente, uma imensidão de pequenas fábricas e aprontamentos. Concretamente, isso significou uma expansão da cadeia produtiva que correspondia à forma como a economia estava estruturada localmente e nacionalmente. Amostra disso, foi o início da inserção de parcerias com o SEBRAE, nos anos 2000, marcando um novo direcionamento para a economia da região, engendrando assim processos de “modernização” da organização do trabalho.

O interesse pelos estudos das redes de dormir emergiu em face da minha “jornada de vida”, expressão utilizada por KNOWLES (2014) ao analisar a globalização por meio da trajetória de um chinelo; ainda na graduação, quando eu fazia o Curso de Ciências Sociais na Universidade Federal de Campina Grande por meio de uma amiga em comum que na época cursava Administração. Ela me falou sobre a produção de redes de dormir na cidade de São Bento, no entanto, à época, eu estava desenvolvendo um projeto de iniciação científica versando sobre o tema do trabalho no Polo de Confecções do Agreste Pernambucano, especificamente no município de Toritama, que tem a atividade produtiva centralizada na fabricação de *brim* (jeans, bermudas, saias, shorts e camisas) e já tinha um amplo material sobre o Polo, e minha pesquisa envolvia um grupo de pesquisa maior que estava fazendo as primeiras incursões a campo e ainda havia poucos estudos sobre aquela realidade, o que me fez optar por não migrar sozinha para outro lócus de pesquisa.

Assim, eu fiquei dois anos na iniciação científica (2010 e 2011), e resolvi fazer a seleção do mestrado sobre o mesmo tema, afunilando-o, que no caso, foi o discurso sobre o trabalho infantil no município de Toritama, principalmente, porque desde a época dos estudos da graduação, o trabalho infantil sempre havia me impactado muito; e a presença dele no município de Toritama, seja em decorrência das atividades da fabricação de roupas ou das diferentes atividades comerciais presentes no Polo, constituía-se em uma quantidade significativa de crianças trabalhando, enquanto, o discurso local era de que não existia trabalho infantil na

região, seja por causa da cultura local de trabalho infantil ou mesmo por medo das fiscalizações do Ministério do Trabalho.

Então, no ano de 2014, eu defendia a minha dissertação para a conclusão do curso de Mestrado em Sociologia na Universidade Federal da Paraíba, mas com muitas inquietações sobre o tema, porque eu já estava um pouco cansada de pesquisar sobre o trabalho infantil no Polo de Toritama e ao mesmo tempo, quando eu finalizei o mestrado, o grupo de pesquisa que eu participava (que envolvia alunos de iniciação científica, mestrandos, doutorandos e professores do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG e do Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba – UFPB) já havia realizado uma quantidade significativa de trabalhos sobre o Polo e para mim, naquele momento, já não fazia mais sentido pesquisar sobre a mesma realidade que eu havia convivido desde os primeiros anos da graduação.

Nesse meio tempo que foi o intervalo entre a minha defesa da dissertação e o meu ingresso no doutoramento em Sociologia na UFPE, meu interesse se voltou a realizar a pesquisa sobre a produção de redes de dormir em São Bento, principalmente porque trazia novas questões a serem estudadas, era algo desafiante e novo, que ainda não havia nenhum estudo envolvendo relações de trabalho e globalização.

Na época que eu submeti o meu projeto de pesquisa sobre o Polo Têxtil e de Redes (entre final de 2014 e início de 2015), haviam apenas poucas pesquisas sobre o tema, destacando-se a pesquisa de mestrado de ROCHA (1983)<sup>10</sup>, os trabalhos de CARNEIRO (2001)<sup>11</sup>, DUTRA (2007)<sup>12</sup>, FIGUERÊDO (1995)<sup>13</sup>, todas em nível de graduação. No nível de mestrado, tinha o trabalho de CUNHA (2006)<sup>14</sup> orientado pelo professor Moacir Palmeira na área de antropologia, o trabalho de CARNEIRO (2006)<sup>15</sup>, o trabalho de DUTRA (2007)<sup>16</sup> e no

---

<sup>10</sup> ROCHA, José Bolivar V. da. **São Bento: estudo sobre a manufatura de redes de dormir**. João Pessoa: CGS, 1983.

<sup>11</sup> CARNEIRO, Rosalvo Nobre. **A indústria têxtil em São Bento – PB: da manufatura à maquinofatura**. Campina Grande: UEPB, 2001.

<sup>12</sup> DUTRA, Luciano Vieira. **A rede da rede: trabalho, sociabilidade e territorialidade dos vendedores de redes de dormir de Brejo do Cruz – PB**. (mestrado). – João Pessoa, UFPB, 2007.

<sup>13</sup> FIGUERÊDO, Galba Suassuna de. **São Bento: rede-de-dormir como fenômeno de uma cidade**. (monografia). – João Pessoa, UFPB, 1995.

<sup>14</sup> CUNHA, Elisa Ribeiro Alvares da. **Famílias do ramo da rede: tecelagem, negócio e viagem no sertão da Paraíba e do Rio Grande do Norte**. Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFRJ, 2006.

<sup>15</sup> CARNEIRO, Rosalvo Nobre. **Produção do espaço e circuitos de fluxos da indústria têxtil de São Bento-PB: do meio técnico ao meio técnico-científico informacional**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Pernambuco: Recife, 2006.

<sup>16</sup> DUTRA, Luciano Vieira. **A rede da rede: trabalho, sociabilidade e territorialidade dos vendedores de de redes de dormir em Brejo do Cruz - PB**. (Mestrado em Geografia). João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2007.

nível de Doutorado, tinha apenas o trabalho de CARNEIRO (2011)<sup>17</sup>, também na área da geografia. Desde a escrita do meu projeto de tese (2015) até o ano atual (2019) não foram publicados novos trabalhos no nível de mestrado ou doutorado sobre o tema.

A proposta deste tipo de investigação chamou a minha atenção, porque apesar de compartilhar um tema comum à minha graduação e ao meu mestrado – trabalho e setor têxtil – era algo inteiramente desafiador e em face disso, cabia realizar pesquisas exploratórias sobre este tema, o que começou por saber como era a estrutura do Polo de Redes em São Bento. Depois, recuperar o que havia sido escrito academicamente no Brasil sobre a produção de redes do município de São Bento. Essa busca inicial revelou poucos trabalhos sobre São Bento e nenhum trabalho envolvendo a globalização da fabricação e comercialização das redes de dormir no município, o que me permitiu realizar viagens exploratórias ao local para adentrar a temática da globalização no município e subsidiar a formulação do projeto de pesquisa de doutoramento para a seleção do PPGS/UFPE no ano de 2015.

Por fim, ao ingressar no PPGS/UFPE, eu comecei a participar do Grupo de Pesquisa do CNPq “Globalização e Agricultura”, sob coordenação da professora Josefa Salete Barbosa Cavalcanti, que foi de fundamental importância para o desenvolvimento da base teórica da minha pesquisa, uma vez que, no âmbito das discussões realizadas nos encontros do Grupo de Pesquisa e pelas leituras teóricas estudadas, pude consolidar o meu referencial teórico e discutir minha pesquisa coletivamente, o que foi muito enriquecedor. Muitos dos professores que integram o grupo de pesquisa fizeram parte da minha bibliografia e me forneceram subsídios importantes que foram utilizados nesta pesquisa, a cada rodada de estudos e discussões. No período que eu cursei o doutoramento e por intermédio do Grupo de Pesquisa e da Professora Salete Cavalcanti, tivemos várias visitas e seminários realizados pelo Professor Alessandro Bonanno da *Sam Houston State University* (Texas/EUA), que foram fundamentais para que eu fizesse várias interlocuções com os estudos da Globalização.

Além disso, no período do doutoramento, cursei a disciplina Sociologia da Agricultura, ministrada pela professora Salete Cavalcanti; as discussões realizadas durante todo o curso contribuíram para eu repensar a minha pesquisa e estabelecer as bases para ir à campo, sendo uma contribuição inestimável para a minha pesquisa, principalmente pelas interlocuções entre a sociologia da agricultura e os estudos sobre a globalização do trabalho. Ainda, no âmbito do

---

<sup>17</sup> CARNEIRO, Rosalvo Nobre. **As semelhanças, diferenças e interações dos circuitos de fluxos socioespaciais de redes de dormir do Nordeste brasileiro**. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal de Pernambuco: Recife, 2011.

PPGS/UFPE, houveram inúmeros Seminários realizados com pesquisadores da área de trabalho e da sociologia da agricultura que puderam enriquecer e contribuir com a minha pesquisa e me oferecer novas bases teóricas e interlocuções profícuas sobre o tema estudado.

## 1.2 Delimitação do Problema de Pesquisa

O processo de globalização tem provocado mudanças expressivas na atividade produtiva de modo geral no Brasil. O setor têxtil da Paraíba, por estar inserido nessa lógica, também tem experimentado mudanças significativas, promovendo alterações não só no processo produtivo, mas, sobretudo, nas relações de trabalho e, conseqüentemente, nas relações familiares. Com o intuito de perceber mais atentamente essas transformações, tem-se o interesse de investigar, através de um estudo de caso, a produção de redes de dormir no município de São Bento – PB, tendo como foco a atividade domiciliar e o espaço onde se concentra a etapa de produção voltada para o acabamento das redes de dormir. Esta etapa, envolve uma série de processos que englobam principalmente a trança, a mamucaba, a varanda e o empunhamento<sup>18</sup> que são feitos fora da tecelagem, geralmente no ambiente domiciliar, envolvendo o trabalho dos membros da família.

Para CAVALCANTI (1999) no contexto da globalização, velhas e novas formas de dominação se apresentam no mesmo contexto, revelando as possibilidades e impasses que surgem nos confrontos diários entre os sujeitos envolvidos. Assim, na perspectiva da autora, deve-se pensar como os espaços urbanos e rurais veem se relacionando. Estes, não podem ser tomados como antagônicos e dissociados do contexto global. CAVALCANTI (2014) fala sobre os desafios e possibilidades que se abrem para a compreensão dos vínculos, entre o local e o global, e que precisam ser desvendados “em suas nuances, no intrincado jogo de forças em que se enredam os que são lançados no processo de transnacionalização, sem se descuidar da sua contraparte, o nacional” (p.137).

---

<sup>18</sup> A partir das primeiras investigações, o processo de produção de redes de dormir pode ser dividido nas seguintes fases: a) processo de melhoramento do fio – o fio recebido da fiação passa por um processo de melhoramento que inclui alvejamento e tingimento, antes de seguir para a tecelagem; b) tecelagem do pano - técnica empregada para a confecção de tecido plano, como a utilizada na indústria têxtil em geral; c) acabamento – esta fase é geralmente dividida em quatro ou cinco etapas, conforme o tipo de rede. Essas etapas podem ser: trança – o pano de rede tem em suas extremidades uns 20 cm de fios soltos, não tecidos, que são usados para fazer ligação com o punho da rede; mamucaba – passagem de duas faixas horizontais de tecidos nas tranças ou nos cordões acima referidos, para fortalecimento da ligação com os punhos; varanda - é tecida nas extremidades laterais da rede, possuindo finalidade decorativa; empunhamento - as argolas das tranças servem, de encaixe às cordas de trancelim que serão passadas por estas argolas e unidas a 60 cm da trança para formar os punhos na extremidade, que servem para fixação da rede em armadores ou ganchos nas paredes (ROCHA, 1983, p. 81-83).

Nesse contexto, surge o interesse de investigar os impactos que a atividade tem provocado sobre as estratégias familiares e a organização do trabalho familiar na transformação do processo de produção da rede de dormir. Logo, busca-se entender como a troca de saberes entre esses sujeitos e, portanto, como as relações familiares se configuram em meio a uma maior exigência em termos de qualidade e competitividade do setor, submetido à expansão dos seus mercados no contexto da globalização. Assim, a pesquisa visa compreender como esta expansão comercial tem promovido mudanças nas formas de produção e nas relações de trabalho, principalmente na fase de acabamento.

É justamente nesta fase, que o produto ganha beleza e nele é agregado maior valor, podendo ser diferenciado e tornar-se mais competitivo. Portanto, tem-se a intenção de compreender o que há de novo e o que permaneceu em termos de relações de trabalho e processos produtivos neste setor, em meio ao processo de expansão das novas tecnologias, procura-se analisar quais os efeitos dessas mudanças sobre a estrutura e organização do trabalho no que se refere ao desmonte da cadeia produtiva, a flexibilidade dos contratos e o crescimento da precarização, a situação da unidade familiar responsável por esta dinâmica, as modificações na subjetividade dos sujeitos envolvidos entendendo, com isso, como se dá a realização profissional, a autonomia e o domínio desse ofício por esses sujeitos.

Diante desse contexto, surgiu nossa primeira questão de pesquisa: *qual o impacto dessas transformações sobre a organização familiar do trabalho, procurando verificar como se vem dando o reordenamento do trabalho a partir de então, e suas implicações sobre os sujeitos (em termos de atribuições, realização e independência pessoal, autonomia do trabalho e domínio do saber) envolvidos nesse processo?*

Além do debate sobre a globalização e trabalho, esta tese se apoia nos debates que versam sobre o mundo rural, principalmente no que tange ao Nordeste Brasileiro, o que possibilita mostrar a perspectiva de desenvolvimento do Polo Têxtil e de Redes de São Bento, para além das fronteiras entre rural-urbano, já que, assim como na pesquisa desenvolvida no Polo de Confecções de Pernambuco por ANDRADE (2017), a agricultura familiar estrutura parte significativa do artesanato da confecção de redes de dormir, não se constituindo alheio à moralidade camponesa mas dependendo dela em vários aspectos para a sua reprodução. VAN DER PLOEG (2016), mostra que o funcionamento das unidades camponesas se constitui de forma diferente do trabalho nas unidades capitalista, sendo centrada no trabalho familiar e não no trabalho assalariado, o que corrobora com CHAYANOV (1985) ao entender que a dinâmica

interna da unidade familiar chama atenção para relação entre consumidores e trabalhadores, interpretando assim, a variação das famílias.

Sobre o debate rural no contexto brasileiro, WANDERLEY (2009) mostra que a agricultura familiar deve ser compreendida junto ao pequeno produtor e a reprodução de um trabalhador não proletário para o capital, dialogando com o que GARCIA JR (1983), ao pontuar que o que caracteriza a agricultura familiar é a tensão entre autonomia e subordinação. Como explicaremos no decorrer dos capítulos, as unidades familiares de São Bento viram-se impossibilitadas de se reproduzirem socialmente em função do pouco acesso à terra. Assim, na maior parte dos casos, o trabalho não agrícola e migrante foi incorporado às atividades estabelecendo uma relação ambígua entre a garantia de reprodução camponesa e sua dissolução (MENEZES, 2009). Essa dinâmica mostra também que o rural deve ser compreendido em todas as suas interfaces, concordando assim com WANDERLEY (2004), que mostra que os processos mais globais de urbanização e industrialização não podem ser traduzidos por uma “uniformização” da sociedade, levando ao fim as especificidades dos espaços rurais e das populações que ali vivem.

A área de pesquisa apresenta uma particularidade dentro do contexto geográfico, localizada na zona semiárida paraibana. Trata-se de um espaço situado na área denominada de “polígono da seca” e que atualmente tem por base econômica a indústria têxtil ligada ao ramo de tecelagem de redes de dormir, vinculado à economia global através da exportação de parte da sua produção. Logo, difere da atividade econômica que se destaca tradicionalmente no sertão nordestino, a agropecuária.

### 1.3 Definição do objeto, objetivo e hipóteses de pesquisa

O **objeto de estudo** desta pesquisa é a relação entre a família e o espaço de produção, a partir das novas configurações apresentadas no processo de produtivo de redes de dormir no município de São Bento. Tomaremos como categorias de análise, as relações de trabalho e as relações familiares, procurando averiguar como esta atividade produtiva tem interferido na organização e estrutura familiar, promovendo modificações ou não, no papel de seus integrantes (atribuições, responsabilidades, autonomia). Dentro desse contexto, o trabalho da mulher, o trabalho da criança, podem aparecer citados nesta pesquisa, e embora sejam de grande relevância acadêmica não se tratam do nosso foco principal.

A flexibilização das formas de trabalho no município de São Bento e a produção artesanal das redes tem estimulado a informalidade no setor, gerando um grande contingente de pessoas atuando na atividade de fabricação de redes, sem a preocupação com a qualificação e a capacitação profissional. Assim, o setor informal da atividade absorve quase que a totalidade da mão de obra através da produção independente realizada nas próprias residências. Assim, uma de nossas hipóteses de trabalho, derivada das primeiras incursões a campo, sustentava-se no fato de como o setor informal absorvia toda a mão de obra.

A produção de redes de dormir no município de São Bento representa a sobrevivência e projeção econômica de muitas famílias, através da valorização da atividade têxtil na região que passa de geração em geração e da vocação econômica para a produção de redes de dormir. Com isso, a atividade têxtil é a principal responsável pela geração de emprego e renda no município. Diante do nível de crescimento da atividade, onde a maioria da população está envolvida, a qualidade de vida (trabalho, segurança, moradia etc) é considerada alta, tanto pelos empresários como pela população em geral (MARTINS et al, 2008). No entanto, está se tornando comum no município um significativo aumento do índice de violência, cometidos por pessoas advindas de outras regiões e que são atraídas pelo alto índice de renda de parte da população, o qual pode ser constatado pela presença de bens como carros importados, casas com arquitetura diferenciada e a chegada de lojas consideradas como “grifes” como a Schutz, Arezzo e Carmen Steffens, exemplificadas na figura 1.

**Figura 1** - Lojas da Arezzo e Schutz em São Bento, PB.



**Fotografia:** Jéssica Lôbo Sobreira, 2017.

Sendo assim, a ideia de qualidade de vida está associada ao acesso à bens de consumo, mesmo que este venha a proporcionar a longo prazo, níveis inferiores em termos de segurança, saúde, bem-estar etc., o que reflete um processo de desenvolvimento econômico dissociado das questões sociais, ambientais, culturais, resultando em práticas insustentáveis de acordo com as bases capitalistas através da produção voltada para a acumulação flexível de capital. Nesse sentido, observa-se que apesar do crescimento da atividade têxtil no município de São Bento, fica evidente a necessidade de melhor gerenciamento e reestruturação de aspectos da gestão da produção e organização do trabalho que interferem na eficiência e no desempenho das empresas, na qualidade de vida do trabalhador e, por conseguinte, da sociedade e do equilíbrio ambiental.

Nos últimos anos, houve grandes mudanças no mundo do trabalho em decorrência do processo de globalização e reestruturação produtiva, interferindo não só em processos produtivos, como também, no que se refere às relações de trabalho. A globalização passou a interferir nas relações produtivas, nas relações sociais e no cotidiano, constituindo-se assim em um grande desafio para as ciências sociais. Há, portanto, a necessidade de compreender as novas configurações por que vem passando o trabalho e os impactos que estas promovem sobre os sujeitos envolvidos nesse processo.

A sociedade brasileira passou a sentir mais fortemente os impactos dessa reestruturação a partir da década de 1980, quando se dá a intensificação da globalização econômica tendo como decorrência desta, a abertura comercial, fazendo com que o processo produtivo acelerasse a implementação e a adaptação às novas tecnologias e gestão do trabalho ANTUNES (1999), ALVES (2000) e (2001), CASTELLS (2006), SANTANA e RAMALHO (2003). Estas transformações influenciaram significativamente o setor têxtil brasileiro, desorganizando-o, uma vez que a abertura comercial que ocorreu nesse período foi responsável por uma reestruturação intensiva, levando inclusive à eliminação de muitas empresas que não tiveram êxito neste processo de ajuste (CAMPOS e PAULA, 2006).

Assim, esta pesquisa visando à elaboração da tese de doutorado tem como **objetivo geral** analisar e compreender as transformações da produção e as mudanças nas relações de trabalho vinculadas ao acabamento de redes de dormir no município de São Bento nas últimas décadas e suas mudanças no processo produtivo, em especial no que se refere à produção e comercialização, observando como os processos inerentes à globalização impactaram nesses aspectos da mudança.

Por se tratar de uma atividade que tem a maior parte da mão de obra alicerçada no trabalho familiar, e nas atividades artesanais durante o período de urbanização da cidade, a maioria destes agricultores migrou do campo para a cidade em busca de melhores condições de vida. DANTAS (2012) ressalta que deve haver o reconhecimento de que o município de São Bento deve grande parte do seu desenvolvimento econômico à expansão das indústrias têxteis da cidade, já que estas são a principal fonte de renda para a grande parte dos moradores; sendo que atualmente muitos destes ainda residem no campo e combinam a produção de redes com a agricultura familiar.

Durante a pesquisa de campo (2017, 2018, 2019), percebemos que as maiores empresas do município geralmente concentram todas as fases do processo produtivo, seguindo o modelo de “sede principal” onde se concentram a tecelagem com os teares, e uma parte anexada onde se distribuía as partes de acabamento da rede. No entanto, mesmo nas empresas que têm esse tipo de funcionamento, percebeu-se, que elas mantêm parte das atividades de acabamento com o uso de trabalhadores terceirizados.

A integração entre o trabalho formal e legalizado com o trabalho informal, através da contratação de mão de obra terceirizada para prestação de serviços no interior das fábricas ou da contratação de empresas informais ou pessoas físicas. Dessa forma, é possível perceber que o trabalho informal passa a fazer parte do setor formal como forma de intensificação da acumulação capitalista, por possibilitar menor custo e maior possibilidade de rendimentos para o capital.

#### 1.4 O campo de pesquisa

É verdade: geralmente, o conhecimento de anatomia não é uma pré-condição para um “correto” caminhar. Mas quando o chão sob nossos pés se move constantemente muletas são bem vindas. Como cientistas sociais, nós abolimos o equilíbrio dos pés, por estarmos presentes no próprio mundo que estudamos, por absorvermos a sociedade que observamos, por vivermos lado a lado daqueles eu chamamos de “outros” (...) É por isto que nós desesperadamente necessitamos de metodologia, para mantermo-nos de pé, enquanto navegamos num território que se move e muda de lugar quando tentamos atravessá-lo. (BURAWOY, 2014, p. 40)

A pesquisa foi realizada no Polo Têxtil e de Redes, no município de São Bento, estado da Paraíba. O Polo Têxtil e de Redes, no município de São Bento, gera uma produção de mais de 12 milhões de redes de dormir, consumindo segundo dados do SINDITÊXTIL PB (2010),

anualmente 18 milhões de quilogramas de fios de algodão, sendo o maior produtor dessa mercadoria, cerca de 33, 334 redes por dia, durante o ano todo, caracterizando-se como uma indústria têxtil mista de fabricação artesanal e mecânica.

O município de São Bento foi criado em 1959, e está situado às margens do Rio Piranhas, onde ao longo dos anos desenvolveu um grande potencial na indústria de redes de dormir<sup>19</sup>. Desde 1927, com o início da fabricação de redes, a atividade têxtil vem crescendo sendo possível identificar alguns momentos importantes para a economia do município, como a instalação em 1940 da primeira usina de beneficiamento do algodão; a fábrica de redes São José construída em 1961 e a instalação em 1964 dos primeiros teares elétricos, vislumbrando novas perspectivas para a ampliação do setor.

A fabricação de redes no município de São Bento – PB teve sua origem no final do século XIX, ainda de forma artesanal, para o autoconsumo, em que apenas o que sobrava era destinado para ser comercializado na feira popular do município. Entretanto, segundo dados de (CARNEIRO, 2011) esta produção artesanal começou a ser modificada quando a primeira fábrica foi instalada na região em 1960<sup>20</sup>. A comercialização começou a ser ampliada em 1970 com a venda de redes, transportadas através de um caminhão e assim as empresas têxteis de São Bento passaram a explorar novos mercados.

Em 1986, a expansão dessa atividade foi estimulada pela construção da BR 110 e do surgimento da “Feira da Pedra” e nesse mesmo ano, foi feita a primeira viagem para a comercialização das redes de dormir fabricadas em São Bento, pelo empresário Armando Dantas, da Santa Luzia Redes e Decoração (**Figura 2**). Em 1992, houve a instalação da Fiação São Bento Têxtil que facilitou o acesso da matéria-prima aos fabricantes de redes e nesse mesmo ano houve a construção de uma usina de reciclagem de lixo para absorver parte dos resíduos sólidos produzidos pelo município.

Com a fundação da primeira fábrica de redes, a atividade começou a se expandir e atualmente a economia do município é voltada para a fabricação de redes de dormir e outros produtos similares como tapetes, mantas, panos de prato, artigos de decoração e outras peças,

---

<sup>19</sup> MASCARENHAS, João Castro et al. **Diagnóstico do Município de São Bento**. Recife: CPRM/PRODEEM, 2005. Disponível em: [http://rigeo.cprm.gov.br/xmlui/bitstream/handle/doc/16317/Rel\\_São\\_Bento.pdf?sequence=1](http://rigeo.cprm.gov.br/xmlui/bitstream/handle/doc/16317/Rel_São_Bento.pdf?sequence=1) Último acesso: mar. 2019.

<sup>20</sup> CARNEIRO (2011), coloca que em 2011 contavam com aproximadamente 70 empresas de pequeno e médio porte, e um grande número de fábricas consideradas de fundo de quintal,

apresentando grande diversidade de tipo e níveis de qualidade e preço, sendo confeccionadas em fábricas formalizadas e também em tecelagens montadas nas próprias residências.

**Figura 2** – Primeira viagem registrada para a comercialização de redes de dormir. Realizada por Armando Dantas, CEO da Santa Luzia Redes e Decoração, com vendedores ambulantes, chamados de “corretores de redes”, na cidade de Pimenta Bueno – RO, a caminho do centro da Amazônia. Ano de 1986.



Fonte: <https://www.redesantaluzia.com.br/santa-luzia-redes-e-decoracao/>

AZAIS (1986), em sua pesquisa sobre São Bento colocou que a estimativa da Federação das Indústrias da Paraíba (FIEP) haviam 81 empreendimentos têxteis no município de São Bento, sobre um total de 86 cadastrados. Além disso, foi mencionado que na maioria dos estabelecimentos havia apenas um empregado. O autor menciona ainda que foi feito em 1986 um levantamento pela Companhia de Água e Esgotos da Paraíba – CAGEPA, um levantamento que indicava a existência de 190 unidades de produção contabilizando um total de 690 teares.

Desde 2006, a atividade recebe incentivos do governo estadual para a redução do ICMS (Imposto de Circulação de Mercadorias e Serviços) de 17% para 1%, o que representa maior margem de lucro, mais estímulo para que as empresas possam continuar produzindo e gerar empregos e renda, aquecimento da economia e incremento e melhoria da qualidade de vida, fortalecendo cada vez mais o potencial de São Bento como produtora de redes de dormir. Atualmente, o município de São Bento é conhecido nacionalmente pela produção de redes de

dormir, correspondendo a cerca de 70 empresas formais e mais 300 empresas informais, assim, cerca de 80% das pessoas economicamente ativas trabalham com a produção de redes.<sup>21</sup>

Atualmente, o processo produtivo na fabricação de redes de dormir, no município de São Bento, consiste principalmente nas seguintes fases: compra do fio de algodão tingido ou cru, padronagem ou desenho do produto, tingimento ou coloração dos tecidos (por imersão), urdimento, tecelagem do tecido, produção de varandas e cordões, confecções das redes, acabamento e embalagem.

A primeira parte da atividade produtiva que é a tecelagem do pano da rede, localizada geralmente no fundo da própria residência ou então em uma espécie de galpão onde se colocam os teares. A segunda e última parte – o acabamento das redes – se desenvolve principalmente no espaço domiciliar, no entanto, é muito comum observar o seu funcionamento em uma espécie de garagem, afastada do perímetro domiciliar em que funciona terceirizando o acabamento para outros fabricantes de redes ou então fazendo serviço para outros artesãos que não conseguiram terminar a quantidade de redes encomendadas.

### 1.5 Critérios utilizados na pesquisa

Esta é uma pesquisa de cunho qualitativo e para sua realização não foi estabelecida a priori uma quantidade definidas de sujeitos que seriam entrevistados, principalmente porque o campo de pesquisa foi o próprio município de São Bento. Segundo GONDIM e LIMA (2010)

(...) estudos qualitativos raramente podem estabelecer de antemão quantas pessoas serão pesquisadas, uma vez que tal numero vai depender da qualidade das informações fornecidas pelos próprios informantes. Isso significa que só se sabe qual a quantidade de sujeitos a serem ouvidos quando se chega à saturação qualitativa, ou seja, no momento em que as entrevistas repetem em conteúdo, nada mais acrescentando as informações obtidas (GONDIM e LIMA, 2010, p. 57).

Assim, cada entrevista foi conduzida tendo como embasamento a trajetória do interlocutor. No caso dos trabalhadores das redes de dormir e sua relação com a agricultura familiar, a fim de perceber como seus percursos se ligavam à agricultura e também como era feito o processo de comercialização. Para isso, procurei tornar o ambiente da entrevista o mais informal possível, na perspectiva que os trabalhadores se sentissem à vontade para falar sobre

---

<sup>21</sup> BNDES (2016) consultado em: ([www.federativo.bndes.gov.br/conhecimento/seminario/apl22.pdf](http://www.federativo.bndes.gov.br/conhecimento/seminario/apl22.pdf)) Último acesso em: jan. 2019.

suas experiências laborais e sobretudo algum impasse que ocorreu ligado às questões do mundo do trabalho. Sempre que me foi permitido, eu gravava as conversas e quando não o era eu apenas anotava o que foi dito no meu caderno de campo. Independente de gravar ou não, eu sempre anotava a ordem das entrevistas e o conteúdo principal delas pois uma vez que viesse a falhar o equipamento de gravação eu não teria perdido o conteúdo do material coletado. As entrevistas tiveram em média, duração de 120 minutos.

O contato com os trabalhadores foi feito através do principal espaço de comercialização local, a Feira da Pedra, que é uma feira livre a “céu aberto” e através da primeira entrevista realizada, os trabalhadores foram indicando pessoas que possivelmente se encaixavam com o perfil da pesquisa e eu selecionava se os mesmos atendiam ou não aos critérios previamente estabelecidos. No caso desta pesquisa, os critérios foram: trabalhadores que trabalhavam na tecelagem em suas várias funções; trabalhadores que prestavam serviço para as tecelagens; artesãos que faziam o acabamento das redes de dormir em casa e também em espaços montados a esse fim; denominados localmente de “acabamentos”; trabalhadores do sexo masculino e feminino; trabalhadores de todos os turnos de trabalho; trabalhadores que trabalhavam nas empresas grandes. Meu intuito foi abarcar a maior quantidade possível de tipos de trabalhadores, de forma a entender e mapear o processo produtivo da rede de dormir, observando as possíveis influências da globalização e suas conexões com o urbano e o rural, tentando visualizar as transformações do trabalho em suas trajetórias pelo Polo Têxtil de São Bento.

Também foram realizadas entrevistas com sujeitos das instituições ligadas direta e indiretamente à produção de redes de dormir – como o SEBRAE, o Poder Público Municipal, Sindicato dos Trabalhadores Rurais, SINDITÊXTIL, a Igreja Católica, os gestores das duas maiores fábricas da cidade – com o critério de abarcar várias percepções sobre a produção das redes de dormir e especificamente, sobre a presença chinesa no município de São Bento. Ademais, buscou-se obter o máximo de percepção sobre a inserção chinesa na produção e comercialização das redes de dormir e o impacto gerado no município, assim como as principais modificações havidas nos últimos anos.

## 1.6 A pesquisa de campo

A pesquisa de campo em São Bento iniciou-se no segundo semestre de 2016 e finalizou-se no primeiro semestre 2019. A maior parte dos dados foram coletados em cinco visitas com

duração de quinze dias cada. Após isso, devido as modificações que aconteceram eu precisei fazer mais quatro visitas que duraram uma semana cada uma. Inicialmente a previsão era que a pesquisa finalizasse no início de 2018, porém houve dois acontecimentos que mudaram o curso dos resultados da pesquisa: a inserção de matéria-prima chinesa concomitante com o interesse de investidores chineses em realizar o plantio de algodão colorido na região e a mudança da feira que acontecia no centro da cidade para o shopping das redes, o que fez com que eu precisasse retornar ao campo e investigar os novos acontecimentos que impactavam diretamente na minha pesquisa, surgindo novos elementos a serem trabalhados.

Na primeira fase da pesquisa, que consistiu em um reconhecimento do campo a ser trabalhado, tentei conversar com os trabalhadores dos teares, mas não obtive êxito, os trabalhadores não foram solícitos a minha visita e tampouco a minha permanência na tecelagem, fazendo assim com que após uma série de tentativas de visitas fracassadas, fez com que eu retornasse à minha casa, então o que estava programado para durar, a priori, uma semana, durou apenas dois dias. Após esse período de frustração inicial, decidi que traçaria uma nova estratégia de campo e começaria a entrevistar as pessoas pela comercialização, ou seja, pela “fase final” da cadeia produtiva da rede de dormir.

Então, um mês depois, regressei ao campo com a nova estratégia de pesquisa, sai de João Pessoa pela empresa de ônibus Guanabara que faz a linha até a cidade de São Bento, apenas nos domingos pela noite, e retorna nas sextas feiras também pela noite. A viagem dura a noite inteira, chegando na madrugada do dia seguinte. Como as feiras geralmente acontecem às segundas feiras, o ônibus chegava sempre perto do início da feira, em torno das três da manhã, geralmente cheio de pessoas que iam fazer compras de redes de dormir em São Bento. Para facilitar meu deslocamento eu me hospedei numa pousada que ficava na rua lateral da feira e que me dava liberdade de transitar facilmente pela cidade e ao final do dia eu poderia passar a limpo as minhas anotações e rever os pontos principais das entrevistas, o que seria inconveniente se eu tivesse hospedada na casa de algum morador. Sempre procurava demorar na cidade pelo menos, o equivalente a um mês ou a três feiras (três semanas), pois seria o período em que eu conseguiria acompanhar a comercialização da feira e também a movimentação da cidade no período em que a antecede assim como suas atividades posteriores, possibilitando assim um panorama geral da atividade de fabricação e comercialização no município. Entre as primeiras idas oficiais ao campo de pesquisa e o término, consegui totalizar em períodos espaçados o equivalente à seis meses de campo de pesquisa.

Numa das primeiras viagens à campo, tive a sorte de encontrar ainda no trajeto do ônibus para São Bento, D. Ofélia<sup>22</sup>, uma *sacoleira*<sup>23</sup> que estava vindo do município Natal via município de João Pessoa<sup>24</sup> e que me ajudou a estabelecer os meus primeiros contatos na feira já que ela era uma compradora antiga e conhecia muitas pessoas de lá, me apresentando aos feirantes e dizendo que “eu não era compradora, era uma estudante que pesquisava sobre as redes de dormir”, eu havia contado à ela no decorrer do trajeto e assim, surgiram as primeiras entrevistas com os feirantes da “Pedra”, como é localmente conhecido o espaço de comercialização das redes de dormir.

Neste dia, passei a madrugada e a manhã inteira conversando e entrevistando os feirantes, acompanhando as compras de Dona Ofélia e estabelecendo novos contatos, foi ela que me mostrou onde se toma “café” na feira às quatro da manhã e os lugares onde ela comprava. Trocamos os telefones e me despedi de D. Ofélia perto do meio dia, quando eu já estava com fome, fui procurar um lugar para almoçar e ela continuou finalizando as compras pois planejava retornar à cidade de Natal no mesmo dia<sup>25</sup>. Após esse contato inicial, já era hora do almoço e eu me despedi de Dona Ofélia e fui procurar um lugar para almoçar. Quando eu retornei a feira, pós-almoço, retornei as entrevistas com os feirantes, já estabelecendo contatos para visitar as fábricas. Nesse início de tarde, conheci Grace, que apesar de não ser vendedora na feira, tinha familiares que possuíam fábrica e ela se disponibilizou a me apresentar a família dela para que eles me ajudassem com a minha pesquisa, se identificando com a minha situação porque ela tinha três filhas que estudavam em João Pessoa e ela sabia das dificuldades que se passavam quando morava longe da família. Nesse momento eu soube que ela seria nosso “Doc”<sup>26</sup>

Grace também é proprietária de uma das maiores loja de roupas da cidade, o que possibilitou que ela conhecesse e tivesse contato com muitas pessoas, me apresentando a maior parte delas e, e praticamente parando de trabalhar a semana inteira para me levar em todos os lugares que conhecia, me apresentar aos donos de fábricas e aos lugares onde se produzia redes

---

<sup>22</sup> Os nomes dos sujeitos aqui pesquisados foram trocados por nomes fictícios das Obras de Machado de Assis e outros autores preservando assim a identidade destes. Para mais informações, ver nota de rodapé 31.

<sup>23</sup> Sacoleiras/sacoleiros são pessoas que vem de outros locais com o intuito de comprar mercadoria para revender em suas cidades origem.

<sup>24</sup> O município de Natal, RN dista 347 km de São Bento, PB.

<sup>25</sup> Existem transportes alternativos (vans) que levam os compradores para às Pombal e Patos diariamente e dessas cidades tem guichês da viação Expresso Guanabara que leva os passageiros até Campina Grande e João Pessoa, cortando todo o Estado da Paraíba e chegando numa dessas duas cidades é possível comprar com facilidade passagem de ônibus para Natal e Recife, por exemplo.

<sup>26</sup> Nome dado ao sujeito que desempenhou o papel de “informante” e facilitador de contatos na pesquisa de WHYTE (2005) na sociedade de “Corneville”.

e fazia o acabamento de redes. Eu passei praticamente quinze dias na cidade andando “pra cima e pra baixo” na garupa da moto de Grace e ela me apresentando aos conhecidos que ela possuía na cidade e também na zona rural, o que me possibilitou um contato inicial com uma boa quantidade de moradores locais e também me permitiu um acesso maior às atividades da cidade.

Quando eu achei que já estavam muito saturados os dados da pesquisa qualitativa, naquele primeiro momento, decidi retornar a João Pessoa porque eu havia colhido bastante material e no período que desenvolvi a minha pesquisa de campo, a minha rotina se assemelhava à rotina dos tecedores das fábricas: eu acordava todos os dias às duas e meia da manhã e me deslocava para a casa de alguém que me levaria até a tecelagem de redes na zona rural, retornava umas oito horas para “tomar café” e voltava ao tear umas nove horas, parava para o almoço e retornava novamente ao tear, encerrando a atividade em torno de cinco ou seis horas da noite, muitas vezes eu chegava na pousada, tomava banho, procurava algo para comer e ia dormir de tão exausta que eu estava. A cidade não tem muitas opções de “locais para comer”, então geralmente eu comprava sopa, na única padaria que disponibilizava essa opção ou então comia um sanduíche em uma lanchonete mais próxima à pousada e ia dormir.

O primeiro olhar sobre a cidade de São Bento é impactante. A paisagem rural – urbana surge desde as longas estradas em terra cercada de pequenas plantações e criação de gado até o povoado e o centro da cidade. Uma fronteira não identificada entre rural e urbano permeia o município e o barulho dos teares trabalhando em tom uniforme, caracterizam a cidade. Em todas as ruas por onde se passa, é possível ver claramente que a cidade gira em torno da produção de redes de dormir e outro produtos têxteis, como panos de pratos e artigos para casa, passando a impressão para o olhar atento de quem não a conhece, de que toda cidade se metamorfoseava em ambiente de produção.

Como meu principal meio de deslocamento era a pé, em pouco tempo eu conheci grande parte da cidade e soube transitar na cidade sem me perder, tornando também meu rosto familiar aos moradores, já que eu estava todos os dias caminhando pela rua, visitando fábricas e tecelagens ou entrevistando alguém – o que despertava curiosidade nos moradores, já que é incomum as pessoas estarem andando pela cidade aparentemente sem fazer nada “produtivo”. Tempos depois eu estava visitando uma tecelagem e escutei de uma feiteira ao encontrar um amigo que trabalhava no supermercado e na ocasião estava sentado no chão em frente ao supermercado e ela indagou: “Por que tu estás sentado aí na calçada sem fazer nada, tá

vagabundando é? Não tem o que trabalhar não? Vai botar um punho numa rede!”<sup>27</sup>. Nesses primeiros quinze dias que eu fiquei no campo, praticamente a minha rotina foi essa que eu descrevi, o que me fez nesse período, ficar mentalmente esgotada com tanta informação coletada e que chegou um momento que eu não conseguia mais assimilar nenhuma nova informação. Assim eu voltei para casa com o intuito de fazer uma triagem das informações coletadas e também tentar mapear os pontos da investigação que precisavam ser retomados. Essa foi a primeira fase da pesquisa.

A segunda etapa da pesquisa de campo durou três meses, de setembro a dezembro de 2017. Nesse período, retornei a alguns contatos obtidos na primeira ida ao campo que me propiciaram a realização de várias entrevistas, tendo sido a maioria agendada pessoalmente ou então por telefone. Geralmente os locais escolhidos eram o próprio espaço de comercialização dos feirantes ou mesmo a casa ou local onde era exercido a atividade produtiva de feitura ou acabamento das redes de dormir.

O acesso à cidade de São Bento não é tão fácil. A única linha de ônibus que leva para São Bento tem como ponto de partida a cidade de João Pessoa, então quem estiver em Recife ou Natal, por exemplo, precisa se deslocar até João Pessoa para fazer o percurso de ônibus até São Bento. Há também a opção de utilizar vans (transportes alternativos), que saem de João Pessoa e Campina Grande com destino até São Bento, mas nesse caso, o horário é bastante irregular não tendo nem dia e nem horário fixo para o percurso, já que os motoristas geralmente só se deslocam quando há número de pessoas suficiente para lotar a capacidade total de passageiros, além da passagem ser mais cara que a do ônibus.

Já em 2018 e 2019, em meio ao processo de escrita final da tese, fiz inúmeras idas e vindas à cidade de São Bento, principalmente porque no ano de 2018 foram detectadas duas mudanças principais com relação à comercialização e que impactaram diretamente o setor produtivo e, conseqüentemente minha pesquisa; a primeira em junho de 2018 quando a “Feira da Pedra”<sup>28</sup> principal espaço de comercialização e escoamento das mercadorias fabricadas foi transferida para um local construído em 2016 com recursos da Prefeitura Municipal de São

---

<sup>27</sup> Em muitos momentos presenciei cenas parecidas com essa. É perceptível em boa parte dos discursos dos trabalhadores a ideia de trabalho empreendida por WEBER (2004), em “A ética protestante e o espírito do capitalismo” da noção de trabalho enquanto a finalidade da vida.

<sup>28</sup> 1ª Feira da Pedra no Shopping das Redes de São Bento atrai multidão e gera boas expectativas para feirantes e clientes. Jornal Mais São Bento. Disponível no site: <https://www.saobento.pb.gov.br/featured/1a-feira-da-pedra-no-shopping-das-redes-de-sao-bento-atrai-multidao-e-gera-boas-expectativas-para-feirantes-e-clientes/>. Último acesso em 14 jan. 2020.

Bento e também do Governo Federal, mas que ficou sem ser utilizado por dois anos já que os feirantes não queriam se deslocar do seu espaço no centro da cidade na “Feira da Pedra” para o local construído.

Cabe destacar que durante o trabalho de campo foram importantes as participações em duas feiras de artigos têxteis, em São Bento – PB e Patos – PB. A Primeira Expotêxtil aconteceu entre os dias 6 a 9 de setembro de 2017, participei como observadora das principais inovações nos produtos e visitando os estandes institucionais. Na segunda Expotêxtil realizada entre 5 a 8 de setembro de 2018, participei como observadora das conferências, mesas e painéis, percebendo as principais tendências da indústria têxtil de São Bento e da inserção do município no comércio mundial de têxteis e confeccionados.

Entre as idas e vindas, no total, entrevistei 65 trabalhadores e empresários, homens e mulheres de todas as categorias encontradas na produção e comercialização das redes de dormir. O Quadro 01, apresenta as entrevistas “formais” que foram efetuadas na pesquisa de campo em São Bento. Quando eu me refiro a “formais” quero dizer que além destas, houve várias conversas e diálogos travados com os trabalhadores principalmente com feirantes e artesãos responsáveis pelo acabamento das redes, que foram registradas como observações de campo, pois muitas vezes não foi possível entrevista-los ou estabelecer um contato mais profícuo devido à impossibilidade de encontra-los, seja pelos locais onde eles residiam ou pelo tipo de vínculo que eles tinham no momento, no entanto, foram de fundamental importância para a compreensão de vários processos investigados.

Quadro 01 - Relação dos entrevistados<sup>29</sup>

Categoria Profissional	Identificação do Entrevistado	Total de Entrevistados
Feiteiras <sup>30</sup>	D. Guiomar D. Eugênia D. Amaranta D. Petra D. Renata D. Jane D. Pilar D. Sofia Rebeca Grace D. Ekaterina Elizaveta Lidia Anna Alexei Blanche Adele Helen Laertes Ofélia Gertrudes Bertha	22
Comerciantes <sup>31</sup>	Capitu Quincas Estevão José Prudêncio Plácida Jorge Luís Brás Bento	10
Corretores	Horácio Sergei William Arcádio Salvador	5
Tecelagem	Maurício Cláudio Anne Charles Tecelagem A Tecelagem B Tecelagem C Tecelagem D Tecelagem E Tecelagem F	10
Comunidade	D. Ursula D. Helena S. Belchior D. Justina	3
Fábricas	Fábrica A Fábrica B Fábrica C Fábrica D Fábrica E Fábrica F Fábrica G Fábrica H Fábrica I	9
Outros	Empresa Têxtil A Empresa Têxtil B	2
Instituições Privadas e Públicas	Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São Bento Banco do Brasil Sinditêxtil Shopping das Redes SEBRAE Empresas de Crédito Pessoal	6
Total: 65 entrevistados		

**Fonte:** Pesquisa de campo 2016 – 2019, realizada com os trabalhadores do ramo da rede e também com agentes institucionais.

<sup>29</sup> Os nomes dos entrevistados foram trocados por nomes de personagens dos livros de Memórias Póstumas de Brás Cubas, Helena, Dom Casmurro, Quincas Borba, A mão e a Luva, escritos por Machado de Assis; do livro “Cem anos de Solidão” escrito por Gabriel Garcia Marquez; Jane Eyre de Charlotte Bronte; Ana Karenina, escrita por Tolstói e Orgulho e Preconceito, escrito por Jane Austen.

<sup>30</sup> A maioria das feiteiras/feiteiros são também comerciantes.

<sup>31</sup> Na categoria “comerciante”, foram entrevistadas mais de dez pessoas, no entanto, selecionei apenas as entrevistas que continham dados mais significativos para a pesquisa, embora no decorrer do texto algumas falas que não estão no quadro podem ter sido utilizadas.

Além destas entrevistas, constituíram-se em importante material de pesquisa os panfletos informativos fornecidos pelas empresas, reportagens do site dos jornais São Bento, Mais São Bento<sup>32</sup> e Catolé News<sup>33</sup>, documentos enviados pelo SEBRAE e por algumas tecelagens da cidade, além de bibliografias acadêmicas diversas.

## 1.7 Estrutura da tese

Subsequentemente a este primeiro capítulo introdutório, mais cinco capítulos compõem a exposição deste trabalho, que estão dispostos numa lógica que, poderíamos aqui afirmar, busca afunilar o conteúdo aqui desenvolvido, indo desde uma discussão mais macro até chegar aos sujeitos, ou seja, este trabalho se estrutura partindo do global, passando pelo nacional e se direcionando ao local, articulando-os.

No *segundo capítulo*, busca-se traçar um panorama geral, em torno das transformações ocorridas no mundo do trabalho em decorrência do processo de globalização, procurando situar teoricamente as mudanças no mundo do trabalho e a suas influências sobre a produção local, recuperando as relações entre a agricultura, a manufatura, a tecelagem das redes de dormir e as transformações no mundo rural a partir da revalorização do local.

No *terceiro capítulo*, recuperam-se as transformações na indústria têxtil no âmbito nacional a partir da globalização dos mercados e da liberação comercial na década de 1990, em que a indústria têxtil buscou se ajustar aos padrões competitivos globais. Ainda nesta parte, o trabalho analisa as principais características no setor e no posterior processo de reconfiguração produtiva, e o papel do Estado na formulação de políticas públicas direcionadas ao setor; mostrando a constituição do Polo Têxtil e de Redes de São Bento, seus impactos socioeconômicos e ambientais e a inserção das redes de dormir na dinâmica local-global, ressaltando não apenas essa polarização, mas fazendo uma análise das mudanças advindas do processo de globalização.

No *quarto capítulo*, é analisado a dinâmica local da produção de redes de dormir, a caracterização das unidades produtivas, seus sujeitos e a ressignificação do trabalho familiar, mostrando as linhas que unem o rural e o urbano na confecção das redes de dormir. A construção deste capítulo privilegiou as falas dos sujeitos, através das entrevistas realizadas

---

<sup>32</sup> <https://www.maissaobento.com.br/>

<sup>33</sup> <http://www.catoleneWS.com.br/>

buscando apreender as características do trabalho produtivo e reprodutivo e suas interfaces com a globalização e as modificações causadas neste trabalho.

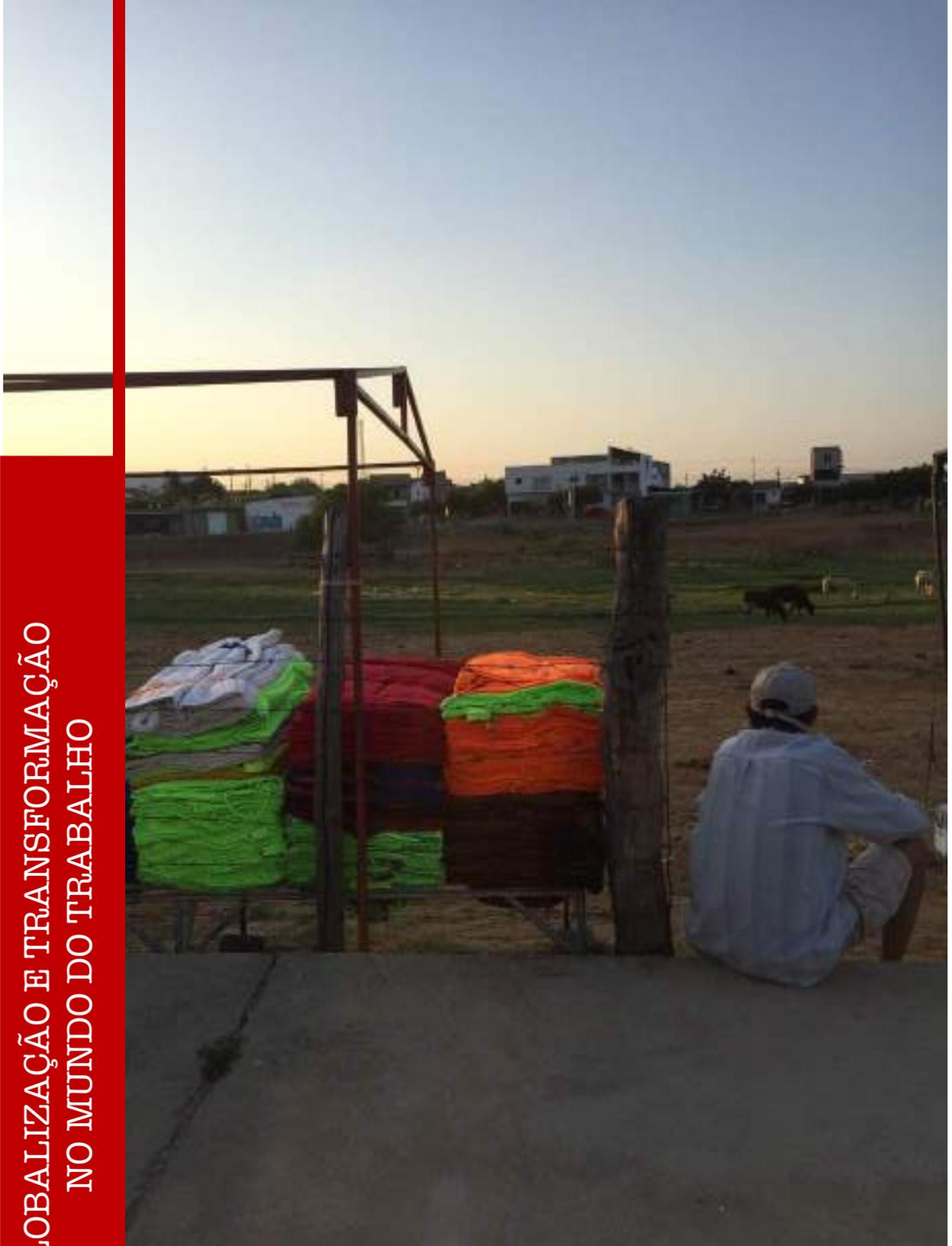
No *capítulo quinto*, analisamos a configuração do Polo Têxtil e de Redes de São Bento, mostrando o seu funcionamento e também as mudanças que ocorreram no trabalho desde o início da formação da indústria têxtil em São Bento até os dias atuais, no período artesanal, manufatureiro e da maquinofatura. Foi apresentado um panorama geral, priorizando mostrar como se constituiu a cadeia produtiva de redes de São Bento.

Por fim, no *capítulo sexto*, evidenciamos as mudanças recentes provocadas pelos investimentos chineses na produção e comercialização das redes de dormir em São Bento e as alterações na produção local ocasionadas devido a esses novos espaços de negociação e formulação de políticas públicas e privadas. Após o capítulo cinco, há as Considerações Finais, constando reflexões sobre os resultados da pesquisa apresentada.

\*\*\*

## CAPÍTULO 2

### GLOBALIZAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO NO MUNDO DO TRABALHO



**Agricultor e tecelão comercializando as suas redes de dormir às 4:10 da manhã em São Bento.**  
Fonte: Jessica Lobo Sobreira, 2017.

## 2 GLOBALIZAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO NO MUNDO DO TRABALHO

Neste segundo capítulo, pretendemos recuperar os principais pontos da discussão sobre o fenômeno da globalização, analisando alguns debates que se desenvolveram em torno da temática, considerando as mudanças que ocorreram na lógica de acumulação capitalista, principalmente com a intensificação da globalização e os impactos para o mundo do trabalho e, conseqüentemente, nas relações entre os sujeitos. Trabalhos alicerçados em relações familiares sempre marcaram o modo de produção não ficaram imunes a esse movimento. Um importante debate que nos serve para melhor compreender os impactos dessas mudanças sobre as relações do trabalho no capitalismo contemporâneo ao longo da história e do desenvolvimento das ideias socioeconômicas refere-se à discussão sobre o reconhecimento do trabalho como elemento essencial para prover as necessidades humanas, gerar a riqueza da sociedade e promover a integração social dos sujeitos.

### 2.1 Considerações sobre a globalização

A globalização explicitou os mecanismos ideológico-políticos e econômicos utilizados pelo capital para intensificar a produção, através das estratégias como informalidade, busca de mão de obra barata, flexibilização, dentre outras, as táticas de *retroalimentação do capital* colaboraram para o aumento significativo da precarização e da exploração da força de trabalho. A agilidade do aumento da produção faz com que sejam priorizados os processos de automação, na medida em que empregam um menor número de pessoas em um contexto de utilização intensiva do capital com um número mínimo de trabalhadores qualificados, mantendo sempre *inalterada* a sua base de exploração.

Assim, a globalização vem se configurando como um novo estágio da dinâmica do modo capitalista de produção, sendo instaurada após o *boom* do modelo taylorista-fordista de acumulação de capital, trazendo uma conjuntura de flexibilização do mundo do trabalho, às vezes vem de “fora” e às vezes é constituído “aqui dentro”; amplia e constrange as potencialidades das instituições e dos sujeitos e interfere nas construções identitárias (CAVALCANTI, 1999). Como sugere GIDDENS (2006, p. 23) o fato de que “[...] a globalização não é, portanto, um processo singular, mas um conjunto complexo de processos. E estes operam de uma maneira contraditória ou antagônica”. Este complexo de processos que

a formam tem origem nas mais variadas esferas da sociedade. Logo, “a globalização é política, tecnológica e cultural, tanto quanto econômica” (GIDDENS, 2006, p. 21)

O que pode ser visualizado é que do ponto de vista social, político e econômico não foram configuradas mudanças significativas nos movimentos do capital; o que aconteceu foi uma espécie de reconfiguração das relações mercadológicas do processo de acumulação flexível do capital, resultando em consequências imediatas como a liquidez das instituições e cada vez mais as relações sociais se moldando a partir de uma conjuntura globalizada e moderna (BAUMAN, 1999, 2000, 2001).

IANNI (2001) coloca que o processo histórico capitalista, até o momento, passou por três momentos principais: i) a instalação do trabalho livre na Europa, por volta do século XVI, através do capitalismo mercantil e da organização política voltada para as bases dos Estados Nacionais Modernos, em um momento em que as estruturas pré-capitalistas passaram a ser substituídas pelo processo de acumulação do capital, propriamente; ii) no final do século XIX, temos a configuração de um modelo industrial e a implantação do capitalismo, totalizado em sua forma globalizada, através da difusão da internacionalização das relações de dependência econômica e política, associada a uma política econômica imperialista; iii) o último processo teria sido iniciado em meados de fim dos anos 1980 e início dos anos 1990, correspondendo a uma fase de derrocada dos modelos socialistas e consequente instauração de um modelo econômico *neoliberal*, através do enfraquecimento dos Estados Nacionais e consequente momento de racionalização econômica.

BECK (2010), enfatiza que a globalização trouxe junto com ela novos paradigmas e, após a queda do muro de Berlim e a derrocada do modelo soviético, busca-se a exclusão da política dos debates contemporâneos, o que permite ao “discurso da globalização” o tangenciamento das necessidades que antes eram construídas apoiadas em um *Estado de bem-estar social* e agora estão voltadas a aspectos como aposentadoria, assistência social, proteção social, que agem através da verticalização das estruturas sob bases do mercado, das informação e da economia. Dessa maneira, através dessa transformação em termos de estrutura, BECK (2010), coloca que uma das maneiras de se pensar essa “política de globalização” seria através das tendências do mercado estabelecidas no aparato do século XXI:

Pode-se então afirmar: a questão da globalização na virada do século XXI representa, para as empresas que fazem negócios transnacionais, o mesmo que a questão das classes sociais representa para o movimento dos trabalhadores no século XIX, mas como uma diferença essencial: enquanto o movimento

dos trabalhadores atuava como poder de oposição, as empresas globais atuam até este momento sem oposição transnacional (BECK, 2010, p.14).

HARVEY (1992, p. 307) coloca que a política neoliberal “mascara e fetichiza, alcança crescimento mediante a destruição criativa, cria novos desejos e necessidades, explora a capacidade de trabalho e dos desejos humanos, transformando e acelerando o ritmo da vida”. Foi nesse contexto de opressão do trabalhador que, em meados de 1980, teve início um processo cada vez mais latente de flexibilização na produção.

O excesso de força de trabalho prejudica as organizações sindicais e confere aparente credibilidade à tese liberal de que todas as conquistas legais de direitos trabalhistas causam a diminuição da demanda por trabalho assalariado. Com a introdução da tecnologia no mundo do trabalho, várias alterações se efetivam ao longo do processo mediante relações de produção, possibilitando que uma nova ordem social se promova e adentre a vida em sociedade. A tecnologia favorece a reconfiguração de valores pessoais e estruturais da sociedade (SINGER, 2000, p. 121).

Foi nesse momento que surgiu a categoria “não trabalho”, fazendo-se presente no desemprego tecnológico. RIFKIN (1995), discute que uma das formas resultantes do avanço tecnológico tem sido a eliminação de várias frentes de trabalho e sua não substituição. Dessa forma, apenas quem é detentor de qualificação profissional consegue um espaço no novo contexto produtivo. Os novos conceitos ligados à qualidade total e aos ciclos de controle da qualidade prezam pela otimização de tempo, aumentando assim a produtividade. Ainda na década de 80, a partir da liberalização dos processos de relações políticas e industriais, nas fábricas brasileiras, foi-se introduzindo o modelo *just-in-time* taylorizado, termo utilizado para referir-se às fábricas que eram parcialmente modernizadas, porém com altas pressões e sistemas de monitoração, conforme evidenciado por RIFKIN (1995).

BERTOLINO (1997, p. 20) afirma que “o desaparecimento da mão de obra como fator chave da produção emergirá como o assunto crítico pendente da sociedade capitalista”, ou seja, com a globalização, estamos cada vez mais imersos em um mundo do trabalho onde não existirão mais trabalhadores. Esse fator é o que na sociologia do trabalho foi denominado, por alguns, de fim do trabalho. Assim a mais-valia é vorazmente extraída não liberando mais o tempo livre, mas tempos de desemprego, tempos de trabalho precário e um grande aumento dos sobrantes. Isso pode ser visualizado em FRIGOTTO (2000, p. 12) quando afirma que “na tese do mercado autorregulado há consumidores soberanos que livremente tomam suas decisões

otimizadas. Na perspectiva do pós-modernismo, no limite, cada um é sua teoria, é sua utopia é seu projeto histórico”.

Em “O capital”, MARX (1980) já havia falado sobre essas mudanças:

Sob sua forma máquina [...] o meio de trabalho se torna imediatamente o concorrente do trabalhador. A máquina cria uma população supérflua, isto é, inútil para as necessidades momentâneas da exploração capitalista [...] em determinado grau de desenvolvimento, um progresso extraordinário na produção pode ser acompanhado de uma diminuição não só relativa como absoluta do número de operários empregados (MARX, 1980, p. 62).

Nesse contexto, milhões de pessoas em todo o mundo já foram excluídas do mercado de trabalho formal. Assim, a globalização age de dois modos: através de “uma espécie de vingança do capital contra a luta histórica dos trabalhadores” e utilizando-se do “aprofundamento da contradição entre o avanço extraordinário das forças produtivas e o caráter opaco das relações sociais” (FRIGOTTO, 2000, p.12). No Brasil, um dos impactos da globalização sobre o trabalho, está na flexibilização dos direitos sociais, conquistados através de lutas históricas dos trabalhadores. Diante disso, vivenciamos tempos de crise do trabalho que estão diretamente ligadas à desconstrução e reorganização do trabalhador coletivo em âmbito mundial, de formas atípicas, diversificadas e flexíveis das relações de trabalho. E, dessa maneira, o Estado brasileiro, ao inserir-se no mercado global, especialmente com a Constituição de 1988, vai aos poucos perdendo o monopólio que leva a uma particularização e privatização da regulamentação jurídica no que se refere ao direito dos trabalhadores.

Em 2017, a Lei 13.467<sup>34</sup>, conhecida como reforma trabalhista, modificou a lei 6.019/1974, que trata de trabalho temporário, e cujo art. 4<sup>o</sup> - A, passou a dispor: “considera-se prestação de serviços a terceiros a transferência feita pela contratante da execução de quaisquer de suas atividades, inclusive sua atividade principal, à pessoa jurídica de direito privado prestadora de serviços que possua capacidade econômica compatível com a sua execução”. Dessa forma, o artigo mencionado extinguiu a limitação imposta em relação a terceirização de atividades centrais da empresa, ampliando as possibilidades de subcontratações, possibilitando que a partir de 2017, a terceirização passasse a ser considerada uma ferramenta amplamente possível dentro da legislação brasileira (GARCIA, 2018)<sup>35</sup>.

---

<sup>34</sup> LEI 13.467 de 13 de julho de 2017. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/lei/l13467.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13467.htm) Acesso em: jan. 2020.

<sup>35</sup> MATOS e BERTOLIN (2017), explicitam ainda que a maior parte dos argumentos condenatórios eram construídos a partir da formação de vínculo com a empresa principal. Somente a partir dessa vinculação, as eventuais indenizações poderiam, em tese, ser atribuídas a elas, decorrentes exatamente desse liame jurídico. No

## 2.2 A informalidade no contexto da globalização

O termo informalidade se constitui como um dos temas mais polêmicos da literatura da sociologia e da economia do trabalho, conforme nos lembram FILGUEIRAS, DRUCK e AMARAL (2004), comportando ao longo da história inúmeros e significativos usos<sup>36</sup>. Assim, não se constitui em um tema *pacífico* no âmbito das relações de trabalho, permeadas pelo capitalismo globalizado.

Pode-se distinguir o espaço econômico-social das atividades econômicas informais a partir dos critérios distintos [...]. O primeiro desses critérios distingue o formal do informal a partir da respectiva lógica de funcionamento das atividades, isto é, se elas são atividades tipicamente capitalistas ou não, enquanto o segundo critério delimita essa diferença a partir da legalidade ou ilegalidade dessas atividades (FILGUEIRAS, DRUCK e AMARAL, 2004, p.212).

Nesse sentido, nas décadas de 60 e 70 surgiu essa primeira interpretação, atribuindo o seu registro a um estudo da Organização Internacional do Trabalho (OIT) sobre emprego e renda no Quênia em 1972<sup>37</sup>, apesar de alguns autores afirmarem que o termo já vinha sendo empregado anteriormente<sup>38</sup>. No início, referia-se às atividades econômicas que vinham nascendo nas cidades, paralelas aos processos de industrialização, não sendo consideradas, no entanto, atividades capitalistas, assim, a noção de informalidade era tida como uma característica peculiar do modelo de acumulação dos países periféricos. Em particular, no Brasil, a temática da informalidade ganhou destaque em meados dos anos 70, devido às discussões sobre desenvolvimento nacional e modernidade brasileira.

A “teoria do subdesenvolvimento” foi uma das primeiras bases teóricas que nortearam esse debate, sob influência do Conselho Econômico para América Latina e o Caribe (CEPAL), interpretando a informalidade como um atraso, correspondendo a um setor onde nas atividades tradicionais não haveria a polarização capital/trabalho, representando uma barreira no âmbito do sistema capitalista e impedindo assim o seu desenvolvimento. Outra versão sobre o debate

---

entanto, conforme a atual mudança de entendimento – com a mudança legislativa e o reforço do STF –, essa não mais deverá ser uma linha argumentativa válida, considerando a impossibilidade de decretação do vínculo direto em casos de utilização da terceirização de mão de obra.

<sup>36</sup> O termo informalidade ainda hoje é muito polissêmico e se constitui num termo problemático de conceitua-lo tendo em vista suas diferentes dimensões, dinâmicas, arranjos e contextualizações na perspectiva do modelo capitalista ou fora dele (NORONHA, 2003; FILGUEIRAS, DRUCK, AMARAL, 2004; HIRATA e MACHADO, 2007).

<sup>37</sup> Organização Internacional do Trabalho (OIT), 1992.

<sup>38</sup> SILVA, Machado da. **Da informalidade a empregabilidade: reorganizando a dominação no mundo do trabalho**. Salvador: UFBA, 2002.

foi desencadeada pela realidade dos países centrais, enfatizado por DRUCK e BORGES (2004), ao mostrar que a efervescência do Estado e bem-estar provocou o surgimento de formas trabalho não tuteladas pela legislação vigente e, conseqüentemente, sem garantias sociais. Nesse sentido, a informalidade teria como respaldo a análise do legal/ilegal, sendo regulamentada pela via jurídica como um fator preponderante para o entendimento do setor informal e, com isso, influenciando a precarização do setor produtivo.

Assim, na perspectiva de DRUCK e BORGES (2004), podemos visualizar duas modalidades em que o trabalho informal é subordinado ao capital: no primeiro momento temos um núcleo capitalista da economia com seus mecanismos de expansão criando espaços a serem preenchidos por uma produção com padrões tipicamente capitalistas. Em um segundo momento, temos formas de organização vinculadas diretamente a laços de subcontratação, sendo esse laço regido por uma empresa capitalista que superexplora a mão de obra. TAVARES (2004) destaca que nesta modalidade há uma subordinação do espaço econômico ao capital e o setor informal torna-se um elemento necessário para o sistema produtivo capitalista, visto que sua funcionalidade depende da dinâmica capitalista do sistema. Isso fica ressaltado quando TAVARES (2004, p. 52) menciona que “sobre a expansão está relacionada ao capital, pode inferir-se que, caso essa tendência persista, a economia informal deixa de ser intersticial, como afirma a teoria da subordinação e passa a assumir a sua funcionalidade no sistema”. Nesse contexto o trabalho informal foi se adequando às necessidades do processo de acumulação flexível, constituindo-se assim novas perspectivas e arranjos do setor produtivo no sistema capitalista.

Esse processo histórico do modelo flexível tem como base as questões referentes à informalidade e às configurações das relações de trabalho no âmbito da industrialização, sendo que o trabalho industrial é um fator que desacelera o emprego formal já que as relações de trabalho são flexibilizadas no âmbito das relações produtivas. Nesse contexto, a expansão do trabalho informal baseada na lógica da exploração, em que a mão de obra excedente é desvinculada de qualquer tipo de proteção social, é “obrigada” a submeter-se às inúmeras formas de trabalho precário, incluindo os subempregos, a marginalidade, a dependência econômica e a *precarização*. As questões referentes ao trabalho na contemporaneidade estão perpassadas pelas mudanças trazidas com a globalização, decorrentes da estrutura produtiva do capitalismo que surgiu com o processo de acumulação flexível do capital, garantindo assim um conjunto de trabalhadores submetidos a uma situação de alienação e condições insalubres de trabalho, através da industrialização e da mão-de-obra assalariada.

Nesse contexto de mudanças dos processos e estruturas econômicas, no Brasil, por exemplo, a flexibilização tem incrementado novas formas de conceber a produção dentro do trabalho, intensificando a informalidade através de experiências *part-time*, trabalho industrial doméstico, por peça, que apesar de também possuir características do setor formal incorpora e mescla elementos do formal e do informal, ou seja, seria um retorno do ônus da reprodução da força de trabalho dentro da própria família, enfraquecendo concomitantemente a isso, o mercado de trabalho, constituindo-se em traços dos trabalhadores inseridos no mercado formal e protegido (ANTUNES; ALVES, 2004).

### 2.3 Trabalho e reestruturação produtiva

A produção das redes teve sua origem no final do século XIX, ainda de forma artesanal, para o autoconsumo, em que apenas o que sobrava era destinado para ser comercializado na feira popular do município, sendo que as origens dos habitantes de São Bento e da tecelagem das redes são predominantemente rurais. A atividade produtiva de confecção da rede se dá no mesmo espaço da casa, em sua grande maioria, pautando-se em relações de trabalho familiares e, se utilizando da mão de obra feminina, funcionando em regime de terceirização “informal” para os fabricantes de rede de médio e grande porte. Vale lembrar ainda que o setor têxtil se encontra entre os que foram mais afetados com o processo de globalização e, portanto, de reestruturação produtiva no Brasil, levando-o a se adaptar às formas de produção mais flexíveis, tendo como uma das consequências possíveis a precarização das relações de trabalho (KELLER, 2010).

A procura por gerar a riqueza e, em consequência, a acumulação de capital, esteve sempre atrelada à busca de aumento da produtividade do trabalho e ao desenvolvimento de técnicas que promovessem impactos expressivos sobre o processo de trabalho. Nesse sentido, entre o séc. XIX e o XX surgiram novas formas de organização do trabalho e novos modelos de produção, como o taylorismo e o fordismo<sup>39</sup> (BRAVERMAN, 1987).

Nessa discussão ANTUNES (2001, p. 29-30) contribui agregando outros elementos que possivelmente tenham deslanchado a crise ao longo dos anos de 1970. Entre esses, tem-se a intensificação das lutas sociais dos anos de 1960; o esgotamento dos mercados consumidores; a crise fiscal nos países de capitalismo avançado; o crescimento da esfera financeira, que

---

<sup>39</sup> Para maiores informações sobre o taylorismo e fordismo ver BRAVERMAN (1987).

ganhou autonomia em relação aos capitais produtivos; a crescente concentração de capitais, através das fusões entre monopólio e oligopólios; bem como a crise *do Welfare State* ou do Estado do Bem estar social.

Em resposta à própria crise, inicia-se um processo de reorganização do capital, bem como de seu sistema ideológico e político de dominação, tendo por base as ideias neoliberais, a abertura de mercados e a mundialização ou globalização do capital<sup>40</sup>, marcando o novo contexto do desenvolvimento capitalista e trazendo como propostas a implementação das privatizações das estatais e a desregulamentação do mercado de trabalho. Verifica-se, portanto, um novo padrão de acumulação, chamado por HARVEY (2002) de acumulação flexível, que provocou alterações nas relações entre capital e trabalho, através da adoção de novas tecnologias e novas formas de organização da produção, elevando a produtividade do trabalho a níveis superiores aos apresentados nas décadas anteriores, mas promovendo uma séria crise no mundo do trabalho através do aumento do desemprego estrutural. Dando seguimento a discussão, ANTUNES (2000) afirma que:

A classe que vive do trabalho sofreu a mais aguda crise deste século, que atingiu não só a sua materialidade, mas teve profundas repercussões na sua subjetividade e, o íntimo inter-relacionamento destes níveis, afetou a sua forma de ser (ANTUNES, 2000. p.23).

Nesse contexto, o cronômetro e a produção em massa já não eram suficientes para dar continuidade à lógica da acumulação capitalista sendo, portanto, estes substituídos pela flexibilidade da produção, em que a busca por maior produtividade através da flexibilidade, não só dos meios produtivos, mas também das relações de trabalho, passaram a nortear a produção à lógica do mercado. Entretanto, como enfatizou HARVEY (2002), essas substituições não ocorrem de forma plena, pois em condições de acumulação flexível, é possível que formas de trabalhos alternativos possam existir, simultaneamente, no mesmo espaço, possibilitando aos capitalistas optarem pela melhor forma que lhes convém.

Além disso, vale salientar que o próprio processo de globalização que permeia a expansão da acumulação flexível nos leva a pensar *em movimento*. As diversas relações e processos que ocorrem entre as sociedades estão sempre interferindo e sendo interferidas pelos acontecimentos nas suas diversas áreas, sejam esses históricos, geográficos, culturais, econômico ou políticos, onde, segundo IANNI (2001, p. 250) “o local e o global estão distantes

---

<sup>40</sup> Para maior aprofundamento sobre a mundialização do capital, ver CHESNAIS (1996).

e próximos, diversos e iguais.” Assim, todos os sujeitos sociais sofrem interferência desse processo, promovendo transformações em suas ações, identidades e nas suas atribuições na própria sociedade.

A nova forma de acumulação capitalista, que se apresenta como saída à crise, está inserida nesse processo de globalização, provocando impactos significativos sobre o mercado de trabalho e no espaço produtivo. O que se percebe, então, é uma expansão das formas precárias de trabalho, como o trabalho temporário, o trabalho subcontratado, o trabalho por tempo parcial, o trabalho informalizado, que se configuram num contexto globalizado de desemprego estrutural crescente, de desregulamentação do mercado de trabalho e flexibilização dos contratos, onde os direitos sociais adquiridos através de lutas históricas são minados, e a maioria dos trabalhadores acaba tendo como destino certo a precarização.

Assim, como enfatizam LIMA E SOARES (2002, p.21), “o emprego, sinônimo de trabalho assalariado, carreira profissional e direitos sociais, parece cada vez mais como coisa de um passado remoto”. Logo, como enfatiza TAVARES (2004):

A flexibilidade invade a organização da produção, fragmentando e desqualificando o trabalho, promovendo o desemprego e a reemergência de velhas formas de trabalho precarizado, que se expressam, sobretudo pelo deslocamento de muitos postos de trabalho do núcleo formal para a informalidade, em que o trabalho cumpre a mesma função para o capital sem os custos sociais correspondentes. (TAVARES, 2004. p.18)

Portanto, a abordagem do conceito de nova informalidade adotada por diversos autores<sup>41</sup>, observa o mercado de trabalho de forma dual, onde o trabalhador do mercado formal estaria vinculado à legislação vigente no país tendo acesso a direitos<sup>42</sup>; e o trabalhador informal estaria descoberto desses direitos, exercendo atividades marginais. Um elemento importante a se destacar nessa discussão refere-se ao fato de que, na informalidade, não há apenas trabalhadores em condições precárias. Há também um contingente de trabalhadores que conseguiram obter níveis de rendas superiores ao obtido no setor formal, preferindo, portanto, permanecer nessa informalidade. Assim, ao analisar o trabalho informal, deve-se estar atento para o fato deste não se restringir apenas a atividade de sobrevivência estando, portanto, inserido na lógica de expansão do sistema capitalista (TAVARES, 2004).

---

<sup>41</sup> Para uma maior discussão sobre a nova informalidade, ver: FILGUEIRAS, DRUCK e AMARAL (2004), NORONHA (2003), LIMA e SOARES (2002) entre outros.

<sup>42</sup> Diretos a aposentadoria, seguro desemprego, licença maternidade entre outros.

## 2.4 Da globalização da agricultura às transformações no mundo do trabalho

A atividade da agricultura é bastante antiga e sua origem nos remete a um período em que o homem se fixa em uma localidade e, dessa maneira deixa sua antiga condição de nômade, no momento em que percebeu que era possível realizar o cultivo de plantas e também a criação de animais, e assim haveria alimentos suficientes para se manter em determinado lugar. Foi através dessa noção que nós tivemos a primeira constituição da noção de agricultura, ou seja, o trabalho realizado para subsistência e para a satisfação das necessidades humanas. No que se refere ao contexto brasileiro, a agricultura desenvolveu-se tendo como base a monocultura e o latifúndio, que podem ser visualizados quando nos lembramos a diversas atividades desenvolvidas em meados do século XX como o cultivo do café e da cana de açúcar.

Diante desse contexto, CHAYANOV (1981) mostra que o capitalismo tende a ampliar o universo social camponês, afirmando que o ponto de partida está na constatação de que a forma mais importante de “penetração” do capitalismo na agricultura reside na integração vertical de uma infinidade de estabelecimentos pulverizados que passam a funcionar sob o comando da agroindústria.

A globalização é um termo que começou a ser usado em meados dos anos 1960, tornando-se popular na década de 1990. Sob a ótica de BAUMAN (1999, p. 68) “o significado mais profundo transmitido pela ideia de globalização é o caráter indeterminado, indisciplinado e de autopropulsão dos assuntos mundiais”. O referido autor coloca ainda que a globalização é a extensão totalitária da lógica dos mercados financeiros para todos os aspectos da vida. VEIGA (2003), indica as características principais da globalização no momento atual, a saber: maior interligação econômica nas e entre as nações do Mundo; mais desigualdades. Maior ampliação dos problemas transnacionais e entre fronteiras; maior expansão das formas de gestão internacionais, a exemplo da Organização das Nações Unidas (ONU) e da Organização Mundial do Comércio (OMC), além do reconhecimento em caráter mundial da decadência ambiental.

No século XX, o processo de globalização, na vertente econômica, é pautado por dois momentos importantes: o fordismo e o pós-fordismo (acumulação flexível), inseridos respectivamente no contexto da Revolução Verde e na Liberalização do Comércio na Agricultura. Nesse sentido, procuraremos no próximo item nos debruçar sobre o processo de modernização da Agricultura em um contexto mundial e também mostrar o processo de inserção do Brasil nessa perspectiva global. Vale salientar que na perspectiva de CAVALCANTI (1999), as mudanças advindas com a globalização, a exemplo da instalação de empresas em áreas “agropastoris”, afetam o meio ambiente e os processos de trabalho dos

sistemas agroalimentares regionais. Assim, nas agriculturas regionais manifestam-se formas diversas de relações que emergem do jogo de forças que se apresenta na relação entre controle global e as dinâmicas sociais locais, implicando, dessa forma uma mudança de significado dos valores relativos ao trabalho, ao meio ambiente e também na produção e consumo de alimentos.

Nesse tópico pretendemos expor ainda que brevemente o processo de globalização da agricultura no Brasil e também em uma perspectiva mundial. Esta explanação é necessária para se compreender como se deu esse processo nas relações de trabalho no campo e sua transposição para o “ramo da rede” – expressão utilizada para identificar as pessoas ligadas a atividade de produção de redes de dormir, que nos deteremos mais adiante. Para essa abordagem da globalização nos utilizaremos de dois marcos importantes: a Revolução Verde (a partir de 1950) e também da Liberalização do Comércio (iniciada a partir de 1980 e intensificando-se após 1990).

A Revolução Verde, baseada no modelo do *fordismo*<sup>43</sup>, aconteceu na década de 1950 através da participação do Estado intensificando a implantação de políticas públicas que atuavam dentre outros modos, patrocinando novas tecnologias para o campo. Esse fato torna-se o primeiro passo para a transformação/modernização do campo efetivando mudanças técnicas e sociais no trabalho. Na perspectiva de BONANNO (1999), esse modelo vigora com mais propulsão após a crise de 1929 e após a Segunda Guerra Mundial em 1945 – momento este intitulado de alto-fordismo em que se reforçou a atuação do Estado no que tange ao desenvolvimento das economias nacionais e na produção dos subsídios do consumo de massa. Foi nesse período, segundo o referido autor, que o capitalismo em sua vertente fordista passou a se combinar com empresas de alto poder de racionalização, centralização e também integração vertical, além da integração com sindicatos nacionais e com substancial expansão do Estado, proporcionando assim uma racionalização e centralização do processo de trabalho, com maior especialização/mecanização da produção, atingindo seu cume entre os anos 1950 até o fim dos anos 1960.

Sobre a Revolução Verde, MAZOYER E ROUDART (2010, p. 29), nos mostram que:

Ainda nos países em desenvolvimento, a partir dos anos 1960, a revolução verde, uma variante, da revolução agrícola contemporânea desprovida de motorização-mecanização, desenvolveu-se muito mais amplamente. Baseada na seleção de variedades com bom rendimento potencial de arroz, milho, trigo,

---

<sup>43</sup> A expressão fordismo, derivou-se do seu criador Henry Ford, que introduziu inovações no Processo de Produção no início do século XX, visando aumentar a produção em menor espaço-tempo, baseando-se em linhas de montagens em que o trabalhador permanece fixo e uma esteira move as peças, para que esse trabalhador otimize a produção, poupando o tempo de trabalho, ao realizar tarefas simples e repetitivas.

soja e de outras grandes culturas de exportação, baseada também numa ampla utilização de fertilizantes químicos dos produtos de tratamento e, eventualmente, em um eficaz controle da água de irrigação e de drenagem, a revolução verde foi adotada pelos agricultores que era capazes de adquirir esses novos meios de produção e nas regiões favorecidas, onde era possível de rentabilizá-los. Ressaltamos que em muitos países, os poderes públicos favoreceram intensamente a difusão dessa revolução comandando políticas de incentivo aos preços agrícolas, de subvenções aos insumos de bonificação dos juros de empréstimo e de investimentos em infraestruturas de irrigação, drenagem e transporte. (MAZOYER E ROUDART, 2010, p. 29).

No que se refere à Agricultura, o fordismo se destaca pela racionalização, massificação e industrialização sob o controle e a regulamentação do Estado, com tecnologias patrocinadas por este no intuito de reafirmar o compromisso fordista da produção de alimentos a preços baixos indo ao encontro da política do *New Deal*<sup>44</sup> (a massificação, racionalização e industrialização da agricultura). Apesar de ter se iniciado nos países desenvolvidos, a exemplo dos Estados Unidos, a Revolução Verde atingiu o mundo e a partir da década de 1950 têm-se um grande crescimento de produtividade e de quantidade na Agricultura, através do uso das tecnologias (técnicas de irrigação, defensivos químicos, variedades de sementes, uso do trator etc).

Em seu livro *A crise agrária*, GUIMARÃES (1979) coloca que com a implementação da Nova Divisão Internacional do Trabalho, as filiais das grandes multinacionais se instalaram nos países subdesenvolvidos com o intuito de fabricar equipamentos agrícolas, uma ampla gama de insumos agrícolas, dentre outros produtos, que objetivavam pregar a modernização do sistema latifundiário-exportador e não o fim do mesmo. Dentre desse contexto, esse tipo de industrialização gerou uma expansão do aumento do capital e também contribuiu para que a “agricultura moderna” se distanciasse da maioria do campesinato.

Assim, em meados da década de 1950, a industrialização da agricultura colocava as grandes indústrias de insumos agrícolas como elementos centrais no desencadeamento desse processo e em 1970, as Empresas Multinacionais começaram a receber ajuda do Banco Mundial, iniciando assim uma relação de dependência entre estas e os países subdesenvolvidos já que com a “Revolução Verde” o sistema de cultivo da agricultura tradicional é substituído por insumos como sementes e produtos químicos, o que gera inúmeros problemas, além da dependência como a degradação do meio ambiente natural e também há uma desestruturação

---

<sup>44</sup> O *New Deal* foi o nome atribuído ao movimento de reformas econômicas e sociais preconizadas por Roosevelt nos Estados Unidos e implantadas a partir do ano 1933, buscando resolver a crise econômica pela qual o país passava há quatro anos. Essa política almejava que a população aumentasse o seu poder aquisitivo e que os agricultores aumentassem os seus rendimentos.

das comunidades rurais em que os agricultores e sua produção acabam tornando-se dependentes dos insumos e também dos mercados externos. Isso fica claro quando IANNI (1994, p. 42-43) mostra que:

A maquinização e a quimificação, acionadas com a agroindústria, mudam a face e a fisionomia da economia, sociedade e cultura [...] ocorre à substituição parcial ou até mesmo total de matérias-primas de origem agropecuária por matérias-primas produzidas pela indústria química [...] em conjugação com a maquinização e quimificação das atividades produtivas no campo, em conjugação com a substituição de matérias-primas, reduz-se drasticamente o contingente de trabalhadores rurais, compreendendo famílias, vizinhanças, bairros, patrimônios, colônias, vilas etc. no campo (IANNI, 1994, p. 42 – 43).

No começo dos anos de 1970, inicia-se um processo de superação do Fordismo, por causa da crise econômica gerada, entre outros fatores, pelo aumento dos custos do bem-estar social e pelo aumento da competitividade nos mercados internacionais, com a recuperação completa da Europa e da Ásia, no que diz respeito aos estragos da Segunda Guerra Mundial. Esse processo vai se consolidar com a liberalização dos mercados e do comércio na agricultura por mais de uma centena de países, com a influência direta da Rodada Uruguaí do GATT<sup>45</sup> e da formação da OMC na década de 1990.

Com efeito, tem-se a implantação de uma organização flexível da produção, denominada de pós-Fordismo, que vai se dar em um contexto de avanços tecnológicos, com o advento da Microinformática, da Robótica, da Biotecnologia e, posteriormente, com a Revolução da Tecnologia da Informação, que ocorre através da Microeletrônica, da Computação, das Telecomunicações/Radiofusão, da Optoeletrônica e da Engenharia Genética (CASTELLS, 2002). Todos esses avanços determinam um aumento generalizado da produtividade. A organização flexível da produção, que vai tomar forma a partir da década de 70, sendo muito difundida a partir da de 80, vai ser um dos pontos-mestres da Globalização. Outra característica muito importante da organização flexível da produção é com relação à estruturação da própria empresa, que, em muitos casos, vai cortar custos fazendo parcerias, subcontratação e franquias. Muitas empresas, aliás, vão se utilizar do expediente da subcontratação para a redução de custos de encargos sociais e pressões trabalhistas; outras tantas vão se utilizar da parceria e de *joint venture*, para dividir os riscos das operações e algumas vão se utilizar de franquias terceirizadas para anular os riscos das operações de venda e varejo (CASTELLS, 2002).

---

<sup>45</sup> “General Agreement on Tariffs and Trade”, em português: Acordo Geral de Tarifas e Comércio.

No entendimento de BONANNO (1999, p. 31), “o desenvolvimento econômico pós-fordista global e as políticas de livre comércio utilizam o Estado para aumentar a mobilidade de capital [...]”, sendo que as intervenções desse agente passam a colaborar com o estabelecimento e manutenção de velhos e novos fluxos de mercadorias e capitais. Alguns teóricos, contudo, observam que, há setores que ainda hoje se utilizam de técnicas fordistas. Um exemplo disto se dá na produção agrícola, onde as principais commodities, mesmo com variações de qualidade, ainda produzem conforme esse modelo. Boa parte da produção de frutas atual também assim procede, apesar de que, em contraste, algumas variedades sejam adaptadas para nichos específicos de mercado usando a biotecnologia (BONANNO, 1994). É essa organização flexível que, por conta dos avanços tecnológicos, vai possibilitar ao capitalista uma ação em tempo real e instantânea.

Permite-se, segundo SANTOS (2009, p. 224), que essa ação ocorra [...] não apenas no lugar escolhido, mas também na hora adequada, [...] atribuindo maior eficiência, maior produtividade, maior rentabilidade, aos propósitos daqueles que as controlam. A ideia bastante difundida de ação *just in time*, deve ser completada com uma outra noção, a de ação *just in place* para dar conta dessa precisão das ações da qual depende a sua eficácia no mundo de hoje. Tal ação em tempo real e instantânea – *just in time* e *just in place* gera a hipermobilidade do capital, que, segundo CAVALCANTI (1999), pode deslocar rapidamente sua base operacional ou plantas de fábricas de um lugar para o outro, ou deslocar grandes somas de capital de um sistema financeiro de um país para outro, em questão de segundos. Isso só é possível pelos avanços tecnológicos e pela abertura comercial em voga.

O processo de modernização das atividades rurais, especialmente da agricultura, irá trazer como consequência os grandes desastres socioambientais, com maior ênfase no Brasil, mas com repercussões em todo o mundo. Os riscos ambientais e alimentares passam a ser discutidos, em geral nos países chamados desenvolvidos (no sentido econômico do termo) que as mudanças e as reflexões sobre o rural irão acontecer, com maior ênfase na França e nos Estados Unidos. Isto quer dizer que uma nova concepção sobre o significado do meio rural irá sendo engendrada face aos processos que vão acontecendo no meio rural, como veremos adiante. Essa mudança marcará o início do que chamamos de terceiro momento.

Para MENDRAS, 1976 *apud* WANDERLEY (2000) “a agricultura constituía o elemento configurador central do espaço rural, onde o meio rural era identificado com o meio natural” (WANDERLEY, 2000, p. 91-92). Nas sociedades tradicionais as relações entre o rural e o urbano sempre foram de isolamento e oposição. Com o intenso processo de transformação

pelo qual passou a sociedade rural tradicional, perde esta sua autonomia relativa, integrando-se econômica, social e culturalmente ao que ele chama de “sociedade englobante” (WANDERLEY, 2000, p. 93), passando por um processo de ressignificação de suas funções sociais, na medida em que atrai outras atividades econômicas e interesses de várias camadas da sociedade.

CAVALCANTI (2004, p. 25) afirma que “a relação entre globalização e ruralidade tende a ganhar importância porque a referência ao local de origem das mercadorias e da sua história combinam-se com outros aspectos da qualidade”. CAVALCANTI (2004, p. 23) ressalta ainda que “os símbolos e as imagens se incluem na caracterização dos produtos agrícolas” de maneira que “os lugares de produção e as relações entre os diferentes atores passam também a serem valorizados nos mercados”. Daí concluir que “os espaços rurais entram com força na competição do mercado de produtos agrícolas” (CAVALCANTI, 2004, p. 26). Traduz-se dessa colocação que a ruralidade é um fenômeno que se constrói tanto de fora para dentro como de dentro para fora do meio rural, mas que emerge dos elementos internos que a compõe.

Com relação à modernização, ocorreu de maneira parcial, no sentido de atingir alguns produtos, em algumas regiões, beneficiando alguns produtores e algumas fases do ciclo produtivo (GRAZIANO DA SILVA, 2000). Dessa forma, não só aumentou a dependência da agricultura com relação a outros setores da economia, principalmente o industrial e o financeiro, como o grau de desequilíbrio social e o impacto da atividade agrícola sobre condições ambientais. SANTOS (2000, p. 89) complementa: “[...] a agricultura científica, moderna e globalizada acaba por atribuir aos agricultores modernos a velha condição de servos da gleba. É atender a tais imperativos ou sair”. Para entender o significado da modernização é importante conhecer o papel atribuído à agricultura na década de 1970, quando este processo foi dominante (ver **Quadro 02**).

Ao falar sobre o Nordeste Brasileiro, PALMEIRA (1989) coloca que o conjunto de sua agricultura permaneceu sem transformações significativas até a década de 1960, quando começa a ocorrer o processo de modernização e depois de industrialização dessa atividade. Mas, somente a partir da década de 1980, é que se vislumbra a ocupação de novas fronteiras pela agricultura globalizada. A partir disso, pontos específicos do Nordeste passam a merecer atenção das empresas hegemônicas do setor e a receber grandes investimentos, dinamizando a agricultura comercial.

**Quadro 2 - A América Latina: principais características dos modelos de desenvolvimento**

<b>Crítérios</b>	<b>Década de 70</b>	<b>Década de 80 e início de 90</b>
Modelo econômico dominante	Substituição das importações	Vantagens comparativas
Características globais	Protecionismo, supervalorização das taxas de câmbio. Objetivo de desenvolver a indústria doméstica aumentando a autossuficiência.	Liberalização das políticas comerciais. Equilíbrio nas taxas de câmbio. Setores-chave em nível econômico: indústrias de mão-de-obra intensiva, agricultura orientada para exportação.
Setor público	Aumento. Mecanismo econômico. Fornecimento de subsídios extensivos.	Racionalização. Venda de empresas públicas. Eliminação de subsídios.
Contexto internacional.	Interesse pequeno ou nulo. Disponibilidade de capital. Fluxo de capital líquido para América Latina. Endividamento Rápido.	Grande e real interesse. Escassez de capital. Rápida escalada da dívida externa, gerando crise econômica. Transferências de capital líquido para os países industrializados. Assinatura de acordos regionais de livre-comércio.
Contexto político	Ditaduras. Movimentos de revolta.	Processo de democratização. Multiplicação das ONGs.
Questões sociais	Aumento das diferenças sociais. Aumento dos salários reais.	Aumento das diferenças sociais. Diminuição dos salários reais. Cortes extensivos em programas sociais.
Agricultura	Fonte de receita para o desenvolvimento urbano-industrial.	Setor muito dinâmico. Importante fonte de moeda estrangeira.
Projetos de rápido desenvolvimento industrial (PRDR)	Objetivo de aumentar a produção de bens-salários (“wagegoods”). Visto também como programa beneficente.	Drasticamente reduzidos. Objetiva PRDR negociável.
Ambiente	Em deterioração. Grande impacto negativo dos “projetos de desenvolvimento”.	Rápida deterioração em áreas rurais e urbanas.

FONTE: ALTIERI; MASERA, 1997, p. 73. (Adaptado pela autora)

Diante dos aspectos observados no contexto apresentado, ALMEIDA (1997) coloca que a modernização agrícola não está atrelada, necessariamente, ao desenvolvimento rural. A modernização na concepção desse autor, mostra a capacidade que tem um sistema social de produzir a modernidade e o desenvolvimento. A estrutura fundiária evolui em um sentido

concentrador e excludente, dificultando, qualquer tipo de acesso à terra, aos trabalhadores rurais brasileiros. (GRAZIANO DA SILVA, 2000). As condições econômicas, sociais e políticas brasileiras indicam disparidade entre diferentes classes sociais que marginaliza diretamente as classes menos favorecidas, como os agricultores com baixo poder aquisitivo, pequenos proprietários e agricultores familiares com área restrita. (GRAZIANO DA SILVA, 2000).

*O que o caso estudado revela dessa relação entre agricultura e globalização?*

O Polo Têxtil e de Redes de São Bento não está imune à lógica da globalização. Neste Polo que se destaca como sendo um dos maiores no segmento de redes de dormir, alavanca grande parte da força de trabalho da zona rural do seu entorno, emaranhando-se na sua relação com a agricultura do município, em que a produção de insumos locais tem sido cada vez menor, gerando relevantes mudanças na agricultura com grandes impactos econômicos e sociais no município, que tem se mantido viva devido a programas como o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – PRONAF<sup>46</sup> e Programa de Aquisição de Alimentos – PAA<sup>47</sup>.

CAVALCANTI (2004), analisando as contribuições de APPADURAI (1997 e 1994), BAUMAN (1998), CASTELLS (1998), LONG (1996), mostra como a globalização tende a homogeneizar formas de consumo, a fazer circular alimentos exóticos tornando-os familiares nos diferentes lugares do planeta numa velocidade e padronização nunca antes experimentada. Assim, essa análise feita por CAVALCANTI (2004) sobre a globalização dos alimentos, foi encontrada na produção de redes de dormir, que iniciou sua produção de forma totalmente artesanal e sua comercialização foi necessária devido aos períodos “fracos” da agricultura que, devido as condições climáticas do município de São Bento e seu entorno, a prática da agricultura já não garantia mais a reprodução da unidade familiar, sendo através da expansão comercialização de redes de dormir para vários países, extrapolando os limites territoriais físicos que foi possível nos termos de CAVALCANTI (1999), a “aproximação de espaços, regiões, pessoas e instituições” (p. 155). Nota-se ainda, que não se pode falar hoje em dia de produtos com um caráter totalmente nacional em razão das exigências dos mercados externos

---

<sup>46</sup> PRONAF <https://www.sicredi.com.br/html/para-seu-agronegocio/credito/pronaf/>

<sup>47</sup> PAA <https://www.saobento.pb.gov.br/featured/prefeitura-de-sao-bento-e-a-unica-da-paraiba-com-valores-liberados-do-programa-de-aquisicao-de-alimentos-paa-2019/>

que promovem diferenciação nas formas de produção, e ainda, produz-se localmente, para abastecer mercados globais.

No próximo capítulo nos deteremos mais especificamente em relação a indústria têxtil nordestina, focando no Estado da Paraíba, no Polo Têxtil e de Redes de São Bento – PB, com o intuito de compreender a sua formação e suas relações sociais de trabalho.

\*\*\*

## CAPÍTULO 3

### A INDÚSTRIA TÊXTIL E DE REDES DE DORMIR NO NORDESTE BRASILEIRO



**Feiteira passando mamucabada em São Bento, PB.  
Foto: Jessica Lobo Sobreira, 2018.**

### **3 A INDÚSTRIA TÊXTIL E DE REDES-DE-DORMIR NO NORDESTE BRASILEIRO: um olhar para a cadeia produtiva de redes de São Bento**

Neste capítulo, analisamos a indústria têxtil apresentando um panorama geral, priorizando mostrar como se constituiu no estado da Paraíba a cadeia produtiva de redes de São Bento. Procuramos inicialmente compreender as características deste setor produtivo e o seu desenvolvimento no nordeste brasileiro, observando as suas conexões com o desenvolvimento nacional e global. O foco é o Polo Têxtil de São Bento abordando questões relacionadas à sua origem e vínculos com a dinâmica capitalista atual, atentando principalmente para as configurações das relações sociais de trabalho na realidade local e suas interfaces com a globalização. Por fim, centramos a nossa abordagem na fabricação e comercialização de redes no Município São Bento – PB, principal produtor nacional de redes de dormir.<sup>48</sup>

#### **3.1 Caracterização da cadeia têxtil**

Desde a década de 1970, vinha ocorrendo um acirramento da concorrência internacional nos setores da indústria têxtil e de confecção mundial. Isso ocorreu principalmente pela entrada de produtores asiáticos no mercado. Estes, participam com produtos competitivos e avançados, difusão de novas tecnologias e a tendência crescente de buscar produtos diferenciados em função de mudanças no mercado consumidor e nos modos de vida da sociedade moderna. Dessa maneira, como uma resposta à essas mudanças, novas estratégias foram sendo criadas pelas empresas dos países avançados, no sentido de reduzir custos, seja modernizando o maquinário ou entre parcerias com o empresariado têxtil e institutos de pesquisa e de tecnologia, com o intuito de desenvolver novos conhecimentos técnicos para o setor, como por exemplo, reorganizando a produção via subcontratação internacional com o deslocamento de etapas mais intensivas em trabalho e desenvolvimento (KELLER, 2006).

Na perspectiva de CAMPOS e PAULA (2006), até o início da década de 1970, a indústria têxtil e de confecção ainda podia ser considerada relativamente intensiva em trabalho em decorrência de fatores, tais como, tecnologia estável, produtos padronizados e uma competição baseada principalmente em preços. A partir da década de 1970, essa situação começou a mudar em função da busca de otimização do ciclo produtivo pautado na

---

<sup>48</sup> O Polo de Redes de São Bento também é formado pelos municípios de: Jardim de Piranhas, Brejo do Cruz, Catolé do Rocha, Riacho dos Cavalos, Paulista, e Serra Negra do Norte.

modernização tecnológica. As empresas dos países avançados buscaram diversas formas de diferenciação do produto por meio de uma combinação de inovações no processo produtivo e na matéria prima. As inovações tecnológicas mais importantes no setor têxtil foram a introdução do filatório *open-end* no segmento de fiação, e dos teares sem lançadeira, no segmento de tecelagem<sup>49</sup> (CAMPOS e PAULA, 2006).

A diferença proporcionada por essas mudanças ia além da produtividade, eliminando assim algumas etapas do processo produtivo do segmento de fiação e proporcionando um fluxo mais contínuo do sistema de máquinas. As maiores inovações técnicas no setor de confecção se concentraram nas fases de design, marketing e corte do tecido com o uso do sistema CAD/CAM (*computer aided design/computer aided manufacturing*), tornando estas fases mais intensivas em capital. Contudo, a fase final de montagem (costura) permaneceu relativamente intensiva em trabalho (FLEURY; NAKANO; GARCIA, 2007).

Na perspectiva da cadeia da mercadoria ou da cadeia completa, poderíamos dizer que o setor têxtil tem se tornado cada vez mais intensivo em capital, enquanto o setor de confecção apesar dos avanços significativos nas fases citadas, ainda permanece em um ciclo intensivo de trabalho (KELLER, 2006). Além disso, devido às pressões internas dentro dos países desenvolvidos, foi-se necessário a criação de formas de proteção (no âmbito da política comercial e industrial), impulsionando a criação de medidas protecionistas, desde o *Short Term Cotton Arrangement*, em 1961, e o *Long Term Arrangement*<sup>50</sup>, em 1973. O fluxograma abaixo, Figura 3, ilustra os principais marcos sobre o comércio de têxteis/vestuário.

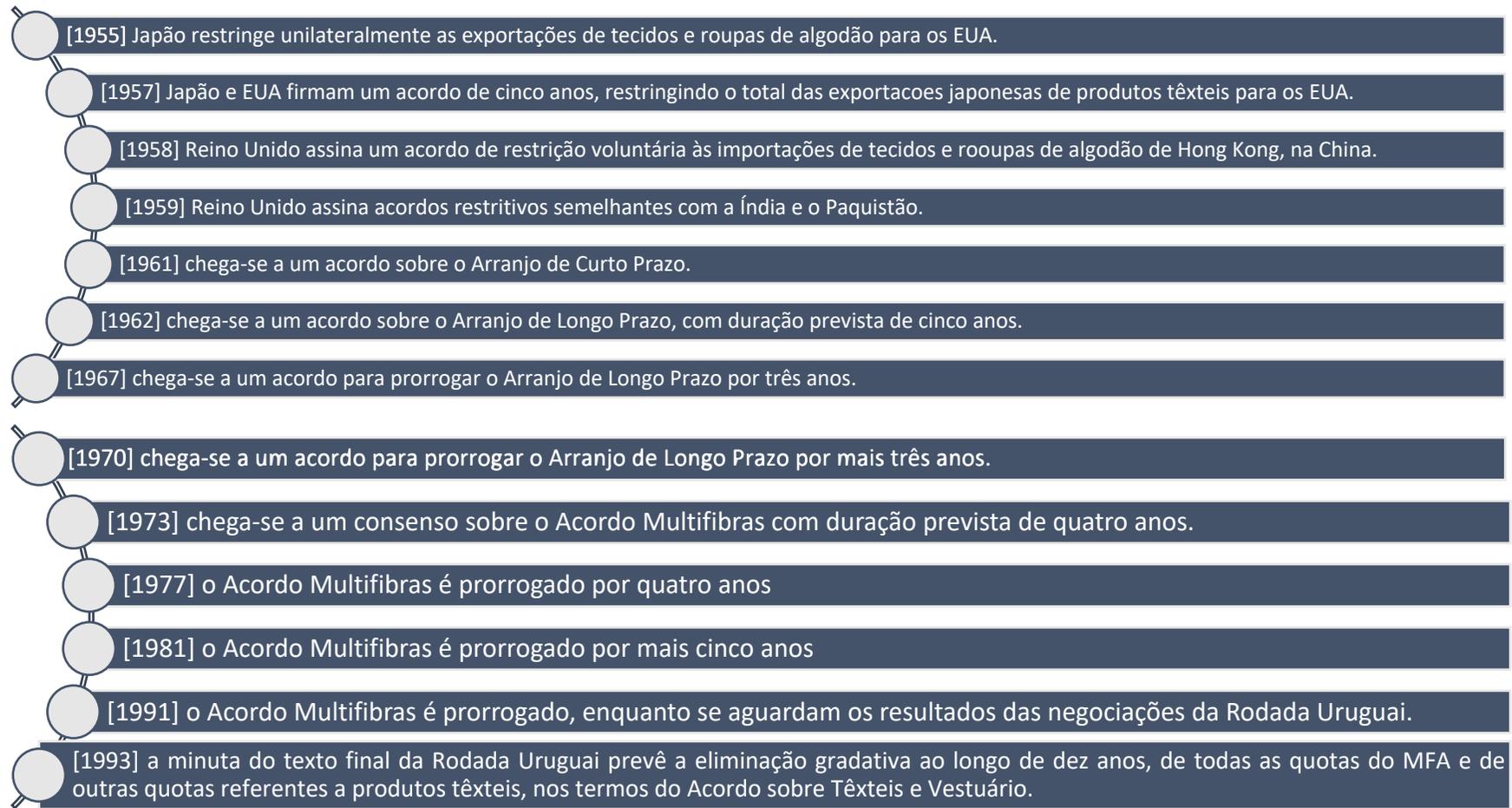
No fluxograma acima é possível visualizar os principais marcos sobre o comércio de têxteis e vestuário. Assim, essas medidas protecionistas, que impunham limites quantitativos à importação de produtos têxteis de forma discriminatória, objetivavam conter as exportações dos países em desenvolvimento, enquanto, a política industrial, permitia aos países avançados a formulação de estratégias de apoio à reestruturação industrial por meio de planos setoriais específicos que possibilitassem a promoção da reestruturação e o ajustamento industrial ao novo cenário, particularmente com o apoio do setor têxtil. Diante deste conjunto de mudanças, a competitividade do setor têxtil e de confecção tem sido apontada como não dependendo mais, apenas da eficiência das empresas isoladamente, mas sim, abrangeria o estabelecimento de uma

---

<sup>49</sup> Em São Bento, praticamente 90% das tecelagens usam o tear com lançadeiras, segundo dados da pesquisa de campo (2018).

<sup>50</sup> O Acordo multifibras de 1973 incluía regras para a imposição de restrições quantitativas seletivas quando uma onda de artigos importados ameaçasse ou provocasse uma desordem no mercado.

**Figura 3** – Principais marcos sobre o comércio de têxteis e vestuário

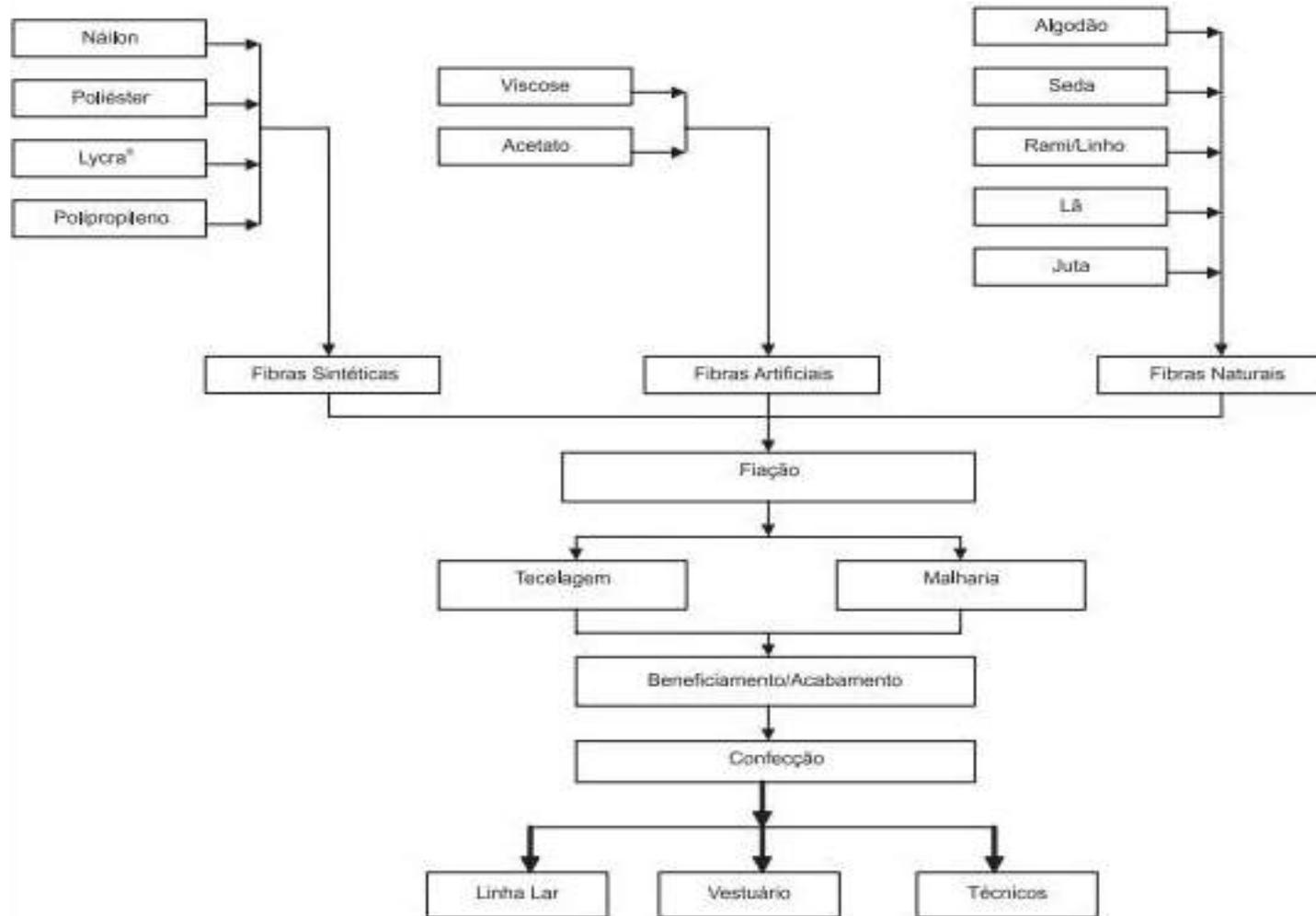


**Fonte:** Adaptado por Jéssica Lôbo Sobreira a partir de AGGARWAL (1985); FINGER e HARRISON (1996) *apud* IPEA (2004).

No fluxograma acima é possível visualizar os principais marcos sobre o comércio de têxteis e vestuário. Assim, essas medidas protecionistas, que impunham limites quantitativos à importação de produtos têxteis de forma discriminatória, objetivavam conter as exportações dos países em desenvolvimento, enquanto, a política industrial, permitia aos países avançados a formulação de estratégias de apoio à reestruturação industrial por meio de planos setoriais específicos que possibilitassem a promoção da reestruturação e o ajustamento industrial ao novo cenário, particularmente com o apoio do setor têxtil. Diante deste conjunto de mudanças, a competitividade do setor têxtil e de confecção tem sido apontada como não dependendo mais, apenas da eficiência das empresas isoladamente, mas sim, abrangeria o estabelecimento de uma “coordenação entre as empresas envolvidas em todas as etapas da cadeia produtiva” (GARCIA, 1994 *apud* KELLER (2006)).

A **Figura 4** (próxima página), exemplifica os elementos da formação da cadeia têxtil e de confecções e suas conexões, ilustrando o seu funcionamento e mostrando seus principais elos: 1. A produção de fibras têxteis; 2. A fiação; 3. A tecelagem ou malharia; 4. O acabamento; 5. A confecção; 6. O mercado. Já os elos secundários, considerados na cadeia têxtil como elos de apoio, são: 1. A indústria química; 2. A indústria de bens de capital; 3. As universidades; 4. As empresas terceirizadas (LAMBERT e ENZ, 2017).

**FIGURA 4** – Estrutura da Cadeia Têxtil e de Confeccões



**Fonte:** COSTA e ROCHA, 2009.

Conforme visualizado na Figura 04, a estrutura da cadeia de suprimentos abrange vários elos durante o seu processo até chegar a fase de comercialização. LAMBERT e ENZ (2017) adotam a classificação da cadeia têxtil em elos, que é a definição mais comum, utilizada também pelo IEMI (2005). De acordo com o SEBRAE (2011) pode-se dividir a cadeia produtiva têxtil em três partes principais: o segmento responsável pelo fornecimento de fibras e filamentos químicos que juntamente com o setor agropecuário dão provimento ao setor de fios, tecidos e malhas, que são as matérias básicas responsáveis por alimentar as indústrias que compõem o setor de manufaturados têxteis.

No que se refere ao Brasil, MOREIRA e CORREIA (1998, p.185), afirmam que desde a década de 1980, a liberalização comercial tem varrido diversos países em desenvolvimento. O Brasil, apesar de ser um dos últimos países a ser atingido pela onda de liberalização comercial, até o final da década de 1980, a política comercial brasileira ainda possuía características de um regime de substituição de importações, com uma proteção comercial baseada em barreiras tarifárias e não tarifárias. A situação era de proteção e de isolamento da indústria brasileira em relação ao mercado e à concorrência internacional. Para os autores citados anteriormente, os dois bloqueios principais eram: o sistema de licenciamento de importações e as elevadas tarifas.

Na visão de MOREIRA e CORREIA (1998), essa situação começou a mudar em 1988, quando o governo federal lançou a “Nova Política Industrial” que previa a eliminação parcial das barreiras não tarifárias que diminuiria a taxa manufatureira de 90% para 43%. Para os autores, estas medidas tiveram pouco impacto e citam a permanência do sistema de licenciamento de importação, incluindo algumas barreiras não tarifárias como a “lei dos similares”. Durante o governo Collor de Mello (março de 1990 - dezembro 1992), a política de importação consistiu num processo não muito ordenado ou planejado, considerado por CARDOSO (1997) como uma abertura intempestiva de mercados, devido à drástica redução das tarifas. Assim, o impacto imediato das medidas liberalizantes no meio empresarial têxtil brasileiro foi de crise e de conflito entre os diversos elos da cadeia. Houve uma busca por estratégias de curto prazo, e, a maioria delas individualizada, reforçando mais ainda o individualismo do setor.

Entretanto, com a entrada de artigos importados e o acirramento da concorrência criou-se uma situação difícil para as empresas do setor, agravando os conflitos internos entre os elos da cadeia. Dessa forma, o setor têxtil e de confecção brasileiro viveu e ainda vive um processo de transformação com a emergência dos novos paradigmas (produtivos e tecnológicos). Com a liberalização comercial e a globalização do mercado doméstico, o setor sofreu um choque

estrutural e, quando a competição antes de nível nacional se ampliou em nível mundial e os empresários tiveram que mudar suas estratégias, revendo custos e diversificando a sua produção, além de focar em nichos mais específicos. E dentro desse contexto, as perspectivas positivas da indústria têxtil e de confecção surgiram apenas em 2001 quando foi alcançado o primeiro superávit externo desde 1994 (CARDOSO, 1997).

### 3.2 Desenvolvimento da cadeia têxtil no Nordeste Brasileiro

Antes dos portugueses chegarem ao Brasil, a tecelagem de algodão no Nordeste brasileiro já era desenvolvida pelos índios. ANDRADE (1981), mostra que a economia nordestina começou a se expandir no século XIX através de fiações manuais em que o algodão era transformado em fio. Após esse processo, o fio de algodão era transformado em tecidos simples que serviam para produção de vestimenta das camadas mais pobres da população. A primeira fábrica de fiação e tecelagem a ter se instalado na região Nordeste foi em 1822, na cidade de Recife, Pernambuco.

Entre os elementos que marcam a constituição da indústria têxtil no Nordeste brasileiro, ANDRADE (1981), destaca o período da Guerra da Independência e a Guerra da Secessão, em que vários produtos do sul dos Estados Unidos não chegavam aos mercados ingleses, tendo sido a indústria de algodão de Recife incentivada a expandir a sua capacidade, tornando-se responsável por atender esse mercado. Após esse período de apogeu a produção voltou apenas para o mercado interno.

OLIVEIRA (1993), ressalta a ligação da indústria açucareira com a indústria têxtil no Nordeste, já que além das roupas confeccionadas para os trabalhadores, os sacos destinados ao ensacamento do açúcar eram produzidos a partir do algodão, enfatizando o fato das indústrias serem financiadas pelas mesmas famílias, possibilitando a expansão do Nordeste através do setor açucareiro e têxtil entre os anos 1860 e a primeira metade do século XX.

DINIZ e BASQUES (2003), destacam que inicialmente a indústria têxtil tinha caráter artesanal e somente a partir do século XIX, a região configurou-se como industrial, destacando-se enquanto produtora em nível nacional. Após 1930, a indústria têxtil paulista se sobrepôs a indústria têxtil nordestina, que entrou em crise. DINIZ e BASQUES (2003), destacam que após 1950, a partir de ações da SUDENE, tentou-se reerguer o setor têxtil nordestino trazendo modernização e uma maior diversificação da produção, o que permitiu que as décadas de 60 e 70 alcançassem uma relevância nacional na produção do setor, mas somente em 1980/1990 é que a indústria têxtil nordestina voltou a ter índices relevantes nacionalmente.

Para VIANA (2005),

A indústria têxtil do Nordeste voltou a participar em certa relevância em âmbito nacional a partir do final da década de 1980 e início da década de 1990 do século passado, quando ocorreu um forte processo de reestruturação contexto mundial da indústria. Com a abertura da economia, que forçou uma reestruturação por parte das empresas, a disponibilidade de mão-de-obra barata no Nordeste e as políticas de incentivos fiscais pelos diversos governos estaduais da região, desencadeou um significativo movimento de migração de plantas industriais, das regiões Sudeste e Sul, para o Nordeste, notadamente para os estados do Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba. (VIANA, 2005. pág. 24)

O relatório do BNB (1997), mostra que entre a década de 1980 e 1990, as atividades têxteis no Nordeste se configuravam de forma bastante heterogênea, tendo cada região suas características particulares próprias.

A indústria têxtil nordestina acomoda-se ao padrão de fornecimento ditado pelos grandes trustes internacionais, de tal forma que, surgindo nas fronteiras da “região” que produzia algodão de boa qualidade, vai se especializar, contraditoriamente, na produção de tecidos grossos: aqui não apenas a pobreza do seu mercado, das classes renda baixa, mas sua subordinação aos padrões impostos pelos grandes trustes internacionais, SANBRA, CLAYTON e MACHINE COTTON, que determinam essa especialização (OLIVEIRA, 1993, p. 63).

Sobre a industrialização na Paraíba, há algumas divergências quanto à data de início da indústria paraibana. SOARES (2011) e FEITOSA (2010) defendem que a indústria paraibana teve seu início no final do século XVI com a instalação dos engenhos de açúcar. MELO e RODRIGUES (2003) defendem o início na década de 1960, a partir do plano de desenvolvimento proposto pela SUDENE, destacando-se as cidades de João Pessoa e Campina Grande, pela produção têxtil e também na fabricação de açúcar, alimentos e cimento.

Para KOURY (1986) *apud* ALBUQUERQUE e MOREIRA (2016, p. 32), a industrialização paraibana ocorreu desde 1920. Segundo os autores,

Até 1920, a Paraíba, chamada até então como Parahyba do Norte, já possuía um total de 251 unidades industriais. Dessas indústrias, o setor que se destacava era o têxtil, com um total de 169 unidades. Seguido pela indústria alimentícia com 31 unidades e pela indústria de vestuário e tocado, com 22 estabelecimentos. Estimulada por instituições governamentais, a indústria paraibana já empregava mais de 3 mil funcionários, prevalecendo o setor têxtil como maior empregador, com 1818 operários (KOURY, 1986 *apud* ALBUQUERQUE e MOREIRA (2016, p. 132).

Segundo ALBUQUERQUE e MOREIRA (2016), a Paraíba durante o século XX, se utilizou de estratégias para atrair o máximo capital industrial, sendo a atuação do Estado preponderante para o desenvolvimento industrial e econômico. MELO e RODRIGUES (2003)

dividem a Paraíba em três aglomerados de indústrias: o primeiro é referente as cidades de João Pessoa, Santa Rita, Bayeux, Cabedelo, Lucena e Conde: indústrias de alimento, construção civil, têxtil e cimento; o segundo é formado pela cidade de Campina Grande que se destaca pela produção de calçados, na produção de bebidas, frutas industrializadas e também na área de informática. O último aglomerado é formado pelas indústrias de Patos, São Bento, Cajazeiras e Sousa, se destacando pela indústria têxtil.

Após ter feito esse sucinto levantamento da formação da cadeia têxtil no Nordeste, trazendo alguns aspectos do estado da Paraíba, no próximo tópico adentraremos especificamente no Polo de Redes de São Bento, trazendo elementos que remontam à constituição histórica, sua formação e suas características principais.

### 3.3 O Polo de Redes de São Bento: origem e desenvolvimento

Certos temas dão prestígio ao pesquisador e outros exigem uma prodigiosa retórica para valorizá-los [...]. Quem se vai convencer da necessidade de uma pesquisa etnográfica sobre a rede de dormir, a rede que nunca merece as honras de atenção maior e é olhada de raspão pelos mestres de todas as línguas sábias? (CASCUDO, 2003, p. 229).

O que estamos denominando de Polo de Redes de São Bento é uma iniciativa por parte dos agricultores locais que se utilizaram do artesanato de redes de dormir para complementar a renda oriunda da agricultura familiar principalmente como uma forma de suprir a subsistência nos períodos mais fracos desta atividade. Segundo SILVA (2010), a atividade de fabricação de redes no município de São Bento está presente desde fins do século XIX se consolidando cada vez mais nos dias atuais.

O município de São Bento foi criado em 1959. Em meados do século XIX, as margens do Rio Piranhas habitavam na região um senhor conhecido como “Catonho” que morava com sua família numa área rural conhecida como Cascavel. Segundo moradores, passou por essa região um sacerdote com destino à cidade de Pombal onde iria realizar a missa da Festa de Nossa Senhora do Rosário e ao passar no sítio Cascavel foi picado por uma cobra, tendo sido salvo por intercessão de São Bento, batizando assim a área rural de São Bento, permanecendo assim até os dias atuais. Quando faleceu Catonho, seu filho Manoel Vieira e seu primo Leandro Pinto, de propriedades vizinhas, começaram a agrupar moradores e aumentando o núcleo de Cascavel que até então era uma área rural pertencente à cidade de Brejo do Cruz. Com um agrupamento maior de pessoas, as redes de dormir que eram fabricadas apenas para uso próprio começaram a ser trocadas por alimentos e depois comercializadas. Com a ampliação da oferta

de trabalho, houve a necessidade de desligamento de Brejo do Cruz oficializando-se em 29 de abril de 1959, através da Lei 2073, de autoria do deputado estadual Tertuliano de Brito (PLANO DIRETOR DE SÃO BENTO, 2014). A entrada do município e o brasão da cidade que referenciam à produção das redes de dormir e também a imbricação urbano-rural pode ser vista nas figuras 5 e 6.

**Figura 05** - Entrada do município de São Bento – PB.



Fonte: Jessica Lobo Sobreira, 2017.

**Figura 06** – Brasão da cidade de São Bento, com destaque para a rede de dormir e a produção de algodão.



Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/>  
Acesso em: set. 2018.

A população deste município, de acordo com o censo IBGE (2010)<sup>51</sup>, é de 30.880 habitantes, entre os quais 15.661 são do sexo feminino, o que corresponde a 50,71% do total e 15.219 são do sexo masculino, o que equivale a 49% do total da população. Entre seus habitantes, 27.039 (80,8%) estão localizados na zona urbana do município e os demais, 6.425, ou seja, 19,2% referem-se os habitantes da área rural, configurando o município como majoritariamente urbano.

SILVA (2010, p. 244), coloca que “a indústria de redes de dormir no município de São Bento se originou naturalmente de um contexto vocacional dos seus habitantes durante as décadas de 1910 e 1920”. Para BEZERRA (2011), o homem sertanejo ao longo da sua história fez os seus próprios meios de descanso noturno quando retornasse do trabalho no campo e, desde 1910, a região sertaneja do Nordeste precisou se transformar em meio econômico para

<sup>51</sup> De acordo com a estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para 2019 a estimativa é 34.031 habitantes. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/sao-bento/panorama>>. Acesso em jan. 2019.

suprir as dificuldades enfrentadas na agricultura e na pecuária devido aos períodos de estiagem, permanecendo em alguns locais até hoje.

Ainda na concepção de BEZERRA (2011), a tradição da fabricação de redes de dormir presentes desde o período do Brasil indígena nos fornece subsídios necessários para avaliarmos a existência da rede em si, dentre os índios ou caboclos que habitaram as margens do rio Piranhas. O autor coloca que “a existência desse rio na região funcionou como um fator de agregação populacional, oferecendo vantagens para os seus habitantes na área da agricultura e da pecuária” (BEZERRA, 2011, p. 12).

Segundo MELLO (2014) no livro “História da Paraíba”<sup>52</sup>, existiam próximo ao território que hoje se tornou São Bento, entre o Rio Grande do Norte e a Paraíba, os índios Potiguaras, que se locomoviam constantemente, deixando aldeias para trás e formando outras<sup>53</sup>. Dessa forma, sugere-se que a cultura da produção de redes de dormir em São Bento foi uma herança das comunidades indígenas que habitavam a região, tecendo as redes de dormir para uso próprio, contrariando o discurso “vocacional” defendido por SILVA (2010). Isso também fica claro, no depoimento de alguns moradores mais antigos da cidade ao serem questionados sobre a origem da fabricação das redes de dormir:

[..] Certeza a gente não tem como ter, mas meus avós contavam que foi uma índia que ensinou a uma mulher daqui do povoado, que depois se tornou São Bento, a fazer a rede e aí ela foi fazendo para ter onde dormir, naquela época as famílias eram numerosas, tinham 13, 14 filhos... e não se tinha dinheiro nem espaço para acomodar todo mundo [...] Aí outras pessoas foram vendo e foram pedindo pra ensinar e hoje em dia todo mundo aqui sabe fazer rede...  
(Entrevista realizada com D. Amaranta, 72 anos, agricultora e feiteira em setembro de 2018,.)

Assim, a fabricação das redes de dormir foram incorporadas aos habitantes do atual território de São Bento. Ainda na perspectiva de SILVA (2010), a zona rural teve grande importância para a consolidação da atividade de confecção de redes de dormir no município, uma vez que o município se consolidou através de um núcleo rural, que vivia predominantemente da agricultura familiar. Até hoje, grande maioria das pessoas que moram na zona urbana mantém vínculos na zona rural, sendo a maior parte das pessoas ligadas ao ramo da rede com idade de aposentadoria, são aposentados como agricultores, principalmente porque

<sup>52</sup> MELLO, José Octávio de Arruda. **História da Paraíba**. João Pessoa: Editora União, 2014.

<sup>53</sup> Atualmente a única tribo Potiguara que existe no Nordeste fica no município de Baía da Traição.

as atividades na tecelagem e acabamento de redes são em sua quase totalidade informal<sup>54</sup> e porque a maior parte das pessoas mais antigas da cidade possuem esse vínculo com a agricultura.<sup>55</sup> Além disso, a região ainda há a prática de agricultura familiar, principalmente com o cultivo de milho e feijão, sendo comum a combinação de trabalho agrícola com atividades não-agrícolas, como o acabamento das redes de dormir, principalmente nos períodos mais secos do ano.

Estima-se que São Bento venda anualmente cerca de 12 milhões de redes de dormir, através de compradores vindos de vários estados do país nos dias de “Feira da Pedra”<sup>56</sup> que concentra as atividades na madrugada da segunda-feira, se estendendo até o final da tarde do mesmo dia, mas também através de exportações para outros estados do Brasil e também para cerca de trinta países<sup>57</sup>. Na perspectiva de ARAÚJO (2013) as feiras livres estão diretamente próximas à cultura popular e são consideradas como lugar de exposição dos valores culturais, representando assim, a identidade cultural de uma população.

Desde junho de 2018, a “Feira da Pedra” (Figura 07) foi deslocada para o “Shopping das Redes”<sup>58</sup> (Figura 08), um espaço padronizado com várias lojas de fábricas locais, uma pequena praça de alimentação, além disso, esse espaço inaugura uma tendência de organização e também de uma padronização da lógica e dinâmica informal de comercialização presente no Polo Têxtil e de Redes de São Bento. Esta expansão constituiu uma iniciativa dos empresários locais, do SEBRAE e do SENAI, juntamente com o apoio direto dos governos municipal e estadual.<sup>59</sup> Localizadas dentro e no entorno do “Shopping das Redes” se encontram várias lojas de fábricas, vendendo no atacado e no varejo.

---

<sup>54</sup> Dados da pesquisa de campo. Em 2015 o Ministério do Trabalho e Emprego noticiou sobre a informalidade no jornal G1 Paraíba. <http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2015/02/mais-da-metade-dos-trabalhadores-da-paraiba-sao-informais-diz-mte.html> Acesso fev. 2019.

<sup>55</sup> Dados obtidos em 2018, a partir das entrevistas realizadas na pesquisa de campo. Informação semelhante foi obtida por Andrade (2017) em sua dissertação de mestrado sobre as famílias rurais do Polo de Confecções do Agreste Pernambucano, que engloba principalmente as cidades de Caruaru, Toritama e Santa Cruz do Capibaribe e todo o seu entorno.

<sup>56</sup> A Feira da Pedra é a extensão da feira livre de São Bento, tendo se iniciado apenas com a venda de produtos da agricultura familiar e com o tempo foi se expandindo para a atividades de comercialização de redes, mantendo também os produtos da agricultura familiar.

<sup>57</sup> Dados da pesquisa de campo e também do Ministério de Indústria, Comércio Exterior e Serviços.

<sup>58</sup> Notícia do site da Prefeitura de São Bento sobre a mudança, disponível em: <https://www.saobento.pb.gov.br/featured/1a-feira-da-pedra-no-shopping-das-redes-de-sao-bento-atraiu-multidao-e-gera-boas-expectativas-para-feirantes-e-clientes/>

<sup>59</sup> Pesquisa de Campo, 2018.

**Figura 07** - “Feira da Pedra” no centro da cidade de São Bento - PB



**Fonte:** <<https://www.saobento.pb.gov.br/>> Acesso em jun. 2018.

**Figura 08** - Primeira “Feira da Pedra” no “Shopping das Redes” em São Bento - PB



**Fonte:** <<https://www.saobento.pb.gov.br/>> Acesso em jun. 2018.

São Bento se consolidou como produtor de redes de dormir ao longo da década de 1970, quando na cidade foi construída a ponte “João Agripino Filho” no ano de 1970<sup>60</sup>. A construção da ponte sobre o Rio Piranhas foi um marco no desenvolvimento da cidade, pois favoreceu o desenvolvimento do município, facilitando a entrada e saída dos produtos produzidos na região. Antes da construção da ponte, a cidade ficava isolada sem acesso aos outros municípios sendo impossível escoar a produção das redes. Até essa década o município produzia as redes apenas para consumo próprio, sendo intercaladas com as atividades rurais e algumas redes eram escoadas por uma balsa, chamada localmente de “pontão”, o que dificultava muito a comercialização. Foi nesse contexto que a tecelagem de redes de dormir passou a fazer parte das atividades produtivas do município. CARNEIRO (2001), fala sobre a transformação que a indústria têxtil causou no espaço agrícola, transformando-o em urbano:

A indústria têxtil de São Bento, que surge no campo, como atividade secundária, se desenvolve e torna-se dominante no contexto econômico local, colocando em segundo plano as atividades típicas do semiárido nordestino (agropecuária). Essa transformação não representou apenas mudança de hegemonia de setores econômicos na área em questão, mas, indicou, sobretudo, a passagem de um espaço agrícola para outro, urbano industrial, dotado de dinamismo social, político e econômico. (CARNEIRO, 2001, p. 31)

No início, a rede de dormir produzida em São Bento era apenas fabricadas para uso próprio e sem acabamentos mais elaborados. Apenas em 1970, quando começou as primeiras

<sup>60</sup> É considerada a maior ponte da Paraíba com 324 metros de extensão.

saídas para comercialização das redes, foi que se introduziu as varandas mais acabadas como forma de valorizar o produto. A iniciativa pela produção das redes de dormir ocorreu devido ao fato da agricultura na região está cada dia mais fraca, principalmente devido os períodos de seca que possibilitavam a perda de toda parte da produção, muitas vezes não sobrando nem para o consumo familiar. VEIGA (2000) ressalta que a comercialização das redes de dormir historicamente tem forte vinculação com o campo, e modernamente com as regiões agrícolas e relativamente rurais. Ao ter suas atividades produtivas voltadas para a tecelagem e comercialização das redes de dormir e mantas, São Bento conseguiu se consolidar enquanto produtor de redes de dormir na Paraíba, sendo destaque também na confecção de panos de prato e produtos para cama, mesa e banho.

De acordo com os dados do IBGE (2014), a cidade atualmente possui 1.354 empresas registradas no ramo têxtil, ocupando a 18<sup>o</sup> posição nas cidades com o maior número de organizações com CNPJ (Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas) na Paraíba, segundo o Instituto Brasileiro de Planejamento e Tributação. No entanto, a maior parte da mão de obra produtiva do município se encontra no setor informal, abrigando quase que totalidade da população segundo estimativas da pesquisa de campo.

As empresas formalizadas, principalmente as de porte médio, embora em proporção menor no Polo de São Bento, já apresentam, como uma de suas características, possuir empregados que recebem qualificação, geralmente via cursos oferecidos pelo SEBRAE e SENAI<sup>61</sup>, e condições de trabalho mais dignas. Nestes casos a busca por maior inserção no mercado se dá através da procura por melhorar a qualidade do produto, além de investir mais em *marketing*. Estas empresas também buscam inovar tecnologicamente e passam a “adaptar” as formas organizacionais mais modernas e “flexíveis” que dominam a produção de tecelagem do tecido de certos tipos de rede de dormir, como o tecido gabardine, utilizado na rede sol a sol. Essas empresas trabalham produzindo em teares modernos que trabalham 24 horas por dia, em três turnos, mas recorrem a terceirização do acabamento das redes de dormir como forma de aumentar a produtividade por ganhos de escala e especialização.

---

<sup>61</sup> As parcerias com o SEBRAE e SENAI se iniciaram no Polo Têxtil e de Redes de São Bento a partir do ano 2016, antes disso, não haviam registros da atuação desses órgãos no município. Em 2018, São Bento chegou um Posto Avançado do Sebrae na cidade com o intuito de aumentar o número de formalizações das empresas no município e realizar capacitações.

**Figura 09** - Tear automatizado que tece o pano “gabardine” em uma fábrica de São Bento – PB.



**Foto:** Jéssica Lobo Sobreira, 2018.

**Figura 10** - Após o processo de tecelagem, os panos são cortados e vão para a máquina de tingir em uma fábrica de São Bento – PB.



**Foto:** Jessica Lobo Sobreira, 2018.

A terceirização é muito presente na finalização das redes de dormir, conhecida como “acabamento”. É um trabalho totalmente alicerçado no trabalho familiar e em geral realizado por mulheres, embora há também homens que realizam essa função. D. Jane ao falar sobre o acabamento das redes de dormir, externou o seguinte:

“O povo de fora chega e diz pra nós que é trabalho escravo, que é exploração, mas não é não, a gente tá em casa, pode parar pra fazer comida, pode descansar um pouco, não é trabalho escravo não, eu ganho meu dinheirinho. Se não fosse as redes a gente não tinha dinheiro”. (Entrevista realizada com D. Jane em abril, 2018).

Em outro momento que eu tinha falado com D. Jane que ia na casa dela vê ela fazer a varanda de uma rede mais acabada e só consegui ir pela tarde e nesse momento ela me relatou que não havia conseguido trabalhar pela manhã porque ela estava sentindo dor na coluna, devido a posição que fica: sentada no banco o dia inteiro, fazendo as varandas ou alternando com outra atividade vinculada ao ramo da rede, geralmente pinturas ou colocando o punho da rede.

**Jéssica:** D. Jane, eu não consegui vir pela manhã, a senhora fez varanda hoje?

**D. Jane:** Fiz não, fiquei ontem até tarde dando nó em varanda, precisa ver como ela tá bonitona, bem pequenininha, já faz bem quinze dias que eu tou aqui e ainda não terminei. [...] Hoje eu amanheci com uma *dor nos quartos*,

<sup>62</sup>“aí não consegui ainda continuar com a varanda. Tem dia que eu não consigo fazer quase nada. Aí o jeito é ir pintar as redes, porque senão não tem dinheiro. E eu preciso trabalhar nas varandas porque a feira não espera pela gente”

As jornadas diárias no trabalho da tecelagem de redes ultrapassam rapidamente as 12 horas diárias e, no caso específico das feiteiras, que são as mulheres que trabalham com o acabamento das redes de dormir, geralmente realizando os trabalhos de: *passar mamucaba*, *dar nó em varanda ou botar punho* (para melhor entendimento ver figura 11), há o intercalamento com as tarefas domésticas e provimentos da reprodução familiar, conforme foi observado na pesquisa de campo e também relato por Lúcia, 32 anos, uma feiteira da área rural que presta serviço para um empresa grande de São Bento:

“Eu gosto de trabalhar com as redes porque eu posso ficar em casa, ainda consigo ir no plantio e ficar um pouco na lida do campo, o patrão diz o que é pra eu fazer, geralmente quando é modelo novo vem alguém na empresa mostrar como é pra fazer e quando eu invento alguma coisa eu mostro pra ele e ele vê se vai dar certo, e no final do dia, o carro passa recolhendo e já faz os pagamentos da semana, eu posso parar, cuidar do meu filho, fazer almoço, eu não acho ruim não”.

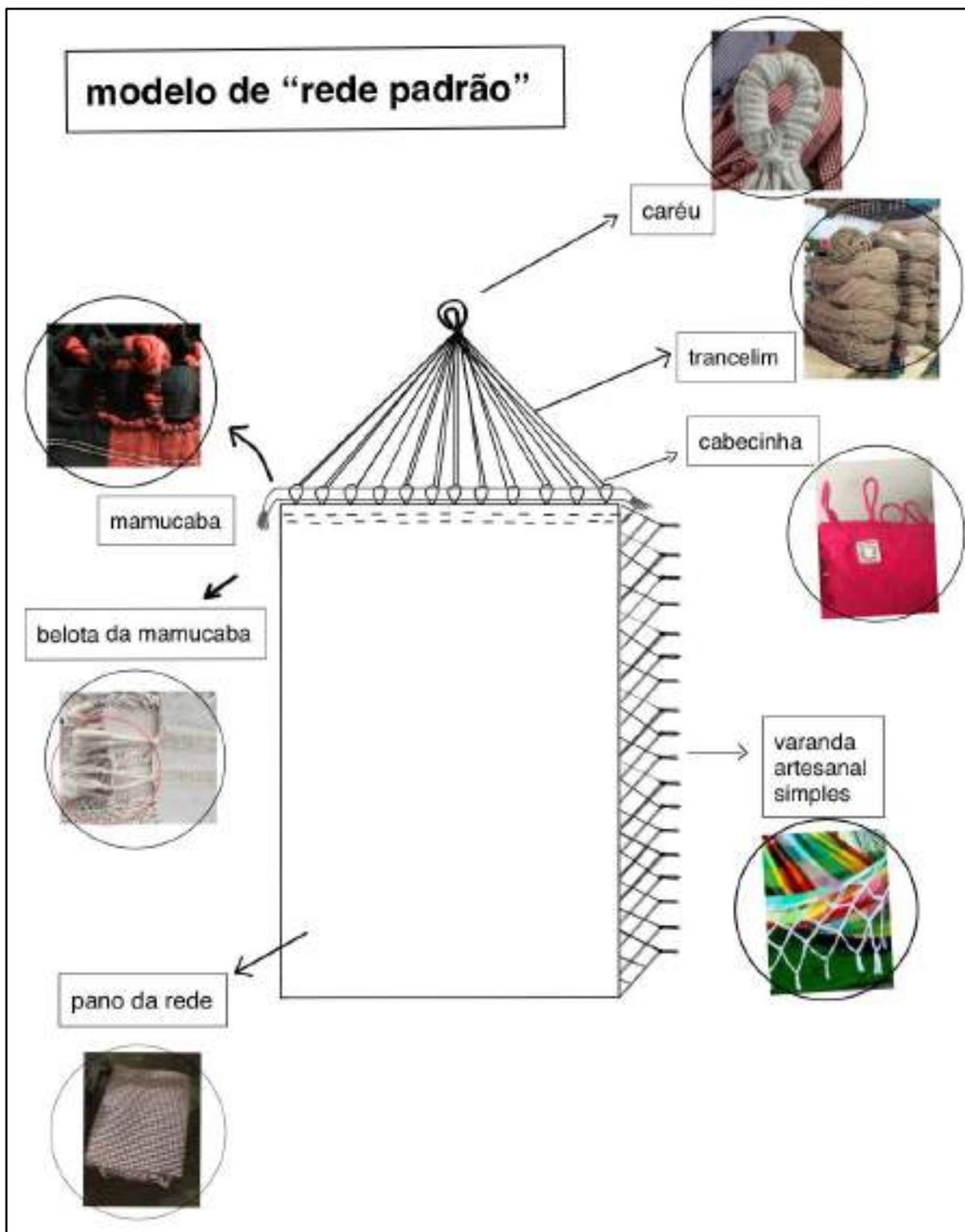
(Entrevista realizada com Lúcia em novembro de 2018).

Embora este crescimento não esteja sendo traduzido em um desenvolvimento sustentável por inúmeros fatores, entre os quais podemos relacionar o não pagamento dos tributos, a informalidade, além de acrescentar o descaso ambiental, característico de um crescimento desordenado, configurando-se, portanto, em um abandono tanto de investimentos econômicos quanto de infraestrutura básica, por parte do poder político local.

---

<sup>62</sup> Expressão popular para falar sobre alguma dor na coluna.

Figura 11 - Principais nomenclaturas utilizadas no “ramo da rede”



Fonte: Dados da pesquisa de campo, 2018. Desenhado por Jessica Lobo Sobreira.

Em função das características específicas do processo de produção redes de dormir, há também, no município, as tinturarias/tingimento do fio de algodão cru<sup>63</sup> (figuras 12 e 13, abaixo). Este tipo de unidade produtiva é responsável por uma das primeiras etapas da produção, envolvendo: o tingimento do fio de algodão, agregando, assim, valor ao produto final, segundo dados da pesquisa de campo.

**Figura 12** - Homem tingindo meadas de fios de algodão.



Fonte: Jéssica Lobo Sobreira, 2018.

**Figura 13** - Homem estendendo as meadas de fios de algodão para secar.



Fonte: Jéssica Lobo Sobreira, 2018.

Entretanto, além de gerar empregos, as tinturarias de São Bento vêm provocando significativos impactos ambientais, pois estas empresas são em quase sua totalidade informais e de fundo de quintal, que devido as tentativas de fiscalização a maioria está concentrada na área rural do município, se tornando as grandes responsáveis pela poluição do rio Piranhas, um dos mais importantes do estado da Paraíba. Isto fez com que alguns órgãos de monitoramento do meio ambiente interferissem no município intensificando a fiscalização<sup>64</sup> destas unidades

<sup>63</sup> Até o ano de 2019, não se tinha estimativas formais de quantas tinturarias tem no município de São Bento, mas só decorrer da pesquisa eu visitei oito tinturarias, duas delas estavam desativadas na semana da pesquisa.

<sup>64</sup> A estratégia utilizada pelos agentes públicos foi estabelecer uma multa pelos prejuízos causados no rio e negociar um acordo (Termo de Compromisso de Ajustamento de Conduta – TAC) em que os empresários das empresas formalizadas que continham tinturarias assumiriam o compromisso de instalar equipamentos para tratamento dos afluentes num período de oito a doze meses, dependendo do tamanho das empresas. Sobre esse assunto, o Poder Público não se pronunciou, omitindo a informação.

produtivas, principalmente das empresas formalizadas.

### *3.3.1 O Polo Têxtil e de Redes e seus impactos ambientais*

A cadeia produtiva da rede de dormir envolve muitas etapas, desde a transformação da pluma de algodão colhida no campo ou utilização do fio de algodão já pronto e adquirido de terceiros, até o processo de tecelagem do pano que dá origem a rede de dormir. Durante esse trajeto que culmina com a finalização da rede de dormir e sua comercialização, há um entrelaçamento de impactos ambientais que envolvem um amplo consumo de água e energia, perpassando por contaminação do solo com resíduos sólidos oriundos dos descartes inapropriados do material residual da fabricação dos tecidos. Há ainda a poluição da água através dos produtos químicos utilizados na parte de tinturaria, especialmente do Rio Piranhas-Açu que abastece o município de São Bento, além da contaminação do ar pela liberação dos produtos tóxicos necessários as etapas de produção.

Dentre os principais impactos ao meio ambiente identificados pela indústria têxtil de São Bento, podemos destacar: a lenha obtida através do desmatamento da vegetação nativa local, a Caatinga; a poluição das águas do Rio Piranhas-Açu pelo despejo de efluentes industriais que contaminam as águas subterrâneas e desequilibram o ecossistema do rio (TUCCI, 2008), poluição do ar pelos resíduos emitidos pelas indústrias e contaminação do solo pelo descarte inapropriado de resíduos industriais. Segundo o relatório da CONAMA (2002), a paisagem apresentada pelo Rio Piranhas se contorna como servidor dos depósitos de esgotos e de líquidos industriais, lixo, pecuária, agricultura e atividades gerais para uso da população, somado ao processo intenso de assoreamento. Nas figuras 14 e 15, abaixo, é possível ver os resíduos químicos das indústrias têxteis de São Bento dando um aspecto avermelhado à água do Rio Piranhas. Conforme explicitado por ARAÚJO e COSTA (2015),

O algodão é a principal matéria-prima para a indústria têxtil de São Bento. Existe uma diversidade de cores (amarelo, azul, verde, vermelho, preto, lilás, entre outros) oferecida no mercado para escolha dos produtos pelo consumidor. As fábricas têm duas opções de compra do fio de algodão: o “cru” (cor natural) e o colorido. O fio que já vem tingido possui um valor mais elevado, por esse motivo muitos donos de fábricas preferem comprar o fio com a cor natural e efetuar o processo para tingir em seu próprio estabelecimento industrial. Desse modo eles afirmam que conseguem economizar. (ARAÚJO e COSTA, 2015, p. 238)

**Figura 14** - Esgoto industrial lançado no Rio Piranhas/Açu em São Bento - PB



**Fonte:** FREITAS (2017)

**Figura 15** - Resíduo da atividade de tingimento das redes de dormir em São Bento - PB



**Fonte:** Relatório da AESA (2017)

Conforme relatório realizado pela Agência Executiva de Gestão das Águas – AESA, responsável pela fiscalização das condições operacionais da gestão das águas no estado da Paraíba, “esses despejos possuem compostos de carga química e de corantes tensoativos, metais pesados, sais, sendo os corantes compostos muito pouco biodegradáveis” (AESA, 2017, p. 19). Nesse relatório, foi possível identificar vários pontos de poluição da água, principalmente através do despejo de esgotos com resíduos industriais sem tratamento, prejudicando a fauna e

a flora local, além da atividade de agricultura familiar que utiliza a água proveniente do Rio Piranhas para irrigar o roçado. Para ARAÚJO e COSTA (2015),

O descarte dos esgotos industriais após a coloração do fio de algodão faz com que esses resíduos líquidos sejam jogados em mananciais de água, sobretudo no rio Piranhas-Açu, sem nenhum tipo de tratamento. Durante o processo de tecelagem, o fio de algodão sofre desgaste e partículas de sua fibra ficam suspensas no ar, o que prejudica a respiração dos operários, e também se acumula em grandes quantidades que configuram os resíduos sólidos industriais. (ARAÚJO e COSTA, 2015, p. 4)

O processo de beneficiamento do fio de algodão cru ocorre na própria tecelagem e também em um local destinado exclusivamente a esse fim, quando se trata da parte de tinturaria ou alvejamento já que o se necessita de um amplo espaço para os fios. Geralmente esse processo envolve três fases principais.

- primeira fase - o urdimento consiste em construir um sistema de fios paralelos, rigorosamente individualizados, de mesmo comprimento e com a mesma tensão, posicionados no sentido longitudinal na exata ordem que o tecido final exige, sendo esse sistema enrolado num eixo conhecido como rolo de urdume (SENAI, 2015).
- segunda fase: segundo o SENAI (2015) o alvejamento objetiva remover as impurezas do substrato e conferir um grau de branco com o intuito de preparar para os processos subsequentes à exemplo do tingimento ou estamparia de cores claras. Nesse intuito, o alvejamento é feito a partir de produtos como peróxido de hidrogênio, hipoclorito de sódio ou clorito de sódio.
- Terceira fase: após o fio ser alvejado ele estará preparado para o processo de tingimento. Geralmente esse processo é feito a partir do mergulho das meadas de fio urdidas em caldeiras que contém água quente e o corante. Após isso, as meadas de fio são retiradas ainda quentes e colocadas em varais para secar, conforme vistos nas figuras 16 e 17.

**Figura 16** - Madeira extraída do entorno do Rio Piranhas/Açu.



**Fonte:** Jéssica Lobo Sobreira, 2018.

**Figura 17** - Forno onde é inserida a caldeira para tingimento do fio



**Fonte:** Jéssica Lobo Sobreira, 2018.

Para ARAÚJO e COSTA (2015, p. 238), os principais impactos negativos ao meio ambiente identificados em São Bento foram “o desmatamento da vegetação nativa, Caatinga (para obtenção de lenha); poluição atmosférica (resíduo gasoso); poluição das águas (resíduos líquidos); descarte dos resíduos sólidos industriais no solo”. Os autores ainda defendem que:

Existe uma tendência que precisa ser expandida, como o reaproveitamento de restos de madeira, provenientes de serrarias e/ou madeiras para servir como lenha. Embora não reduza a poluição atmosférica, tal prática diminui o desmatamento para essa atividade. Outro aspecto positivo contra os impactos ambientais da indústria têxtil em São Bento/PB, embora essa demanda ainda seja pequena. (ARAÚJO e COSTA, 2015, p. 238).

De acordo com o Resolução 01/1986 do Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA), a definição de impacto ambiental pode ser caracterizada como:

[...] qualquer alteração das propriedades físicas, químicas e biológicas do meio ambiente, causada por qualquer forma de matéria ou energia, resultante das atividades humanas que direta ou indiretamente afetam: a saúde, a segurança e o bem-estar da população; as atividades sociais e econômicas; a biota; as condições estéticas e sanitárias do meio ambiente e a qualidade dos recursos ambientais. (CONAMA, 1986, p. 1)

Segundo dados do MDIC (2019), em 2000 foram importados da China para a indústria de São Bento 3.204 l (três mil, duzentos e quatro litros) de corantes totalizando um valor de \$ 173.413. No ano de 2004, foram 98 mil litros de soda cáustica e hidróxido de sódio e 14000 litros de corantes (\$53.271)<sup>6566</sup>, que foram lançados diretamente no solo sem nenhuma preocupação ambiental.

Na pesquisa de campo, percebeu-se que algumas tecelagens estão optando pela compra do fio já tingido, apesar do preço elevado, principalmente por dois motivos: a inexistência de espaço físico para o beneficiamento do fio e pela preocupação ambiental. Atualmente, os fios vendidos em São Bento são oriundos da Fiação Patamute (Cajazeiras, PB); da Fiação Beatriz Têxtil (Maracanaú, CE) e da China (Importados por uma empresa local de São Bento, PB).

**Figura 18** - Resíduos da indústria têxtil no Galpão da Fiação Patamute no município de Cajazeiras, PB.



**Fonte:** Disponível em: <[http://www.fiacaopatamute.com.br/materia\\_prima.htm](http://www.fiacaopatamute.com.br/materia_prima.htm)> Acesso em março 2019.

A expansão da atividade industrial de São Bento não foi planejada no âmbito da infraestrutura da cidade, principalmente por ter sido um processo que aconteceu de forma “espontânea” e a princípio sem nenhum planejamento por parte do Estado. Dessa maneira, não

<sup>65</sup> Disponível em: <http://www.mdic.gov.br/>. Acesso em dez. 2018.

<sup>66</sup> O MDIC não desmembrou as importações oriundas da China na última década.

houve uma área destinada ao setor industrial, sendo a maior parte das fábricas instaladas na área residencial, causando alguns entraves: já que a fábrica não consegue expandir sua estrutura e ao mesmo tempo, a população que reside próximo as fábricas tem grande contato com os agentes poluentes e com os ruídos emitidos pelo funcionamento dos teares.

No próximo capítulo analisamos a dinâmica local da produção de redes de dormir, a caracterização das unidades produtivas, seus sujeitos e a ressignificação do trabalho familiar, mostrando as linhas que unem o rural e o urbano na confecção de redes de dormir.

\*\*\*

## CAPÍTULO 4

### "ENTRE O ROÇADO E A REDE": A DINÂMICA DA PRODUÇÃO FAMILIAR



Família fazendo o caré da rede de dormir em São Bento, PB.  
Foto: Jessica Lobo Sobreira, 2018.

#### **4 “ENTRE O ROÇADO E A REDE”: A DINÂMICA DA PRODUÇÃO FAMILIAR NA CONFECÇÃO DE REDES DE DORMIR EM SÃO BENTO - PB**

Neste capítulo são apresentados e discutidos alguns dos resultados da pesquisa de campo sobre a configuração do trabalho familiar nas unidades de produção de redes de dormir, concentradas na área urbana e rural do município de São Bento, PB. Conforme ressaltamos, a zona rural do município se apresenta interligada à área urbana; o município se originou a partir do desenvolvimento da agricultura, cujos produtos eram vendidos nas feiras sendo muitas vezes impossível de definir os limites entre o rural e o urbano. A produção de redes de dormir em São Bento é formada basicamente por pequenas unidades produtivas, que se realizam dentro do próprio espaço doméstico ou em espaços construídos próximos às suas casas, além de algumas fábricas de porte grande e médio, mas tendo, geralmente, o trabalho familiar como base. A construção deste capítulo privilegiou as falas dos sujeitos, através das entrevistas realizadas, pelas quais buscamos apreender as características do trabalho produtivo e reprodutivo bem como as suas interfaces com a globalização e as modificações causadas neste trabalho a partir da interferência ocasionada com a introdução das importações chinesas. Nesse contexto procuramos compreender a dinâmica local, nos detendo nas características gerais da configuração dessas unidades produtivas baseadas no trabalho familiar para compreender processos de organização da produção e do trabalho e as dimensões de gênero implicadas nos papéis que os homens e as mulheres desempenham nesses espaços.

##### **4.1 Um olhar sobre a dinâmica local**

Antes de nos determos a uma análise sobre o funcionamento das unidades produtivas, descreveremos a dinâmica da confecção de redes de dormir e da comercialização na feira da pedra. A feira da pedra era o local original da comercialização, mas desde junho de 2018 passou para um espaço construído em parceria com o governo do estado da Paraíba e empresários locais. A consolidação do município de São Bento enquanto Polo Têxtil e de Redes ocorreu por volta da década de 1990, pois até então o município tinha sua economia baseada na agricultura e pecuária, envolvendo, principalmente, o plantio de milho, feijão e algodão. No sertão, o cultivo do algodão era comum no período pré-colonial, sendo utilizado pelos índios na fiação de tecidos. OLIVEIRA (1993, p. 46) expõe que: “O Nordeste semiárido é ecologicamente propício à produção do algodão de fibra longa, conhecido ali como algodão- mocó ou Seridó”. De acordo com MOREIRA e TARGINO (1997), no final do século XVIII, fatores externos

como o crescimento do progresso técnico da indústria têxtil inglesa, o aumento da demanda do mercado internacional; e o afastamento dos EUA do mercado mundial, devido à Guerra de Secessão; fizeram com que o algodão passasse a ter destaque na economia paraibana. OLIVEIRA (1993) afirma que:

O Nordeste agrário não-açucareiro converte-se num vasto algodoal, desde o Maranhão à Bahia. Não é a “plantation”, porém, a estrutura de produção dessa nova mercadoria; esse vasto algodoal é na verdade constituído pela segmentação sem fim de pequenas e isoladas culturas. A rapina internacional encontra terreno próprio à constituição de uma estrutura de produção em que o capitalismo internacional domina a esfera financeira de circulação, deixando a produção entregue aos cuidados de fazendeiros, sitiantes, meeiros, posseiros. Emerge aqui a estrutura fundiária típica do latifúndio: o fundo de acumulação é dado pelas 'culturas de subsistência' do morador, do meeiro, do posseiro, que viabilizam por esse mecanismo, um baixo custo de reprodução da força de trabalho e, portanto um baixo valor que é apropriado à escala de circulação de mercadorias, sob a égide das potências imperialistas (OLIVEIRA, 1993, p. 47).

O algodão passa a ser cultivado no sertão, tanto nas grandes fazendas de gado, como também nos lotes de terra menores, ocupados pelos vaqueiros e pequenos produtores de alimentos. O algodão era cultivado em consórcio com a pecuária e com as culturas de subsistência. De acordo com MOREIRA & TARGINO (1997):

Com a consolidação da cotonicultura no Sertão, estabelece-se a combinação gado- algodão-policultura, trinômio, marco da organização do espaço agrário sertanejo paraibano, até a metade do século XX (MOREIRA & TARGINO, 1997, p.77).

O declínio da cultura do algodão se dá por volta do final da década de 1940, quando entra em cena o algodão produzido no centro-sul do país, economicamente mais competitivo, devido à redução dos custos de produção ocasionados pela mecanização das lavouras. Diferentemente do que aconteceu em outros Polos Têxteis, que se constituíram a partir de uma atividade que já envolvia a costura, como por exemplo o Polo de Confecções de Pernambuco VÉRAS DE OLIVEIRA (2011); (ANDRADE (2017) na região do sertão paraibano a agricultura se constituía enquanto uma especialidade da população local e devido ao período seco, foi ficando cada vez mais difícil sobreviver dessa atividade.

NUNES (2010, p. 24), acrescenta que “nesse contexto, a praga do bicudo (que também sempre existiu) foi apenas um pretexto para justificar a crise do algodão, relacionada principalmente com a incapacidade de concorrer a nível regional e mundial”. Dessa maneira, o trinômio gado-algodão-policultura perde um de seus pilares. Para MENEZES (1985), no

contexto da queda da produção de algodão no sertão paraibano, as grandes propriedades se voltaram para a criação de gado e as pequenas propriedades para a produção de subsistência, como, também, para a criação de gado, porém em menor escala. As migrações para o Sudeste, iniciadas na década de 1930, com o processo de industrialização, se intensificam nesse período, como uma forma dos trabalhadores buscarem um meio de sobrevivência vendendo sua força de trabalho. Vale destacar que no Nordeste o ato de migrar não constitui uma fuga, mas sim resistência (SCOTT, 1986).

Devido a região de São Bento possuir tradição no plantio de algodão, os moradores locais sempre utilizaram essa matéria-prima para fabricarem as redes de dormir, primeiramente para o seu próprio uso e depois para a comercialização, tendo essa prática se intensificado após a crise do algodão, enquanto uns municípios do sertão paraibano migraram para a criação de gado o município de São Bento intensificou a fabricação de redes de dormir, principalmente dos agricultores familiares. Seu Cláudio mostra um pouco dessa dinâmica da agricultura e da produção de redes de dormir:

[...] pra mim a vida é a agricultura, a vida é no roçado. Eu nunca fui de ter muita terra para plantar mas eu tô aqui no sítio, resistindo e plantando o meu roçado porque a agricultura faz parte de mim. Hoje eu tenho 72 anos e desde que eu me entendo por gente na minha casa a gente sempre fez rede de dormir. A gente morava uma casa pequena e éramos treze filhos naquela época, as coisas eram muito difíceis, então cama era uma coisa para rico e também para quem tinha muito espaço.

Cada um de meus irmãos tinha uma rede feita pela nossa mãe e conforme a gente foi crescendo a gente também ajudava. Devido às circunstâncias e a dificuldade daquela época cada um só tinha uma única rede quando a gente acordava a gente dobrava e desarmava a rede a noite para dormir. quando eu e meus irmãos vamos crescendo e passamos ajudar na agricultura quando o período estava seco e não tinha plantação a gente inventou de começar a fazer rede então no final da tarde depois de limpar o roçado gente chegava em casa e fazer rede naquela época não tinha muita coisa para fazer: não tinha televisão, energia elétrica era uma raridade quando ver ter energia eu já era um moleque já, então a gente fazia tudo no tearzinho de pau, esse tear foi meu pai que fez, um dos vizinhos tinha esse tear que por sua vez já tinha copiado de outro e assim os outros saíram copiando.

(Entrevista realizada com Seu Cláudio, em janeiro de 2019).

Seu Cláudio informa ainda que o tear era construído pelas próprias famílias a partir da madeira encontrada localmente:

[...]O tear era feito pela gente mesmo meu pai pegava a madeira no mato e construía o tear. E todos nós ajudávamos com uma função eu sei fazer varanda por exemplo, minha mãe me ensinou e eu precisava ajudar na roça e além disso não havia produção de redes mas era uma dificuldade... a gente passava um mês

para conseguir ter uma rede para vender na feira quando muito a gente conseguia era duas redes e a gente não tinha dinheiro para produzir mais o processo era muito lento. Conforme a agricultura foi ficando mais fraca e a gente não tinha muito que vender, o contexto eram os sítios de fome, e a gente começou a vender as redes que a gente conseguia fazer durante um mês para vender na feira junto com que sobrava do nosso roçado... a feira que a gente chama de pedra porque era feita na pedra quente sem sem nenhum tipo de cobertura do jeito que a gente chegava do roçado com os legumes enrolados no pano de rede e jogava em cima da pedra do paralelepípedo.

Começou assim chegou o momento que a gente trazia o que tinha da agricultura e uma rede ou duas as pessoas foram vendo isso e também começaram a fazer aos poucos a agricultura foi enfraquecendo e na pedra, como a gente chama até hoje, foi ficando mais rede do que agricultura e aos poucos foi entrando outras coisas conforme foi se modernizando e o tempo foi passando hoje a feira da pedra vem de todo tipo de coisa inclusive coisa importada que prejudicou muito o nosso comércio, antigamente não tinha essas coisas.

(Entrevista realizada com Seu Cláudio, em janeiro de 2019).

Assim como mostrado no depoimento de Seu Cláudio, a costura e a fabricação de redes de dormir eram feitas apenas para o próprio consumo, aliada à baixa capacidade de prover a sobrevivência da população rural na agricultura de subsistência -principalmente devido aos aspectos geográficos locais e as zonas estiagens que a região enfrenta até hoje – possibilitaram que as atividades do “ramo da rede” comessem a se consolidar no município. Isto ajudou a consolidar o município de São Bento como um grande produtor de redes de dormir, por falta de alternativa à agricultura.

O Quadro 3 (próxima página), apresenta a produção da lavoura de feijão e milho em um período de dez anos. Através das informações obtidas, percebe-se uma oscilação na produção com um decréscimo mais acentuado nos últimos anos. Os anos de 2012 e 2013 expressam momentos em que a seca atingiu, de forma mais significativa, a produção como se pode ver na relação entre área plantada e quantidade produzida.

**Quadro 3 - Produção de Milho e Feijão São Bento (PB) - 2010 a 2018\***

PRODUÇÃO AGRÍCOLA DE SÃO BENTO – LAVOURA TEMPORÁRIA									
Milho (em grão)	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Área colhida	260 hectares	330 hectares	0	-	140 hectares	-	-	250 hectares	220 hectares
Área plantada	260 hectares	330 hectares	250 hectares	-	200 hectares	168 hectares	180 hectares	250 hectares	220 hectares
Quantidade produzida	65 toneladas	99 toneladas	0	-	140 toneladas	-	-	50 toneladas	132 toneladas
Rendimento médio	250 Kg/Hectare	300 Kg/Hectare	0	-	1.000 Kg/Hectare	-	-	200 Kg/Hectare	600 Kg/Hectare
Valor da produção	26 mil reais	59 mil reais	0	-	84 mil reais	-	-	30 mil reais	92 mil reais
Feijão (em grão)	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Área colhida	490 hectares	350 hectares	0	-	315 hectares	180 hectares	250 hectares	300 hectares	320 hectares
Área plantada	490 hectares	350 hectares	350 hectares	-	350 hectares	180 hectares	250 hectares	300 hectares	320 hectares
Quantidade produzida	29 toneladas	171 toneladas	0	-	189 toneladas	22 toneladas	20 toneladas	54 toneladas	128 toneladas
Rendimento médio	59 Kg/Hectare	489 Kg/Hectare	0	-	600 Kg/Hectare	122 Kg/Hectare	80 Kg/Hectare	180 Kg/Hectare	400 Kg/Hectare
Valor da produção	52 mil reais	342 mil reais	0	-	284 mil reais	48 mil reais	76 mil reais	151 mil reais	205 mil reais

**Fonte:** IBGE – Produção Agrícola Municipal (2020)

\*Não há dados no sistema IBGE sobre os anos 2018 e 2019.

Elaboração: Jessica Lobo Sobreira.

Contudo, um olhar mais atento revela que entre essas oscilações decorrentes da estiagem, apresenta um aumento do rendimento de grãos por hectare, quando a quantidade de área plantada tem diminuindo (mais nitidamente no caso do milho) ou permanecido relativamente estável. Informações colhidas durante a pesquisa de campo registraram que ao longo dos anos a prática de trabalho nas terras de outras pessoas e o trabalho alugado, reduziu-se drasticamente. Essas informações podem sugerir que a produção desses grãos começa a se concentrar cada vez mais em poucas propriedades e os pequenos produtores rurais encontram mais dificuldades em dar continuidade à produção agrícola ou mesmo em garantir níveis de produção iguais a de anos anteriores. Considero que esses fatores exercem algum nível de influência na expansão de atividades não-agrícolas nas áreas rurais e na opção por trabalhos nas cidades, sejam de forma pendular ou como deslocamentos definitivos.

Com o passar do tempo, o município de São Bento foi se estabelecendo enquanto Polo produtor de redes de dormir e, assim, o município que antes funcionava como um pequeno reservatório de mão de obra para as áreas canavieiras da circunvizinhança e também para o centro sul do país, foi se inserindo cada vez mais na produção de redes de dormir; acentuando a migração do campo para a cidade; e aos poucos, São Bento foi se tornando uma das regiões receptoras de mão de obra chegando a ser conhecido popularmente, enquanto o município cujo índice de desemprego é zero, mas, principalmente pelas relações de trabalho informal que são maioria no município.

Em meio a esse contexto, cada vez mais, o setor rural foi se esvaziando, havendo, portanto, um fluxo migratório do campo para a cidade. Nesse processo, a estrutura econômica do município foi sendo reconfigurada e a sua população foi se adaptando à nova realidade local, a estrutura social foi sendo modificadas, de acordo com os dados obtidos na nossa pesquisa de campo. Alguns fatores merecem ser destacados. O crescimento das cidades levou à expansão e consolidação de atividades não-agrícolas que substituem a mão de obra na agricultura e pecuária. O aumento populacional rural se relacionou com a decrescente atividade agrícola, o que configurou em um expressivo crescimento das áreas urbanas. O Quadro 4 (abaixo) permite ver a taxa de crescimento na região e no município ao longo dos anos. Segundo estes dados, tanto na microrregião como no município há um grande crescimento da população residente nas áreas urbanas e uma queda nas áreas rurais, mais acentuada na década seguinte.

**Quadro 4 - População Residente (Pessoas)  
Ano X Situação do Domicílio**

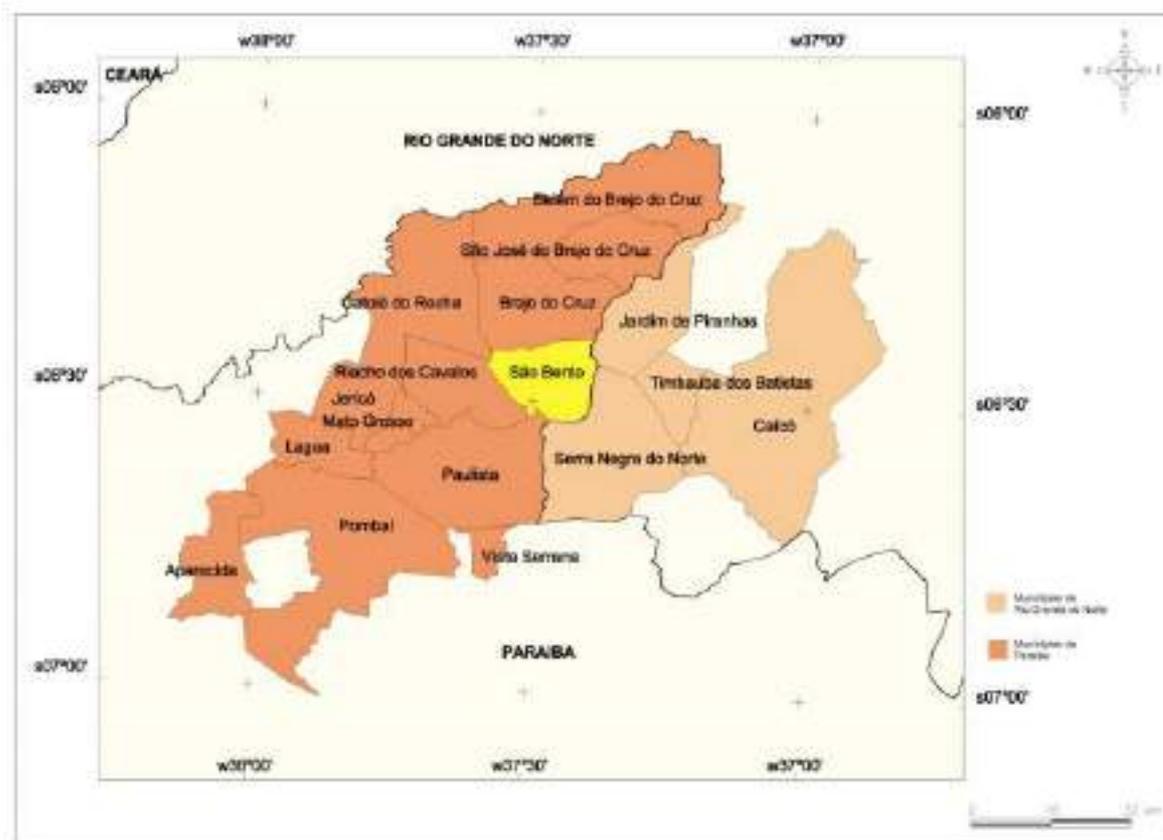
<b>Microrregião de Catolé do Rocha – PB</b>			
<b>Ano</b>	<b>Total</b>	<b>Urbano</b>	<b>Rural</b>
<b>1970</b>	-	-	-
<b>1980</b>	-	-	-
<b>1991</b>	106.010	53.519	55.491
<b>2000</b>	107.261	67.082	40.179
<b>2010</b>	116.056	81.402	34.654
<b>São Bento - PB</b>			
<b>Ano</b>	<b>Total</b>	<b>Urbano</b>	<b>Rural</b>
<b>1970</b>	10.975	3.618	7.357
<b>1980</b>	14.608	6.449	8.159
<b>1991</b>	21.579	13.323	8.259
<b>2000</b>	26.225	20.277	5.948
<b>2010</b>	30.879	25.040	5.839

**Fonte:** IBGE - Censo Demográfico (2020)  
Elaboração: Jessica Lobo Sobreira

São Bento se projetou enquanto um Polo Têxtil, através do esforço de adaptação de uma realidade totalmente voltada para a agricultura familiar, utilizando-se dos recursos disponíveis - que àquela época eram a plantação de algodão e a mão de obra local misturando-se o rural e o urbano, com esforço de atender a demanda de um produto que não era feito pelas demais cidades circunvizinhas e que aos poucos começou a fazer parte de toda a extensão do município. Nesse sentido, São Bento apresenta-se inovando dentro de uma configuração do

que vai se tornar posteriormente o que foi conhecido como Polo Têxtil e de Redes de Dormir de São Bento<sup>67</sup>, formado por São Bento e os seus municípios circunvizinhos (Mapa 2).

**Mapa 2** – Municípios que integram o Polo Têxtil e de Redes de Dormir de São Bento, PB



**Fonte:** CARNEIRO (2011).

Como se configura até hoje, a formação das primeiras unidades produtivas foi feita de maneira “espontânea”, pois geralmente em cada casa havia um tear de pau para se fazer as redes de dormir e também para atender as necessidades reprodutivas da família. Aos poucos as casas foram dando lugar à produção de redes de dormir, alicerçada no trabalho familiar e assim foi se substituindo os teares de pau, por maquinários mais modernos, prevalecendo desde à sua origem, atividades de fragmentação do processo produtivo distribuído entre tecelagens que é onde se fabrica o tecido da rede de dormir e a parte do acabamento, onde a rede ganha forma. No depoimento abaixo é possível identificar na fala de Seu Charles:

Para quem vivenciou esse momento inicial em que São Bento estava se constituindo enquanto Polo Têxtil, aos poucos viu o município ficar cada vez

<sup>67</sup>Atualmente o município não produz apenas redes de dormir, mas também as mantas de dormir feitas com o pano da rede e a parte têxtil de cama mesa e banho.

mais atrativo, não só para a gente que morava aqui no município, mas principalmente para os trabalhadores das demais regiões. Porque se instalou uma curiosidade para saber como São Bento estava produzindo dinheiro no meio da escassez do Sertão e que ganhou a fama que as redes de São Bento estavam ganhando o mundo. Então o pessoal que tinha se ausentado da região para ir trabalhar no corte de cana ou então tinha feito a migração para o sul pensando em vencer na vida e ganhar algum dinheiro, ajudar a família estavam voltando pelo sonho da independência financeira principalmente porque fazer a rede não era muito difícil e aos poucos foi vindo gente de outras regiões e se instalando na cidade com intuito de aprender a fazer a rede e também ganhar dinheiro.

[...]

O ruim nessa época foi que a moradia ficou muito cara, porque já não tinha mais casa disponível para ser alugada, então os preços do aluguel aqui em São Bento dispararam muito na época, mais ou menos entre os anos 1990 e 1992, a prefeitura prometeu que ia construir um conjunto habitacional popular para ter estrutura de receber essas pessoas [...] mas esse conjunto demorou a ficar pronto e enquanto isso era a maior dificuldade em encontrar uma casa em São Bento para ser alugada e quando encontrava era um preço muito alto. Naquela época se juntavam quatro, cinco trabalhadores alugavam uma casa pequena e às vezes teve lugar que ficavam seis, sete pessoas numa casa. Muitas famílias migraram para cá principalmente o pessoal das regiões aqui vizinha: Brejo do Cruz, São Bentinho, Patos tinha gente de todo lugar. Eu mesmo recebi várias pessoas para ensinar a usar o tear, então no começo eu empregava eles para encher espola, que era uma coisa mais fácil né? Naquela época não era que nem hoje que a gente enche espola na máquina de encher e em 5 minutos, enche aí várias espolas da urdideira naquela época era tudo manual. (Entrevista realizada com Seu José Charles em agosto, 2018).

São Bento foi se tornando assim cada vez mais atrativa não só para os moradores mas também, para todos os trabalhadores das demais regiões porque bastava dispor de vontade de aprender a manusear um tear ou então saber costurar para dar início a uma nova unidade produtiva e assim começar a ter seu próprio dinheiro. As transformações que foram moldando o contexto urbano se deram de tal maneira que quando chegamos a São Bento, a primeira impressão é de uma cidade que não para nunca no meio do sertão. Conforme a fala do prefeito durante a inauguração do Shopping das Redes: “São Bento é uma cidade no meio do nada que tem fábricas que trabalham 24 horas em três turnos e que nunca param”<sup>68</sup>. Na cidade, o barulho dos teares é constante e a produção de redes de dormir feita através das suas tecelagens, estão presentes em quase todas as ruas principalmente, na sala de casa ou no quintal, seja em unidades melhores estruturadas enquanto fábricas de porte médio ou grande ou então ocupando uma grande maioria dos espaços domiciliares locais. O barulho intenso provocado pelo funcionamento incessante dos teares e a grande quantidade de sobras de material têxtil presentes nas proximidades das “fábricas” permite que a cidade - principalmente no período da manhã

---

<sup>68</sup> Fala do prefeito de São Bento durante a abertura do Shopping das Redes.

onde quase não há tráfego de veículos – adquira um contexto que lembra os filmes e as descrições sobre o período da Revolução Industrial. O barulho era ouvido praticamente de onde quer que estivéssemos, ganhando forma, à medida que nos aproximávamos de cada casa ou de cada “galpão”, que sempre se encontravam abertos com o intuito de facilitar a circulação de ar e melhorar a iluminação.

O movimento da cidade de São Bento gira em torno da produção e comercialização das redes de dormir e dos produtos têxteis (cama, mesa e banho). Assim, quase todos os seus habitantes encontram-se envolvidos em alguma atividade em meio a essa dinâmica, seja diretamente em algum momento da produção ou da comercialização, ou indiretamente fornecendo o suporte necessário para que a produção aconteça, como o conserto de máquinas de costura e também de teares, armarinhos de linhas, fios e cordões, entre outros. O município conta ainda com alguns empreendimentos que não estão diretamente vinculados com a produção de redes de dormir, necessários para a dinâmica local funcionar como pousadas, padarias, lanchonetes, mercados, restaurantes, lojas comerciais, entre outros.

À medida que a feira local<sup>69</sup> foi ganhando expressividade, a cidade foi cada vez mais se especializando na produção de redes de dormir e dessa forma, atraindo pessoas de outros municípios circunvizinhos que começaram a vir à São Bento para comprar as redes e revender em suas cidades. Com essa dinâmica acontecendo, a procura pelas redes e produtos têxteis comercializados foi aumentando, fazendo com que os produtores de redes de dormir comesçassem também a produzir outros produtos, principalmente do segmento de cama, mesa e banho (segmento popularmente chamado de miudezas), possibilitando que atualmente, o município de São Bento se destaque, não somente pela produção de redes de dormir, mas também pelo grande número de vendas destinado ao setor têxtil.

Os dias de maior movimento na cidade são sempre os três dias que antecedem a feira da pedra - pois é neste momento que precisa se cobrar as redes que foram enviadas para o [setor de] acabamento. Ao conversarmos sobre o trabalho de acabamento das redes que são destinadas à feira, D. Lídia, uma feiticeira<sup>70</sup> local, nos falou o seguinte:

---

<sup>69</sup>Na ocasião da pesquisa de campo, a feira local acontecia na madrugada do domingo para a segunda-feira se estendendo até às 17 horas. Como a pesquisa de campo se iniciou com em 2015 com as primeiras visitas exploratórias, pudemos acompanhar o momento de transição da Feira da Pedra que ficava localizada no centro da cidade até o espaço privado intitulado “Shopping das Redes”, na saída da cidade.

<sup>70</sup>Pessoa encarregada de realizar manualmente, alguns processos da fase de acabamento das redes, como por exemplo: entrançar, torcer, casear, passar mamucaba, fazer varanda ou franja.

As redes que vão pra feira, são redes populares, aqui a gente chama de “rede fraca” ela não é pesada, [me mostrando a rede e fazendo menção ao peso], tem um acabamento simples, geralmente a gente aprega franja que é mais barato, principalmente depois que a China chegou aqui e a gente precisa baratear o nosso produto, ainda mais [silêncio].

Antigamente a gente fazia também *apregando* a varanda industrial, essa aqui que você tá vendo, mas hoje em dia tá saindo mais a rede de franja, a gente só faz mais com a varanda “de máquina” quando o cliente encomenda, mas pra levar pra feira tem que ser a mais simples que tem, porque aí a gente consegue fazer em maior quantidade é mais rápida, principalmente porque não tem muita qualidade, as vezes a costura tá torta, o caré<sup>71</sup> não tá bem feito, mas como elas são muito baratas o nosso foco acaba sendo a quantidade, principalmente pra compensar o tempo que a gente gasta fazendo as varandas artesanais... a gente precisa fazer as redes populares e outros serviços como a pintura pra poder sobreviver mesmo com o trabalho das varandas... (Entrevista realizada com D. Lídia em dezembro de 2018, grifo nosso).

Essa etapa de finalização/acabamento seja ele industrial ou artesanal<sup>72</sup> envolve todos os membros da família e vizinhos mais próximos. Nessa etapa, é comum as crianças ajudarem, principalmente fazendo o caré. Nos momentos de correria, as crianças são incentivadas a desempenhar pequenas funções. Gostaria de ressaltar aqui, que diferente dos focos de trabalho infantil que foram identificados no Polo de Confecções de Pernambuco (SOBREIRA, 2011, 2014; VÉRAS DE OLIVEIRA e BRAGA, 2014), a realidade encontrada no Polo Têxtil e de Redes de São Bento sobre o trabalho infantil foi diferente: a maioria dos homens e mulheres que são adultos atualmente trabalharam no “ramo da rede” desde crianças, no entanto, a maioria dos entrevistados tem incentivado os filhos a seguirem seus estudos, já que o trabalho da rede oferece pouca remuneração.

Assim, nos dias que antecedem a feira são muito importantes para as unidades produtivas, envolvendo todos os familiares, com o intuito de dar conta da produção e das encomendas até o dia da feira. Dependendo da quantidade de encomendas que se tinha para entregar, era comum ficar até tarde da noite executando o acabamento das redes de dormir. Nesse momento é muito comum os vizinhos irem ajudar no trabalho, sem cobrar nenhuma quantia, e esse favor costuma também ser retribuído quando é necessário. Além disso, foi identificado, em várias situações, em que uma feiteira A, não conseguiu finalizar a quantidade de redes necessárias, recorrer a outra feiteira B, que estava com o acabamento adiantado e não

<sup>71</sup> Processo de acabamento da rede que ocorre paralelamente ao empunhamento, o chamado “botar o caré” corresponde à colocação de um revestimento com fio nas extremidades dos cordões da rede que vão ser encaixadas nos armadores ou tornos.

<sup>72</sup> Estamos chamando aqui de acabamento industrial o que se utiliza da máquina de costura para realizar o acabamento, como pregar as varandas de máquina, que são as varandas já compradas prontas. Essas varandas são fabricadas por empresas de São Bento.

tinha encomenda para a feira atual, e esta (B), emprestar sem nenhum custo monetário as redes necessárias à complementação do pedido da feiteira A, que logo quando possível terminaria o acabamento da mesma quantidade de redes emprestada e devolveria a feiteira B.

Essas relações comerciais e de solidariedade baseadas em laços de afinidade entre as feiteiras é muito comum em todo o município sendo realizadas, frequentemente, com o intuito de não perder a feira - no sentido do cliente que vem de longe não dispor da quantidade de redes encomendada. Foi observado que essas “estratégias” conseguem driblar um pouco da concorrência com os produtos chineses, pois permite uma velocidade maior de produção, podendo ser caracterizado como um trabalho cooperativo, que funcionaria enquanto estratégias associativas, mas que não se tem essa noção de significado de cooperativa entre as feiteiras, podendo ser essa uma alternativa de concorrer de forma mais igualitária com os produtos de origem chinesa, principalmente possibilitando alguma forma de inserção no mercado interno e externo.<sup>73</sup>

Assim, fomos adentrando com o olhar crítico na organização e funcionamento dessas unidades produtivas para compreendê-las melhor. Desta forma, passaremos a colocar como surgiram, caracterizavam-se e funcionavam as unidades familiares de fabricação de redes de dormir, enquanto espaços produtivos e familiares, ao mesmo tempo, e que constituíram o foco de nosso interesse.

#### 4.2 Caracterização, origem e funcionamento das unidades produtivas

[...] eu acho bom porque se não fosse a rede aqui em São Bento, seria bem mais parado e a rede dá uma possibilidade de uma vida diferente. Eu nunca pensei em estudar porque o sonho de todo mundo aqui na minha época conseguir trabalhar no tear [...] a gente não tinha outra possibilidade, a melhor coisa que a gente tinha aqui é trabalhar no ramo da rede e é assim desde que eu era criança quando eu ajudava a minha mãe e sempre ganhava meu dinheirinho...

(Entrevista realizada com D. Helen, em novembro de 2018)

Conforme o depoimento de D. Helen, a fabricação de redes de dormir está em toda parte, espalhada nas ruas da área urbana e na área rural. É difícil encontrar alguma casa que não

---

<sup>73</sup>Sobre esse assunto, percebeu-se que os donos das grandes empresas se articulam para que não seja possível uma articulação entre as feiteiras, que são a mão de obra fundamental do processo de fabricação de redes, mas que individualmente elas não possuem noção do valor do trabalho delas dentro do processo de fabricação de redes de dormir.

presta serviço para alguma empresa maior ou que não trabalha fazendo varanda ou alguma atividade ligada ao “ramo da rede”. É raro em São Bento encontrar uma casa em que os seus membros não estejam envolvidos nas atividades voltadas para a produção de redes de dormir, principalmente, porque mesmo as pessoas que trabalham no comércio ou em outras atividades não ligadas ao ramo da rede, sempre realizam alguma demanda que envolve o ramo da rede, seja um bordado seja uma varanda para ganhar alguma renda extra e assim complementar o salário que ganha no comércio formal, como o depoimento de Blanche que é balconista em uma farmácia local e nos “horários livres” realiza algum trabalho ligado a rede de dormir:

menina se eu disser que eu conheço alguém que não trabalha no ramo da rede eu estou mentindo, viu? Eu vou trabalhar na farmácia só para ter o salário fixo e a carteira assinada, mas quando eu chego em casa eu vou ajudar minha mãe. Já tenho aquela quantidade de rede que eu faço então toda semana quando eu tô cansada pelo menos eu ajudo a terminar uma varanda por exemplo porque a varanda é muito demorada e praticamente é trabalho de mulher porque só mulher faz um trabalho minucioso desses...Tem que ter muita paciência às vezes também eu gosto das redes eu já bordei tanto que eu sei todos os pontos decorados assim sabe o desenho imenso mas de tanto que eu já bordei eu sei todos os pontos decorados.

(Entrevista realizada com Blanche, em outubro de 2018).

A rede de dormir é fabricada em duas etapas: a *primeira* é a tecelagem onde é fabricado o tecido da rede de dormir, predominando em quase sua totalidade a mão de obra masculina e a *segunda* é o processo de acabamento, que geralmente tem como características principais o trabalho domiciliar e realizado em sua maioria por mulheres. Nas figuras 19, 20 e 21 (próxima página), é possível visualizar uma das primeiras etapas da tecelagem, que é o urdimento dos fios que dará origem ao tecido da rede de dormir.

**Figura 19** - Rolo da urdideira elétrica para urdimento dos fios feita pelos próprios artesãos a partir do aro de roda de bicicleta e madeira.



Fonte: Jéssica Lobo Sobreira, 2018.

**Figura 20** - Fios urdidos na urdideira, visualizando as suas meadas.



Fonte: Jéssica Lobo Sobreira, 2018.

**Figura 21** - Tecedor terminando de emendar as meadas na urdideira.



Fonte: Jéssica Lobo Sobreira, 2018.

A formação das primeiras unidades produtivas ocorreu através do aproveitamento de teares que são rejeitados pelas fábricas têxteis de São Paulo e comprados pelos fabricantes de redes de São Bento como sucata. Seu Quincas, na entrevista abaixo, conta um pouco dos percalços que aconteceram quando os teares que foram trazidos da indústria paulista começaram a quebrar, visto que foram importados os teares elétricos para a indústria de São Bento mas não houve nenhuma preocupação com a capacitação de pessoas para realizar a manutenção dessas máquinas.

**[Seu Quincas]** Foi muito interessante quando os teares começaram a se modernizar aqui em São Bento... O povo acha ruim mas eu digo que a gente era tudo matuto porque a gente não sabia como usar direito os teares que chegaram de São Paulo. Aí foi muito engraçado, quando os teares começaram a dar defeito porque já eram teares muito desgastados e ninguém sabia consertar.

**[Jessica]** Trouxeram os teares, mas não investiram na capacitação...

**[Seu Quincas].** Exatamente isso, ninguém pensou que os teares iriam quebrar. Aí nesse período a gente teve uma queda muito grande da produção, porque a gente não tinha mais os teares de pau nem tinha mais como dar conta da produção com o tear de pau que ainda fabricava as redes de três panos...

Aí eu tive uma ideia, eu tinha um ferro velho de carro e já estava parado há muito tempo aí eu pensei já existe o ferro velho para carro porque a gente não inventa um ferro velho para os teares? Só que aí me veio a primeira questão como é que eu vou montar um ferro velho para tear se eu também não sei consertar o tear [...] Aí eu juntei o dinheiro que eu tinha, peguei emprestado com quem eu conhecia e fui embora direto para São Paulo ver como era que se consertava esses teares...

[...]

Só o que São Paulo você imagina né, quando você chegar lá você não é ninguém aí eu peguei e cheguei lá me identifiquei fui com a roupa do corpo e mal tinha o dinheiro para voltar para casa... Aí eu cheguei lá e perguntei onde é que ficava os lugares que consertava terra e cheguei lá e disse: **olha eu vim da Paraíba, a gente comprou uns teares que foram descartados aqui em São Paulo, só que esses teares quebraram e ninguém sabe consertar, e a produção tá parada então eu vou ficar aqui vocês vão ter que me ensinar a consertar...** Aí os cara vai ficaram assim sem querer que eu ficasse lá na oficina deles né? mas eu também não tinha pra onde ir... Eu sei que eu passei uns 20 dias olhando como é que eles consertavam e acabei aprendendo alguma coisa e ainda trouxe comigo pra Paraíba algumas peças de lá. Quando eu cheguei eu encostei as peças do meu ferro velho de carro porque não tava dando mais dinheiro e comecei a consertar os teares.

Hoje em dia a gente já sabe mais ou menos o nome das peças, já chega o pessoal aqui trazendo a peça que quebrou pra ver se eu tenho outra igual. Depois de mim o pessoal foi mexendo e desmontando os teares por conta própria, principalmente os que quebravam mais, desse jeito a gente vai aprendendo e hoje todo mundo aprendeu a consertar os teares só de mexer mesmo...

(Entrevista realizada com S. Manoel, janeiro de 2019, grifo nosso).

O relato de S. Quincas trouxe o processo da inserção dos teares mecânicos em 1983 para São Bento, substituindo os teares de madeira manuais utilizados no início da fabricação de redes de dormir no município. Atualmente esses teares de madeira são utilizados por algumas pessoas para a confecção de tapetes artesanais (Figura 22 e 23 abaixo). AZAIS (1986) cita que em 1983 a atividade de manufatura das redes de dormir era bastante precária e ainda estavam acontecendo os primeiros investimentos. Além disso, conforme citado por AZAIS (1986), nessa época a cidade teve um grande problema de qualificação em que se necessitava de mão de obra qualificada para os serviços de manutenção dos teares mecânicos, tendo sido necessário recorrer à ajuda do SENAI.

**Figura 22** – Tecelão usando o tear de três panos para confecção de tapetes artesanais.



**Fonte:** Jéssica Lobo Sobreira, 2019.

**Figura 23** – Detalhe do tear de três panos.



**Fonte:** Jéssica Lobo Sobreira, 2019.

O momento do acabamento é quando todos os membros da família são envolvidos no processo produtivo, com exceção dos homens que quase sempre ficam restritos ao serviço de tecelagem. A fase acabamento é dividida em dois tipos principais: o acabamento “industrial” em que todo o processo é feito com as máquinas de costura e o acabamento “manual” em que

todas as etapas que o envolvem são feitas à mão sem utilização de máquina de costura. Os preços praticados em 2019 eram esses visualizados nos **Quadros 5 e 6**:

**Quadro 5** - Valores praticados em São Bento para o “acabamento industrial” – 2019

	<b>descrição do serviço</b>	<b>valor</b>
1	Botar a cabeça/Enfiar cabecinha	R\$ 0,40
2	Passar o ponto	R\$ 0,20
3	Caseado	R\$ 0,30
4	Mamucaba	R\$ 0,30
5	Botar a franja ou varanda	R\$ 0,20
6	Empunhar	R\$ 0,90

**Fonte:** Elaboração própria a partir de dados da pesquisa. Jéssica Lobo Sobreira, 2019.

**Quadro 6** - Valores praticados em São Bento (PB) para o “acabamento manual”- 2019

	<b>descrição do serviço</b>	<b>valor</b>
1	Torcer a cabeça	R\$ 0,80
2	Passar o ponto	R\$ 1,00
3	Caseado	R\$ 1,00
4	Mamucaba	R\$ 2,00
5	Fazer a varanda	R\$ 30,00 – R\$ 60,00
6	Empunhar	R\$ 0,90 – R\$ 2,00

**Fonte:** Elaboração própria a partir de dados da pesquisa. Jéssica Lobo Sobreira, 2019.

As crianças geralmente ajudam com a parte de fazer os punhos, principalmente das redes mais populares porque nas redes mais elaboradas se o empunhamento e o caré forem mal feitos, desvalorizam o produto. Desde cedo as crianças por conviverem com a fabricação das redes de dormir dentro do próprio domicílio desempenham pequenas funções dentro da fabricação dessas redes. As mulheres ficam geralmente com a parte da feitura das varandas que é a parte mais cara do processo de fabricação da rede.

Diferentemente do que foi identificado no Polo de Confecções de Pernambuco (ANDRADE, 2017), apesar da comercialização externa ao município ser de responsabilidade dos homens, há um grande número de mulheres envolvidas com as atividades de comercialização, principalmente porque como elas são responsáveis pelo acabamento das redes

de dormir porque as mesmas têm acesso a comprar o pano da rede já pronto e serem donas da sua própria comercialização, sendo encontrado nessa atividade um número expressivo de mulheres que fabricavam sozinhas as suas redes junto com seus filhos.

O processo de **acabamento** é a fase que requer mais cuidado e atenção na fabricação de redes de dormir, especialmente se for uma rede com características do “tipo exportação”. Nos casos de redes mais detalhadas e com um melhor acabamento, fase esta que se constitui em uma das etapas finais do produto (Figura 24 e 25). É na fase de acabamento que acontece a incorporação de um maior número de trabalhadores/as nas unidades produtivas, sendo predominante a presença do trabalho familiar. Dessa forma, assim como ocorre no trabalho da uva, conforme relatado por CAVALCANTI; SILVA, (1999), há um forte recorte de gênero na divisão do trabalho dedicado ao acabamento das redes de dormir, principalmente as que são do tipo exportação, em São Bento.

**Figura 24** - Feiteira mostrando rede bordada à mão. Essa é uma das redes tipo exportação e devido o seu custo mais elevado é feita somente por encomenda.



Fonte: Jéssica Lobo Sobreira, 2018.

**Figura 25** - Detalhes manuais do acabamento da rede.



Fonte: Jéssica Lobo Sobreira, 2018.

Falar sobre esse tema é relevante para entender os processos de especialização produtiva que são atrelados à intensificação do trabalho e do controle. O trabalho doméstico, conforme analisa ABREU (1993) apresenta certas contradições. Há muitos relatos nas entrevistas realizadas, em que as mulheres que fazem o acabamento da rede, localmente chamadas de feiteiras, consideram vantajoso trabalhar em casa. Essas mulheres mencionam que há muitas vantagens em trabalhar em casa, principalmente por que para elas há menor controle sobre a sobre a rede de dormir e segundo elas, por elas estarem em casa acreditam que “o trabalho não é feito de forma tão intensa” e que elas podem “trabalhar na hora que querem”.

As redes de dormir chegam na casa das feiteiras ainda no formato de um tecido dobrado e na dimensão do tamanho de uma rede<sup>74</sup>, pronto para fazer o acabamento juntamente com o material necessário à feitura deste (ver figura 24). A partir desse momento, é iniciado uma verdadeira corrida contra o relógio, visto que as redes precisam ser entregues dentro de um prazo especificado pela empresa. Devido ao trabalho ser realizado em casa, há uma falsa liberdade sobre o uso do tempo e sobre o controle deste, pois mesmo se tratando de um regime de trabalho familiar, realizado no âmbito da moradia, as mulheres podem fazer o revezamento com as atividades necessárias à reprodução da família, em que é necessário o cuidado em fazer uma divisão do tempo disponível com a quantidade de trabalho que precisa ser feita, a fim de que os prazos não sejam perdidos e assim não prejudique a remuneração recebida. Isso fica claro em um dos trechos da entrevista realizada com Bertha, que trabalha com o acabamento das redes de dormir no município:

Eu não tenho tempo pra o cuidado da casa, tá sempre bagunçada... Eu acordo, tomo um café com biscoito ou pão, quando dá tempo eu faço um cuscuz... mas nada além disso, aí eu já corro pra máquina fazer os acabamentos da rede, não para nem pra fazer o almoço, porque minha mãe faz pra minha casa e pra casa da família do meu irmão, eu só vou lá buscar. Já é uma ajuda grande... Eu pego a moto e vou lá pegar o almoço, almoço e já volto a trabalhar... se eu não trabalho eu não tenho direito, porque eu ganho por produção... A casa mesmo só vou ajeitar no domingo e se eu tiver dado conta das encomendas e é assim todo dia, eu não tenho ninguém pra me ajudar, eu pego os tecidos das redes de João (esposo e que mantém uma tecelagem no quintal de casa) e também tenho as minhas redes, que não é pano dele... Aqui em casa eu tenho o meu dinheiro e ele, o dele... a gente não mistura não... [...] Quando eu vou dormir já é dez, onze horas da noite, eu acordo no dia seguinte e recomeço todo dia, não tem férias, não tem feriado, não tem dia santo.  
(Entrevista realizada com Bertha, 33 anos, em outubro 2018.)

---

<sup>74</sup>O tamanho de uma rede geralmente varia entre 3,40m e 4,50m.

**Figura 26** - Feiteiras fazendo o acabamento das redes de dormir em seus domicílios. São Bento - área rural.



Fonte: Jéssica Lobo Sobreira, 2018.

No entanto, por trás do discurso de “liberdade”, existe superexploração/autoexploração da força de trabalho (MARINI, 2000) e uma apropriação deste, por parte das grandes empresas produtoras de redes de dormir no município. Para MARINI (2000, p. 200) a superexploração da força de trabalho é a característica estrutural demarcadora da condição dependente vivida pelos países da periferia em relação aos países do centro do capitalismo mundial<sup>75</sup>. A superexploração nos termos de MARINI (2000), acontece pela utilização isolada ou combinada de três mecanismos: a ampliação da jornada de trabalho ou intensidade de trabalho, sem a correspondente elevação salarial ou remuneração da força de trabalho abaixo do seu real valor. Em todos os casos, são subtraídos do trabalhador as condições necessárias à reposição de sua força de trabalho – isto porque é imposto o desgaste prematuro de sua força de trabalho seja um consumo aquém do necessário à reposição de sua força de trabalho (MARINI, 2000).

Ainda no que tange a apropriação de parte do trabalho necessário ao trabalhador, o fazer da varanda, é a atividade que mais agrega valor à rede de dormir, sendo feita exclusivamente

---

<sup>75</sup> A superexploração em MARINI (2000), é relacionada a lei geral da acumulação capitalista em Marx (1974).

por mulheres, salvo algumas raras exceções em que alguns homens também realizam esse trabalho. Foram detectados na pesquisa de campo apenas um homem que sabe fazer essa etapa da produção. Os movimentos contínuos e repetitivos exigem muita habilidade e atenção por parte da feiteira, como relatam, por dois motivos: o primeiro para não perder o material empregado na construção da varanda, visto que a linha ou fio destinado a confecção da varanda vem em quantidade correta e o segundo motivo é que “quando se perde algum desses fios ou quando o “patrão” envia a quantidade faltando”, a feiteira precisa repor esse fio retirando da sua própria remuneração. Todas essas atividades envolvem uma grande intensidade de trabalho manual e repetitivos além de procedimentos físicos e mentais atrelados à rotina de trabalho, semelhante ao que foi relatado em (VERÇOZA e SILVA, 2017; VERÇOZA e SILVA, 2012; VERÇOZA, 2016) ao estudarem o trabalho dos cortadores de cana nos canaviais alagoanos.

O processo de entrega da rede quando a mesma é “aprontada”<sup>76</sup> pelas feiteiras é feito de duas maneiras: quando se trata das feiteiras que residem na área urbana, as mesmas vão deixar as redes pessoalmente na fábrica para a conferência do serviço, que não é feito no momento da entrega. Além disso, foi relatado que na conferência “a empresa verifica se a peça não tem nenhum defeito ou nenhum outro problema” e somente após isso o pagamento é feito no mesmo final da semana em que o produto foi recebido.

Quando se trata das feiteiras da área rural, principalmente pela distância até a área urbana, as empresas dispõem sem nenhum custo adicional, de um carro que faz a coleta das redes já prontas, geralmente com algum tipo de identificação do nome da feiteira escrito em cada montante de redes já finalizadas. Quando a empresa pega um montante de redes, este também é submetido à mesma conferência mencionada no parágrafo anterior. E, na área rural, o pagamento é feito a cada quinze dias. A única identificação entre a mercadoria, a empresa e a feiteira é uma pequena ficha de papel em que são anotados o nome e a quantidade de redes ou outro tipo de mercadoria (levado pela empresa ou entregue pela feiteira) para o acabamento, processo similar ao controle pelo Globalgap já estudado por CAVALCANTI (2005).

Com relação ao controle das redes enviadas e recebidas pelas empresas, geralmente feito apenas em fichas de papel nas quais são dadas baixa na quantidade de redes devolvidas e anotadas o que a empresa pagou e ocorre, mesmo em se tratando de uma empresa formalizada; os vínculos realizados com essas feiteiras que trabalham em casa são totalmente informais, sem nenhum tipo de regulamentação. Essa situação fica explícita em uma das entrevistas realizadas:

---

<sup>76</sup>Ou seja, a parte de acabamento da rede de dormir encontra-se finalizado.

Faz cinco anos que eu trabalho só para essa empresa, e eu nunca fui fichada. Aqui a maioria de nós não quer ser fichado porque perde direito de ser agricultor. Quem controla toda a produção é a empresa por exemplo ele chega e diz tem dez redes aqui, daqui para domingo a gente passa e pega as que tiver feita, aí a empresa vem e anota num papel lá aqui a gente não anota nada não.

(D. Guiomar, feiteira, 65 anos)

Uma das partes negativas desse controle que é geralmente feito apenas pela empresa que contrata o serviço das feiteiras, é que, frequentemente, escutamos relatos sobre situações em que foi feito uma quantidade maior de trabalho e de redes produzidas do que a empresa afirma ter recebido quantidade menor, fazendo com que a feiteira receba um valor ainda menor do que a quantidade de trabalho realizado. Antes de fazermos uma análise do contexto produtivo encontrado ao longo da nossa pesquisa e as relações percebidas nesse espaço, gostaríamos de descrever um pouco sobre a dinâmica local que envolve duas partes principais: a fabricação de redes de dormir e a comercialização na feira popular do município de São Bento, que até o ano de 2018, acontecia na lateral da Igreja Católica no centro da cidade e, desde junho do referido ano foi transferida para as margens da BR indo para um espaço privado construído pelo poder público municipal em parceria com os governos federal e estadual, intitulado Shopping das Redes.

#### *4.2.1 A comercialização, a feira da pedra, o shopping das redes*

[...] o produto que mais sai aqui na feira é o produto que a gente chama popular é a rede popular então a gente não muda muito as cores porque são essas que saem mas aí a gente continua produzindo igual às vezes mudam a cor uma listra mas pouca coisa porque enquanto tá saindo a gente não muda as cores não aí quando o cliente diz assim ah eu queria uma rede de tal cor de tal jeito aí a gente faz pensamento se foi muito quantidade se aparecer mais gente querendo mas enquanto mais chamativa geralmente mas se vende por isso que caiu no gosto das pessoas as redes que vem na China né a gente chamar de chilena porque tem muita atravessador que importa trazendo pelo Chile porque aí não paga imposto fica mais barato entendeu aí acaba prejudicando a gente.

Tem muita coisa da China aqui e antigamente esse contexto não existia. até para isso ficou ruim para gente porque as redes que chegaram da China geralmente são verdes mais coloridos porque é do gosto deles né da cultura deles Eu acho esse negócio de ser colorido aí chega aqui com a gente eles não pagam imposto nessa mercadoria que tá vindo de lá depois que colocou as redes para a gente comer se alisar aqui no shopping né que a gente chama pedra nova a gente precisa pagar uma taxa na prefeitura.

E isso acaba encarecendo cada vez mais o nosso produto e eu que tô aqui no chão e vendendo a gente conseguiu entrar aqui depois porque nem se a gente tem acesso que eu perco muito as minhas vendas Por que eu não posso estender

a minha mercadoria eu só posso ficar com ela no chão, então consumidor ver não tem nada que atraia, chama mais atenção quem é das lojas entendeu e acaba a gente para conseguir pagar taxa da prefeitura a despesas de vir para cá principalmente dos tempos que a gente vem e não tem venda é a gente pegar e cobrar mais caro por nossa mercadoria e isso acaba dificultando muito as nossas vidas porque você chegar aí para comprar tem rede decorada que veio da China por dez reais. Então eu me pergunto como é que eu vou competir com a rede que custa dez reais?

(Entrevista realizada com D. Petra, em abril de 2018)

Em meados de 1960, a comercialização da produção local, caracterizada, sobretudo, pela venda de redes de dormir, e acessórios para redes, como os fios para acabamento e varandas industriais, já que a demanda ali, para esses produtos, se tornou muito grande, fez surgir, não só no próprio município, mas também nas adjacências, pessoas que se especializaram na produção e na comercialização desses produtos, saindo semanalmente de suas residências com vários desses produtos para vender naquilo que ficou conhecida como Feira da Pedra.

Diante disto, a primeira usina de beneficiamento do algodão instalada na década de 1940, ainda na fase artesanal de confecção têxtil, possibilitou, posteriormente, a criação/implantação de fábricas de redes com equipamentos mais sofisticados – a partir da década de 1960, dos primeiros teares elétricos, configurando um período misto (maquinários de madeira e maquinários elétricos) de fabricação de redes de dormir e derivados, fazendo surgir um novo período de caracterização dessa atividade têxtil no município de São Bento – o período maquinofatureiro (que abordaremos no próximo capítulo). Isso aumentou a produção da rede de dormir, bem como uma demanda por serviços e acessórios ligados à confecção desse produto, e também, a necessidade de aumentar a comercialização, já que passou a existir mais demanda e mais excedente, levando, nessa mesma época, década de 1960, ao surgimento da Feira da Pedra<sup>77</sup>.

O Shopping das Redes foi criado em 2008, pelo Poder Público Municipal e o apoio de alguns empresários locais assim como o Poder Público Federal com o intuito de retirar os feirantes que comercializavam na feira da pedra no centro da cidade para um espaço “mais organizado” e “protegido do sol e da chuva”. Após a transferência, a feira manteve-se no dia

---

<sup>77</sup> Há muitas contradições sobre a origem da feira da pedra, há feirantes que afirmam que foi um homem quem fundou a Feira da Pedra, um comerciante de tecidos da cidade, o senhor João da Mata. Este comprava redes e revendia-as, juntamente com tecidos, em sua loja, localizada ainda hoje na avenida anteriormente citada, atualmente de posse de seu filho Nonato da Mata. Alguns feirantes relatam que, certo dia, o senhor João da Mata resolveu colocar, na calçada de sua loja, essas mercadorias e percebeu que as vendas passaram a aumentar. Imitando a ação desse comerciante, mais pessoas foram colocando também os produtos em calçadas e no próprio calçamento dessa avenida, configurando, assim, a Feira da Pedra.

(madrugada do domingo para a segunda-feira) mudando apenas a localização. É nesse dia que acontece a maior movimentação da cidade, em que centenas de sacoleiros - vendedores de outros estados e municípios - do interior do estado da Paraíba ou também de estados circunvizinhos realizar suas compras.

Com o passar dos anos a pedra cresceu muito, principalmente porque em 1987, foi construída a ponte que liga São Bento a BR facilitando assim o escoamento da produção foi mais ou menos nessa época que os primeiros carros saíram daqui com redes e vários vendedores em cima dessa mercadoria para iniciar a comercialização. Além disso a estrada favoreceu o acesso de outras pessoas chegarem até a nossa cidade na verdade facilitou as vidas e as vidas antes a gente vive isolado só quem consumia as nossas coisas era a gente mesmo para conseguir algum dinheiro a gente depende do pessoal de Brejo de Cruz e de outros municípios dos arredores, que precisavam atravessar o Rio de canoa ou de balsa para poder chegar até São Bento era muita dificuldade naquela época. (Entrevista realizada com Seu Prudêncio, em janeiro de 2019).

Na madrugada de domingo ao chegarmos no Shopping das Redes, espaço onde funciona as atividades comerciais da feira da Pedra, vimos homens e mulheres montando suas lonas e estendendo as suas mercadorias entre as quais é visto muitos produtos têxteis chineses e produtos da fabricação dos artesãos locais: redes de dormir, mantas e produtos de cama, mesa e banho. Assim, esse contexto vai se configurando em um grande centro de comercialização que envolve não apenas São Bento, mas também os municípios circunvizinhos. Atualmente o shopping das redes abarca quatro etapas de diferenciação:

1. Os boxes
2. As barracas
3. Os feirantes da lona
4. A feira de “invasão”

Na primeira etapa do shopping das redes, localizam-se as lojas (boxes) que ficam na entrada do shopping e se constituem das lojas maiores e formalizadas, próximas a praça de alimentação e os banheiros. Após essa primeira etapa do shopping, em um espaço mais simples ficam as barracas que foram comercializadas aos feirantes subdivididos em ruas que levam o nome das redes fabricadas localmente, por exemplo Rua Rede do Jeans, Rua Rede Deus é fiel<sup>78</sup> etc. Além das barracas e das lojas que compõe a configuração comercial das redes de dormir,

---

<sup>78</sup> Os nomes das redes são escolhidos pelos moradores aleatoriamente, por lembrar algum objeto ou com nome de novelas e/ou praias.

não podemos deixar de registrar também os inúmeros comerciantes da feira da pedra que foram excluídos desse processo de modernização da feira: primeiramente os feirantes que acessaram o espaço do shopping através de uma lona no chão nos corredores do shopping. E os feirantes que foram totalmente excluídos do espaço do shopping e se agruparam na parte externa, sendo impossibilitados de acessar o espaço do shopping e como estratégia de sobrevivência, se agruparam na rua lateral do shopping das redes, formando uma “feira da invasão” para terem acesso a um local para comercializarem a sua mercadoria.

#### 4.3 Os sujeitos nas suas unidades produtivas: homens e mulheres no “ramo da rede”

Aqui, gostaríamos de analisar ainda que brevemente como as atividades do ramo da rede tem interferido na reprodução social das famílias rurais do Polo Têxtil e de Redes de São Bento, contribuindo para a reconfiguração as atividades exercidas na agricultura da região, através dos homens e mulheres que fazem o “ramo da rede”. Assim, nossa abordagem aqui privilegiará as entrevistas realizadas nos domicílios rurais, apesar de também termos realizado entrevistas em domicílios urbanos.

No universo do nosso estudo encontramos os sujeitos: responsáveis por sua dinâmica, ocupados no cotidiano a manusear as máquinas ou na atenção redobrada com as atividades artesanais, encarregados da produção das redes de dormir em todas as suas etapas. Vimos homens, mulheres, jovens, alguns idosos e até mesmo crianças, que, de uma forma ou de outra, estavam envolvidos na atividade da produção, principalmente, nas unidades domiciliares ou vinculadas ao domicílio.

O município de São Bento até hoje possui baixa capacidade de prover o sustento e sobrevivência da população rural em atividades exclusivamente voltadas para a agricultura de subsistência, como é ressaltado no depoimento de várias pessoas entrevistadas, sendo na concepção dessas pessoas que a produção de redes de dormir “salvou” as atividades de agricultura na região, conforme nos mostrou o depoimento de D. Anna:

Eu estou na agricultura porque eu gosto e nem imagina a minha vida sem o campo e também porque eu sou perseverante eu não me acostumo mais viver sem o meu roçado então a gente faz as redes para conseguir manter a agricultura, tá entendendo? sem as redes eu não consigo plantar o meu roçado[...] Já chegou muitas vezes de eu pegar crédito no Pronaf para plantar e perder tudo que eu plantei por que a gente passou dois anos aqui de seca[...] não tinha nenhuma chuva, foram tempos muito difíceis [...] aí no ano seguinte eu peguei o crédito do Pronaf e investi nas redes: na compra em tecido porque eu não queria comprar nada fiado [...] aí eu fui no depósito daqui de São Bento

comprei fio e eu e minha família começamos a produzir as redes mantemos só o roçado pequeno, só para a gente ter o que comer e era o que dava pra manter mesmo, sabe? mas sobreviver só da agricultura aqui não tem como, o que eu acho ruim, mas eu não vou desistir do meu plantio [...] eu não vou não.

(Entrevista realizada com D. Anna, agosto de 2018).

Dona Anna é agricultora, tem 51 anos e trabalha na confecção de redes de dormir desde criança e para ela “não se pode mais pensar a agricultura em São Bento como meio de vida exclusivamente, porque depender apenas da agricultura, principalmente devido aos grandes períodos de seca é quase uma certeza passar necessidade”. Segundo ela, “hoje em dia a agricultura daqui de São Bento é principalmente familiar e se mantém apenas para o consumo das famílias, que sempre unem a atividade da agricultura com o trabalho da produção de redes de dormir”. Segundo ela, se não fosse o crédito do Pronaf, ela não teria conseguido comprado a máquina de bordar que custa em torno de R\$ 3000 para conseguir realizar os bordados dos tecidos da rede e conseguir algum dinheiro para ajudar no sustento da casa, possibilitando assim que ela não abandonasse as atividades da agricultura.

Muitas pessoas aqui em São Bento, têm abandonado o roçado e se só mantém muitas vezes porque foi a herança da família e foi esse vínculo que acabou possibilitando algum tipo de cultivo ou criação de alguns animais com o intuito de não abandonar o local que foi adquirido com tanto sacrifício. (Entrevista realizada com Dona Anna em março 2018).

Um dos agricultores e também trabalhador do ramo da rede<sup>79</sup>, Seu José<sup>80</sup>, esclareceu que, comparado ao trabalho agrícola, o trabalho na Pedra<sup>81</sup> tinha menos dispêndio quando comparado ao trabalho agrícola porque tinha menos esforço físico, apesar de ainda ser muito trabalho era menor do que na agricultura e no “ramo da rede” o salário quase sempre se constituiu como uma quantia certa e garantida no final do mês, coisa que não acontecia na agricultura já que o dinheiro adquirido costumava depender da colheita e muitas vezes tudo que se plantava era perdido pelo período da seca. Além disso, com as atividades na agricultura o dinheiro adquirido costumava ser dividido para as despesas da família e só depois é que algum dinheiro era destinado aos filhos, o que ficava mais difícil quando algum deles queria comprar algum roçadinho, porque o dinheiro não dava.

---

<sup>79</sup> Expressão local utilizada para se referir as atividades que envolvem a produção e comercialização de redes de dormir no município de São Bento.

<sup>80</sup>Entrevista realizada em março de 2018.

<sup>81</sup>Os moradores locais usam a palavra “Pedra”, para se referir as atividades de comercialização realizadas na feira local.

Na realidade, o espaço rural está cada vez mais interligado a dinâmica socioeconômica local e, isso tem-se configurado enquanto atividade complementar ou mesmo enquanto local de moradia, quando nos questionamos sobre os significados que o rural passa a assumir atualmente, principalmente diante do contexto produtivo em que São Bento se encontra e qual o lugar que a atividade agrícola ocupa nas famílias rurais que trabalham com ramo da rede, como Dona Renata relata:

O que a gente conseguia tirar do plantio da gente, a gente vendia para ter alguma graninha né? algum dinheiro para comprar o que o que a gente não conseguia produzir mas casas eram muito simples, hoje em dia eu acho que a gente tem coisa demais: tem fogão a gás, tem geladeira...as casas, naquela época não tinha nada não menina, era uma mesa simples com as cadeiras de madeira que na maioria das vezes era a gente que fazia mesmo um fogão de lenha era muito raro ver um fogão a gás... tinha muita rede porque a gente não tinha dinheiro para comprar cama, cama era um artigo de luxo a gente nem sonhava em ter. Até hoje eu durmo na rede não tenho cama não, eu prefiro assim, acho que já me acostumei.

[...]

(Entrevista realizada com Dona Renata em maio de 2018.)

Não podemos deixar de pensar que o crescimento das atividades não agrícolas no âmbito rural, se constituem como um elemento importante atualmente, porque criam novas oportunidades de trabalho para as famílias rurais além de se apresentar enquanto uma alternativa de renda complementar aos ganhos obtidos com a agricultura familiar no campo e muitas vezes essas atividades produtivas que não estão vinculadas a agricultura são exercidas pela população rural como estratégia na qual se exploram novas possibilidades de se inserir em um contexto de trabalho que existem limitações na produção agrícola e essa situação laboral, se torna na maioria das vezes, a única forma de complemento ou ingresso de renda nos domicílios rurais, como é o caso do município de São Bento.

[...]Foi assim que a gente foi se virando, quando foi passando um tempo aí a gente começou a fazer as redes para vender porque a lida no campo já estava muito fraca e a gente precisava parar um certo período do ano porque não tinha como plantar, principalmente quando não tava chovendo por que a gente plantava e perdia tudo.

Aí os maridos da gente ficavam em casa e para não ficar sem fazer nada gente começou a fazer rede pra nós mesmos e pra trocar com algum vizinho que conseguiu tirar alguma coisa do campo. Quando chegou o momento que a gente quase não tinha mais nada para levar para feira né, que tinha se ele tem esse costume aqui da gente vender o que sobrava do plantio da agricultura lá na Pedra.

(Entrevista realizada com D. Petra em abril de 2018)

Nesse caso, não podemos pensar que agricultores que exercem atividades não agrícolas deixam de ser agricultores e o aumento dessas atividades não agrícolas não podem ser utilizadas para se decretar o fim de uma agricultura familiar no município de São Bento. Na verdade, assim como foi observado por GARCIA JR (1989), ao pesquisar os agricultores do brejo paraibano que se deslocaram para a região sul do país em busca de trabalho, isso significa, uma adaptação diante dos novos contextos socioeconômicos que tem assumido cada vez de forma mais recorrente no meio rural permitindo que as famílias agrícolas permaneçam no campo.

Diferentemente do que foi encontrado por BEZERRA (2011) e ANDRADE (2017) ao estudarem a dinâmica do Polo de Confecções do Agreste Pernambucano, em que a expansão das atividades ligadas a costura na zona rural de Pernambuco possibilitou que algumas mulheres que trabalhavam na confecção recebessem máquinas emprestadas para costurar, não foi identificado nenhum caso semelhante à esse no Polo Têxtil e de Rede de São Bento, provavelmente porque a maior parte do trabalho executado na área rural se trata do trabalho manual realizado pelas feiteiras em que se necessita apenas da força de trabalho.

Embora as atividades produtivas oferecidas pelo Polo de Redes possam ser consideradas como oportunidades para o acúmulo de capital e se constituírem como estratégia de sobrevivência para muitas famílias camponesas, acredita-se que essa dinâmica de mercado tem também seu preço - uma vez que, diante dos empregadores que buscam flexibilidade, redução de custos e transferência de riscos, em um ambiente muito competitivo, se encontram principalmente as costureiras e agricultoras, mulheres, mães e esposas, que acumulam em um mesmo espaço físico a dupla função dos cuidados do lar e da contribuição para o seu sustento. Além do mais, tudo isso passa a ser feito às custas do não cumprimento de encargos trabalhistas e da informalização do emprego, que tem como uma das principais consequências “a precariedade dos empregos e das condições de trabalho a que são submetidos os trabalhadores” (SCHNEIDER, 1994, p. 159).

#### *4.3.1 As mulheres e o saber-fazer das redes de dormir*

A presença da mulher nos espaços produtivos sempre tem se configurado como preponderante ABREU (1986), ABRAMO (1998), RUAS (1993), ABREU E SORJ (1993). Segundo ABREU e SORJ (1993, p. 53), isso ocorre porque “no processo de socialização” as mulheres têm seus papéis definidos a partir de um conhecimento adquirido e voltado para reproduzir suas funções nas unidades domésticas, nas quais, por exemplo, aprender costurar torna-se condição fundamental para o seu papel na família como esposa e mãe. Assim, o trabalho domiciliar, no setor têxtil e principalmente na fase de acabamento da rede de dormir,

basicamente passou a ser apresentado como eminentemente feminino no contexto do município de São Bento.

Ao analisarmos os trabalhadores e as trabalhadoras que estavam envolvidos na confecção de redes de dormir em São Bento, verificamos que havia uma significativa participação masculina nesta atividade, diferentemente do contexto encontrado por ROCHA (1983) que identificou que a atividade produtiva de redes-de-dormir em São Bento-PB não se diferenciava muito de todo o processo produtivo existente no restante do país, sendo uma atividade doméstica e feminina na época em que ele realizou o estudo.

Isto nos levou a perceber que o conhecimento desta atividade deixou de ser exclusivamente do universo feminino e da reprodução social, passando a ser assumida pelos homens também, ainda que não se apresente na mesma intensidade. Desta forma, dado a necessidade crescente de mão-de-obra exigida pelo dinamismo dessa produção no município, e, associado a este fato, a falta de expressão local das atividades econômicas voltadas para a agricultura familiar, como já argumentamos anteriormente, fez com que a atividade na produção de redes de dormir passasse a constituir uma saída viável de trabalho, o que levou o contingente masculino a ingressar, sem maiores problemas.

A priori, nos chamou atenção, pois na realidade do Nordeste esta atividade da confecção de redes, que envolve atividades manuais e costura, foi sempre afirmada, na cultura local, como sendo um atributo exclusivamente da **mulher**, sendo por ela tradicionalmente assumida. Este constatar já nos fez ter mais cuidado no tratar a questão da divisão sexual do trabalho, um dos pilares centrais de onde se alicerçaram as desigualdades na relação entre homens e mulheres no processo produtivo e, por isso mesmo, objeto do debate nos estudos sobre gênero.

Em São Bento, a realidade nos levou a repensar estas afirmações que permearam as discussões sobre a natureza da relação entre homens e mulheres colocando a subalternização das atividades, habilidades, atribuições. Pelo menos no ato produtivo – *locus* onde as desigualdades se expressavam, em nossas observações, estes aspectos não foram apreendidos/identificados, embora tenhamos percebido, que a divisão sexual destas atividades persiste. De fato, a imagem que construímos ao longo do tempo sobre qual deve ser o papel do homem na sociedade vem há décadas sofrendo algumas modificações, principalmente no campo do trabalho e, mais precisamente, nas funções que o homem deve ocupar neste setor. A título de lembrar, se durante muito tempo convencionou-se que cozinhar, cuidar dos filhos, fazer as atividades domésticas e costurar fossem tarefas unicamente reservadas ao público feminino, hoje esta leitura passa por algumas transformações (mediante as particularidades de cada sociedade), principalmente no que se refere em relação à divisão sexual do trabalho, como lembram bem

os estudos realizados por HIRATA E KERGOAT (2003).

Sobre o processo pelo qual o homem entrou no setor de trabalho onde a função principal – a tecelagem de redes - pertencia em exclusividade às mulheres conforme colocou ROCHA (1983), se deu principalmente por este se apresentar como um campo de trabalho em crescimento, no qual o trabalho das mulheres, por si só, passou a não ser suficiente face ao crescimento da demanda, levando assim a abarcar cada vez mais a mão-de-obra masculina. Este lugar foi sendo cada vez mais assegurado devido ao tipo de tear que foi sendo modificado com o passar do tempo, que, por ser mais “sofisticado” e pesado, foi facilitando a entrada dos homens nesse mercado. Isso em relação apenas ao processo produtivo, pois, como vimos, era realizado nas residências ou em paralelo a elas. Já em relação ao trabalho doméstico, as atividades se mantinham majoritariamente sob a incumbência das mulheres. Foi no tocante a esta dimensão do universo doméstico que o contexto da desigualdade, no assumir as responsabilidades, permanecia intacto, encontrando, assim, sustentação nas reflexões clássicas sobre as desigualdades de gênero.

Em nossas entrevistas, a atividade no ramo da rede, passava para essas mulheres como uma atividade de sua habitual responsabilidade, o que facilitou com esta percepção sua inserção no mercado de trabalho local (Figura 27). Já para os homens, o assumir esta atividade só se deu pela falta de alternativa do que fazer na região, dado a falta de condições das atividades rurais, fazendo com que sua entrada na confecção se desse mais tardiamente do que as mulheres (Figura 28). Outro estímulo no entrar no ramo da rede se deu por conta de suas próprias mulheres, ao mostrarem as vantagens da atividade em termos de oferecerem maior rentabilidade. Alguns relatos dos homens confirmaram essa nossa colocação, conforme podemos ver na fala de Seu Luís:

Aqui em São Bento chegou um ponto que ou você complementava as atividades da agricultura com a rede ou ia passar necessidade. A mulher começou com isso de rede e eu acabei me animando em ir pro ramo da rede também e tou aqui até hoje.

(Entrevista realizada com S. Luís em abril de 2018).

**Figura 27** – Feiteira passando mamucaba no seu “tear”.



**Fonte:** Jéssica Lobo Sobreira, 2018.

**Figura 28** – Tecelão fazendo o pano da rede.



**Fonte:** Jéssica Lobo Sobreira, 2018.

Ao lidar com as atividades do ramo da rede, ocorreu que os homens terminaram se especializando em algumas etapas do processo produtivo que requeriam maior força física, ou a utilização de máquinas mais pesadas. Assim, na confecção de redes de dormir, algumas etapas da produção passaram a ser consideradas de responsabilidade dos homens, como: as atividades voltadas à tecelagem no tear, o urdimento, encher espolas, além também da venda do produto, que exigia deslocamentos constantes da casa e por longos períodos para fazer a comercialização.

Quanto às mulheres, o que observamos foi que elas ficavam responsáveis pela costura nas máquinas de linha reta, cuja atividade requer mais “atenção” e “delicadeza”, pois estão relacionadas com a parte mais visível das peças, como a mamucaba industrial, o o pregar varandas, entre outras, além de todos os acabamentos manuais das redes tipo exportação, instituindo-se assim uma divisão sexual do trabalho, ou seja, aquelas estabelecidas pela própria natureza da atividade e não pela clássica afirmação do que se consagrou nos debates de gênero, a de associar a mulher à natureza frágil e delicada, daí só poder ficar ligada a atividades que não ferissem esta imagem. Entretanto, são essencialmente essas as atividades que promovem maior valor agregado ao produto. Ao homem a eterna associação do “sexo forte”, portanto, cabendo-lhe só atividades que fizessem jus a esta natureza. Sobre as atividades que são feitas tanto pelo homem quanto pela mulher temos: na fase da confecção do tecido (tecelagem): apenas a atividade de emendar barcada e no acabamento: o caré. Não foram encontrados homens na atividade da costura e nem mulheres executando atividades nos teares enquanto tecelãs.

No que tange à organização da estrutura familiar existente nas unidades produtivas investigadas encontramos as mais variadas composições familiares. A que predominava era a família nuclear, ou seja, aquela que a antropologia define como sendo composta pelo pai, mãe e filhos, onde a chefia do empreendimento, se subdividia: no caso das tecelagens, na maioria dos casos, é exercida pelo homem e não foi encontrado nenhum caso de compartilhamento com suas mulheres.

Nos casos das unidades produtivas em que prevalecia o acabamento das redes, cerca de 65% das unidades entrevistadas era chefiada exclusivamente por mulheres e o restante 35% por homens. Também constatamos outras onde havia a presença da família estendida, por ser composta, além dos membros da família nuclear, tios (as), primos(as), todos envolvidos também na produção. Verificamos ainda algumas unidades produtivas chefiadas por pessoas solteiras (tanto homens quanto mulheres), mas que recorriam ao trabalho de familiares, como

irmãos, sobrinhos e sobrinhas, primos e primas, entre outros, para poder manter sua produção funcionando. Isso reforça a afirmação de que, em suas origens, o trabalho nestas unidades produtivas tendia a se constituir com base no trabalho familiar, ou conduzido por indivíduos que mantinham algum grau de parentesco, conforme salientaram RAPOSO e GOMES (2003).

No próximo capítulo analisamos a configuração do Polo Têxtil e de Redes de São Bento, mostrando o seu funcionamento e também as mudanças que ocorreram no trabalho no período artesanal, manufatureiro e maquinofatura da indústria têxtil de São Bento.

\*\*\*

## CAPÍTULO 5

### AS TRANSFORMAÇÕES DO TRABALHO NO POLO TÊXTIL E DE REDES DE SÃO BENTO -PB



**Feiteira bordando o tecido da rede sol a sol em sua residência.**

**Fonte:** Jéssica Lobo Sobreira, 2018.

## 5 AS TRANSFORMAÇÕES DO TRABALHO NO POLO TÊXTIL E DE REDES DE SÃO BENTO - PB

Neste capítulo nos centramos nas transformações do Polo Têxtil e de Redes de Dormir de São Bento, abordando questões relacionadas à sua origem e vinculação com a dinâmica capitalista atual, atentando principalmente para as configurações que se delineiam no que se referem as relações de trabalho local e sua vinculação com a agricultura. Em seguida, procuramos apreender como se delinearam as relações de trabalho desde o período de formação do referido Polo até os dias atuais, pensando a sua constituição desde o início da cidade, em que havia produção de algodão e a mão de obra era totalmente artesanal em que tínhamos o plantio de algodão, os engenhos de fiação manual e a confecção das primeiras redes de dormir que foram comercializadas, conhecidas como “rede de três panos”. O “período manufatureiro” onde houve a praga do bicudo nas plantações de algodão, iniciando assim uma dependência de outros centros produtivos para a compra do fio de algodão do Ceará e de Santa Catarina e o período atual em que se houve uma estabilização e crescimento da indústria de redes de dormir, o início das exportações para outros estados do país e do mundo e das importações de matéria-prima oriunda da China. Focalizamos a nossa investigação na trajetória do município de São Bento, uma vez que a produção têxtil e de redes de dormir engloba também os municípios da circunvizinhança<sup>82</sup>.

### 5.1 Configuração do Polo Têxtil e de Redes de São Bento

A primeira impressão da cidade de São Bento é de uma cidade rural que está se tornando urbana, onde o barulho dos teares se estende desde a madrugada até a quase totalidade do dia. Para quem não é nativo da região, se torna impossível não acordar de madrugada com o ruído intenso dos teares, que perturba o silêncio da madrugada e dá vida a uma quantidade imensa de transeuntes em suas motos e carros carregando fardos de redes a serem acabados. Esta impressão é reforçada quando você visualiza que grande número de trabalhadores que trabalham no comércio local e nos poucos serviços públicos existentes na cidade, e que cada morador mesmo trabalhando em algum outro setor que não está ligado diretamente ao ramo da rede, movimenta-se antes ou depois do trabalho para pegar alguma rede para fazer o acabamento e assim complementar a sua renda e isso mistura-se à malha urbana, às residências

---

<sup>82</sup> Como os municípios de Paulista, Riacho dos Cavalos, Catolé do Rocha na Paraíba e no Rio Grande do Norte, Serra Negra do Norte e Jardim de Piranhas.

e à cidade. Nas fronteiras entre a zona urbana e rural é possível visualizar a coloração diferente em partes do Rio Piranhas devido as atividades de tinturaria do fio de algodão, provenientes de detritos líquidos e sólidos despejados no rio sem nenhum tipo de tratamento, sendo este rio o único que corta a cidade e abastece várias cidades circunvizinhas.

A atuação dos órgãos fiscalizadores não conseguiu produzir impactos positivos sobre o município, deixando o empresariado local “livres” procurar soluções para o problema da poluição e da escassez de água. Segundo dados obtidos a partir da pesquisa de campo, a maior parte dos domicílios localizados no município tanto na área rural quanto urbana, realizam alguma produção vinculada à confecção de vestuário. A organização produtiva no município de São Bento envolve tecelagens formalizadas, tecelagens formais, empresas que contemplam a parte de tecelagem e o setor de acabamento, e as feiteiras e feiteiros (mulheres e homens responsáveis pelo acabamento da rede, conforme foi mencionado anteriormente. Contudo, neste município, a maior parte da produção de redes de dormir é realizada em unidades produtivas localizadas em domicílio. Estas unidades produtivas são bastante heterogêneas, configurando desde pequenas tecelagens mais ou menos improvisadas, o típico trabalho domiciliar e até mesmo tecelagens maiores.

Corroborando com essa análise, em nossa pesquisa de campo, encontramos ainda dois tipos de “unidades prestadoras de serviços” que dão suporte a tecelagem da rede de dormir no município voltados para o “acabamento” do pano da rede:

- a primeira consistiu nas *unidades produtivas de costura* que funcionam como empreendimentos familiares que se responsabilizam por todo o processo de acabamento<sup>83</sup>, ou seja, finalização das redes de dormir não artesanais, no sentido de terem o acabamento “industrial”: não são feitas manualmente mas sim costuradas: seguindo as seguintes etapas – com a máquina de linha reta passa costura dupla nas duas extremidades verticais do pano da rede, após isso, enfia a cabecinha manualmente (ver na figura 8), costura com máquina de *zig zag* para prender as cabecinhas, após essa etapa costura as tiras de mamucaba industrializada e após essa etapa, prega-se varanda industrializada. Após essa etapa, a rede já está pronta para ser feito o caré no *banco* ou apoiando-se nos dois joelhos (para visualizar o que é o caré voltar na figura 8), que popularmente nós chamamos de “punho da rede”. As etapas de produção seguem essa sequência, mas são feitas no regime fordista de produção, no sentido de cada etapa da

---

<sup>83</sup> Geralmente utilizando mão de obra informal, segundo dados da pesquisa de campo.

produção ser feita, por exemplo em cem redes de dormir, após finalizar cada etapa no montante de redes, passa-se para o próximo passo. Para melhor ser compreendido o funcionamento do processo aqui descrito, exemplificamos na sequência da figura 11.

- a segunda consistiu na feitura do mesmo processo anteriormente descrito só que em uma configuração totalmente manual, ou seja, após a tecelagem fabricar o pano da rede o mesmo é levado para uma feiteira passar a costura de linha reta na máquina e depois seguir o processo de enfiar as cabecinhas e *passar a mamucaba* manualmente, após essa etapa a feiteira vai dar nó na varanda, como é localmente chamado, porque “quando termina a varanda manual a rede fica muito pesada, então não dá para inverter os processos, fazer a varanda e depois passar a mamucaba, mas tem feiteira que inverte, eu só sei fazer assim.”<sup>84</sup> Após essa etapa que dura em torno de quinze dias<sup>85</sup> (fazer a varanda), é finalizada com o caré e pronta para ser comercializada. Estas unidades de produção são encontradas em maior quantidade que as tecelagens e, de acordo com o que nos foi informado nos depoimentos, isso se deve ao fato de que para montá-las há a necessidade de um dispêndio menor de recursos financeiros se comparado a uma tecelagem e, geralmente é feito por mulheres, tanto o trabalho de costura das redes quanto são mulheres que são proprietárias dessas unidades, tendo visto que as máquinas são caras, variando entre R\$ 10.000,00 a R\$ 15.000,00, mas mais baratas que montar uma tecelagem. Neste tipo de unidade produtiva, se encontra mão-de-obra feminina e masculina, sendo as máquinas de costura, atividades tipicamente femininas, e apenas em casos excepcionais os homens executam estas tarefas. A justificativa para esta divisão sexual é que nesta tarefa é muito minuciosa e um ritmo acelerado imposto pela máquina, conforme fomos informados por depoimentos em nossa pesquisa de campo. Devido a essa peculiaridade, o trabalho familiar se restringe a participação da mãe e das filhas, ficando, portanto, o pai e seus filhos voltados para as atividades ligadas à tecelagem.

---

<sup>84</sup> Fala durante uma entrevista com D. Gertrudes, feiteira, em jan. 2017.

<sup>85</sup> Várias feiteiras me relataram que a depender da varanda elas fazem em 45 dias, trabalhando todos os dias, porque o trabalho é muito minucioso, principalmente quando se trata de varanda feita com “linha paulista” que é uma linha fina utilizada para fazer ponto crochê na agulha.

Figura 29 – Processo produtivo da rede de dormir com acabamento não-manual



Fonte: Elaboração própria com dados da Pesquisa de Campo. Jessica Lobo Sobreira, 2019.

Em um contexto geral, o processo produtivo realizado nestas unidades produtivas segue uma sequência lógica própria, envolvendo as fases de tecelagem, onde são desenvolvidos os modelos e cores dos tecidos e o acabamento final das peças, realizado pelas feiteiras. A subcontratação destas tarefas é algo notório no município. Ao caminhar por suas ruas percebemos que em cada casa há alguma atividade sendo desenvolvida vinculada à produção de redes de dormir. Isso ocorre devido ao fato de que cada uma das etapas produtivas da confecção da rede de dormir pode ser executado em espaços diferenciados (característica comum do setor do setor têxtil e de confecção). Logo a subcontratação configura-se como elo de ligação ao longo de todo processo produtivo das redes de dormir, entre as tecelagens, as unidades produtivas de acabamento e as feiteiras individuais.

Em São Bento, a produção domiciliar de redes de dormir está ordenada a partir de três configurações básicas, a saber: *as empresas e microempresas independentes*, os *empreendimentos familiares* e os *trabalhadores individuais (feiteiras)* – (esquemático na figura 30). Para a definição dessas configurações foram usados três critérios: o primeiro refere-se ao número de pessoas no domicílio incluídos na produção (apenas um, mais de um), o segundo está relacionado às características dos trabalhadores envolvidos na produção (familiar, não familiar) e por fim, o terceiro, que diz respeito ao nível de autonomia do empreendimento (determinado pelo destino da produção: feiras, lojas, empresa contratante etc.). Com base nesses critérios, as microempresas independentes correspondem aos domicílios produtivos que comportam mais de um trabalhador, tendo a presença de pessoas de fora da família no processo produtivo e possuem autonomia de decisão em relação ao fluxo produtivo e comercial dos produtos gerados. Já os empreendimentos familiares comportam aqueles domicílios produtivos nos quais mais de um membro familiar do domicílio está vinculado à produção, enquanto o trabalhador individual exerce a sua função no domicílio produtivo sozinho.

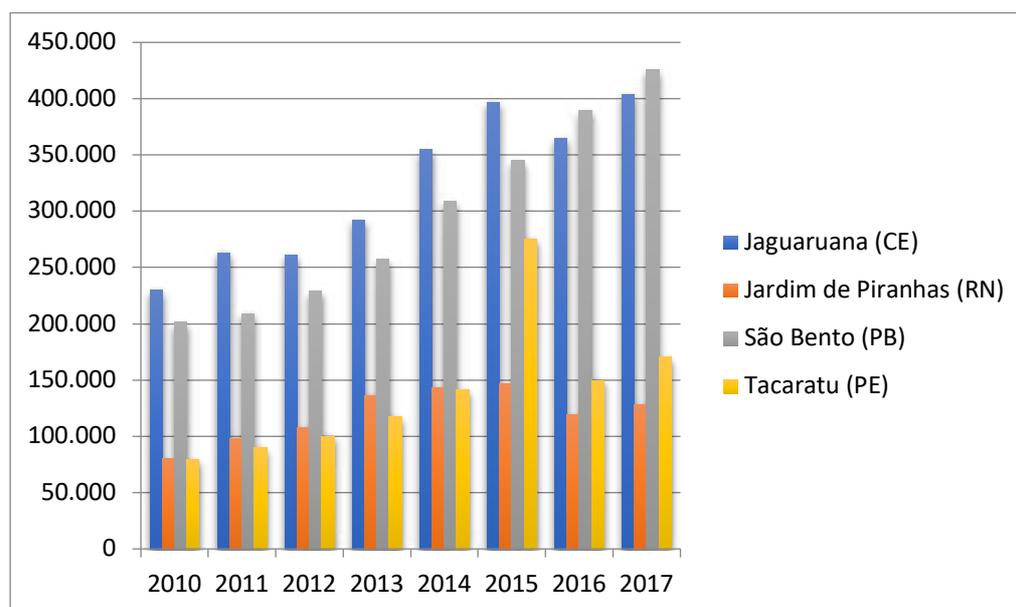
Figura 30 – Configurações produtivas da fabricação de redes de dormir



Fonte: Elaboração própria com dados da pesquisa de campo. Jessica Lobo Sobreira, 2019.

Outro elemento que podemos acrescentar a essa lógica é que embora em São Bento as condições de trabalho e as relações trabalhistas sejam eminentemente precárias, não se pode afirmar que há apenas um processo de precarização, pelo contrário, o que verificamos foi que, em relação às unidades domiciliares, há uma tendência a se melhorar as condições de trabalho à medida que os empreendimentos vão se solidificando no mercado; partindo, portanto, para uma expansão não só de suas instalações, desvinculando-as do espaço domiciliar, com inclusive melhorias tecnológicas, adquirindo maquinários mais modernos e eficientes. Mas devemos salientar que, embora não haja precarização, nos termos de um processo contínuo de aviltamento das condições de trabalho (LEITE, 2009), a precariedade ainda é uma das marcas dessas unidades produtivas, pois as melhorias que ocorrem não conseguem reverter, em curto prazo, as situações degradantes em que estão inseridos esses sujeitos.

Em meio a esse cenário, nos últimos anos, a produção de redes de dormir deste município vem apresentando um crescimento expressivo. Estima-se que a produção atual se aproxima a 12 milhões de redes por ano/ 1 milhão de redes por mês, o que atualmente faz com que São Bento um dos maiores produtores de redes de dormir do Brasil, tendo ultrapassado Jaguaruana, no Ceará, que até 2016, figurava como maior produtor (MDIC, 2019). Esses dados indicam que o município não apresenta problema de geração de emprego, entretanto eles sinalizam algumas questões importantes que estão ocorrendo em meio a essa dinâmica. A maior questão diz respeito à qualidade do emprego gerado, tendo em vista que a maioria dos trabalhadores ocupados no setor têxtil, segundo dados da pesquisa de campo, não possuía carteira assinada; ficando, assim, descobertos da previdência social (ver gráfico 1, abaixo).

**Gráfico 1** - Produto Interno Bruto a preços correntes (milhões)

Fonte: MDIC (2019)<sup>86</sup>. Elaboração: Jéssica Lobo Sobreira.

Assim, como abordado, o caráter precário dessas relações é evidente nas unidades produtivas locais, configuradas principalmente pelo trabalho desprotegido de direitos sociais, muitas vezes temporários e de tipo intensivo, repetitivo e exaustivo, pois quase sempre são incitados a atingirem metas de produção em larga escala e em tempo cada vez mais reduzido. Afinal, a “feira não espera pela gente”<sup>87</sup>. Nesse contexto, as jornadas diárias de trabalho ultrapassam rapidamente às 12h de trabalho e, no caso específico das feiteiras, são intercaladas com as tarefas domésticas, e provimentos da reprodução familiar, conforme observamos em nossa pesquisa de campo.

Outro aspecto verificado foi a inserção dos trabalhadores individuais no processo produtivo e, junto a isso, o baixo grau de escolaridade, principalmente os mais antigos, já que as escolas só chegaram na cidade em meados de 1970, e quando chegou funcionava de forma improvisada no prédio destinado a cadeia municipal, segundo informações obtidas na pesquisa de campo. A fala de Charles, elucida bem a situação educacional da maioria da população de São Bento:

[...] Na minha época era tudo muito complicado, hoje eu tenho 39 anos, a gente morava tudo no sítio, pra vir pra escola minha mãe tinha que me trazer e trazer os meus irmãos e, como a gente andava muito pra chegar na escola, uns cinco quilômetro pra ir e cinco quilômetros pra

<sup>86</sup> Os dados na plataforma do IBGE só foram atualizados até o ano de 2017.

<sup>87</sup> Fala em entrevista realizada com D. Renata, durante a pesquisa de campo.

voltar, não tinha como minha mãe, me deixar e voltar pra buscar no final da manhã. Então o que ela fazia era o seguinte: a gente acordava bem cedo, saía de casa ainda no escuro e minha mãe ia com um balaio (cesto) de rede na cabeça pra ir fazendo as varandas e não perder tempo ali, ela ficava esperando do lado de fora da escola e ficava fazendo as varandas, depois quando a aula acabava eu e meus irmãos voltávamos a pé da escola pra nossa casa no pingo do sol do meio e dia e ainda ia ajudar no roçado até umas cinco da tarde, nosso pai ficava em casa na agricultura. Era muito pesado e eu, minha mãe e meus irmãos aguentamos dois anos nessa situação. Eu nunca cheguei a terminar a escola e naquela época e até hoje a gente escuta muito “Pra quê estudar se o futuro é o tear” e isso vai entrando na nossa cabeça, não tinha outro caminho pra gente. Era tudo muito sofrido. [...]

(Entrevista realizada com Charles, tecelão, 39 anos. Nov. 2018)

Como a maioria das unidades produtivas de São Bento é de natureza familiar, geralmente realizada ainda no domicílio, isso indica que todos da família de alguma forma acabam se envolvendo nesta atividade, desde as crianças aos idosos. Nesse cenário, há uma imbricação entre as funções: as mulheres que estão envolvidas no processo produtivo também são responsáveis pelas questões vinculadas à reprodução (cuidados com a casa, filhos e alimentação) e, portanto, são donas-de-casa, mãe e trabalhadora; os homens, por sua vez, acabam entremeando suas funções de chefe de família, pai, chefes da unidade produtiva, ao mesmo tempo em que são trabalhadores. São relações que se intercalam e se sobrepõem na produção a domicílio. O aprendizado profissional geralmente ocorre em meio ao processo de socialização no meio familiar, ou relacionado às primeiras experiências de trabalho; tornando, portanto, esta função “natural”, para os habitantes locais. Este é um dos fatores que leva ao crescente nascer de unidades de produção domiciliar, basta saber executar qualquer serviço ligado as redes de dormir.

No próximo tópico vamos ver o desenvolvimento da indústria têxtil e de redes de dormir de São Bento, nos seus períodos artesanal, manufatureiro e maquinofatura.

## 5.2 O trabalho no período “artesanal” da indústria têxtil de redes de dormir (1927 - 1958)

Na fase intitulada de “artesanal”, a comercialização era pouca ou quase inexistente. Segundo a pesquisa de ROCHA (1983) e os dados obtidos através das entrevistas realizadas na pesquisa de campo, nessa fase artesanal a produção era feita para complementar a renda obtida da agricultura familiar, não havendo uma comercialização propriamente dita, mas um sistema de trocas. A tecelagem era realizada nos teares de três panos, sendo feita de maneira integral

por cada família, tendo este sido adaptado a partir dos teares utilizados pelas populações indígenas.

O tear de três panos tem esse nome porque vem da pequena largura do tear que só permite obter o pano com no máximo 60 cm, necessitando que os fios precisassem ser tecidos três vezes para integrar a largura de uma rede. ROCHA (1983) menciona que foi nessa fase que foi introduzido um tear chamado batelão, passando a atividade de tecelagem - que antes era exercida principalmente pelas mulheres - para os homens, já que “o tear batelão é maior, mais pesado e exige um grande esforço físico para sua operação” (ROCHA, 1983, p.41), assim as mulheres ficaram encarregadas apenas das tarefas referentes ao acabamento das redes e com os cuidados com a casa e os filhos.

Sobre as atividades de comercialização desenvolvidas no município de São Bento, ROCHA (1983) coloca que

havia um pequeno comércio do excedente nas feiras periódicas, sem que haja registro, nesse período, da existência de intermediários ou comerciantes; as mulheres que produziam alguma rede além do consumo doméstico, ou trocavam na vizinhança, ou mandavam para alguma feira para troca e venda. [...] Este tipo de produção artesanal só começa a se modificar com a utilização de fio industrializado na tecelagem de pano, trazido por alguns comerciantes locais que vendiam os poucos produtos manufaturados consumidos na região. O fio era adquirido diretamente nos locais de produção, que podiam ser Campina Grande, Natal, Fortaleza ou João Pessoa, e à vista, numa operação que, dadas as características de isolamento da área e fragmentação da produção, concentrou-se inicialmente nas mãos de dois comerciantes apenas. Eles começaram a vender fio a crédito e, posteriormente, a receber redes prontas como pagamento pelo fio” (ROCHA, 1983, p. 40)

**Figura 31** - Rede de três panos, onde é possível ver as três emendas do pano da rede.



**Fonte:** Jéssica Lobo Sobreira, 2018.

**Figura 32** - Detalhe das duas emendas da rede de três panos.



**Fonte:** Jéssica Lobo Sobreira, 2018.

Com a introdução do tear batelão e dos fios já prontos houve um aumento da produtividade na fabricação de redes de dormir, havendo no comércio a troca de fios por redes já prontas. Nessa época, ROCHA (1983) menciona que havia um sistema de trabalho por contrato, realizado por dois comerciantes de fio de São Bento, que entregavam os teares já aparelhados e com os insumos necessários para a produção de redes, exigindo o comerciante determinado número de redes já finalizadas.

Dentre as principais características do período artesanal podemos citar o desenvolvimento de novas técnicas para a tecelagem de redes de dormir, a introdução do tear batelão e a expansão da comercialização.

### 5.3 O trabalho no período “manufatureiro” da indústria têxtil de São Bento (1958 -1964)

No âmbito local, as redes de dormir eram comercializadas no mercado público junto com os produtos provenientes da agricultura. Nessa época, a comercialização de redes de dormir era apenas um complemento da atividade da agricultura familiar. Nesse intervalo em que é denominado o período manufatureiro na Indústria Têxtil de São Bento houve uma ampliação do consumo pelas redes de dormir o que concomitantemente possibilitou um aumento da produção.

Com a emancipação política do município de São Bento em 1959, possibilitou maior Independência no que tange a comercialização das redes. Foi nessa época que se criou a primeira manufatura da região por Manuel Lúcio e sua família - agricultores locais, que assim como a maior parte dos moradores de São Bento - nos períodos ruins da agricultura se utilizavam do artesanato de redes para complementar a renda familiar (ROCHA, 1983).

A instalação da primeira manufatura iniciou a configuração da cidade modificando a dinâmica rural e conseqüentemente as relações de trabalho, tendo começado utilizando cerca de vinte teares, o que já era considerado para a época uma produção em larga escala. Assim, aos poucos, as técnicas foram ficando mais modernas e os processos de fabricação que eram totalmente artesanais modificavam-se aos poucos a partir da introdução de técnicas de estampagem semelhante a técnica de *silk-screen* a partir de telas com moldes de desenhos. Além disso foi nessa época que começaram a trazer os novos teares provenientes das sucatas de São Paulo (ROCHA, 1983).

Aos poucos, a cidade foi perdendo parte da sua característica rural e cada vez mais se moldando a atividade têxtil. Foi nesse período que se instalou alguns comércios de fio e pelo "intercâmbio" com as oficinas de São Paulo, foi-se aos poucos iniciando a qualificação da mão de obra. Aos poucos, o comércio das redes de dormir estava se consolidando na cidade de São Bento abrindo espaço para lojas maiores de Natal e Recife se instalarem na cidade (ROCHA, 1983).

ROCHA (1983, p 115) enfatiza que nessa época

“já existiam fabricantes que fazem feira em outras cidades; vende-se em grosso para os proprietários de redes localizados no Maranhão, Pará, Rio Grande do Norte etc; vende-se para cadeias de lojas como as populares Lojas Pernambucanas, que possuem filiais em todo o país, como também para cadeias de supermercados; vende-se também através de representantes etc.” (ROCHA, 1983, p. 115)

Foi nesse período, que as vendas de porta em porta aumentaram, principalmente em cidades próximas como Brejo do Cruz e Patos - cidades limítrofes ao município de São Bento. SANTOS (2012), relaciona esse período com a formação da Feira da Pedra, onde iniciou a comercialização das redes de dormir e posteriormente de outros produtos têxteis<sup>88</sup>.

---

<sup>88</sup> A feira utilizava o espaço físico entre a Matriz de São Sebastião e o Mercado Público Municipal, posteriormente transferida deste local, no centro da cidade, para uma estrutura construída na saída da cidade de São Bento.

#### 5.4 Fase da maquinofatura: consolidação do Polo de redes de dormir de São Bento (1964 - dias atuais)

A fase atual da fabricação de redes de dormir é marcada pela “industrialização” da produção, onde cada vez mais a atividade de confecção de redes de dormir se expande pela vida dos artesãos, deixando cada vez menos espaço para as atividades ligadas a agricultura. Foi nessa fase, intitulada de “maquinofatura” que os mecanismos de comercialização se desenvolveram, acompanhando as novas tecnologias de comunicação, o *whatsapp*, o *e-commerce*, sites de produtores etc.

Conforme visualizado na Figura 33, a Tecelagem São José foi a primeira maquinofatura de São Bento sendo inaugurada em 1964. Alguns anos depois, em 1970, foi construída a ponte que liga São Bento aos municípios do Rio Grande do Norte, facilitando assim o escoamento da produção de redes e além disso, possibilitando acesso de outras cidades. Durante a pesquisa de campo, D. Pilar, ressalta que “antes do Rio Piranhas ter a ponte era muito difícil o acesso à cidade, antes da ponte ser construída, a travessia era feita de transporte improvisado... no início do ano, quando o inverno chegava pesado a gente não tinha como sair de São Bento, porque o rio subia muito e não dava pra atravessar”.

**Figura 33** - Travessia feita em barcos antes da construção da ponte em São Bento



Fonte: <https://www.saobentoemfoco.com.br>. Acesso em nov. 2017.

**Figura 34 - Linha do tempo da formação da indústria têxtil em São Bento - PB**



Fonte: Pesquisa de campo. Jéssica Lôbo Sobreira, 2019.

Em 1970, ocorreram mais duas mudanças importantes: a primeira foi instalação do Banco do Brasil que possibilitou acessar crédito as pequenas produtoras principalmente o acesso ao crédito rural, que segundo dados da pesquisa de campo, eram investidos na produção de redes de dormir. Além disso, nessa mesma década, fábricas têxteis de São Paulo da região de Americana começaram a substituir suas máquinas por outras mais modernas possibilitando aos produtores têxteis de São Bento, adquirirem essas sucatas e adaptarem a produção de redes de dormir e comercializando esses teares adaptados localmente. Dessa maneira, foi feita a substituição dos teares de madeira por esses teares mais “modernos”, e atualmente, existem alguns teares de madeira que são utilizados para fabricação de tapetes.

Foi a partir do período maquinofatureiro que São Bento tornou-se referência nacional na produção e comercialização das redes de dormir, exportando para outros estados e países, se expandindo e se interligando tanto internamente com os demais municípios, regiões, estados e países, sofrendo interferência e interferindo e, portanto, reconfigurando-se em meio à dinâmica local/global; inserindo-se cada vez mais na lógica capitalista. Nas palavras de ROCHA (1983, p. 55) “São Bento passou a representar o mais importante centro de comercialização de redes do Nordeste, sendo constantemente visitada por compradores de outras cidades e concentrando muitos comerciantes autônomos”.

Nesse contexto, o Polo Têxtil e de Redes de Dormir vai se expandindo e se interligando tanto internamente como externamente com os demais municípios, regiões, estados e países, sofrendo interferência e interferindo, reconfigurando-se em meio à dinâmica local/global; inserindo-se cada vez mais na lógica capitalista.

\*\*\*

## CAPÍTULO 6

### GLOBALIZAÇÃO E SEUS IMPACTOS RECENTES NO POLO DE REDES DE DORMIR,



Vista aérea do Shopping das Redes, atual “Feira da Pedra”  
Fonte: <https://www.saobento.pb.gov.br> Acesso em: dez. 2019.

## **6 NEGÓCIO DA CHINA. GLOBALIZAÇÃO E ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS: transformações recentes no Polo de Redes de São Bento**

Neste capítulo são analisados os impactos da importação de produtos têxteis chineses na produção e comercialização em São Bento, através de dados secundários fornecidos pelo Ministério de Desenvolvimento e Comércio Exterior, de depoimentos encontrados no Jornal da Paraíba e nos jornais locais acerca dessa problemática; e, principalmente das entrevistas realizadas com os produtores, trabalhadores e comerciantes. Atualmente os produtos de origem chinesa estão presentes em São Bento através do fio reciclado usado no tecido das redes e dos produtos têxteis (principalmente redes de dormir e mantas). O fio que anteriormente era tecido no local, passou a ser importado com resíduos da indústria da moda e fiado com garrafas pet para dar mais estrutura ao fio; desta forma, este passou a ser importado atualmente pela Empresa “Redes Santa Luzia” e distribuído amplamente para comercialização nos postos de venda de fios locais. Além disso, é importante registrar que o vínculo entre São Bento e as empresas de origem chinesa, foi se estreitando a partir do interesse de importadores chineses em comprar algodão colorido, permitindo assim maior investimento local na produção de algodão colorido orgânico em São Bento, o que contribuiu para incentivar a agricultura familiar local como vem ocorrendo, com base em estímulos dos projetos que contam com parcerias e recursos do Governo Federal, a Embrapa e o Poder Público Municipal.

### **6.1 O impacto da importação de produtos chineses na produção e comercialização local**

Em novembro de 2011, o Jornal da Paraíba publicou uma reportagem sobre a importação dos produtos chineses em São Bento, sendo esta, a primeira vez que isso havia sido documentada no município.<sup>8990</sup> No referido ano, o Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC)<sup>91</sup> em 2011, registrou um recorde nas exportações no Estado da Paraíba e no município de São Bento. No período de janeiro a setembro de 2011, as importações atingiram US\$ 4,8 milhões, alta de 76,05% sobre o mesmo período do ano anterior; no qual havia sido registrado US\$ 2,1 milhões de dólares. Em contraponto a esses dados, nesse ano de referência,

---

<sup>89</sup> A referida notícia se encontra anexada ao final do trabalho.

<sup>90</sup> <http://www.jornaldaparaiba.com.br/economia/sao-bento-sofre-com-importacao-de-produtos-chineses.html>  
Acesso em dez. 2019

<sup>91</sup> <http://www.mdic.gov.br> Acesso em dez. 2019

as exportações tiveram uma queda de 95% no mesmo período. Nesse período, o dólar estava abaixo do mercado e as importações foram favorecidas, já que ficam mais baratas.

Nesse ano de referência (2011), o Jornal da Paraíba colheu o depoimento de um empresário local falando do impacto que essas importações geraram no comércio local da cidade de São Bento:

“Nos últimos dois meses o comércio caiu pela metade. A gente compra matéria-prima de primeira, fabrica produtos de qualidade, mas é forçado a aderir a esses outros itens porque o mercado chinês tem tomado de conta das feiras livres e o consumidor vai pagar pelo preço. (Depoimento do empresário Joacil Araújo para o Jornal da Paraíba em nov. 2011)<sup>92</sup>

“Uma rede de boa qualidade custa R\$ 450,00, mas possui produto de qualidade e garantia com durabilidade. Já as que chegam da China são vendidas por R\$ 45,00 sem qualquer garantia.” (Depoimento da vendedora Alcilene Gadelha Gomes para o Jornal da Paraíba em nov. 2011)<sup>93</sup>

Vale salientar aqui que cerca de 50% da comercialização da Feira da Pedra<sup>94</sup>, é feita com redes populares, por isso que a China concorre diretamente com esse produto, sendo essas redes vendidas a preços populares e feitas com acabamento mais simples como a varanda ou franja industrial. Os outros 50% são em artigos destinados às classes A e B, redes com varandas artesanais, detalhes personalizados, feitas sob medida.

As importações têm se concentrado especialmente no mercado chinês, principal fornecedor nas fibras naturais e filamentos químicos (29,5%), nos tecidos (64%) e na confecção (59%), não somente pelos preços competitivos, mas também pela atratividade exercida sobre os produtores internacionais, que deslocam suas atividades de produção, subcontratando da China em vez de investir no país. Também, a dificuldade na aquisição do algodão, matéria-prima brasileira mais importante, devido à alta dos preços da fibra em 2009 e 2010, levou a que empresas da cadeia têxtil substituíssem parte dessa fibra por filamentos químicos, aumentando as importações de fibras, tecidos e confecções da China.

Com isso, as empresas que têm utilizado a estratégia de diferenciação, buscando agregar valor ao produto, vêm obtendo resultados satisfatórios, apesar dos entraves a que está suscetível o setor. São importantes, políticas públicas no que se refere à redução dos impostos, além de uma política monetária com base na qual o governo possa controlar o câmbio, criar barreiras comerciais, melhorar as exportações nacionais, bem como possibilitar a desoneração dos encargos da folha de pagamento da mão de obra de todos os elos da cadeia. Se mantido o atual cenário, em termos político-monetários e de tributação, as estratégias relativas à importação para redução de custos e aumento do portfólio poderão

---

<sup>92</sup> <http://www.jornaldaparaiba.com.br/economia/sao-bento-sofre-com-importacao-de-produtos-chineses.html>

<sup>93</sup> <http://www.jornaldaparaiba.com.br/economia/sao-bento-sofre-com-importacao-de-produtos-chineses.html>

<sup>94</sup> Dados obtidos com a pesquisa de campo.

ser ampliadas nos próximos períodos, abrindo ainda mais espaço para impactos negativos na cadeia têxtil.

De acordo com a pesquisa que realizamos, as primeiras portas de entrada das mercadorias “importadas” em São Bento, foram os *redeiros*<sup>95</sup> – nomenclatura dada localmente aos vendedores ambulantes que saem comercializando redes nos caminhões-baú pelos diversos estados do Brasil e também pelos países da América do Sul. Eles param em cada cidade do caminho e saem vendendo as redes nos ombros pelos litorais e também pelas cidades do interior conforme constatou-se durante a pesquisa de campo (ver figuras 35 e 36 abaixo).

**Figura 35** - Redeiro de São Bento no Rio Grande do Sul



Fonte: <https://clovisheberle.blogspot.com/>.  
Acesso: nov. 2019.

**Figura 36**- Redeiro comercializando as suas redes do litoral de Santa Catarina



Fonte: <https://www.saobentoemfoco.com.br>.  
Acesso: nov. 2019.

Com o intuito de obter mais lucro, estes vendedores ambulantes (*redeiros*), incorporaram à venda de redes outras mercadorias como carteiras, cintos e meias e mantas que geralmente são encontrados à preços baixos e conseguem entrar ilegalmente no país através de Ciudad del Este no Paraguai, fronteira com a cidade brasileira, Foz do Iguaçu<sup>96</sup>. Além disso, Ciudad del Este juntamente com a fronteira Bolívia-Chile são responsáveis pela entrada de redes, mantas e tapetes de origem chinesa, muitas vezes referenciados na região como mercadoria “chilena”. É esta mercadoria que começou a ganhar mercado em São Bento por

<sup>95</sup> Desde setembro de 2015, foi estabelecido pela Lei 10.567, de 18 de novembro de 2015, de autoria do deputado Jullys Roberto, que o segundo final de semana do mês de setembro seria comemorado o “dia do redeiro” no município de São Bento, sendo este dia Calendário Oficial de Eventos Turísticos do Estado da Paraíba.

<sup>96</sup> Essa informação foi obtida através de entrevista realizada com um redeiro em 2018.

possuir preços extremamente populares, atualmente (2019) essas mantas e redes custam a partir de R\$ 10,00 (dez), podendo ser comercializadas fora de São Bento por até R\$ 50,00 (cinquenta) reais oferecendo uma boa margem de lucro para os atravessadores.

D. Helena, 67 anos, é uma *sacoleira*<sup>97</sup> que revende as redes de dormir de São Bento em Natal, RN, sua cidade de origem e vem a cada dois meses comprar mercadoria para revender.

“Quando eu venho comprar as redes aqui em São Bento eu já sei mais ou menos pra quem eu vou vender, tenho minhas encomendas, né? Vendo no crediário lá em Natal. Faz muitos anos que eu compro aqui pra revender e complementar a minha renda. Eu saio procurando a mercadoria mais em conta, rodo a feira inteira, gosto muito dessas redes chilenas como eles chamam aqui porque o preço é bom, eu compro por dez reais e vendo por quarenta, cinquenta reais, aí compensa os meus gastos com a viagem. Mas tenho que andar a feira inteira pra conseguir esse preço porque tem gente que vende a mesma rede por quinze reais, aí não dá né? Comércio tem que se andar porque se comprar no primeiro, eles exploram.” (D. Helena, entrevista realizada em 5 nov. 2018)<sup>98</sup>

A inserção da mercadoria chinesa em São Bento foi um divisor na qualidade e na venda da mercadoria produzida localmente. Desde a chegada das importações que começaram a ser sentidas no final de 2011, várias tecelagens fecharam devido à diminuição das vendas. Na época, em entrevista ao jornal da Paraíba<sup>99</sup>, Joacil Araújo, um empresário local falou que

“Nos últimos dois meses o comércio caiu pela metade. A gente compra matéria-prima de primeira, fabrica produtos de qualidade, mas é forçado a aderir a esses outros itens porque o mercado chinês tem tomado de conta das feiras livres e o consumidor vai pelo preço”.

Ainda sobre a inserção dos produtos chineses em São Bento, na mesma entrevista ao Jornal da Paraíba (2011), a comerciante Alcilene Gomes explicou que:

“Uma rede de boa qualidade custa R\$ 450,00<sup>100</sup>, mas possuo produto de qualidade e garantia com durabilidade. Já as que chegam da China são vendidas por R\$ 45,00, sem qualquer garantia.”

<sup>97</sup> É o nome dado na região para as pessoas que compram mercadorias e revendem em outra cidade. Tem o mesmo significado que é adotado em Pernambuco, no Polo de Confecções.

<sup>98</sup> Entrevista realizada em 5 de novembro de 2018 pela autora deste trabalho.

<sup>99</sup> Reportagem disponível no anexo A.

<sup>100</sup> <sup>100</sup> Esses dados foram colhidos em 2011 e como parâmetro de referência à época o salário mínimo custava R\$ 545,00 (quinhentos e quarenta e cinco reais). O valor do salário mínimo foi definido pela Lei 12.382, de 2011. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2011/Lei/L12382.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12382.htm)

Nas duas fotos abaixo (Figura 37 e 38), tiradas no Shopping das Redes em São Bento no ano de 2018, pode-se ver as mantas de origem chinesa sendo comercializadas e na segunda foto são exemplares de roupão de banho infantil confeccionados a partir do tecido das mantas chinesas.

**Figura 37** - Mantas de origem chinesa sendo comercializadas na feira local



**Fonte:** Jessica Lobo Sobreira. Pesquisa de Campo. Ago, 2018.

**Figura 38** - Roupão de banho infantil de origem chinesa comercializado na feira local



**Fonte:** Jessica Lobo Sobreira. Pesquisa de Campo. Ago, 2018.

Dona Ekaterina, que trabalha na agricultura e também com o acabamento das redes, explica como ela se inseriu no ramo da rede, na época em que a Feira<sup>101</sup> só comercializava produtos da agricultura; com o tempo a produção da agricultura foi ficando cada vez mais fraca, principalmente devido à escassez das chuvas e dificuldade de se manter o plantio. Ela me disse que em 2012, quase não choveu na região e ela perdeu toda a área plantada, tendo assim, a produção das redes de dormir, como a única forma de sobrevivência, nas palavras dela “a agricultura fracou, só restaram as redes”.

“Na época que comecei a vender aqui eu trazia um pouco do que eu produzia com a agricultura e as redes que a gente fazia lá em casa e assim eu fui

<sup>101</sup> Optei por usar Feira com “F” maiúsculo para se referir a Feira da Pedra. Mesmo após a mudança de local e ambiente da Feira para o Shopping, os moradores locais continuam chamando o espaço de comercialização de “Pedra” ou “Pedra nova”.

levando... hoje em dia, a agricultura fracou, só restaram as redes” (Entrevista realizada com D. Ekaterina em jan de 2018.)

“Em 2012, foi um período ruim, não teve chuva suficiente e não conseguimos segurar a plantação. A gente tinha milho, feijão e um pouco de jerimum plantado, mas não tiramos quase nada, perdemos tudo. Tivemos que sobreviver com as redes, sem a venda das redes a gente não teria renda nenhuma.” (Entrevista realizada com D. Ekaterina em jan de 2018.)

Seu Maurício, que assim como Dona Ekaterina, trabalha na agricultura e no “ramo da rede”<sup>102</sup>, relata sobre a sua situação com a introdução dos produtos chineses no município:

“É difícil a concorrência com as redes produzidas na China, mesmo com qualidade inferior é difícil a gente conseguir levar o negócio adiante. Antigamente, quando eu comecei a vender na feira eu trazia a minha mercadoria montava a banca de três da manhã quando dava sete, oito horas eu já não tinha mais nada, tava voltando pra casa e desde que as coisas da China chegaram aqui tá assim (apontando pra mercadoria) essa hora (eram 9h da manhã) e ainda não vendi metade do que eu trouxe.” (Entrevista realizada com S.Maurício em abril de 2017)

“Depois que **esse negócio da China** chegou aqui em São Bento, a gente tá tentando investir mais no nosso acabamento, nas varandas que a gente sabe fazer, deixando elas mais trabalhadas, o ponto menor, pra chamar atenção do consumidor e vê se a gente consegue vender a mercadoria. Tá difícil porque cada dia tá mais concorrido com essas coisas dos chineses. O ruim é que vem de longe e desbanca a mercadoria da gente aqui né?” (Entrevista realizada com Dona Ekaterina em jan de 2018.)

Esses depoimentos que foram transcritos das entrevistas realizadas na pesquisa de campo fornecem um breve panorama do difícil período que São Bento está passando atualmente, com a inserção das importações massivas da China, no período compreendido entre 2017 e 2018. E, também, das estratégias usadas para a valorização do produto artesanal local. A Feira da Pedra que sempre foi um dos destinos principais das vendas locais, já está perdendo espaço para a comercialização dos produtos chineses assim como algumas lojas têxteis locais<sup>103</sup>, isso foi explicitado também no discurso de Seu Bento:

Pra gente aqui, 2013, 2015 e esse ano de 2019 foram os piores anos de feira. Eu trazia a mercadoria e não vendia, os serviços diminuíram, a gente só não passou mais necessidade porque a agricultura nos sustentou, mas se não fosse isso? Deus teve misericórdia de nós... [...] Essas empresas aí, maiores, foram

<sup>102</sup> Localmente, utiliza-se a expressão “ramo da rede” para explicar que a pessoa trabalha com alguma atividade ligada a confecção da rede de dormir.

eles que começaram a botar os chineses pra dentro daqui de São Bento, acabando com nossa cultura. Se continuar assim, onde a gente vai parar? **Eu tenho medo que tudo isso vire coisa da China.** Sem as redes a gente não sobrevive não [...] Hoje em dia eu ainda tenho meu roçado porque eu não sei viver sem meu roçado, sem a lida no campo, eu faço isso porque é minha identidade, a gente não quer que a agricultura acabe não, mas meu sustento o que bota o de comer<sup>104</sup> em casa é as rede! **Se não fosse as rede, a gente passava fome!** A gente que trabalha com as redes só tem aquele dinheirinho pra comprar nossa comida e não faltar nada na nossa mesa, **a gente não quer luxo não, a gente só que ter o comer.**

(Seu Bento, entrevista realizada em abril de 2019).

A entrevista realizada com Seu Valter que é agricultor e também atua na fabricação de redes mostra o impacto que a inserção chinesa tem gerado a curto prazo no âmbito local e os pequenos comerciantes e produtores são os mais afetados. Os dados da importação da China, no setor têxtil em São Bento se iniciou no ano 2000 no valor de 173.413 mil dólares, conforme os dados obtidos (tabela 1). No período de 2001 a 2003 não houve importação, e em 2004 houve uma importação menor que a realizada em 2000 no valor de 63.937 mil dólares, destinada a compra de corantes e hidróxido de sódio (soda cáustica) que são utilizadas no processo de tingimento do fio de algodão.

---

<sup>104</sup> Refere-se a comida que se come, a alimentação como um todo.

**Tabela 1** - Importação de São Bento no período entre 2000 - 2019

ANO	Valor FOB <sup>105</sup> (US\$)
2000	\$173.413
2001	-
2002	-
2003	-
2004	\$63.937
2005	-
2006	-
2007	-
2008	\$238.433
2009	\$1.335.026
2010	\$3.734.764
2011	\$6.020.034
2012	\$3.045.045
2013	\$6.525.271
2014	\$6.256.086
2015	\$2.464.027
2016	\$5.168.227
2017	\$11.917.476
2018	\$6.929.675
2019	\$5.685.348

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Alice web/MDIC<sup>106</sup>.

Conforme dados da tabela 1, pode-se perceber que o auge da importação ocorreu em 2017, no valor de 11.917.476 dólares, devido a compra de fio reciclado da China e também de troca do maquinário de um dos grandes fabricante de brim da cidade (brim é um tipo de pano da rede, que pode ser tingido em várias cores e utilizado para a confecção da rede do tipo sol a sol - ver figura 39 e 40 ). Esse tecido é confeccionado em fio de algodão cru em teares elétricos que utilizam tecnologia de ponta e comandos computadorizados e tingido na mesma empresa em larga escala, sendo comercializado no comércio local e também exportado para outros

<sup>105</sup> De acordo com o IPEA (2006), FOB são as iniciais da expressão inglesa *Free On Board*. Quer dizer que o exportador é responsável pela mercadoria até ela estar dentro do navio, para transporte, no porto indicado pelo comprador. Por que *free*? Porque a mercadoria já deve ter sido desembarçada na alfândega de partida e estar livre para ser levada. Essa expressão faz parte dos chamados Incoterms, ou seja, *International Commercial Terms*, compilados e normatizados pela Câmara de Comércio Internacional (CCI). Existem muitos outros que representam diferentes cláusulas de contrato de comércio exterior. CIF é a sigla de *Cost, Insurance and Freight*. Nessa modalidade, o exportador se responsabiliza pela entrega da mercadoria no porto de destino, com despesas de transporte e seguro pagas. Se no FOB a responsabilidade do exportador acaba quando a mercadoria entra no navio, no CIF ela só termina quando a carga chega ao seu destino. Inicialmente, as siglas eram usadas apenas em transações de exportação/ importação por via aquática. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2115:catid=28&Itemid=23](http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=2115:catid=28&Itemid=23) Acesso em dez. 2019.

<sup>106</sup> ALICE WEB. Sistema de Análise das Informações do Comércio Exterior. **Base de dados**. Brasília, 2017. Disponível em: <<http://aliceweb.mdic.gov.br/>> Acesso em: jan. 2019

estados, conforme pode ser visualizado na entrevista com Belchior, proprietário de uma das maiores tecelagens do município.

Se você quer saber sobre a globalização, foi quem trouxe a globalização pra cá, lá na (Tecelagem X, nome omitido por questões éticas), eles exportam, a gente não exporta pra outros países, mas tudo que tem de mais moderno aqui em São Bento foi eu quem trouxe. Os nossos teares são os mais modernos que existem no mundo, trouxemos da China a maior parte, são os melhores e mais rápidos que existem. **Nossos funcionários são todos jovens, 100% da nossa mão de obra é toda jovem, nossa fábrica não para, temos o setor da tecelagem que funciona 24 horas por dia, nos três turnos. [...] A gente dividiu os funcionários por células colocamos fiscais em cada uma delas, pra nossa produção aumentar,** compramos máquinas mais econômicas para tingir os tecidos, elas economizam água e energia e tudo que tiver de mais moderno eu trago pra cá, a maioria das coisas a gente manda buscar lá na Ásia, eles lançam uma tecnologia e logo chega aqui. O setor do acabamento é mais demorado, então funciona em horário convencional, mas tem um fiscal observando se o pessoal tá produzindo e não conversando, colocamos um número em cada peça pra rastrear o trabalhador, se a peça entrar na esteira com erro, o trabalhador vai ter que ser punido, a gente desconta do salário dele, então acaba que todo mundo trabalha organizado, foi ideia da consultoria do Sebrae isso... A gente chamou o Sebrae pra estruturar tudo, estamos construindo agora uma estação de tratamento de água, que antes a gente não tinha, tudo aqui é moderno. **Eu represento a globalização, pra mim a globalização é isso. A gente não para de produzir.**

(Entrevista realizada por Jessica Lobo Sobreira em jan. 2019 com Belchior (proprietário de uma das maiores tecelagens do município de São Bento, grifo nosso).

Na fala de Belchior, destacada por mim, é possível visualizar o controle produtivo existente nas fábricas maiores que praticamente terceirizam informalmente a maior parte da produção, informação esta obtida a partir da pesquisa de campo, comentada por feiteiras locais, principalmente porque quando chega em torno de 17h, passa um camionete sozinha ou então com um reboque engatado atrás, circulando pelas ruas da cidade e também pela área rural para recolher as redes já “aprontadas” pelas feiteiras. Essa relação de subcontratação foi ocultada a mim, nas entrevistas realizadas com o proprietário. Além disso, por conter irregularidades na produção e principalmente na questão ambiental não me permitiram entrar na fábrica por três tentativas seguidas, momento em que eu só consegui entrar na fábrica em questão na quarta tentativa.

**Figura 39** - Tecelagem em São Bento - teares computadorizados que fazem os tecidos tipo brim e gabardine, utilizado nas redes do tipo “sol a sol”



**Foto:** Jessica Lobo Sobreira, 2018.

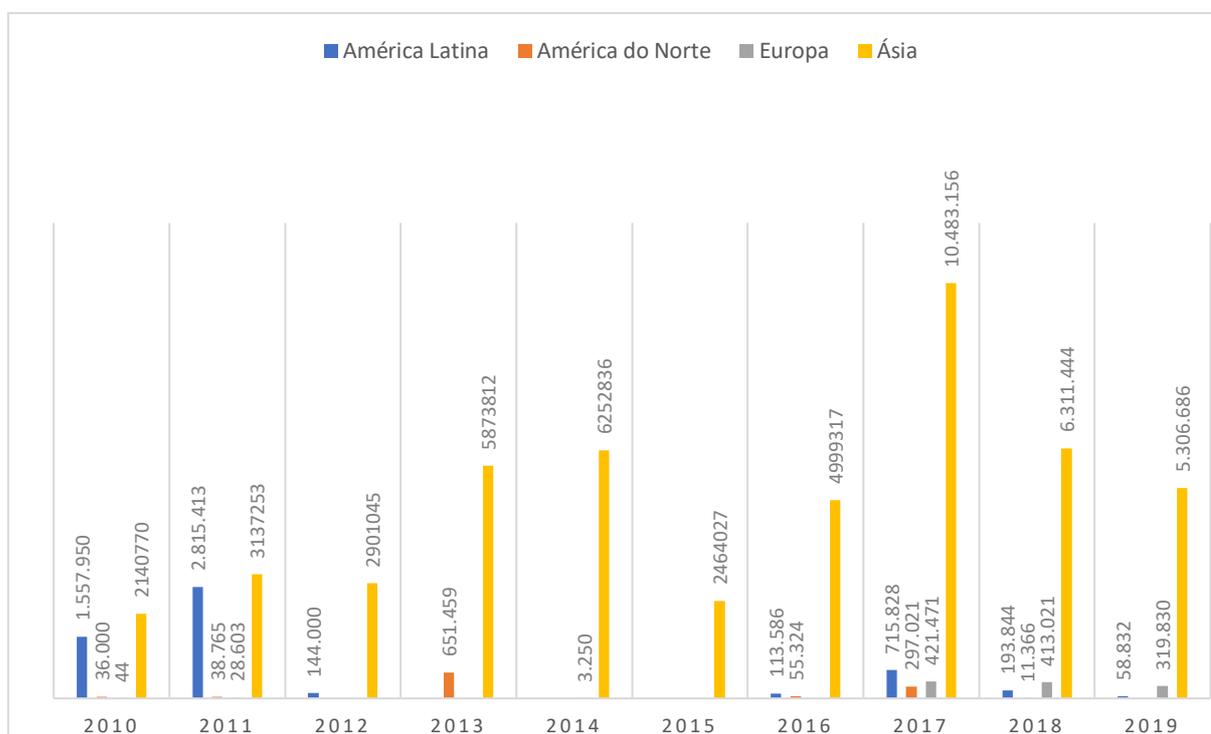
**Figura 40** - Tecelagem em São Bento – tear computadorizado importado da China.



**Foto:** Jessica Lobo Sobreira, 2018.

Sobre a origem das importações, ao serem divididas por blocos econômicos pode-se identificar no gráfico abaixo (Gráfico 02) elaborado com dados colhidos no MDIC (2019), que as importações oriundas da América Latina, América do Norte e Europa são inexpressivas perto da quantidade de exportações vinda da Ásia, em amarelo no gráfico, especificamente da China, Hong Kong e Shanghai<sup>107</sup>.

**Gráfico 02** - Importações no setor têxtil em São Bento - 2010 a 2019 (dólares FOB)



**Fonte:** Elaborado por Jessica Lobo Sobreira a partir de dados do MDIC (2019).

Conforme visualizado no Gráfico 02, a maior parte das importações realizadas por empresários em São Bento são oriundas da Ásia, principalmente das cidades de Hong Kong e Shanghai conforme mencionamos anteriormente. Quando observamos individualmente as mercadorias importadas pelo município, a maioria refere-se a fios reciclados para tecelagem e artigos como mantas, redes que foram inseridos amplamente no mercado local. Na prática, a consequência disso foi um enfraquecimento da comercialização das redes de dormir, provocando o fechamento de algumas fábricas/tecelagens que não conseguiram competir com

<sup>107</sup> Dados do MDIC (2019).

os preços da mercadoria chinesa, afetando a geração de emprego e renda e a reprodução das famílias envolvidas.

Essa situação pode ser visualizada na entrevista realizada com Estevão:

Eu tinha uma fábrica pequena de redes de dormir. Na época contava com seis funcionários que teciam o “pano” da rede e o acabamento eu terceirizava. A produção era destinada pra cá. Toda segunda-feira estava aqui expondo minha mercadoria. Com o dinheiro que apurava das vendas pagava meus funcionários e os terceirizados. As vendas eram muito boas. Não tinha essa concorrência que tem hoje em dia. Hoje, não vendemos mais como antes. Por isso que hoje, mantenho apenas dois funcionários porque a produção diminuiu. (Seu Estevão, entrevista realizada em fev. 2018).

Seu Estevão está no comércio há quase trinta anos, disse que “a Feira da Pedra era composta quase que totalmente por artigos têxteis advindos de produtores do município”, produtos nacionais. Mas hoje, é comum encontrar produtos têxteis importados e nacionais sendo comercializados no mesmo espaço”. Durante o período de realização da nossa pesquisa, observamos que a quantidade e variedade de produtos chineses comercializados na Feira da Pedra, são maiores do que as fabricadas no município. Além disso, percebeu-se que a comercialização de produtos têxteis importados na Feira da Pedra ocasionaram mudanças não apenas para quem vende na feira, mas, também para aqueles que estão alheios à ela.

Vários comerciantes relataram nas entrevistas realizadas que fecharam suas fábricas ou reduziram seu volume de produção, afetando diretamente a geração de emprego e renda no município. Infelizmente não conseguimos encontrar números sobre essa queda devido a maioria das empresas serem informais, embora a prefeitura local especula que atualmente existam cerca de 2000 empresas formais e informais. Quanto ao pessoal ocupado na indústria têxtil e o número de empresas formais, a plataforma do IBGE atualizou os dados até o ano de 2017, conforme dados das tabelas 2 e 3 abaixo.

**Tabela 2** - Cadastro Geral de Empresas Formalizadas do setor têxtil inscritas no registro CNPJ<sup>108</sup>

2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
511	534	531	530	502	555	512	542

**Fonte:** Realizado a partir de dados da plataforma Sidra/IBGE (2019).

No setor formal também foram registradas quedas, de 530 no ano de 2013 para 502 empresas, ou seja, foram menos 28 empresas formalizadas (5,28%), voltando a crescer em 2015

<sup>108</sup> Não foram atualizados no site os valores para os anos 2018 e 2019. Dados disponíveis em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6449#resultado>. Acesso em mar. 2019.

para 555 empresas e despencando no ano seguinte para 512 empresas, representando uma queda de 7,74%. A queda aconteceu também com o pessoal ocupado no setor têxtil, entre 2013 e 2014, maior do que entre 2015 e 2016. Lembrando que nessa época o Sebrae já sondava o município para instalação do Posto Avançado do Sebrae (PAS). Importante assinalar que, ao mesmo tempo que essas empresas fecharam, foram abertas novas empresas, o que pode explicar o número baixo das quedas, já que uma empresa pode ser aberta formalmente com um único funcionário, no caso do MEI - Micro Empreendedor Individual. No setor informal, há o discurso das perdas e fechamentos das empresas, mas não há registros, exceto as entrevistas realizadas na pesquisa de campo.

**Tabela 3** - Pessoal ocupado total e assalariado e outras remunerações no setor têxtil de São Bento (exceto vestuário) no período 2010 – 2017<sup>109</sup>

2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
2.556	2.571	2.632	2.805	2.404	2.992	2.917	3.636

**Fonte:** Realizado a partir de dados da plataforma Sidra/IBGE (2019).

Em virtude dessas mudanças, muitas pessoas foram prejudicadas, desde os produtores, o pessoal envolvido no processo produtivo, até aqueles que trabalhavam de forma indireta. Com a redução nas vendas, a produção também caiu. As tecelagens reduziram o quadro de funcionários, tendo em vista que não necessitavam mais da mesma quantidade de funcionários para produzir uma quantidade menor de produtos, causando mudança na oferta de emprego e diminuindo os serviços terceirizados de acabamento de redes, que a cada dia se torna mais escasso. Segundo as informações de campo, através das entrevistas, houve mudanças significativas no mercado de trabalho e qualidade do emprego no setor produtivo. Desde a entrada da China na produção e comercialização das redes de dormir, que passou a ser dominante no município possibilitando uma grande perda para a indústria local.

Outro fator considerado impulsionador para que alguns comerciantes que produziam as redes de dormir, segundo a tradição local e que hoje comercializam produtos importados, é o fato de que estes proporcionam uma margem de lucro maior. Os feirantes alegam que a concorrência com os produtos importados se torna desleal, tendo em vista que os artigos chineses, embora de padrão inferior ao local, possuem um preço muito competitivo, devido ao

<sup>109</sup> Não foram atualizados no site os valores para os anos 2018 e 2019. Dados disponíveis em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6449#resultado>. Acesso em mar. 2019.

uso de mão-de-obra barata e a utilização de matéria-prima sintética, o que torna os preços mais acessíveis ao consumidor.

Notou-se também que a demanda por produtos chineses na Feira da Pedra cresceu nos últimos dois anos, sendo isto perceptível através da variedade de artigos têxteis importados e comercializados nesse ambiente. Sendo assim, aquele que desde antes comercializava os artigos têxteis chineses ou que passou a vendê-los, têm neles uma oportunidade de “ganhar dinheiro” como disse a comerciante Gertrudes: “os produtos chineses deixam um pouco mais de dinheiro do que as redes quando eu vendia”, proporcionando maior lucratividade. Além disso, alguns feirantes vendem artigos chineses junto com seus produtos têxteis fabricados no município como forma de atrair a clientela, como informou Seu José “vendo também produtos importados, com o intuito de chamar a atenção dos clientes. Às vezes o cliente busca uma “manta da China”, por exemplo, e eu tenho para oferecer. Aproveito para também vender minhas redes”. Para Seu José,

“A China invadiu a nossa produção e a nossa comercialização. Chegou aqui no mercado de São Bento um tal do fio chinês que é reciclado a partir de malha, vai quebrar nossas fábricas de fio tudinho. Depois a China vai tomar nossa produção de rede de dormir” (S. José, entrevista realizada em jan. 2019.)

## 6.2 A inserção do fio chinês na tecelagem de redes de dormir e o descompromisso com o local

A indústria têxtil no município de São Bento - PB, segundo ROCHA (1983) e ALVES (2010), foi a principal responsável pelo desenvolvimento e crescimento social e econômico que o município atingiu desde a sua origem, tendo a maior parte da população inserida nesse setor. É notável, que a região desenvolveu um aglomerado de micro e pequenas empresas atuantes no setor têxtil. É comum encontrar essas pequenas fábricas no quintal das residências de São Bento juntamente com seus teares sendo manuseados, configurando as “fábricas fundo de quintal” como são conhecidas localmente – já que a maioria destas teve como origem o quintal das casas.

Essas fábricas, configuram-se enquanto pequenas empresas informais que alimentam o trabalho e a distribuição de renda de quase totalidade dos habitantes de São Bento, visto que grande parte das pessoas que trabalham em outros setores, como supermercados, casas de construção etc, realizam no período de referência da pesquisa de campo alguma atividade de

acabamento<sup>110</sup>. Dentre os principais artigos têxteis produzidos pelas fábricas que formam o setor industrial têxtil na cidade, conforme ARAÚJO (2011) são as redes de dormir, tapetes, panos de prato, toalhas e outros derivados, tendo como “carro-chefe” as redes de dormir.

Conforme dados da pesquisa, a comercialização desses artigos têxteis era feita a céu aberto em meio as ruas centrais, como forma de atrair viajantes que passavam por lá<sup>111</sup>. Essa maneira de comercialização dos produtos têxteis em São Bento ocorreu até maio de 2018 quando a feira a céu aberto que se localizava no centro da cidade foi transferida para um espaço construído em parceria com o Poder Público Municipal e Federal, intitulado Shopping das Redes, sendo este a principal forma de comercialização dos produtos têxteis produzidos no município. A referida feira também é destino de produtores de Caicó e Jardim de Piranhas, localizados no Rio Grande do Norte; Catolé do Rocha, Paulista, Brejo do Cruz, Pombal e Aparecida, ambos localizados na Paraíba, consolidando a importância da feira não só para São Bento, mas também para os municípios circunvizinhos.

Entretanto, essa prática, comum ao trabalho local, sofreu impacto negativo gerado pela entrada de produtos chineses no mercado local. De 2011 para cá mudanças ocorreram com a introdução de matérias importadas implicando em uma perda significativa da produção local conforme foi visto no tópico anterior em que a produção têxtil local está cedendo lugar para a produção têxtil chinesa, devido à quantidade de importação de material têxtil que afetou diretamente o comércio local e a produção de redes de dormir no município.

No Polo de Redes de São Bento, a inserção do fio chinês se configurou como uma das estratégias mercadológicas para redução de custos e ampliação do mercado, e uma única empresa passou a deter a quase totalidade do processo de importação. Segundo a pesquisa de campo, nos próximos anos a empresa pretende atuar como representante da China no Brasil, expandindo as importações e tornando-se a única representante do fio reciclado chinês no Brasil, podendo assim, segundo ambiciona, comercializar e ser dominante no segmento têxtil em todo o país. Além disso, o projeto de expansão se apoia em um discurso de sustentabilidade ambiental, justificado através da reciclagem do fio chinês que é utilizado como diferencial mercadológico para valorizar o produto.

SASSEN (2010, p. 22) propõe que o espaço social de produção “historicamente construído e institucionalizado como nacional”, ao ser envolvido por estruturas e processos caracteristicamente globalizantes, acaba tecendo formas e arranjos derivados da interação

---

<sup>110</sup> O período de referência do acompanhamento da pesquisa foi 2016 a 2019. Essa informação refere-se ao contexto desse período.

<sup>111</sup> Informação encontrada também em CARNEIRO (2001).

local/global. Assim, esse processo que é visualizado no Polo Têxtil e de Redes de São Bento, representa um espaço social e de produção, cuja composição é influenciada pelas tendências globais quando este é inserido nos fluxos dos mercados globais. Assim, como CAVALCANTI (2004, p. 18), mostrou, na análise do mercado das frutas de exportação, que as instâncias locais de produção são modificadas, ao mesmo tempo em que as ruralidades são significadas, ganhando novos sentidos nos fluxos da globalização. Processo similar acontece no Polo Têxtil e de Redes de São Bento. Na disputa com os produtos importados, o artesanato realizado pelas feiteiras passa a ser uma qualidade distintiva no processo de produção e a comercialização das redes de dormir, estas cada vez mais sendo aperfeiçoadas por técnicas e padrões de qualidade exigidos pelos mercados globais.

### 6.2.1 A empresa *Jiangsu Zhongyuan Industrial Group Co. Ltda*

Atualmente, a empresa *Jiangsu Zhongyuan Industrial Group Co. Ltda*<sup>112</sup> lidera o segmento de exportação de fio reciclado no setor têxtil para o Brasil, através do seu braço local, uma grande tecelagem em São Bento<sup>113</sup>. Segundo a o grupo chinês *Jiangsu Zhogyuan*, os fios são fabricados a partir de rejeitos da indústria têxtil de moda após a separação de cores e fiados juntamente a filamentos de garrafas PET reciclados pós consumo, garantindo assim um fio mais incorporado do que o produzido pela indústria têxtil nacional. Segundo a empresa o tipo do fio que eles desenvolveram se chama “*Recoyarns*” e foi desenvolvido em parceria com a Universidade *Donghua*<sup>114</sup> e *Soochow University*<sup>115</sup><sup>116</sup>. A empresa é detentora atualmente de vinte patentes de fio poliéster reciclado, produzindo 200 mil toneladas de fio e com um quadro de 133 funcionários.

Relatos retirados da *Yarn Expo Shanghai*<sup>117</sup>, considerada hoje a maior feira comercial da Ásia para a indústria de fios e fibras, argumenta que o conceito do fio “*recoyarns*” vai além de um produto reciclado,

“Ele representa nosso compromisso de tornar a indústria de fios uma plataforma sustentável. Nós fazemos o melhor para reduzir o plástico em nosso processo de fabricação, reduzindo inclusive bobinas plásticas,

<sup>112</sup> Informações retiradas do site da empresa: [zhong-yuan.en.made-in-china.com](http://zhong-yuan.en.made-in-china.com)

<sup>113</sup> A referida empresa também é proprietária de outra grande marca de redes de dormir no cariri paraibano.

<sup>114</sup> <http://english.dhu.edu.cn>

<sup>115</sup> <https://www-en.scu.edu.tw>

<sup>116</sup> Registrados sob a patente O POY & DTY reciclado: 30D-600D/24F-576F/ FDY reciclado: 30D-300D/24F-192F

<sup>117</sup> <https://www.tradefairdates.com/Yarn-Expo-M4576/Shanghai.html>

reciclando as caixas de embalagem e monitoramos o uso de recursos como combustível e energia. Encorajamos nossos funcionários a usar menos plástico, não apenas no trabalho, mas também em suas próprias casas bem como conscientizamos clientes, fornecedores e associados sobre a importância de respeitar o meio ambiente. Queremos que seja um modo de vida.”<sup>118</sup>

Então, as empresas locais estão investindo no discurso de sustentabilidade enquanto uma estratégia mercadológica, estampando o selo sustentável e revendendo este discurso através da comercialização do fio de origem chinesa e das redes de dormir que são comercializados pelo mesmo preço do fio da indústria nacional sendo que este último não possui o selo da sustentabilidade.<sup>119</sup> Assim, a empresa informa em seu site que tem como “missão”:

“oferecer uma linha variada de produtos têxteis e fios produzidos de forma ética e responsável, tendo como foco a sustentabilidade ambiental e usando como matéria-prima o algodão colorido e o algodão pet/reciclado”

[...]

“Desta forma, nosso desafio no mercado da indústria têxtil é manter uma Cadeia Produtiva Sustentável para criar peças de qualidade, prezando pela conservação do meio ambiente. Ressaltamos nossa crença de que qualidade de vida começa a partir do envolvimento da comunidade, da prática da produção ética e da promoção do consumo consciente”.

Para BONANNO et al. (1994) a globalização se dá em meio a conflitos resultantes da convivência de ganhadores e perdedores, requerendo, portanto, instâncias de mediação. BONANNO (1998) coloca que:

[...] Na promoção dos novos espaços produtivos, ressalta-se também o papel do Estado, tanto pela sua participação ativa através de investimentos em infraestrutura produtiva - irrigação, energia, estradas, etc.- e políticas de promoção econômica - créditos, como por seu papel favorecedor de determinados atores sociais, em detrimento de outros, ao criar condições propícias para a hiper mobilidade do capital. (BONANNO (1998) apud CAVALCANTI et al. (2006), p.125).

FAISAL (2010) defende que a sustentabilidade é um trampolim para melhorar a imagem de marca global em países desenvolvidos e para chegar aos consumidores com consciência ambiental (FAISAL, 2010). Para CHOI & NG (2011), faz-se necessário tentar se diferenciar no

---

<sup>118</sup> Entrevista concedida pelo expositor Ashish Puri na Yarn Expo Shanghai 2019. Disponível em: <https://www.tradefairdates.com/Yarn-Expo-M4576/Shanghai.html>

<sup>119</sup> A mesma empresa que trouxe o fio chinês “reciclado”, está investindo desde fevereiro de 2019 na plantação de algodão colorido orgânico e certificado para exportação de redes de dormir “naturais” para a China, já pensando em exportar os fios de algodão colorido para a indústria chinesa.

momento em que a concorrência cresce, principalmente quando o intuito é a exportação dos produtos, pois na perspectiva dos autores, no âmbito global, há cada vez mais uma preocupação do consumidor com as questões ambientais, penalizando assim as empresas que não adotam esse comportamento de cuidado com o meio ambiente. NA & NA (2013), afirmam que antigamente os produtos que possuíam o selo “eco-friendly” (amigo do meio ambiente), estavam sendo associados pelos consumidores à produtos de baixa qualidade com preços elevados. No entanto, segundo mostrado por NA & NA (2013), atualmente os consumidores estão pesquisando o comportamento das empresas e compreendem que o selo “eco-friendly” é moderno e sofisticado, sendo este o padrão que as empresas exportadoras de redes de dormir querem vender.

Apesar dessa preocupação com o meio ambiente na parte mercadológica, na prática, isso não é incorporado pela maior parte das empresas que atuam com pouca ou nenhuma preocupação com o desenvolvimento sustentável por inúmeros fatores, entre os quais podemos relacionar além do descaso ambiental, característico de um crescimento desordenado, configurando-se, portanto, em um abandono, no que se refere a investimentos econômicos em infraestrutura básica, por parte do poder político local.

Em função das características específicas do processo de produção das redes de dormir, uma das suas etapas é o tingimento do fio, muito utilizado na etapa inicial da tecelagem e que gera significativos impactos ambientais, pois estas empresas têm se tornado as grandes responsáveis pela poluição do rio Piranhas, um dos mais importantes do Estado da Paraíba. Isto fez com que alguns órgãos de fiscalização<sup>120</sup> interferissem no município, fiscalizando as unidades produtivas. No entanto, todo o processo de tingimento de fios, seja de maneira “legal” pela “Tecelagem A” ou pelas pequenas empresas informais, todo o processo é feito na zona rural da cidade, o que dificulta as ações de fiscalização.

Além disso, apenas em uma das tecelagens do município de São Bento, foi detectada a presença do setor de tratamento, mas este ainda está em construção; não está funcionando. Segundo os dados do MDIC (2019) a cada três anos, a empresa importa da China uma quantidade de 48.000 litros de soda cáustica e 14.000 litros de corante que serão utilizados na empresa e revendidos para as pequenas empresas locais. Na visão dos moradores locais:

“Há uns três anos atrás, o rio Piranhas estava todo colorido, mas ninguém falava nada porque todo mundo sabia que era a Tecelagem

---

<sup>120</sup> A estratégia utilizada pelos agentes públicos foi negociar um acordo (Termo de Compromisso de Ajustamento de Conduta – TAC) em que cada empresário que utilizasse do setor de tingimento, instalaria equipamentos dos afluentes num período de oito a doze meses.

C<sup>121</sup> que estava poluindo e como eles são poderosos, ninguém queria problema. Aí os peixes começaram a morrer, e a fiscalização apareceu e disse que ia multar com não sei quantos milhões, mas cadê a multa? Tem nada, eles são poderosos, essas coisas não chegam neles não. Disseram que era para ajeitar os resíduos dos tingimentos, mas até hoje, ainda tão ajeitando e o rio, todo poluído, teve uma época que não dava mais nem pra tomar banho.” (Entrevista realizada com Rebeca e D. Sofia, abril, 2017.)<sup>122</sup>

### 6.3 Negócio da china, estratégia mercadológica e apropriação do local

Em 2002, um conjunto de pequenas e médias empresas se uniram para formar o Consórcio de Produtores de Redes de São Bento; para evitar o encerramento de suas atividades. O grupo, assim formado, decide estabelecer, como estratégia de sobrevivência, um consórcio de exportação, tendo a rede de dormir fabricada localmente como matéria-prima principal. No entanto, essa iniciativa, que focalizava o escoamento dos produtos para o mercado interno e externo não se concretizou imediatamente. Ela foi posta em prática entre 2010 e 2011, e ganhou força entre 2015 e 2017, quando a China se inseriu no mercado de redes de dormir, procurando diferenciais competitivos.

Em consequência da participação da China, foi introduzido no mercado local de São Bento o fio reciclado a partir dos rejeitos de malha da indústria têxtil e fiado com garrafa pet, anunciado, assim, como diferencial - o “sustentável” desse produto – Esse negócio foi se ampliando e, em 2019, a sua participação no setor através dos testes para inserção na agricultura familiar do município, do “algodão orgânico na agricultura familiar do município, naturalmente colorido”, de origem paraibana, como matéria-prima chave para o conceito de “produto natural”, alardeado como o outro diferencial competitivo. A ideia dos investimentos chineses em 2020, é mudar o trabalho da agricultura familiar no município de São Bento para o trabalho no algodão colorido, garantindo aos agricultores o pagamento do quilo do algodão por um preço superior ao praticado no mercado<sup>123</sup>.

---

<sup>121</sup> Refere-se a uma grande tecelagem de São Bento. Atualmente a maior tecelagem do município, funcionando em três turnos diários e tendo sua produção direcionada para o segmento de cama, mesa e banho e para a fabricação do tecido gabardine em todas as cores. Possui uma loja da fábrica em São Bento, PB e uma loja em João Pessoa, PB.

<sup>122</sup> O banho no rio nos domingos é um costume local e uma das poucas opções de lazer do município de São Bento.

<sup>123</sup> Infelizmente devido a limitação de uma pesquisa como essa, essa questão da substituição dos produtos da agricultura familiar pelo algodão colorido causa muitas implicações locais. Primeiramente porque a China pretende expandir suas atividades em toda a área rural do município de São Bento, que engloba uma área quilombola - o quilombo de Catendas – que possui tradição na fabricação de cerâmicas a partir do barro, e há alguns anos, com a expansão das atividades chinesas no município de São Bento tem-se usado a mão de obra

Essa é a única estratégia associativa existente no município e coordenada por um consórcio, uma minoria formada por pequenas e médias empresas de tecelagem, em São Bento, que estabelece uma estratégia associativa, em torno dos investimentos chineses, utilizando o conceito de “sustentável”, como mecanismo de crescimento econômico – baseando-se em uma abordagem analítica, fundamentada na noção de Arranjos Produtivos Locais (APL), com o objetivo de contribuir com sugestões para as políticas de desenvolvimento do município, apropriando-se do trabalho dos artesãos locais.

Arranjo Produtivo Local (APL) é definido como a aglomeração de um número significativo de empresas bem como de empresas correlatas e complementares como fornecedoras de insumos e equipamentos, prestadoras de consultoria e serviços, comercializadoras, clientes, entre outros, em um mesmo espaço geográfico (um município, conjunto de municípios ou região), com identidade cultural local e vínculo, mesmo que incipiente, de articulação, interação, cooperação e aprendizagem entre si e com outros espaços locais e instituições públicas ou privadas do treinamento, promoção e consultoria, escolas técnicas e universidades, instituições de pesquisa, desenvolvimento e engenharia, entidades de classe e instituições de apoio empresarial e de financiamento (ALBAGLI e BRITO (2003).

ALBAGLI e BRITO (2003) e MARTELETO e SILVA (2004), definem que os aglomerados de empresas em torno de uma região, recebem várias denominações tais como sistemas produtivos locais, cadeias produtivas, polos dentre outras. Para o CARDOSO (2014), cada *arranjo* tem suas características próprias, uma vez que a realidade não é uniforme e a organização da produção é bastante diversificada. O quadro 07, (abaixo), permite uma melhor identificação das características comuns aos APL's.

---

quilombola na fabricação de redes de dormir e agora pretende-se usar também na produção do algodão colorido para exportação, o que faz com que essa comunidade perca sua identidade cultural com o passar dos anos.

**Quadro 7** - Características gerais comuns aos APLs

<b>Característica</b>	<b>Descrição</b>
Dimensão territorial	Constitui recorte específico de análise e de ação política, definindo o espaço onde têm lugar os processos produtivos, cooperativos e inovativos. A concentração geográfica leva ao compartilhamento de visões e valores, constituindo-se em fonte de dinamismo local e em diversidade e vantagens competitivas em relação a outras regiões.
Diversidade de atividades e atores	Os APLs envolvem a participação e a interação de empresas e outras instituições públicas e privadas envolvidas com a formação e capacitação de recursos.
Conhecimento tácito	Nos APLs geralmente verificam-se os processos de geração e socialização de conhecimentos por parte de empresas, instituições e indivíduos. Este conhecimento apresenta especificidade local, derivada da proximidade territorial e/ou de identidades culturais, sociais e empresariais.
Inovação e aprendizado interativo	O aprendizado interativo é fonte essencial para transmitir conhecimentos e ampliar a capacitação produtiva e inovativa das empresas e instituições, propiciando a introdução de novos produtos, processos e formatos organizacionais, garantindo a competitividade dos diferentes atores locais, tanto individual como coletivamente.
Governança	Refere-se às diversas maneiras de coordenação entre os agentes e atividades, envolvendo desde a produção até a distribuição de bens e serviços, bem como o processo de geração, disseminação e uso de conhecimentos e de inovações.

**Fonte:** Adaptado de ALBAGLI e BRITO (2003).

Segundo ALBAGLI e BRITO (2003), os estudos sobre arranjos produtivos locais vêm adquirindo relevância na literatura econômica, em razão das mudanças ocorridas, a partir dos anos 70, na competitividade entre as empresas, exigindo um processo mais intensivo em conhecimento. Esse tipo de abordagem enfatiza o fenômeno a partir de relações enraizadas territorialmente, tendo como objetivo investigar as potencialidades desses “arranjos produtivos” nos municípios ou regiões estudados, procurando dar ênfase aos aspectos específicos (sociais, culturais e políticos) de cada lugar, que possam ser utilizados como ferramenta de competitividade das empresas aglomeradas geograficamente.

O referido Consórcio criou estratégias de sobrevivência e avanço, baseadas na redução dos custos e importação em ampla escala de matéria-prima chinesa, para poderem alcançar preços competitivos com o selo “sustentável” no mercado local e, além disso, destacando-se no âmbito internacional com a produção artesanal e sustentável. Além disso, teria utilizado todas essas estratégias, de “sobrevivência” e avanço nos seus lucros, tendo o fio reciclado chinês e a posterior inserção do algodão colorido<sup>124</sup> como matéria prima, utilizando estratégias para ter ganhos de escala mediante o apoio e a cooperação dos atores políticos (governo federal, estadual e municipal), dos centros de pesquisa tecnológica, designs, sindicatos rurais, federações, fornecedores e agentes financeiros, com o objetivo de incrementar a sua produção de redes de dormir, com a apropriação do bordado e do trabalho realizado pelas feiteiras locais, proporcionando ao produto uma maior identidade local e, conseqüentemente, um maior valor agregado. Dessa forma, no âmbito da produção local, a China pensa em desenvolver novos produtos, criar demandas e assim gerar a necessidade de se plantar, descaroçar, fiar e tecer o algodão colorido.

Vale salientar que as empresas que fazem parte do Consórcio, conhecem a situação em que vivem todas as pessoas da cadeia produtiva, inclusive os agricultores e artesãos e que as negociações entre as partes que atuam nesses setores (produtores da matéria prima e fornecedores de serviços que agrega valor) são feitas em pleno acordo entre as partes. Todavia, quando se trata da cadeia produtiva do acabamento de redes de dormir, os agricultores e artesãos têm um poder de barganha muito menor do que o Consórcio e acabam tendo que adequar seus preços às exigências do mercado.

A cadeia produtiva da rede de dormir é movida de cima para baixo obedecendo a uma única via, onde seus participantes, principalmente os de menor poder aquisitivo (agricultores que são também artesãos e artesãs) são objetos passivos e não se dão conta do valor que possuem, da importância da atividade que realizam dentro da cadeia produtiva. É provável que esses agentes do capital contem com a falta de organização dos trabalhadores e agricultores que, muitas vezes, sequer tomam conhecimento sobre o produto final gerado pelo seu trabalho, por isso sucumbem à exploração, deixam-se explorar: os trabalhadores não se veem como agentes dessa mudança e frequentemente aceitam condições muito desfavoráveis a eles. Isso foi observado em algumas entrevistas realizadas, como na fala de D. Guiomar:

---

<sup>124</sup> Os produtos feitos com algodão colorido são muito valorizados na China e nos países afora.

**Jéssica:** Qual a rede mais cara que a senhora tem pra vender aqui?

**D. Guiomar:** a minha rede mais cara custa R\$ 140,00 reais, porque é muito trabalhosa e eu faço a varanda com linha Cléa aquela linha paulista, ela é cara, custa mais ou menos R\$ 13 reais o novelo, aí eu uso entre quatro a seis novelos se o ponto não for fechado demais, aí eu vou lá no armarinho e compro fiado<sup>125</sup> pra pagar fiado pra pagar quando eu consigo vender a rede sendo eu que fiz ela toda, tá entendendo? Eu compro a linha pra fazer a varanda e o cordão para fazer o caré<sup>126</sup> da rede, tudo fiado, eu só pago quando eu vendo a rede. Menos o pano, o pano da rede é só a vista mesmo eles não vendem fiado não. [...] Aí eu faço a varanda, demoro uns 10, 15 dias pra fazer cada varanda e depois eu faço o caré e vou pra feira vender a rede. Muitas vezes é cliente antigo aí chega lá na feira e diz assim: D. Dudé, eu volto daqui a 60 dias e quero 30 redes, quando isso acontece eu vou ter que arranjar outras feiteiras pra ajudar a terminar a minha encomenda. Aí eu compro material e entrego à elas, pra fazer as varandas. Cada varanda eu pago dez reais pra feiteira fazer, com meu material. Geralmente o preço é esse pelo valor da varanda. Para fazer o caré é três ou quatro reais, depende se ele tem um acabamento melhor ou não. Então quando meu cliente que comprou a mim, vender as redes dele, ele me paga o valor que me deve e eu vou pagar as feiteiras, ao armarinho onde eu comprei o cordão e a linha da rede, funciona assim... (Entrevista realiza em jan. 2019).

Outro tipo de relação de trabalho que mostra essa relação de exploração fica evidenciada na fala de D. Petra:

D. Petra: Eu já trabalhei pra Fábrica C, lá era assim: eles dão o material e levam na sua casa aquela quantidade, eles vem deixar aqui na zona rural, então só anotam no papel o meu nome pra ter um controle, anotam o nome e o que foi que levou, eles dizem o que é pra fazer e geralmente na sexta-feira o carro passa recolhendo as redes que a gente fez, como tudo é deles eu ganho entre R\$ 15 e 30 reais por cada varanda feita, aí eu ganho por produção quanto mais eu trabalho, mas eu ganho dinheiro, mas como varanda é demorada eu preciso fazer outras coisas como pintura de rede que é mais simples e na pintura eu ganho três reais por cada rede, mas aí é pra outra pessoa que eu faço essas pinturas. [...]

Quando precisa, aí eu fico até mais tarde fazendo as varandas. Eu nunca mais fui lá na loja da santa luzia, sabe? Aqui em São Bento, é loja da fábrica, as redes lá parece que não são caras não, tem rede simples sem varanda, por 40, 50 reais. Tem rede com varanda por 150, mas eles são uma loja aí tem umas taxas pra pagar por isso que eles não conseguem pagar mais pra gente, mas eles dizem que tá bom pra gente, porque eu tou aqui em casa né? Fico perto dos meus filhos, posso parar para fazer almoço, aí eu acho bom mesmo. Se a agricultura daqui fosse boa, a gente não deixava de plantar os roçados não, mas ou eu concilio com a rede ou nós morre de fome...

---

<sup>125</sup> Nas relações comerciais populares/ informais, refere-se a venda ou compra feita a crédito, a prazo, sem precisar pagar nada na hora da compra e sem utilização de nenhuma garantia física, como cartão de crédito, cheque etc., apenas uma confirmação verbal ou no máximo uma assinatura do devedor em uma nota promissória. Essa 'relação comercial' é muito comum no interior do nordeste.

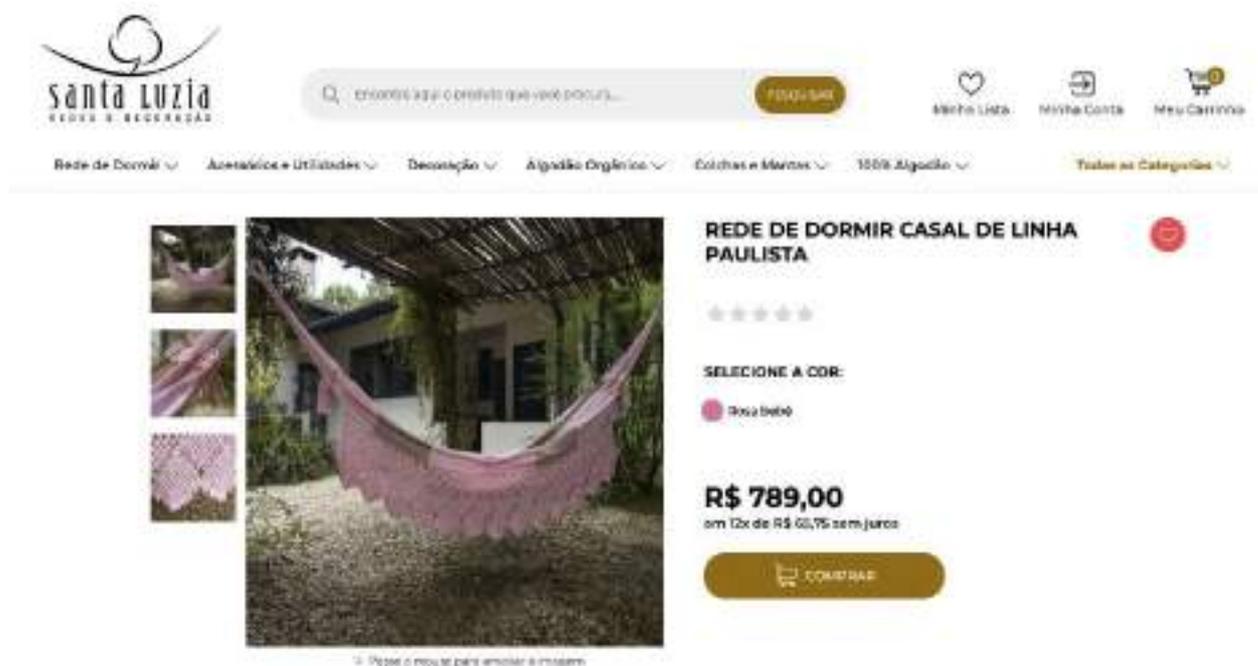
<sup>126</sup> O **caré** é o nome local para o conjunto de fios e punhos da rede de dormir.

Tem um pessoal que fala que diz que as redes são vendidas caras, por 600 reais mas isso não existe não, que tem rede que a gente faz aqui e vende por mil reais, mais eu acho que não existe não, porque eu sei que a linha é cara e tudo mais, mas não tem como vender uma rede por mais de 100, 150 não.

(Entrevista realizada em dez. 2018).

Na figura abaixo (figura 41), pode-se visualizar uma rede de linha paulista, comercializada por R\$ 789,00 no site de uma empresa local de São Bento, sendo uma apropriação do trabalho realizado pelas feiteiras que ganham em média até cinquenta reais por cada varanda produzida<sup>127</sup>. A empresa em questão, tem uma tecelagem que produz o tecido da rede, mas quem valoriza o produto é a varanda artesanal. Se a varanda for feita com ponto maior ou com ponto menor, vai agregando mais valor ao produto. Ao todo, o processo de fabricação de uma rede de dormir, juntando todas as etapas, leva até 60 dias com o processo de fabricação 80% manual, conferindo um maior valor para o produto no mercado global. Como destaca CAVALCANTI (2015, p. 73), “*labels are created and certification standards are established to express the legitimacy of the sources and institutions involved*”<sup>128</sup>.

**Figura 41** - Rede feita de linha paulista sendo comercializada no site de uma empresa local



**Fonte:** <https://www.redessantaluzia.com.br/produto/rede-de-dormir-casal-de-linha-paulista/3680>

Acesso em: dez. 2019.

<sup>127</sup> Segundo dados da pesquisa de campo.

<sup>128</sup> Em tradução livre: “rótulos/etiquetas são criados/as e padrões de certificação são estabelecidos para expressar a legitimidade das fontes e instituições envolvidas”.

Segundo relatos em muitas entrevistas: quando as feiteiras trabalham para elas próprias, geralmente para complementar a renda da agricultura familiar, e precisam comprar algum material *fiado*, elas recorrem a um sistema de troca que há na cidade: elas trocam redes prontas já acabadas por panos de rede nas tecelagens (cada duas redes prontas, valem dois panos de redes), isso é visualizado na fala de D. Amaranta que é feiteira e agricultora:

Quando eu preciso de dinheiro, eu vou lá na tecelagem e troco duas redes prontas por três panos de redes aí eu vou lá no armarinho e compro a linha da varanda fiado quando eu não tenho dinheiro ou então quando eu não tenho rede pra trocar. A rede aqui funciona como uma moeda de troca. Quando eu vendo a rede eu pago a linha se tiver fiado. [...] Eu acho vantagem porque quando eu não tenho encomenda das redes eu fico aprontando<sup>129</sup> porque quando aparecer alguém eu já tenho alguma rede pronta, eu não posso é ficar parada. Quando eu precisei, as mercearias também trocam comida por redes. Rede é dinheiro aqui de todo jeito... [risos]...  
(Entrevista realizada em nov. 2018)”

Esse “sistema de troca”<sup>130</sup>, lembrou o que ANDRADE (2017) destaca na pesquisa de mestrado dele sobre o Polo, ao falar sobre a aquisição de máquinas de costura pelas costureiras locais em que o “patrão” facilita a aquisição da máquina de costura sob a condição de desconto no preço da peça produzida, constituindo uma prática, nas palavras do autor enquanto uma “práticas econômicas têm sido usadas como forma de construir possibilidades de incorporação de trabalhadoras nessa atividade e de reprodução do capital” (ANDRADE, 2017, p. 112).

Além disso, como quase totalidade das artesão e artesãos não sabem ler nem escrever, frequentemente são “enganados” pelos proprietários das fábricas. Foram relatados vários casos que explicavam que várias vezes alguns compradores de outros estados que já haviam comprado quatro, cinco vezes na tecelagem, encomendaram uma grande quantidade de redes e deram calote<sup>131</sup> na tecelagem que por sua vez, deviam os fios utilizados na fabricação das redes e também deviam às feiteiras.

Houve casos como as feiteiras afirmaram, terem bordado cinquenta redes de dormir, na máquina industrial durante a semana e o patrão foi recolhendo as peças feitas no decorrer da

<sup>129</sup> Significa dizer: fazendo o acabamento da rede – a varanda, o caré, a pintura, o bordado.

<sup>130</sup> Para POLANYI (1976), a economia substantiva deve ser compreendida enquanto um processo instituído de interação entre os seres humanos, com o objetivo de satisfazer suas necessidades materiais, através dos meios de vida socialmente disponíveis. Assim, o processo econômico se dá em dois níveis: o da atividade interativa entre os seres humanos e seu entorno; e o da institucionalização deste processo.

<sup>131</sup> Dar calote significa no vocabulário popular não pagar.

semana, aí quando chegou o sábado o patrão foi recolher as peças de rede restantes e disse que tinham sido trinta redes na semana em questão. Isso foi relatado por D. Sofia:

Eu tenho certeza que foram pelo menos cinquenta redes, chega eu tou nervosa aqui, isso já aconteceu outras vezes... Faz muito tempo que eu faço esse trabalho de bordar, eu usei a linha quase toda que eu comprei, eu sei o quanto eu tou devendo no armarinho, eu não sei ler nem escrever mas minha cabeça é boa eu tenho uma noção de contar, quando ele vendar essas redes e voltar pra me pagar, o dinheiro não vai dar nem pra eu pagar as linhas que eu tou devendo.

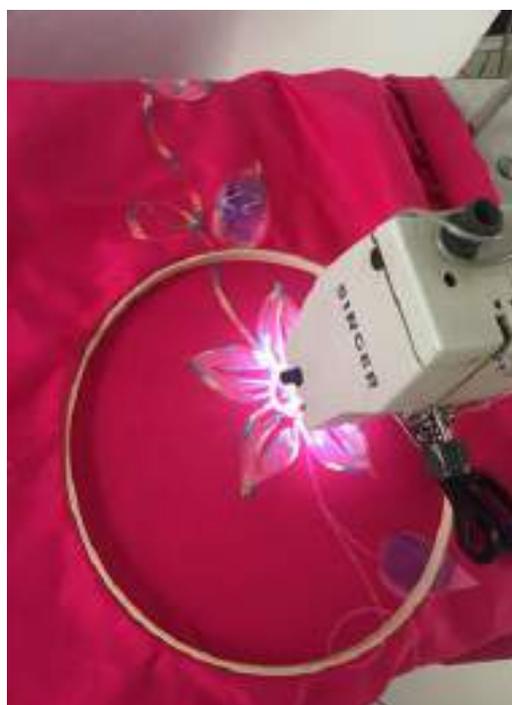
(Entrevista realizada com Dona Sofia em dez. 2018).

**Figura 42** - Bordado industrial sendo realizado em rede de dormir



**Fonte:** Jessica Lobo Sobreira. Nov. 2018.

**Figura 43** - Detalhe do bordado industrial na rede de dormir.



**Fonte:** Jessica Lobo Sobreira. Nov. 2018.

Os chamados “arranjos produtivos locais” são formas de organização flexível do processo produtivo, fruto da reestruturação produtiva e do projeto político neoliberal, vivenciado pela economia mundial desde o final do século XX e início do século XXI. A conjugação desses dois elementos vai alterar a maneira do capital produzir suas mercadorias e utilizar sua força de trabalho. Expande-se, assim, a produção flexível apoiada nos avanços tecnológicos e novos modelos de gestão. Com a produção flexível reduz-se o número de trabalhadores estáveis e ampliam-se novas formas de trabalho (o trabalho terceirizado subcontratado, por conta própria, informal etc.). Nesse processo, nota-se a concretização da

tendência a flexibilização da produção e das relações de trabalho, nas quais se destaca a busca pela redução dos custos por meio da terceirização.

Atualmente, os agentes do capital, representados pelas empresas, contam com a possibilidade de descentralizar a produção, deslocando partes da cadeia produtiva para outros lugares, e terceirizando a força de trabalho. Dentro desta ótica, os “Arranjos Produtivos Locais” não são vistos como um aglomerado de empresas que atuam em torno de uma atividade produtiva principal na perspectiva de desenvolvimento local, mas esses “arranjos” são enfocados como um conjunto de atividades econômicas, onde há uma separação nítida entre capital e trabalho. Como determinantes desta tendência a flexibilização da produção, Antunes ressalta a necessidade de inserção das empresas brasileiras na “competitividade internacional, em um contexto de desregulamentação do comércio mundial, e de adoção de novos padrões de organização da produção, baseados em modelos flexíveis, caracterizados pela redução dos custos da força de trabalho” (ANTUNES, 2006, p. 16).

Com a reestruturação produtiva são introduzidos novos arranjos produtivos,

“ (...) envolvendo uma relativa desverticalização em direção a uma certa horizontalização, com a conseqüente redução de níveis hierárquicos, implantação de novas fábricas de tamanho reduzido e estruturadas com base em células produtivas e ampliando a rede de empresas terceirizadas.” (ANTUNES, 2006, p.18).

Esses novos arranjos produtivos, apoiados em programas de ajustes organizacionais, reduzem a estrutura administrativa e os quadros funcionais das empresas, extinguindo setores inteiros, que passam a funcionar através das empresas terceirizadas, que se tornam “parceiras”, “sócias”, “colaboradoras” obscurecendo a relação capital-trabalho e proporcionando altos lucros à empresa contratante. Antunes vai chamar de liofilização organizacional, esse processo de enxugamento das empresas, que vai atingir a totalidade dos ramos produtivos e/ou de serviços. (ANTUNES, 2006, p.19). No caso de São Bento, a maior parte das empresas de grande porte, possuem a tecelagem com um pequeno núcleo de acabamento, mas tem por fora desse “núcleo”, trezentas a quatrocentas famílias terceirizadas.

THÉBAUD-MONY E DRUCK (2007), referindo-se ao processo de à terceirização para designar transferência “a um terceiro, a um outro, uma atividade que vinha sendo feita pela empresa ou que poderia ser feita por ela”. (THÉBAUD-MONY e DRUCK (2007), p.27). O objetivo seria baixar os custos de produção. Para os autores, a flexibilização está na base da fase de mundialização do sistema capitalista. Da mesma maneira, Castel (1998) aponta que este processo advém da crise da sociedade salarial, sendo condição para esta etapa de desenvolvimento capitalista.

THÉBAUD-MONY e DRUCK (2007), referindo-se ao processo de terceirização/subcontratação ocorrido na França e no Brasil, ressaltam que na França “(...) a relação estabelecida através da subcontratação é uma relação entre empresas, atentando para o fato de que se trata de uma relação de dominação, desigual e assimétrica entre empresas contratantes – que ‘dão ordens’ e prescrevem o trabalho que deverá ser feito – e as empresas subcontratadas, que devem executar o trabalho prescrito de acordo com as normas, exigências e principalmente com os (curtíssimos) prazos definidos (THÉBAUD-MONY e DRUCK 2007, p. 27).

Para esses autores a terceirização/subcontratação é um fenômeno mundial que se generalizou por todos os países, em todas as atividades produtivas e de serviços. Entretanto, vai se manifestar em cada país, “sob diferentes modalidades e de diversas formas de regulação e legislação”, de acordo com as especificidades de cada país. Consideram também esse fenômeno, não apenas como um fato novo, mas como sendo praticado desde a Revolução Industrial, ressurgindo na atualidade e tomando

“(…) um lugar central nas chamadas novas formas de gestão e organização do trabalho (...) como resposta à crise do fordismo em âmbito mundial, desde as duas últimas décadas do século passado”. (THÉBAUD-MONY e DRUCK, 2007, p. 28)

KREIN (2007) coloca que no Brasil, se levarmos em conta as especificidades históricas e econômicas do país, esse processo se dissemina, principalmente nos anos 1990, somando-se a um mercado de trabalho que já estava marcado por uma rotatividade alta, baixos salários, excedentes de trabalho e desigualdades. Para o referido autor, diferentemente do que ocorreu nos países desenvolvidos onde houve um retrocesso dos direitos trabalhistas – a crise da sociedade salarial mencionada por CASTEL (1998) - ao nos debruçar sobre o contexto brasileiro as políticas adotadas neste período contribuíram para manter um sistema de proteção social insuficiente, atrelando-se a uma maior precarização e flexibilização do trabalho.

CARDOSO (2009) afirma que a legislação brasileira anteriormente já possibilitava a adoção de medidas que permitiam a flexibilização do trabalho, como uso de horas extras, o trabalho noturno e por turno, a compra de férias a redução da jornada e do salário, entre outros. No entanto, foi nesse período que o país vivenciou a liberação de várias medidas e iniciativas que flexibilizavam ainda mais as relações de trabalho. No caso de São Bento, é muito comum que empresas maiores e formalizadas subcontratem as feiteiras e feiteiros, responsáveis pela parte de acabamento das redes de dormir e geralmente moradores das zonas rurais de maneira

informal sem estabelecer nenhum tipo de contrato, como ficou claro nessa fala de um gestor das maiores fábricas do município:

Nós empregamos em média 120 colabores diretos e 350 artesãs fazendo a mamucaba, a varanda, o macramê, enfim... O pessoal da área rural aqui de São Bento, pra você ter uma ideia a gente traz elas pra nossa sede, entrega o nosso material pra elas sem elas assinarem nada, a gente só coloca o nome e a quantidade de coisas que levou e o dia que a gente passa pra levar, pra você ver a confiança que a gente tem nelas, aí elas trabalham em casa do jeito delas, para pra cuidar de filho, pra fazer comida, é bom porque elas ocupam um tempo que antes não fazia nada e agora pode aproveitar e ganhar um dinheirinho.

(Entrevista realizada com Belchior (proprietário de uma fábrica local, em nov. 2018).

Na terceirização/subcontratação a responsabilidade de gestão e os custos trabalhistas seriam transferidos para terceiros. Seria exatamente dentro dessa lógica que a terceirização passa a ocupar um lugar central na organização da produção. No quadro jurídico a relação entre trabalhador e empregador é substituída por uma relação mercantil entre empresas contratadas e empresa contratante. Nas relações subcontratantes,

(...)quem detém o poder – a empresa contratante – o exerce não em relação aos direitos e obrigações contidas no contrato de trabalho, mas pelo viés de um contrato comercial entre empresas, contrato que não comporta cláusula social que tenha por objeto as condições de emprego e de trabalho dos assalariados. Na contabilidade das empresas contratantes, o trabalho subcontratado desaparece dos ‘recursos humanos’ para ser computado no setor de ‘compras’ (THÉBAUD-MONY e DRUCK (2007), p. 45).

THÉBAUD-MONY e DRUCK (2007), ressaltam ainda que a responsabilidade sobre os empregados, no que tange às condições de contrato de trabalho e qualidade dos produtos é remetida aos empregadores das empresas subcontratadas. Foram relatados casos em que as empresas só contratavam pessoas para prestar serviços se elas tivessem um CNPJ para assim se livrarem dos encargos trabalhistas:

Eu precisei entregar umas encomendas pra tecelagem X<sup>132</sup>, aí quando eu cheguei lá eles disseram: “Você vai ter que fazer um CNPJ, coloca que você produz e registra só você, aí a gente negocia o trabalho das redes”.

(Entrevista realizada com S. Charles, nov. 2018)

Conforme é colocado por GIDDENS (1991), a globalização se realiza em processos sociais, não sendo cabível imaginá-la como uma instância transcendente às relações entre agentes individuais e coletivos. Numa situação como a relatada por Seu Joaquim, é estabelecido

---

<sup>132</sup> O nome foi omitido pelo entrevistado.

um vínculo entre “empresas” o que permite que uma empresa A que é maior e estabelecida na cidade, no exemplo citado, contrate um trabalhador pra prestar serviço, sendo que este trabalhador com CNPJ deixa de ser uma pessoa física e passa a ser também uma pessoa jurídica B, distorcendo uma situação de trabalho e aparentando ser um vínculo entre duas empresas, em que o trabalhador contratado que figura enquanto pessoa jurídica vai ser o responsável para pagar todos os impostos e taxas do salário que ele receber, já que será um salário travestido de “pagamentos entre duas empresas”.

Foram essas transformações nas relações de trabalho, impactadas diretamente pela presença chinesa em São Bento que busquei demonstrar nesta tese, analisando e verificando as tensões entre as relações de trabalho que se interpuseram nos caminhos da construção do artesanato das redes de dormir.

\*\*\*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É difícil chegar nesta parte em que a ABNT e os prazos nos obrigam a colocar um ponto final, especialmente quando o campo de pesquisa é movimento e sempre pede uma vírgula. A problemática que envolve o Polo Têxtil e de Redes de São Bento não termina aqui, no entanto, eu precisava tentar definir um ponto final, necessário ao final do curso. Como todo campo de pesquisa que envolve pessoas, lugares e acontecimentos (locais ou globais), certamente se eu estivesse iniciando a minha pesquisa e a escrita da tese neste momento, as tessituras do texto aqui apresentados poderiam ser outras, já que uma pesquisa como essa, depende de uma série de encontros espontâneos ou não, para se fazer acontecer.

No entanto, para que eu pudesse ter esse entendimento agora, precisei passar pelos caminhos que trilhei durante os anos da pesquisa de campo e que estão em sua maioria impressos aqui, o que me faz assumir a necessidade e também as consequências do caminho que se foi trilhado. Meu campo foi e é movimento, por vários motivos mas principalmente por meu olhar estar direcionado para a globalização e a agricultura, que se modificaram tanto nos últimos anos que precisei após finalizar a pesquisa de campo retornar ao campo e tentar compreender os últimos acontecimentos que haviam se desenvolvido com a inserção massiva das importações de produtos chineses no meu campo de pesquisa que alterava amplamente as relações de trabalho ali estabelecidas e impactava toda a produção e comercialização de redes.

Nada do que foi escrito e discutido neste trabalho acerca do Polo Têxtil e de Redes de São Bento, pode ser compreendido em sua totalidade sem que seja vivenciado no cotidiano. A totalidade das realidades presentes na tecelagem de redes em São Bento continuam sendo um desafio de compreensão e de análise, e até onde nossas limitações possibilitaram, construímos e reconstruímos as hipóteses da pesquisa. Longe de esgotar a problemática e na expectativa de haver ter discutido tudo que me foi possível dentro desse pequeno espaço que foi a pesquisa de campo, deliniei alguns pontos que por suas especificidades, nos inquietaram e chamaram atenção em detrimento de outros. Durante as pesquisas que subsidiaram a redação desta tese, pudemos constatar a escassez de dados em nível municipal, principalmente no que se refere à produção de informações sobre a sociedade e também, a estrutura econômica e ocupacional do setor. Após as análises feitas compreendemos que no caso de São Bento, ocorre principalmente porque parte significativa da produção torna-se 'invisibilizada' pois tem a informalidade como predominante em toda a produção e comercialização das redes de dormir.

Como corolário disso, a ascensão da China à condição de protagonista da economia mundial, criou uma série de questões no âmbito das ciências sociais, interferindo amplamente no meu campo de pesquisa, o que implicou na necessidade de revisitar conceitos e categorias analíticas para se pensar os impactos dessa nova “ordem global” no âmbito do trabalho no Polo Têxtil e de Redes de São Bento. O crescimento do mercado chinês em nível global, gerou uma remodelação da cadeia produtiva mundial, principalmente a partir dos investimentos direcionados aos Polos Têxteis e de Confecções<sup>133</sup>. No caso estudado chamou atenção a tenacidade das estratégias usadas para se inserir na produção e comercialização das redes de dormir, modificando as relações de trabalho e se apropriando da cultura local. É possível concluir, como nos ensina os críticos da globalização, que o seu poder na mudança das relações sociais e exploração dos diferentes cantos do planeta. O sertão nordestino é um exemplo.

O setor têxtil de São Bento surgiu como uma estratégia usada pelos agricultores para sobreviver aos longos períodos de agricultura “fraca” devido à seca e a ausência de possibilidades para sobrevivência no meio rural. Nesse embate com vários processos de acumulação de capital foram dando os seus primeiros passos em direção a uma atividade complementar. Não havia mecanização de nenhuma parte dos processos produtivos, sendo necessário percorrer todas as formas de organização do trabalho de base técnica artesanal. Foram assim experimentando novos complementos para a continuidade do seu trabalho ainda que, usando os *rejeitos* da globalização. Atualmente, a tecelagem de São Bento incorporou os teares rejeitados da indústria têxtil paulista por estarem obsoletos e serem manuais, mas se adaptaram a indústria têxtil de São Bento por produzir um tecido mais grosso, na linguagem local, “produz uma rede melhor, mais pesada”, uma vez que os teares mais antigos são urdidos com mais fios.

A organização do trabalho e as relações sociais que se estabeleceram no interior da unidade produtiva foram vistas a partir de alguns elementos que consideramos fundamentais: o processo de trabalho, o ambiente fabril, a divisão do trabalho e a hierarquia, a predominância de mulheres na fase de acabamento das redes de dormir, a longa jornada de trabalho e os baixos salários, com o intuito de compreender sob que condições o trabalho era realizado no artesanato/industrialização das redes de dormir.

---

<sup>133</sup> Foi identificado por BEZERRA (2011) o início da chegada de mercadoria chinesas na realidade do Polo de Confecções de Pernambuco, mas por eles trabalharem com o segmento de “modinha” encontraram como saída reproduzir as roupas dos personagens das novelas, pois como a velocidade de modelos era muito rápida não dava tempo da China conseguir trazer os modelos mais rapidamente que a produção local e assim eles conseguiram driblar a inserção chinesa por lá sem grandes prejuízos.

Um grande número de teares em um espaço reduzido, a ausência de iluminação sobre o ambiente de trabalho, o ar confinado, as instalações sanitárias precárias compõem o ambiente da tecelagem, além da poeira do algodão e do barulho compassado das batidas dos teares. Nas seções de tinturaria e *alvejamento*, que hoje em dia funcionam exclusivamente na área rural, pela necessidade de muito espaço para secar os fios, há um calor úmido e exalação de gases tóxicos que imprimem características e odores específicos ao ambiente. Não há preocupação com a saúde do trabalhador, o ambiente é insalubre e a rotina do trabalho exige longas horas e atenção continuada observando se as espoletas ficaram sem linhas, momento esse em que é preciso parar o tear e trocar a *espola*, evitando assim que o pano tecido apresente falhas ou defeitos. No caso das feiteiras, que passam várias horas do dia dando nó nas varandas, é comumente relatado dores na coluna e nos olhos, por estarem muito tempo na mesma posição e exercendo um trabalho bastante minucioso com as varandas.

Sob esta perspectiva teórico-metodológica, a principal questão decorrente desse estudo foi saber como e em que medida a globalização se apresenta com fortes repercussões nas periferias do capitalismo. A inserção chinesa na produção e comercialização das redes de dormir afetaram a organização familiar do trabalho e as práticas de produção e comercialização em São Bento, transformando a relação entre a família e o espaço de produção. Foi com o intento de compreender esses processos que esta pesquisa foi realizada. Assim, buscou-se primeiramente recuperar os principais pontos da discussão sobre a globalização, analisando alguns debates que se desenvolveram em torno da temática considerando as mudanças que ocorreram na lógica capitalista, principalmente com a intensificação da globalização. Para compreendê-las, lançou-se mão de dados quantitativos e qualitativos, obtidos junto aos trabalhadores, gerentes, gestores de instituições públicas e privadas de forma a adentrar toda a cadeia produtiva da rede de dormir, desde a produção até a comercialização.

A confecção das redes de dormir demarca ao longo do tempo uma centralidade no processo de grande parte dos trabalhos que se consolidaram na cidade de São Bento, PB. Como foi demonstrado no terceiro capítulo, antes mesmo das redes serem comercializadas, esta atividade já era realizada por mulheres que produziam as redes para a própria família. No caso do meio rural, as atividades agrícolas sempre foram combinadas com a costura, encontrando nesta última, um aporte necessário para a complementação da renda das famílias rurais, mantendo características da produção familiar e utilizando a feira livre enquanto principal espaço de comercialização.

O território é considerado um espaço no qual se desenvolve uma complexidade de relações sociais, tanto no campo das sociabilidades como no campo da produção. Nesses

espaços, acabam por existir estratégias de apropriação e uso dos recursos naturais e sociais, condicionando redes sociais que envolvem uma combinação de ação local e ação à distância, e que se inserem em uma economia regional, segundo especificidades e contextos globais (CAVALCANTI, 2004). Assim, no que tange às famílias rurais, o “ramo da rede” possibilitou novas oportunidades de trabalho para estas, viabilizando práticas e estratégias dentro e fora dos estabelecimentos, apresentando-se enquanto renda complementar às atividades agrícolas. Em São Bento o rural é imbricado ao urbano, sobressaindo a dicotomia entre produção agrícola e setor industrial e existindo de forma complementar um ao outro. Como salienta, CAVALCANTI (2004), o debate em torno destas transformações globais na agricultura, especialmente na América Latina, se dá a partir das formas de trabalho e de produção, das configurações territoriais, modos de vida, velhas e novas identidades dos atores locais, das novas ruralidades e da reestruturação produtiva da agricultura e desigualdades de gênero.

As tarefas realizadas por homens, em sua maioria, possuem traços bem distintos das realizadas por mulheres. A força de trabalho masculina concentrava-se em funções específicas como a tecelagem do pano da rede, que é uma tarefa pesada, segundo a dimensão de gênero, já que é necessária força para transportar os rolos do tear com o pano já tecido e eles pesam em torno de cinquenta quilos, a depender da qualidade e quantidade do fio urdido. Os conhecimentos de mecânica, necessários a reparação dos teares, também são tarefas masculinas, o que aconteceu na cidade foi que os antigos “ferros-velhos” deram lugar a “oficinas de teares”, uma espécie de ferro-velho destinado ao reparo de teares mecânicos. Foram relatados pelos sujeitos de pesquisa, várias vezes, que o conhecimento apreendido no trabalho com o ferro-velho, ficou cada vez mais obsoleto no local, foi transposto para a reparação dos teares que foram trazidos de São Paulo, pois não havia ninguém especializado na cidade que os consertasse. Então, por iniciativa própria, alguns mecânicos das oficinas resolveram ir em São Paulo para aprender a consertar as máquinas e assim resolver o problema local.

As tarefas feitas pelas mulheres compreendem em sua maioria o acabamento das redes de dormir, que é a parte mais específica e que agrega maior valor ao artesanato da rede de dormir. A fixação da jornada de trabalho atende às determinações da comercialização. Em todas as tecelagens pesquisadas a jornada de trabalho tem duração média de doze horas, podendo ser estendida caso tenha demanda. A única exceção é feita por duas fábricas da cidade que são totalmente mecanizadas e produzem o tecido *brim*, utilizado para um tipo de rede específica que é a rede “sol a sol” e suas variações, como a rede de linha paulista, por exemplo. O tempo de duração do trabalho oscila, sendo alargado ou reduzido de acordo com o movimento da

produção e das encomendas. Como o trabalho é quase todo feito artesanalmente, acontece muitas vezes de você receber uma encomenda e “não dar conta” aí você vai na casa de alguém conhecido que produz uma mercadoria semelhante à sua e pega emprestado a quantidade que precisa, devolvendo em pano de rede ou mesmo a mesma quantidade de “rede aprontada”. Há também o caso de alguma feiteira que por não ter encomenda vai ajudar na produção da amiga ou familiar, sendo retribuída posteriormente. Esta relação de reciprocidade auxilia na manutenção dos ritmos e ganhos na circulação das mercadorias. Essas tarefas associadas ao trabalho doméstico realizado pelas mulheres.

Buscamos apreender as características da relação entre trabalho produtivo e reprodutivo e suas interfaces com a globalização para entender até que ponto a presença chinesa no Polo têxtil e de redes ocasionou mudanças neste trabalho. A partir da dinâmica local, procuramos compreender as características gerais da configuração dessas unidades produtivas baseadas no trabalho familiar, entender como elas surgiram, como se organizam e como elas funcionam. Foi importante também observar as interfaces de gênero e entender quais são as atribuições e papéis que os homens e as mulheres desempenhavam no âmbito desses espaços, com atenção ao que seria determinante nessa configuração, o que permitiu concluir que no âmbito do Polo de redes, a exploração do trabalho é mais intensa no universo feminino, sendo a rotina e os controles aparentemente fruto da liberdade das mulheres, evidências de sua persistente exploração.

Seguindo essa linha de raciocínio, o funcionamento da cadeia produtiva têxtil no Nordeste brasileiro, priorizado a partir da constituição deste setor no estado da Paraíba, foram abordadas questões relacionadas à sua origem e vínculos com a dinâmica capitalista atual, se voltando as configurações das relações sociais de trabalho na realidade local e suas interfaces com a globalização, procurando perceber as influências da inserção chinesa no Polo Têxtil e de Redes de São Bento. Além disso, fizemos um “mapeamento” do processo produtivo da rede de dormir, com o intuito de localizar no espaço temporal a evolução da indústria têxtil de São Bento e como a inserção chinesa vem se adentrando nesses espaços.

Como estratégia de resistência pelos pequenos fabricantes locais para sobreviver aos investimentos chineses no Polo, foram identificados três momentos principais: a) a simplificação do processo de feitura de redes de dormir, produzindo através do acabamento “industrial” redes mais simples, o que possibilita o barateando da produção e conseqüentemente uma produção em maior quantidade, se caracterizando enquanto redes populares; b) desenvolvimento de varandas artesanais com desenhos mais simples e com pontos maiores, possibilitando assim a utilização de menor quantidade de linha devido à abertura do tamanho dos pontos e também de uma execução do trabalho mais rápida, e maior quantidade de redes

produzidas; c) quanto às redes mais elaboradas, geralmente feitas sob encomenda devido ao alto custo do material e também pelo trabalho envolvido, evidencia-se alto investimento em uma quantidade maior de detalhes e acabamentos feitos à mão, próprios da cultura local e que a China não consegue copiar, imagina-se. Com tecidos desenvolvidos pelos próprios artesãos, destacando-se a rede ponto cruz que é uma rede bordada cem por cento à mão e com um processo produtivo manual que gira em torno de sessenta dias, devido o bordado do ponto do tecido da rede e também pela varanda possuir um ponto muito fechado. Sendo esta rede, criação das artesãs locais não tendo sido identificado até o momento apropriação desta rede pela China ou por alguma empresa local.

Identificamos que a importação dos produtos têxteis chineses causou grande impacto na produção local e na expansão da atividade têxtil no Polo de Redes, prejudicando os vínculos locais. A presença de investimentos chineses em São Bento ocasionou mudanças significativas na produção e comercialização das redes de dormir, contribuindo para o fechamento das fábricas locais, desvalorizando a mão de obra familiar local, especialmente o trabalho das mulheres, de grande valor no acabamento das redes.

Além disso, neste ano de 2019, os investidores chineses manifestaram interesse no algodão colorido desenvolvido pela Embrapa/Paraíba e pretendem ainda esse ano iniciar uma produção de algodão colorido orgânico em São Bento, com o intuito de exportar o fio e as redes de dormir produzidas a partir desse fio, para a China. Foi a partir dessas intervenções da China no município de São Bento e de popularmente as pessoas se referirem a esses investimentos enquanto “um negócio da China” e que vem “tomando conta de São Bento” que surgiu o título desta tese.

Por fim, apesar do acesso ao município pesquisado não ser fácil, geograficamente falando, este tema de pesquisa configura-se como amplo, fascinante e bastante abrangente, podendo ser aprofundado em pesquisas futuras sob várias óticas; como por exemplo: a questão da saúde do trabalhador; da informalidade; da certificação das redes de dormir; do trabalho da mulher; da atuação do Senai e do Senac no Polo; da apropriação da China do trabalho da comunidade quilombola local a partir da produção de algodão colorido e fabricação das redes de dormir; a inserção contínua e persistente dos investimentos chineses nos Polos Têxteis do Nordeste.

A expectativa é de que possamos contribuir para compreensão das contradições presentes nesses processos de exploração de trabalhadores, em especial, das trabalhadoras nas quais, as questões ambientais, de valorização da cultura local e da ampliação de emprego e

renda, são usadas para minimizar as perdas das populações locais em nome do desenvolvimento e da sustentabilidade, retidas nas promessas da globalização.

\*\*\*

*Hoje foi o último dia da pesquisa de campo... Me senti tão bem aqui, acolhida... meu desejo era ficar por mais tempo, ouvir mais e aprender mais... mas eu sei que é preciso colocar um ponto final na pesquisa. Ainda há tanto pra se estudar... Eu saio daqui sentindo que não foi possível registrar tudo que eu vi, vivenciei e escutei e com certeza não foi, seria impossível... Despedi-me de cada um dos meus entrevistados com um “até a próxima” e com um enorme sentimento de gratidão, me sentindo como se estivesse partindo para um longa viagem e se despedindo de amigos muito queridos. Dona Marizinha, ao se despedir de mim, falou: “Agora Jéssica, você termina esse ‘trabalho’, né?” Voltei pra casa nesse dia com o coração apertado e chorei durante as longas horas de retorno à João Pessoa, com um sentimento de gratidão por ter finalizado a pesquisa de campo, que por muitas vezes eu tive medo de não conseguir... Nesse dia, estava chovendo e a água da chuva vazava dentro do ônibus, como se de certa forma a vida entendesse o que eu estava sentindo...*

(Última anotação do meu caderno de campo, Jéssica Lôbo Sobreira, 2019).

## REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Laís. Um olhar de gênero: visibilizando precarizações ao longo da cadeia produtiva. In.: ABRAMO, L. e ABREU, A. (Orgs.) **Gênero e trabalho na sociologia latino-americana**. São Paulo: ALAST/Secretaria de Emprego e Relações de Trabalho do Estado de São Paulo, 1998, pp.39-62
- ABRAMOVAY, Ricardo. **O futuro das regiões rurais**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2003.
- ABREU, Alice Rangel de Paiva. **O Averso da moda: Trabalho a domicílio na indústria de confecção**. São Paulo: Hucitec, 1986.
- ABREU, A. R. de P. e SORJ, B. Trabalho a domicilio e relações de gênero: as costureiras externas no Rio de Janeiro. In: ABREU, A. R. de P. e SORJ, B. (Orgs.). **O trabalho invisível: estudos sobre trabalhadores a domicílio no Brasil**. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1993.
- AESA – Agência Executiva de Gestão das Águas do Estado da Paraíba. Levantamento Ambiental do Rio Piranhas/Açu, 2017. Disponível em: <[http://www.aesa.pb.gov.br/comites/piranhasacu/igarn/Relatorio\\_2007\\_%20Final\\_3.pdf](http://www.aesa.pb.gov.br/comites/piranhasacu/igarn/Relatorio_2007_%20Final_3.pdf)> Acesso em: abril de 2018.
- AGÊNCIA BRASILEIRA DE DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL. **Estudo perspectivo setorial: têxtil e confecção**. Brasília: ABDI, 2010. Disponível em: <https://www.abit.org.br/adm/Arquivo/Service/114216.pdf>. Acesso em mar. 2018.
- ALBAGLI, S. BRITO, J. (Org.) **Glossário de arranjos e sistemas produtivos e inovativos locais**. Rio de Janeiro: REDESIST/IE-RJ, 2003. Disponível em: <[www.ie.ufrj.br/redesist/Glossario/GlossarioSebrae.pdf](http://www.ie.ufrj.br/redesist/Glossario/GlossarioSebrae.pdf)>. Acesso em: 15 mar. 2007.
- ALBUQUERQUE, Diogo Daniel Bandeira. MOREIRA, Ivan Targino. **Revista Economia e Desenvolvimento**, v.15, n. 2, p.129 - 159, 2016.
- ALICE WEB. Sistema de Análise das Informações do Comércio Exterior. Base de dados. Brasília, 2017. Disponível em: <<http://aliceweb.mdic.gov.br/>> Acesso em: jan. 2019.
- ALMEIDA, J. A problemática do desenvolvimento sustentável. In: BECKER, D. F. (Org.). **Desenvolvimento sustentável: Necessidade e/ou possibilidade?** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1997. p. 17-26.
- ALTIERI, M.; MASERA, O. Desenvolvimento rural sustentável na América Latina: construindo de baixo para cima. In: ALMEIDA, J.; NAVARRO, Z. (Org.) **Reconstruindo a agricultura: ideias e ideais na perspectiva desenvolvimento sustentável**. Porto Alegre: UFRGS, 1997. p. 72 - 105.

ALVES, F. H. de A. **A importância da indústria de redes para o desenvolvimento socioeconômico de São Bento-PB.** (Monografia). Curso de Geografia. Faculdades Integradas de Patos- FIP: Patos, 2010.

ALVES, Giovanni. **O novo e precário mundo do trabalho.** São Paulo: Boitempo, 2000.

\_\_\_\_\_. **Dimensões da globalização: o capital e suas contradições.** Londrina: Práxis, 2001.

ANDRADE, Berlano Bênis França de. **Tem que saber se movimentar: trabalho, mobilidades e estratégias familiares rurais no território das confecções no Agreste Pernambucano.** Dissertação em Antropologia. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2017.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Estado, capital e industrialização do nordeste.** Rio de Janeiro: Zahar editores, 1981.

\_\_\_\_\_. **Geografia Econômica do Nordeste: o espaço e a economia nordestina.** São Paulo: Atlas, 1987.

ANTUNES, Ricardo; ALVES, Giovanni. **As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital.** Educ. Soc., Campinas, vol. 25, n. 87, p. 335-351, maio/ago. 2004.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do Mundo do Trabalho. São Paulo: Cortez/Unicamp, 2000.

ANTUNES, Ricardo. Trabalho e precarização numa ordem neoliberal. In: GENTILI, P.; FRIGOTTO, G. (Org.). **A Cidadania Negada: políticas de exclusão na educação e no trabalho.** 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001, p. 37-50.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** São Paulo: Cortez, 1995.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho.** São Paulo: Boitempo, 1999

\_\_\_\_\_. (Org.) **Riqueza e miséria do trabalho.** São Paulo: Boitempo, 2006.

APPADURAI, Arjun. Disjunção e diferença na economia global. In: FEATHERSTONE, M. **Cultura global.** Petrópolis: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. **Modernity at large.** Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.

ARAÚJO, Francisco Clésio Medeiros Dantas. **Os impactos ambientais da indústria têxtil em São Bento-PB.** 57 f. Monografia (Licenciatura Plena em Geografia). Faculdades Integradas de Patos. Patos, 2011.

ARAÚJO, Francisco Clésio Medeiros Dantas. COSTA, Diógenes Félix da Silva. Educação Ambiental para o desenvolvimento sustentável no município de São Bento/PB: perspectivas da indústria têxtil. In: **Revista do CERES**, volume 1, número 2, 2015. pp. 236 - 240. Disponível em: <http://www.cerescaico.ufrn.br/ceres/> Acesso em: abr. 2017.

ARAÚJO, Giovanna de Aquino Fonseca. **Trajetória histórica conceitual sobre patrimônio imaterial e cultural no Brasil e em Portugal tendo as feiras como lugar de investigação.** In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28, 2013. Natal: Associação Nacional de História, 2013.

ARAÚJO, J. L. L. **As transformações na produção artesanal de redes de dormir no nordeste brasileiro e suas relações com a reprodução do espaço.** Tese (Doutorado em Geografia). São Paulo: USP, 1996.

AZAIS, Christian. As dimensões e implicações das mudanças nas relações do trabalho e da inserção mercantil da pequena produção. In: HARDMAN, Francisco Foot. **Relações de Trabalho & Relações de Poder.** Fortaleza: Núcleo de Estudos e Pesquisas Sociais, 1986.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: As Consequências Humanas.** Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. **Em busca da política.** Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

\_\_\_\_\_. **O mal-estar da pós-modernidade.** Rio de Janeiro, Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BECK, Ulrich. **Sociedade de Risco: Rumo a uma outra modernidade.** São Paulo: Editora 34, 2010.

BERTOLINO, Osvaldo. A crise do trabalho. In: **Revista Princípios**, n. 46. 1997, p.19 a 22.

BEZERRA, Elaine. **O trabalho a domicílio das mulheres do Cariri Paraibano no Polo de Confecções do Agreste Pernambucano.** Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2011.

BONANNO, Alessandro. A globalização da economia e da sociedade: fordismo e pós-fordismo no setor alimentar. In: CAVALCANTI, J.S.B. (Org.), **Globalização, trabalho, meio ambiente: mudanças socioeconômicas em regiões frutícolas para exportação.** Recife: Editora Universitária da UFPE, 1999, p. 25 - 74.

BONANNO, Alessandro. Liberal Democracy in the global era: implications for the agro-food sector. In: **Agriculture and Human Values**, 1998, 15 (3), p. 223 - 242.

BONANNO, Alessandro et al. (ed.). **From Columbus to Conagra: the globalisation of agriculture and food.** Lawrence: University of Kansas, 1994.

BNB. **Competitividade da indústria têxtil no Nordeste.** Fortaleza: ETENE, 1997.

BRAGA, Bruno Mota. **A informalidade no Polo de Confecções do Agreste Pernambucano: processos de diferenciação dos empreendimentos comerciais e suas implicações para as relações de trabalho.** Revista de Iniciação Científica – PIVIC/UFCEG, 2010.

\_\_\_\_\_. **A dinâmica formal-informal do trabalho no parque das feiras e entorno: constituição histórica e mudanças recentes.** Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2014.

BRAVERMAN, H. **Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX.** 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987.

BRUM, A. J. **O desenvolvimento econômico brasileiro.** Petrópolis, RJ. Vozes, 1998.

BURAWOY, Michael. **Marxismo sociológico: quatro países, quatro décadas, quatro grandes transformações e uma tradição crítica.** Trad. Marcelo Cizaurre Guirau, Fernando Rogério Jardim. 1a ed. São Paulo: Alameda, 2014.

CAMPOS, L. H. R. de. ANDRADE, T. de S. O setor de confecções: uma contextualização para o Brasil. *In:* FUNDAJ. **O Polo de Confecções de Toritama:** análise das relações de trabalho e da informalidade. Relatório de Pesquisa, Recife, 2008.

CAMPOS, Antônio Carlos de e PAULA, Nilson Maciel de. **A indústria têxtil brasileira em um contexto de transformações mundiais.** *In:* Revista Econômica do Nordeste. Fortaleza, v. 37, n. 4, out – dez, 2006.

CARDOSO, Adalberto M. Globalização e relações industriais na indústria têxtil brasileira. *In:* DOMBOIS, R.; PRIES, L. (Orgs.) **As relações industriais no processo de transformação da América Latina:** o caso brasileiro. Bremen/São Paulo: Universität Bremen/Cebrap – Documentos de Pesquisa, tomo II, 1997.

CARDOSO, Ana Claudia M. **Tempos de trabalho, tempos de não trabalho: disputas em torno da jornada do trabalhador.** São Paulo: Annablume, 2009.

CARNEIRO, Maria José. Multifuncionalidade da agricultura e ruralidade: uma abordagem comparativa. *In:* MOREIRA, R. J. & COSTA, F. de C. (orgs.) (2002). **Mundo rural e cultura.** MAUAD Editora, Rio de Janeiro, 2002.

CARDOSO, Univaldo Coelho. APL: arranjo produtivo local. Série Empreendimentos Coletivos. Brasília: SEBRAE, 2014.

CARNEIRO, Rosalvo Nobre. **A indústria têxtil de São Bento - PB:** da manufatura à maquinofatura. Monografia. Campina Grande: Universidade Estadual da Paraíba, 2001.

\_\_\_\_\_. **Produção do espaço e circuitos de fluxos da indústria têxtil de São Bento, PB:** do meio técnico-científico-informacional. Dissertação (Mestrado em Geografia). Recife: UFPE, 2006.

\_\_\_\_\_. **As semelhanças, diferenças e interações dos circuitos de fluxos socioespaciais de redes de dormir do Nordeste brasileiro.** Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal de Pernambuco: Recife, 2011.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Rede de dormir:** uma pesquisa etnográfica. 2. ed. São Paulo: Global, 2003.

CASTEL, Robert. **A Insegurança Social: o que é ser protegido?** Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_. **As metamorfoses da questão social.** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1998.

CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura.** Vol. I. A sociedade em rede. São Paulo, Paz e Terra, 2006.

CAVALCANTI, Josefa Salete Barbosa. Globalization of food and labor: challenges for sociology. **Sociologies in Dialogue.** v. 1, p. 64-78, 2015.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Globalização, trabalho, meio ambiente.** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1999.

\_\_\_\_\_. Globalização e ruralidade. IN: WANDERLEY, M. N. B. (org.) **Globalização e desenvolvimento sustentável: dinâmicas sociais rurais no Nordeste brasileiro.** São Paulo: Polis; Campinas: Ceres, 2004.

\_\_\_\_\_. Desigualdades sociais e identidades em construção na agricultura de exportação. **Revista Latinoamericana de Estudios del Trabajo,** v. 5, n. 9, p. 154-171, 1999.

\_\_\_\_\_. **Frutas para o mercado global.** Dossiê Nordeste I Estud. av. vol.11 no.29 São Paulo Jan./Apr, 1997. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141997000100005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141997000100005). Acesso em jan 2020.

\_\_\_\_\_. Resignificação dos territórios em um contexto de globalização. In: CAVALCANTI, Josefa Salete Barbosa; WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel; NIEDERLE, Paulo André (org.). **Participação, Território e Cidadania: um olhar sobre a política de desenvolvimento territorial no Brasil.** Recife: Editora Universitária da UFPE, 2014. pp. 135- 152.

CAVALCANTI, J. S. B.; BENDINI, M. ; MOTA, D. M. ; STEIMBREGER, N. G. **Mercado de trabalho em novas áreas produtoras de frutas: Brasil e Argentina.** In: VII Congresso Latino Americano de Sociologia Rural (ALASRU), Quito. v. 1. p. 125-126, 2006.

CAVALCANTI, Josefa Salete Barbosa, MOTA, Dalva M. da & SILVA, Pedro Gama da Mirando hacia al norte. **Clase género y etnicidad en los espacios de fruticultura del Nordeste de Brasil.** AREAS, 26, 2002. p.161-181.

CAVALCANTI, Josefa Salete. SILVA, Ana Cristina Belo da. Globalização, estratégias produtivas e o trabalho de homens e mulheres na fruticultura de exportação: o caso do Vale do São Francisco. In: **Globalização, trabalho e meio ambiente. Mudanças socioeconômicas em regiões frutícolas para exportação.** Recife: INPSO-FUNDAJ, 1999.

CHAYANOV, Alexander V. Sobre a teoria dos sistemas econômicos não capitalistas. In: SILVA, José Graziano; STOLCKE, Verena. **A Questão agrária.** São Paulo: Brasiliense, 1981.

CHAYANOV, Alexander V. **La organización de la unidad económica campesina**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1985.

CHESNAIS, F. **A mundialização do capital**. São Paulo: Xamã, 1996.

CHOI, S., & NG, A. Environmental and economic dimensions of sustainability and price effects on consumer responses. **Journal of Business Ethics**, 2011. 104(2), p. 269-282.

CONAMA. **Resolução n.1, de 23 de janeiro de 1986**: dispõe sobre critérios básicos e diretrizes gerais. Diário da União, Brasília, p. 2548 – 2549, 1986. Disponível em: <http://www2.mma.gov.br/port/conama/res/res86/res0186.html>. Acesso em: abr. 2019.

COSTA, Achyles Barcelos da. CONTE, Nilton Carlos. CONTE, Valquíria Carbonera. A China na cadeia têxtil – vestuário: impactos após a abertura do comércio brasileiro ao mercado mundial e do final dos Acordos Multifibras (AMV) e Têxtil Vestuário (ATV). **Revista Teoria e Evidência Econômica**. Ano 19, n. 40, p. 9 - 44. jan/jul. 2013. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:MpDQNbI60loJ:seer.upf.br/index.php/rtee/article/download/3442/2280+&cd=10&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br> Acesso em: Fev. 2013.

COSTA, A; ROCHA, E. **Panorama da Cadeia Têxtil e de Confecção (ABIT)**. Boletim ABIT, Ano III, n. 8, julho de 2008.

CUNHA, Elisa Ribeiro Alvares da. **Famílias do ramo da rede: tecelagem, negócio e viagem no sertão da Paraíba e do Rio Grande do Norte**. Dissertação de Mestrado (Antropologia). Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFRJ, 2006.

DANTAS, Joirene de Sousa. **A dinâmica da produção redeira no espaço econômico de São Bento - PB**. Monografia da Graduação em Geografia. Universidade Estadual da Paraíba, 2012.

DINIZ, C. C.; BASQUES, M. F. D. **A industrialização nordestina recente e suas perspectivas**. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2003.

DRUCK, G. BORGES, A. Terceirização: Balanço de uma década. *In: Caderno CRH*, Salvador, n. 37, p. 111-139, jul./dez. 2004.

DUTRA, Luciano Vieira. **A rede da rede: trabalho, sociabilidade e territorialidade dos vendedores de redes de dormir de Brejo do Cruz - PB**. Dissertação (Mestrado em Geografia). João Pessoa, UFPB, 2007.

EGLER, C. A. G. **Indústria de redes de São Bento**. BOLETIM. Publicação seriada do departamento de geociências da UFOB. João Pessoa. n. 4, nov. 84, p. 60 -71. Disponível em: <http://www.laget.igeo.ufrj.br/egler/pdf/redes.pdf>. Acesso em: mar. 2018.

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Boitempo, 2010.

EUFRÁSIO, Marcelo. **O Projovem no território da “sulanca”: a informalidade no Agreste Pernambucano como desafio de política pública**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2013.

FAISAL, M. N. (2010). Sustainable supply chains: a study of interaction among the enablers. **Business Process Management Journal**, 16(3), 508 – 529. Disponível em: [https://www.scirp.org/\(S\(351jmbntvnsjt1aadkposzje\)\)/reference/ReferencesPapers.aspx?ReferenceID=1355345](https://www.scirp.org/(S(351jmbntvnsjt1aadkposzje))/reference/ReferencesPapers.aspx?ReferenceID=1355345) Acesso em dez. 2019.

FEITOSA, A. J. **Adoçar, Vestir e Calçar**: uma discussão historiográfica da indústria na Paraíba. Monografia (Graduação em História). João Pessoa: UEPB, 2010. Disponível em: <https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/2563/1/PDF%20-%20Alexandre%20Jorge%20Feitosa.pdf> Acesso em: mar. 2018.

FERNANDES, Carlos. Poesia no tamborete. Texto de rede social: São Bento, 2018, n.p. Disponível em <<https://www.instagram.com/p/BnYtnX6hTSC/>>. Acesso em jun. 2019.

FERNANDES, Carlos. Poesia no tamborete. Texto de rede social: São Bento, 2019, n.p.. Disponível em <https://www.instagram.com/p/Bt3RZL-A7vA/>>. Acesso em jun. 2019.

FERREIRA, Carolina Pinheiro. FONSECA, Sara Faria. GERALDO, Elis Duarte. MARUNO, Bárbara Rufino. **O santuário da mercadoria**: shopping center. In: INTERCOM SUDESTE 2006 – XI Simpósio de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 2006. Ribeirão Preto, SP. Anais eletrônicos. Ribeirão Preto, 2006. Disponível em: <<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/19454/1/Carolina+Ferreira+Sara+Fonseca-Elis+Geraldo-Barbar+Maruno.pdf>>. Acesso em: jan. 2020.

FERREIRA, J. V. R. **Análise de ciclo de vida dos produtos**. Gestão Ambiental. Instituto Politécnico de Viseu, 2004.

FIGUERÊDO, Galba Suassuna de. **São Bento**: rede-de-dormir como fenômeno de uma cidade. (monografia). João Pessoa: UFPB, 1995.

FILGUEIRAS, Luiz Antônio Mattos, DRUCK, Maria da Graça . AMARAL, Manuela Falcão do. O conceito de informalidade: um exercício de aplicação empírica. In: **Cadernos CRH**, Salvador, v. 17, n.41. maio/ago, 2004. P. 211 - 229. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/2600> Último acesso em: jul. 2016.

FLEURY, A.; NAKANO, D.; GARCIA, R. Uma análise da cadeia têxtil e de confecção brasileira à luz da formação de cadeias globais de produção. In: SENAI/CETIQT. **Globalização da economia têxtil e de confecção brasileira**: empresários, governo e academia unidos pelo futuro do setor. Rio de Janeiro: SENAI/CETIQT, 2007. p. 127-146.

FREITAS, Francisca Uberlândia Silva Gomes. A problemática ambiental decorrente da produção têxtil em São Bento no período de 2010 a 2017. Monografia do Curso de Geografia. Caicó, RN: UFRN, 2017. Disponível em: <https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/6034/1/AProblem%C3%A1ticaAmbientaFreitas2017> Acesso em out. 2018.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e a crise do capitalismo real**. São Paulo: Cortez, 2000.

FURRIELA, R. B. **Educação para o consumo sustentável**. Ciclo de Palestras sobre Meio Ambiente. MEC/SEF/COEA, p. 47-55, 2001.

GARCIA, Gustavo Filipe Barbosa. **Curso de direito do trabalho**. Rio de Janeiro: Forense, 2018.

GARCIA JR., Afrânio Raul. **O Sul: caminho do roçado. Estratégias de reprodução camponesa e transformação social**. São Paulo: Marco Zero: Brasília, DF. Editora Universidade de Brasília: MCT – CNPq, 1989.

\_\_\_\_\_. **Terra e trabalho: trabalho familiar de pequenos produtores**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

GIDDENS, Anthony. **O mundo na era da globalização**. Lisboa: Editorial Presença, 2006.

GONDIM, Linda M. P. LIMA, Jacob Carlos. **A pesquisa como artesanato intelectual**. São Carlos: Editora da Universidade Federal de São Carlos, 2010.

GRAZIANO DA SILVA, José. **A modernização dolorosa: estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

\_\_\_\_\_. **O Novo Rural Brasileiro: uma análise nacional e regional**. Jaguariúna, Embrapa-Meio Ambiente /IE-Unicamp, 2000.

GUIMARÃES, Alberto Passos. **A crise agrária**. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 2002.

HIRATA, G.; MACHADO, A. F. Conceito de informalidade e formalidade e uma proposta de tipologia. In: **Boletim de Mercado de Trabalho Conjuntura e Análise**, n. 34, nov. 2007.

HIRATA, H. e KERGOAT, D. A divisão sexual do trabalho revisitada. In: MARUANI, M. e HIRATA, H. (Orgs). **As novas fronteiras da desigualdade: homens e mulheres no mercado**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2003.

IANNI, Octávio. Agricultura e mundialização. **Cadernos de Sociologia** (A pesquisa social na Agricultura do Sul do Brasil). Porto Alegre: PPGS/UFRGS. no especial, p. 11-20, out. 1994.

\_\_\_\_\_. **Teorias da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

\_\_\_\_\_. **A era do globalismo**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2011.

IPEA. **Têxteis e vestuário**. 2004. Disponível em:

[http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/3095/10/Livro\\_cap.%208.%20Têxteis%20e%20vestuário.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/3095/10/Livro_cap.%208.%20Têxteis%20e%20vestuário.pdf) Acesso em mar. 2015.

JINKINGS, Isabella; AMORIM, Elaine R. A. Produção e desregulamentação na indústria têxtil e de confecção. *In: ANTUNES, Ricardo. **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil***. São Paulo: Boitempo, 2006.

KELLER, Paulo Fernandes. Cotidiano Operário & Complexo Fabril: fábrica com vila operária em Paracambi-RJ. *In: **Revista Enfoques***, PPGSA/IFCS/UFRJ.v.5.n.1, 2006. Disponível em: <http://www.enfoques.ifcs.ufrj.br/ojs/index.php/enfoques/article/view/36/29> Acesso em fev. 2019.

\_\_\_\_\_. **Globalização e mudanças na cadeia têxtil brasileira**. São Luís: EDUFMA, 2010.

KNOWLES, Caroline. Trajetórias de um chinelo: microcenas da globalização. **Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar**. São Carlos, v. 4, n. 2, jul-dez 2014, pp. 289-310.

KREIN, José Dari. **Tendências recentes nas relações de emprego no Brasil 1990 - 2005**. (Tese de Doutorado). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2007.

LAMBERT, D. M. e ENZ, M. G. Issues in Supply Chain Management: progress and potential. **Industrial Marketing Management**, 62, 1-16, 2017. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/312259075\\_Issues\\_in\\_Supply\\_Chain\\_Management\\_Progress\\_and\\_potential](https://www.researchgate.net/publication/312259075_Issues_in_Supply_Chain_Management_Progress_and_potential) Acesso em: jan. 2018.

LEITE, Márcia de Paula. O trabalho e suas reconfigurações: conceitos e realidades. *In: LEITE, Márcia de Paula e ARAÚJO, Ângela Maria Castro. (orgs) **O trabalho reconfigurado: Ensaios sobre o Brasil e o México***. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2009.

LEITE LOPES, Jose Sergio. **O “Vapor do Diabo”**: O Trabalho dos Operários do Açúcar. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, dezembro de 1978.

\_\_\_\_\_. **A Tecelagem dos Conflitos de Classe na “Cidade das Chaminés”**. São Paulo: Editora Marco Zero (co-edição com CNPq), 1988.

LIMA, Jacob Carlos. **Trabalho, mercado e formação de classe**: estudo sobre operários fabris em Pernambuco. João Pessoa: Ed. Universitária, UFPB, 1996.

\_\_\_\_\_. Qualidade e precarização: organização da produção e gestão do trabalho no setor de vestuário. *In: **Revista Política e Trabalho***, n. 12, João Pessoa, set, 1996.

LIMA, Jacob Carlos. SOARES, Maria José. Trabalho flexível e o novo informal. *In: **Cadernos CRH***. Salvador, n. 37, p. 163 – 180, jun/dez, 2002.

LIPIETZ, Alain. Fordismo, Fordismo Periférico e Metropolização. n. 10, v. 2. P. 303 - 335. **Revista Ensaios FEE**. Porto Alegre, 1989. Disponível em: <https://revistas.fee.tche.br/index.php/ensaio/article/view/1381/1745>

LONG, Norman. Globalization and localization: new challenges to rural research. *In*: MOORE, Henrietta L (ed) **The Future of Anthropological Knowledge: The uses of knowledges: Global and Local Relations**, ASA Deccennial Conference Series, London & New York, Routledge, 1996.

MARTELETO, R.M. SILVA, A.B.O. Redes e capital social: o enfoque da informação para o desenvolvimento local. **Ciência da Informação**. Brasília, V. 33, n. 3, p. 41-49, set./dez. 2004.

MARTINS, Maria de Fátima. VASCONCELOS, Ana Cecília Feitosa de. CÂNDIDO, Gesinaldo Ataíde. A contribuição da gestão ambiental para o desenvolvimento e competitividade do APL têxtil de São Bento - PB. *In*: **Revista Ciênc. Admin.** Fortaleza, v. 15, n.1, p. 38-56, jan./jun. 2009.

MARX, Karl. Capítulo VI (Inédito) de **O capital: resultados do processo de produção imediata**. São Paulo: Moraes, 1980.

\_\_\_\_\_. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

\_\_\_\_\_. **O capital: crítica da economia política - volume I, livro primeiro: o processo de produção do capital**. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

MASCARENHAS, João Castro. BELTRÃO, Breno Augusto. MORAIS, Franklin de. MIRANDA, Jorge Luiz Fortunato de. SOUZA JUNIOR, Luiz Carlos. MENDES, Vanildo Almeida. (Orgs). **Diagnóstico do Município de São Bento**. Recife: CPRM/PRODEEM, 2005. Disponível em: [http://rigeo.cprm.gov.br/xmlui/bitstream/handle/doc/16317/Rel\\_São\\_Bento.pdf?sequence=1](http://rigeo.cprm.gov.br/xmlui/bitstream/handle/doc/16317/Rel_São_Bento.pdf?sequence=1) Último acesso: mar. 2019.

MATOS, Laura Germano; BERTOLIN, Patrícia Tuma Martins. A reforma trabalhista de 2017: um diagnóstico da tensão entre os poderes legislativo e judiciário. **Revista de direito do trabalho**. São Paulo, SP, v. 45, n. 198, p. 83-103, fev. 2019. *In*: <https://hdl.handle.net/20.500.12178/154093> Acesso em jan. 2020.

MARINI, Ruy Mauro. **Dialética da dependência**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MARTINS, Maria de Fátima. VASCONCELOS, Ana Cecília Feitosa de. MOREIRA, Eliana Monteiro. CÂNDIDO, Gesinaldo Ataíde. Implicações sociais da gestão do trabalho e da produção no arranjo produtivo local – APL têxtil de São Bento. *In*: **Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia**, 2008. Disponível em: [https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos08/534\\_534\\_SEGET\\_2008.pdf](https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos08/534_534_SEGET_2008.pdf) Acesso em jun. 2015.

MAZOYER, Marcel; ROUDART, Laurence. **História das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea**. Trad. Cláudia F. Falluh Balduino Ferreira. São Paulo: UNESP; Brasília, DF: NEAD, 2010.

MEDEIROS, Joyciana da Silva. Do algodão ao tear: as experiências compartilhadas na prática de fabricação de redes de dormir em São Bento, PB. Monografia (Graduação em História). Caicó: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2015.

MELO, Antônio Sérgio Tavares; RODRIGUES, Janete Lins. **Paraíba: desenvolvimento econômico e a questão ambiental**. João Pessoa: Grafset, 2003.

MELLO, José Octávio de Arruda. **História da Paraíba**. João Pessoa: Editora União, 2014.

MENEZES, Marilda. **Da Paraíba para São Paulo, de São Paulo para a Paraíba: migração, família e reprodução da força de trabalho**. Dissertação. Mestrado em Sociologia. Campina Grande: UFPB, 1985.

\_\_\_\_\_. Migrações: uma experiência histórica do campesinato do Nordeste. In: GODOI, Emília Pietrafesa de; MENEZES, Marilda A; MARIN, Rosa Acevedo (orgs.). **Diversidade do campesinato: expressões e categorias, v. 2: estratégias de reprodução social**. São Paulo, UNESP; Brasília, Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009.

MILANÊS, Renata Bezerra. **Costurando roupas e roçados: as linhas que tecem trabalho e gênero no Agreste pernambucano**. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2015.

MILARÉ, Édís. **Direito do Ambiente**. 8 ed. São Paulo: ed. Revista dos Tribunais, 2013. págs. 776 - 832.

**MINISTÉRIO da Economia, Indústria, Comércio Exterior e Serviços, MDIC** . Disponível em: <http://www.mdic.gov.br> Acesso em dez. 2019.

MOREIRA, R. J. COSTA, F. de C. **Mundo rural e cultura**. MAUAD Editora: Rio de Janeiro, 2002.

MOREIRA, Mauricio M. CORREA, Paulo G. **A First Look at the Impacts of Trade Liberalization on Brazilian Manufacturing Industry**. World Development, Oxford, Vol. 26, n o 10, pp. 185-187, 1998.

MOREIRA, Emília. TARGINO, Ivan. **Capítulos da Geografia agrária da Paraíba**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 1997.

NA, Y., & NA, D. K. (2013). Investigating the sustainability of the Korean textile and fashion industry. **International Journal of Clothing Science and Technology**, 27(1), 23–33. Disponível em: [https://dspace.inha.ac.kr/bitstream/10505/54936/1/342\\_Investigating%20the%20sustainability.pdf](https://dspace.inha.ac.kr/bitstream/10505/54936/1/342_Investigating%20the%20sustainability.pdf) Acesso em dez. 2019.

NEVES, Magda de Almeida. PEDROSA, Celia Maria. Gênero, flexibilidade e precarização: o trabalho a domicílio na indústria de confecções. **Sociedade e Estado**. Brasília. 2007; 22(1). Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0102-69922007000100002escript=sci\\_arttext&lng=e!n](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0102-69922007000100002escript=sci_arttext&lng=e!n) Acesso em: 20 fev 2019.

NORONHA, E. G. Informal, ilegal, injusto: percepções do mercado de trabalho no Brasil. *In: Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 18, n. 53, out/2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v18n53/18081.pdf> Último acesso em: nov. 2019.

NUNES, Aldo Manoel Branquinho. **A (re)pecuarização do Sertão do Pajeú**: reconversões produtivas entre agricultores familiares do Pajeú - PE. Dissertação. (Mestrado em Sociologia). Campina Grande, UFCG, 2010.

OLIVEIRA, Francisco. **Elegia para uma re(li)gião**: SUDENE, Nordeste. Planejamento e conflitos de classes. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

\_\_\_\_\_. **Crítica à razão dualista**. São Paulo: Boitempo, 2006.

PALMEIRA, Moacir. Modernização, Estado e questão agrária. **Revista Estudos Avançados**. São Paulo, v. 3, n. 7, p. 87-108, Dez. 1989. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141989000300006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141989000300006&lng=en&nrm=iso). Acesso em 17 Jan. 2019.

PEREIRA, Juliana Nunes. **O Programa empreendedor individual e as estratégias de formalização das atividades econômicas no Polo de Confecções do Agreste Pernambucano**. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2011.

POLANYI, K. La economía como actividad institucionalizada. In: POLANYI, Karl; ARENSBERG, Conrad M.; PEARSON, Harry W. (Ed.). **Comercio y Mercado en los Imperios Antiguos**. Capítulo XIII, p.289-316. Barcelona: Labor Universitaria, 1976.

PLANO DIRETOR DE SÃO BENTO, 2014. Disponível em: <https://www.saobento.pb.gov.br/> Acesso em: jan. 2016.

RAMALHO, José Ricardo (org.); SANTANA, M. A. (org.). **Trabalho e tradição sindical no Rio de Janeiro: a trajetória dos metalúrgicos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

RAPOSO, M.; GOMES, G. Estudo de caracterização econômica do Polo de Confecções do Agreste de Pernambuco. Recife: Fade; UFPE; Sebrae, 2003. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/poloconfec2003.pdf>. Acesso em: mar. de 2019.

RIFKIN, Jeremy. O fim dos empregos. **O declínio inevitável dos níveis dos empregos e a redução da força global de trabalho**. São Paulo: Makron Books, 1995.

ROCHA, Jose Bolívar Vieira da. **São Bento**: estudo sobre a manufatura de redes de dormir. João Pessoa: CGS, 1983.

RUAS, Roberto. Notas acerca das relações entre trabalho a domicílio, redes de subcontratação e as condições de competição. *In: ABREU, Alice Rangel de Paiva. SORJ, Bila. O trabalho invisível*: estudos sobre trabalhadores a domicílio no Brasil. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1993.

SANTANA, L. M. APOLINÁRIO, V. **Arranjo produtivo de confecções em Natal e “Grande Natal”**: oportunidades e limites para o crescimento local. UFRN: Expansão da RedeSist. Coordenação Geral: LASTRE, H. M. M; CASSIOLATO, J. E. IE/UFRJ, 2004.

SANTANA, M. A. (org.); RAMALHO, José Ricardo (org.). **Além da fábrica**: trabalhadores, sindicatos e a nova questão social. São Paulo: Boitempo, 2003.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: EDUSP, 2009.

SANTOS, S. **Impacto ambiental causado pela indústria têxtil**. UFSC- Engenharia de Produção e Sistemas. Florianópolis: 1997. Disponível em: <[http://www.abepro.org.br/biblioteca/ENEGEP1997\\_T6410.PDF](http://www.abepro.org.br/biblioteca/ENEGEP1997_T6410.PDF)> Acesso em: 25 de nov. 2017.

SANTOS, José Erimar dos. **Feira Livre e Circuitos da Economia Urbana**: um estudo da Feira da Pedra, em São Bento (PB). Universidade Federal do Rio Grande do Norte: Natal, 2012.

SASSEN, Saskia. **Sociologia da globalização**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2010.

SCHNEIDER, Sérgio. O desenvolvimento agrícola e as transformações da estrutura agrária nos países do capitalismo avançado: a pluriatividade. **Revista Reforma Agrária**, 24 (3):106-132, set./dez., Campinas/SP, 1994.

SCOTT, Russell Parry. (1986), A Lógica Migratória Camponesa Sob O Capital. In DUARTE, Renato. (Org.). **Emprego rural e migração na América Latina**. Recife, MASSANGANA.

SENAI. Sistema Nacional de Aprendizagem Industrial. **Manual Técnico**: têxtil e vestuário. 1 edição. São Paulo – Editora SENAI, 2014.

**SINDITÊXTIL** – Sindicato da Indústria de Fiação e Tecelagem em Geral do Estado da Paraíba. Relatório do setor têxtil paraibano, 2010. Disponível em: <http://www.sindicatodaindustria.com.br/sinditextilpb/> Acesso em: mar, 2018.

SILVA, Alcir Veras da. **Algodão e indústria têxtil no Nordeste**: uma atividade econômica regional. Natal: UFRN, 1980

SILVA, Genival Soares da. **Raízes históricas do município de São Bento da Paraíba**. João Pessoa: Imprell, 2010.

SILVA, Machado da. **Da informalidade a empregabilidade**: reorganizando a dominação no mundo do trabalho. Salvador: UFBA, 2002.

SINGER, Paul. **Globalização e desemprego: diagnóstico e alternativas**. São Paulo: Contexto, 2000.

**SISTEMA IBGE** de Recuperação Automática (Plataforma Sidra/ IBGE). Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/home/pnadct/brasil>. Último acesso em jan. 2020.

SOARES, Thiago C. **Nascimento da indústria açucareira no Brasil**. [S.I.]: Descobrindo História, 2011. Disponível em <<http://www.descobrindohistoria.com.br/2011/04/nascimento-da-industria-acucareira-no.html>>. Acesso em nov. 2017.

SOBREIRA, Jéssica Lôbo. **A informalidade no Polo de Confecções do Agreste Pernambucano**: tipos de manifestações do trabalho infantil em Toritama. Revista de Iniciação Científica, Pibic/UFCG, 2011.

\_\_\_\_\_. **“A invisibilidade do trabalho infantil”**: um estudo dos múltiplos discursos sobre o trabalho informal das crianças na confecção de jeans do Agreste Pernambucano. 2014. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

TAVARES, M. A. **Os fios (in) visíveis da produção capitalista**. São Paulo: Cortez, 2004.

THÉBAUD-MONY, Annie; DRUCK, Graça. Terceirização: a erosão dos direitos dos trabalhadores na França e no Brasil. In: DRUCK, Graça; FRANCO, Tânia. **A perda da razão social do trabalho: terceirização e precarização**. São Paulo: Boitempo, 2007, p.23-58.

TRINDADE JR, Cidades na floresta: “grandes objetos” como expressão do meio técnico-científico informacional amazônico. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. São Paulo, v.1, n.51, p. 113 – 137, mar./set. 2010.

TUCCI, Carlos E. M. Águas urbanas. Revista Estudos Avançados USP. v.22, n. 63. 2008. Dossiê Água, pp. 97-112. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10295>. Acesso em: abr. 2018.

VAN DER GRIJP, Nicolien M.; TERRY, Marsden, CAVALCANTI, Josefa Saete Barbosa. **European Retailers as Agents of Change towards sustainability**: the case of fruit production in Brazil. Environmental Sciences 2 (4): p.445 - 460, 2005.

VAN DER PLOEG, Jan Douwe. **Camponeses e a arte da agricultura: um manifesto chayanoviano**. São Paulo: UNESP; Porto Alegre: UFRGS Editora, 2016.

VEIGA, José Eli. **A face rural do desenvolvimento**: natureza, território e agricultura. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000.

\_\_\_\_\_. **Cidades imaginárias**: o Brasil é menos urbano do que se calcula. Ed. Autores Associados. 2ª ed. Campinas, 2003.

VÉRAS DE OLIVEIRA, Roberto. **O Polo de Confecções do Agreste Pernambucano**: ensaiando uma perspectiva de abordagem. In: ARAÚJO, Ângela; OLIVEIRA, Roberto (org.). Formas de trabalho no capitalismo atual. São Paulo: Annablume, 2011. p. 17-65.

VÉRAS DE OLIVEIRA, Roberto. BRAGA, Bruno Mota. Território Comercial de Toritama: persistência e metamorfoses da informalidade. In: **Revista de Ciências Sociais - Política Trabalho**. n. 41, Jan – Jun 2-19, 2015.

VERÇOZA, Lúcio Vasconcellos de. **Os saltos do “canguru” nos canaviais alagoanos**. Um estudo sobre trabalho e saúde. Tese de Doutorado. Sociologia. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2016.

VERÇOZA, Lúcio Vasconcellos de; SILVA, Maria Aparecida de M. **A resistência dos trabalhadores nos canaviais alagoanos**. *Agrária*, São Paulo, v. 13, p.137-168, 2012.

VERÇOZA, Lúcio Vasconcellos de. SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Cana, labor e adoecimento: a afirmação do nexos causal como uma forma de resistência. In: **Revista Século XXI** – Revista de Ciências Sociais. Universidade Federal de Santa Maria, UFSM. V.1.n.1, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/seculoxxi/article/view/28136> Acesso em jun. 2019.

VIANA, Fernando Luiz Emerenciano. **A indústria têxtil e de confecções no nordeste: características, desafios e oportunidades**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2005. Disponível em: [https://g20mais20.bnb.gov.br/s482-dspace/bitstream/123456789/186/1/2005\\_SDET\\_06.pdf](https://g20mais20.bnb.gov.br/s482-dspace/bitstream/123456789/186/1/2005_SDET_06.pdf) Acesso em: abr. 2018.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **A agricultura familiar no Brasil: um espaço em construção**. Revista Reforma Agrária, n. 25. Campinas: ABRA, p. 37-57, 1995.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Raízes Históricas do Campesinato Brasileiro. In: TEDESCO, João Carlos (org.). **Agricultura Familiar Realidades e Perspectivas**. 2a. ed. Passo Fundo: EDIUPF, 1999. Cap. 1, p. 21-55.

\_\_\_\_\_. **O mundo rural como um espaço de vida**. Porto Alegre, UFRGS Editora, 2009.

\_\_\_\_\_. **A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas** – o “rural” como espaço singular e ator coletivo. CPDA/UFRRJ. Rio de Janeiro, 2000.

\_\_\_\_\_. **Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade**. CPDA/UFRRJ. Rio de Janeiro, 2004.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

**APÊNDICE A** – Entrada do município de São Bento - PB



**Fonte:** Jessica Lobo Sobreira. 2017.

**APÊNDICE B** - Redes de São Bento sendo comercializadas em Icó-Ceará



**Fonte:** Jéssica Lobo Sobreira, 2016.

**APÊNDICE C** - Redes de São Bento sendo comercializadas na Feira livre de Icó-Ceará



**Fonte:** Jessica Lobo Sobreira.

**APÊNDICE D** - Redes de São Bento sendo comercializadas no Centro de João Pessoa – PB



**Fonte:** Jessica Lobo Sobreira, 2018.

**APÊNDICE E** - Fotografias da 1ª Expotêxtil realizada em São Bento, PB em parceria com o Sebrae, Senai e a Prefeitura Municipal de São Bento, PB



Fonte: Jessica Lobo Sobreira, 2017.

**APÊNDICE F** - Redeiro de São Bento comercializando redes de dormir na cidade de Lavras da Mangabeira, Ceará.



Fonte: Jéssica Lobo Sobreira, 2017.

**APÊNDICE G** - Redes populares de São Bento sendo comercializadas em comércio no centro da cidade de Lavras da Mangabeira, Ceará. 2017.



Fonte: Jéssica Lobo Sobreira, 2017.

**APÊNDICE H** - Redes populares de São Bento sendo comercializadas em comércio no centro da cidade de Juazeiro do Norte, Ceará.



**Fonte:** Jéssica Lobo Sobreira, 2018

**APÊNDICE I** – Feiteiras aprontando as redes de dormir em São Bento, PB



**Fonte:** Jéssica Lôbo Sobreira, 2018.

**APÊNDICE J** -Varanda industrial sendo fabricada em São Bento, PB. 2017.



**Fonte:** Jéssica Lôbo Sobreira.

**APÊNDICE K** - Detalhe da varanda industrial sendo fabricada em São Bento, PB.



**Fonte:** Jéssica Lôbo Sobreira.

**APÊNDICE L** – Redes de São Bento sendo comercializadas na Avenida das Nações, no bairro de Canasvieiras, Zona Norte de Florianópolis, Santa Catarina.



**Fonte:** Jéssica Lobo Sobreira.

**APÊNDICE M** - Mantas de São Bento sendo comercializadas na Avenida das Nações, no bairro de Canasvieiras, Zona Norte de Florianópolis, Santa Catarina.



**Fonte:** Jéssica Lobo Sobreira.

**APÊNDICE N - Dados sobre a comercialização – 1983, 1986, 2015 e 2019.**

<b>PRINCIPAIS QUESTÕES</b>	<b>1983</b>	<b>1986</b>	<b>2015</b>	<b>2019</b>
Escoamento: “O mercado é submetido a regras” Concorrência forte com a China.	(1) Facilidade relativa; produto acabado caro; dependência de fatores externos: (comportamento agricultura, clima, colheitas)	(1) idem	(1) Muita facilidade; há estradas de acesso a entrada e saída da cidade; rede com grande variação de preço e modelos; a agricultura está enfraquecida no município e exerce pouca dependência no setor.	(1) Idem (2) Novos designs; forte concorrência com as redes da China; Introdução dos conceitos de sustentabilidade, marketing. Atuação do Sebrae e Senai. (3) As grandes empresas se apropriam do trabalho e da cultura das feiteiras.
Distribuição	Concorrência forte: <ul style="list-style-type: none"> <li>• preços em queda</li> <li>• demanda flutuante</li> </ul> <p>(1) um só canal: viajante (2) rédea própria; viajante e feiteira mesmo segmento de mercado que (1)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• preços estáveis (plano Cruzado)</li> <li>• demanda em alta</li> </ul> <p>(1) idem (2) viajante somente</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Preços instáveis devido a variação do dólar.</li> <li>• demanda em alta</li> </ul> <p>(1) Viajante (redeiro), correios, transportadoras locais (Prensa), internet, exportadas para trinta países, Feira da Pedra. (2) Ampliada; mercado local, nacional e algumas fronteiras da América do Sul via carro próprio; Um pequeno núcleo de empresários locais da cidade detém a maior parte das exportações. Feiteiras: apenas mercado local.</p>	(4) A China provocou a desvalorização do trabalho local. Fechamento de fábricas.  <ul style="list-style-type: none"> <li>• Preços flutuantes e demanda em queda</li> </ul> <p>(1) idem (2) idem.</p>

**Fonte:** Adaptado de Azais (1986) com dados obtidos na pesquisa de campo. Jessica Lobo Sobreira, 2019.

**APÊNDICE O - Evolução entre 1983 e 1986/ 2015 e 2019 – PRINCIPAIS QUESTÕES SOBRE SETOR INFORMAL**

<b>PRINCIPAIS QUESTÕES</b>	<b>1983</b>	<b>1986</b>	<b>2015</b>	<b>2019</b>
<p>1. “Existem barreiras ao ingresso”</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• financeiras</li> <li>• de qualificação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• aquisição de tear (manual e mecânico) cara</li> <li>• 1,5 mês para urdidor e tecelão</li> <li>• imediata para “acabamento”, mas tentativa de sofisticação, de procura de novo segmento</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Idem.</li> <li>• (2) recorrem ao SENAI</li> <li>• Problema de qualificação sentido de forma mais aguda: falta de tecelões, mecânicos, torneiros.</li> <li>• Problema de evasão dos qualificados</li> </ul>	<p>Idem.</p> <p>Recorrem ao SEBRAE</p> <p>Há demanda de tecelões mas a ausência de feiteiras e de pessoas mais jovens que queiram aprender o ofício.</p> <p>Em torno de R\$ 1, 200 reais para tecelão. O trabalho do urdidor foi incorporado pelo tecelão na maioria dos casos.</p>	<p>Idem.</p> <p>Feiteiras seguem sem possibilidade de acumulação, assim como os tecelões. Ganhos apenas para reprodução social.</p> <p>Idem.</p> <p>Foram identificados casos em que agricultores familiares utilizaram dinheiro do</p>
<p>2. Lógica de funcionamento</p>	<p>(1) revenda dos teares manuais aos estabelecimentos no</p>	<p>(1) idem.</p> <p>(2) Investimentos em atividades</p>		

**Fonte:** Adaptado de Azais (1986) com dados obtidos na pesquisa de campo. Jéssica Lobo Sobreira, 2019.

## CONTINUAÇÃO DO APÊNDICE O – PARTE 2 de 4

<p>• em período de crescimento da atividade é o número de estabelecimento que aumenta e não seu tamanho</p> <p>3. Aparecimento de relações novas?</p>	<p>campo para compra de teares mecânicos</p> <p>(2) investimentos do capital em operações financeiras e na agricultura (arroz, banana, gado)</p> <p>Família: célula de base Atividade tradicional</p>	<p>produtivas industriais (fiação)</p> <p>Utilização da capacidade produtiva ao máximo</p> <p>Melhoria e não aumento do parque industrial</p> <p>(3) Concretização da união (fiação): reforço da solidariedade familiar e intra-amigos (confiança)</p> <p>• Nenhum programa de apoio aos pequenos</p>	<p>Compra de teares obsoletos da indústria têxtil Paulista que são vendidos como sucata. Algumas tecelagens investiram em teares mais modernos para aumentar a produção.</p> <p>Família continua sendo o núcleo central da produção.</p> <p>Incentivo do Governo Federal</p>	<p>Pronaf como estratégia para expansão da atividade produtiva, como comprar de insumos e máquinas, assim como foi diagnosticado na pesquisa de Andrade (2017) no contexto do Polo de Pernambuco.</p> <p>China comandando as importações e almejando o financiamento os investimentos para plantação da cadeia têxtil de algodão colorido. Pensa em se apropriar de toda a produção das redes feitas com algodão colorido.</p>
---	---	---	--	--

Fonte: Adaptado de Azais (1986) com dados obtidos na pesquisa de campo. Jéssica Lobo Sobreira, 2019.

## CONTINUAÇÃO DO APÊNDICE O – PARTE 3 de 4

<p>4. Papel do Estado</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nenhuma subvenção</li> <li>• Serviços públicos deficitários</li> </ul>	<p>produtores urbanos</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Melhoria dos serviços públicos (telefone, água, estrada, número de escolas)</li> </ul>	<p>e Municipal aos médios e grandes produtores. O pequeno produtor e sobretudo oriundo da agricultura familiar não possui acesso ao crédito e a expansão da sua atividade. Melhoria dos serviços públicos mas problemática de poluição ambiental grande.</p>	<p>Idem</p>
<p>5. Relações poder local/ poder central</p>				

**Fonte:** Adaptado de Azais (1986) com dados obtidos na pesquisa de campo. Jéssica Lobo Sobreira, 2019.

## CONTINUAÇÃO DO APÊNDICE O – PARTE 4 de 4

Poder local/ empresas	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apoio político a um grupo de oposição ao governo estadual</li> <li>• Ligação estreita (alianças) – prefeito, vice-prefeito, médico: proprietários de manufatura</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apoio político ao grupo da situação</li> <li>• idem - compra de fiação</li> </ul>	<p>Apoio político do grupo da situação.</p> <p>Relações comerciais com a China estreitadas. China dominando o mercado interno.</p>	
--------------------------	---	--	--	--

**Fonte:** Adaptado de Azais (1986) com dados obtidos na pesquisa de campo. Jéssica Lobo Sobreira, 2019.

**APÊNDICE P - Formas e fatores da produção de redes de dormir em São Bento - PB**

<b>PRINCIPAIS QUESTÕES</b>	<b>1983</b>	<b>1986</b>	<b>2015</b>	<b>2019</b>
<p>A- FORMAS DE PRODUÇÃO (F.P.)</p> <p>1. Produção de mercadorias Gama variada</p> <p>2. Heterogeneidade das F.P.</p> <p>3. Local de produção</p>	<p>Monetarização</p> <p>Não: um só produto final</p> <p>Muitos estabelecimentos pequenos (1)</p> <p>Poucas manufaturas médias</p> <p>Em (1), confundido com lugar de moradia</p>	<p>Idem</p> <p>Ligeira diversificação</p> <p>Id.</p> <p>Idem</p> <p>Idem</p>	<p>Monetarização mas muito relação comercial estabelecida na troca</p>	<p>Idem</p>
<p>B- FATORES DE PRODUÇÃO</p> <p>1. Acesso à matéria-prima “o setor capitalista alimenta o SI”</p>	<p>(1) Dependência do capital comercial local, nenhuma tentativa para reduzi-lo. Sem possibilidade de estocagem.</p> <p>(2) Dependência total das fiações e em menor grau do cap. Comercial local</p>	<p>(1) Idem</p> <p>(2) Diminuição da dependência (compra de fiação)</p>	<p>Teares mais antigos foram mantidos porque são os teares manuais que produzem uma trama do tecido mais grossa e mais valorizada.</p> <p>Há um grande número de teares com</p>	<p>Alta: inserção do capital chinês em alta escala, inclusive com possibilidade de montar uma fiação de algodão colorido em 2020...</p>

**Fonte:** Adaptado de Azais (1986) com dados obtidos na pesquisa de campo. Jéssica Lobo Sobreira, 2019.

<p>2. Tecnologia Processo de produção</p> <p><b>Inovação</b></p> <p>3. Faculdade de adaptação dos (1): “extended fungibility”: os fatores internos são um trunfo</p> <p>4. Atividade intensiva em trabalho</p>	<p>Várias operações. Melhorias possíveis mas falta capital Aquisição de novos equipamentos cara (teares)</p> <p>Fraca: Unicidade da produção Possível: artigos de luxo</p> <p>Sim: processo de produção (acabamento) não mecanizável.</p>	<p>Idem Capital “voltou para a esfera produtiva”</p> <p>Idem</p> <p>Diversificação embrionária</p> <p>Idem</p>	<p>tecnologia de ponta oriundos da Ásia.</p> <p>Média: são fabricados, mantas, redes de dormir, produtos para cama, mesa e banho e também panos de prato. Redes de luxo são fabricadas.</p> <p>Idem Alta jornada de trabalho, com mais de 12 horas diárias em quase totalidade das tecelagens. Acabamento cem por cento manual em jornadas exaustivas.</p>	<p>Idem</p>
--	---	--	--	-------------

(1) = estabelecimentos pequenos

(2) = manufaturas médias

**Fonte:** Adaptado de Azais (1986) com dados obtidos na pesquisa de campo. Jéssica Lobo Sobreira, 2019.

APÊNDICE Q - Quadro 11 - Relações Sociais de Produção em São Bento – PB ( 1983, 1986, 2015 e 2019)

	1983	1986	2015	2019
1. Tipo de Força de trabalho (FT) empregada no processo de produção	(1) FT familiar - externa “por peça” - trabalhadores por tarefa (feiteiros/as) - intermediários	(3) FT familiar - id. - id.  -id.	(1) FT familiar - externa “por peça” - trabalhadores por tarefa (feiteiros/as) - intermediários	Idem.
2. Necessária à reprodução FT “não regulador de salário”	(2) FT interna não declarada FT externa  Fonte principal de renda	(4) Id. - supressão desta categoria, fim do controle (racionalização no processo de produção)  Id.	(2) FT interna não declara FT externa é mencionada em casos de grande demanda  Fonte principal de renda	Idem.
3. Divisão sexual do trabalho	(1) e (2): tecelagem, urdimento: ativ. Masculinas acabamento: ativ. feminina	Id. Id.	tecelagem, urdimento: ativ. Masculinas, mas principalmente no urdimento foram vistas	Idem.

Fonte: Adaptado de Azais (1986) com dados obtidos na pesquisa de campo. Jéssica Lobo Sobreira, 2019.

## CONTINUAÇÃO DO APÊNDICE Q - Quadro 11 - Relações Sociais de Produção em São Bento – PB ( 1983, 1986, 2015 e 2019)

<p>4. FT explorada: “gestão mais livre da FT”?</p> <p>“Estratégia” de sobrevivência</p>	<p>(1) :</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Numerosas horas de trabalho</li> <li>• Liberdade maior do que em (2)</li> <li>• Possibilidade da acumulação reduzida</li> <li>• Salário baixo</li> <li>• Ausência de cobertura social</li> </ul> <p>(2) :</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Se FT qualificada: +2 SM</li> <li>• FT interna e externa: aproximadamente 1 SM</li> </ul>	<p>(1) :</p> <p>Id.</p> <p>Id.</p> <p>Id.</p> <p>Id.</p> <p>Id.</p> <p>(2):</p> <p>Id.</p> <p>Id.</p> <p>Feiteiros e Feiteiras:</p>	<p>algumas mulheres realizando o processo. acabamento: ativ. Feminina no que se refere as varandas. Os homens tem se inserido no acabamento para fazer o caré. Comercialização: masculina.</p> <p>Idem</p>	<p>Idem.</p> <p>Idem.</p>
---	--	---	--	---------------------------

**Fonte:** Adaptado de Azais (1986) com dados obtidos na pesquisa de campo. Jéssica Lobo Sobreira, 2019.

## CONTINUAÇÃO DO APÊNDICE Q - Quadro 11 - Relações Sociais de Produção em São Bento – PB ( 1983, 1986, 2015 e 2019)

	Feiteiras e Feiteiros: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Numerosas horas de trabalho</li> <li>• Nenhuma possibilidade de acumulação</li> <li>• Salário entre 0 e 1 SM</li> </ul>	Id.  Id.  Id.	Pouca possibilidade de acumulação.	
--	---	---------------------------	------------------------------------	--

Legenda: FT = força de trabalho/ SM = salário mínimo.

**Fonte:** Adaptado de Azais (1986) com dados obtidos na pesquisa de campo. Jéssica Lobo Sobreira, 2019.

## ANEXO A – Jornal da Paraíba – Importação de Produtos Chineses São Bento sofre com importação de produtos chineses

<http://www.jornaldaparaiba.com.br/economia/sao-bento-sofre-com-importacao-de-produtos-chineses.html>

Último acesso em: 15 de mar. 2018.



**Jornal da Paraíba**

ULTIMAS POLÍTICA VIDA LÍBRAMA CULTURA ECONOMIA E NEGÓCIOS BLOCOS & COLUNAS PROJETOS ESPECIAIS

**ECONOMIA E NEGÓCIOS**

06/11/2017 (TH1) - 27MIL.200 NL E 4021

### São Bento sofre com importação de produtos chineses

Compra de produtos chineses vêm causando queda nas vendas dos comerciantes locais. Importações no município cresceram 76% este ano.

Compartilhe em: Facebook, Twitter, Google+, LinkedIn

**Mídias do Conteúdo**

Com uma população superior a 50 mil habitantes e PIB (Produção Interna Bruta) de US\$ 1,37 mi, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município de São Bento, no Sertão paraibano, tem uma vocação já conhecida em todo o país: produz por ano cerca de 22 milhões de redes. Mas o mercado local tem sofrido este ano com fortes importações, principalmente com a 'invasão' de produtos chineses, causando prejuízos para o setor têxtil da cidade.

Dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) mostram que as importações no município de São Bento este ano, assim como na Paraíba, fazem recorde. De janeiro a setembro, as importações atingiram US\$ 4,8 milhões, alta de 76,03% sobre o mesmo período do ano passado (US\$ 2,7 mi). Já as exportações quase que inexistiram neste ano e

amargam queda de 95% nos nove meses. A única exportação de São Bento assinada em agosto, o valor foi de apenas US\$ 2,2 mil dólares. Em 2016, as exportações ficaram apenas em US\$ 49,8 mil. O dólar em baixa favorece as importações que deixam os preços dos produtos importados mais baratos sobretudo os chineses, que além de terem custos trabalhistas bem inferiores ao do Brasil, foram mais 'atrasados'.

Proprietário de uma loja especializada na fabricação e venda de redes, o empresário Josécl Araújo pontifica os dados: "Nós utilizamos dois meses e comércio cada pelo estado. A gente compra matéria-prima do exterior, fabrica produtos de qualidade, mas é obrigado a aderir a esses outros itens porque o mercado chinês tem tamanho de cinco a seis vezes livres e o consumidor vai pelo preço", desabafa com tristeza.

Produtos sintéticos chineses como mantas, toalhas, tapetes e redes chegam com menor preço, mas com qualidade inferior.

"Uma rede de boa qualidade custa até R\$ 40, mas possui produto de qualidade e garantia com durabilidade. Já as que chegam da China são vendidas por R\$ 45, sem qualquer garantia", explica a vendedora Adilene Guedes Gomes, que há três anos trabalha na comercialização de redes no município. "Eu mesma tinha visto um momento difícil como esse. Todo mundo vem reclamando", diz Araújo.

A 'invasão' dos produtos têxteis chineses no mercado paraibano não é um problema apenas de São Bento, segundo informa o presidente do Sindicato da Indústria de Fiação e Têxteis em Geral do Estado da Paraíba, Magno Rossi, ao afirmar que o setor têxtil enfrenta dificuldades devido a "importação desenfreada dos produtos" chineses.

"Isso vem acontecendo não só em São Bento. Há muito tempo estamos alertando para esses danos. O fato é que esse tipo de situação vai acabar causando desemprego e o fechamento de empresas paraibanas, que investem no Estado. Essa realidade nos preocupa muito", alertou Magno Rossi, que também é diretor executivo da Câmara em João Pessoa.

"Este ano enfrentamos algumas dificuldades na macroeconomia como a retração do mercado e com as lutas de financiamento, mas nos poucos as coisas estão voltando ao normal", diz Magno Rossi.

## ANEXO B – Jornal da Paraíba / Redes de dormir de São Bento e vendas online

Jornal da Paraíba 13/05/2019

São Bento produz 12 milhões de rede por ano e escoa produção com vendas online

<https://www.jornaldaparaiba.com.br/economia/sao-bento-produz-12-milhoes-de-redes-por-ano-e-escoa-producao-com-vendas-online.html>

### ECONOMIA E NEGÓCIOS

13/05/2019 17:00h - ATUALIZADO ÀS 17:00h

## São Bento produz 12 milhões de rede por ano e escoa produção com vendas online

Esta é a empresa B&M de São Bento, uma das maiores da cidade e contribuiu para o índice de desemprego próximo de 0%.

DA REDAÇÃO COM COLUNA ANDRÉIA CORRÊAS



Redeiros de São Bento. Foto: Jéssica Moreira Corrêas

### Redeiro do século 21

"Eu sou filho de redeiro. Meu pai, Seu Geraldo, foi redeiro durante muitos anos, viajou o Brasil inteiro, até o Piauí, vendendo redes de forma ambulante, colocava uma rede no ombro e vendia de casa em casa, vendia nas praias", conta Francisco Nadjan Vieira, dono de uma das maiores empresas de redes de São Bento. Seu Geraldo, porém, não queria que o filho virasse vendedor ambulante, pelos perigos da profissão. O e-commerce foi a solução. "Abri um site, era a oportunidade que eu tinha de ser igual a meu pai, só que em casa, de frente para o computador", explica o empresário.

O surgimento das vendas on-line permitiu a entrada de Nadjan no mercado e representou um crescimento exponencial dos negócios de rede na cidade de São Bento. Ao invés de vender de porta em porta, os comerciantes ganhavam, instantaneamente, alcance mundial de seus produtos. "Inicialmente, recebíamos um pedido por semana. Hoje, são 200 pedidos", compara;



Portal de entrada de São Bento. Foto: Jéssica Moreira Corrêas

O portal de entrada da cidade de São Bento, no alto sertão paraibano, já deixa claro qual é o negócio local: suspensa em vigas de concreto, uma rede de dormir de 8 metros de comprimento avança até a metade da rodovia, saudando os visitantes. Para que não reste dúvida, a frase "a capital mundial das redes" foi pintada logo abaixo.

Não é um título oficial, mas, com 12 milhões de redes produzidas e comercializadas por ano, a cidade é certamente uma das maiores produtoras de redes do Brasil. Junto à produção de mantas, produtos têxteis e insumos de rede, a indústria é responsável por 80% da mão de obra disponível da cidade, contribuindo para que o índice de desemprego local seja próximo de 0%.

A relação de São Bento com as redes começou antes mesmo da emancipação da cidade, em 1959. As famílias estabelecidas na região já trabalhavam com fabricação de redes em teares manuais, e vendiam a produção como ambulantes. A profissão foi passada de geração em geração, e, com o surgimento da Internet e das vendas on-line, o comércio cresceu.



Francisco e Celso vendem seus produtos online (Foto: Juliana Miranda/Correios)

### Volume de postagem de cidade grande

A cidade de São Bento, porém, não tem terminal rodoviário, muito menos aeroporto. A produção de redes, por isso, é escoada quase que exclusivamente pelos Correios. Segundo a empresa estatal a agência de São Bento é a terceira mais movimentada da Paraíba. Em volume de postagem, a cidade só perde para João Pessoa e Campina Grande.

"Se não fossem os Correios, a gente não tinha como trabalhar com vendas on-line", afirma Gilberto dos Santos Vieira, também empresário do ramo de redes em São Bento. Para Nadjan Vieira, o suporte oferecido pela empresa ajudou seu negócio a crescer.

## ANEXO C - Trabalhadores flagrados em caminhão baú com redes de São Bento

<http://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2015/02/trabalhadores-sao-transportados-em-redes-no-bau-de-caminhao.html>

11/02/2015 11h33 - Atualizado em 11/02/2015 12h06

# Polícia flagra trabalhadores em redes penduradas em baú de caminhão

Vendedores viajavam do Rio Grande do Sul para a Paraíba. Viagem foi interrompida em Guaíçara, SP.

Do G1 Bauru e Marília



**Caminhão foi parado em fiscalização na BR-153 (Foto: Divulgação/ Polícia Rodoviária Federal)**

A Polícia Rodoviária Federal interrompeu a viagem de um grupo de trabalhadores que saiu do Rio Grande do Sul com destino à [Paraíba](#). O caminhão em que eles estavam foi parado durante uma fiscalização na BR-153, em [Guaíçara](#) (SP), por excesso de velocidade.

Quando os policiais abriram o baú, constataram mais irregularidades. Dezoito vendedores viajavam no interior da carroceria instalados em redes. Eles voltavam de uma temporada de três meses vendendo as redes no interior do [Rio Grande do Sul](#) e iam para casa, em São Bento (PB), uma viagem de quase 4 mil quilômetros.

A legislação proíbe o transporte de passageiros em compartimento de cargas. Além desta irregularidade, os trabalhadores informaram que não tinham registro em carteira.

O boletim de ocorrência feito na base da Polícia Rodoviária Federal foi encaminhado para o Ministério Público do Trabalho. Os trabalhadores foram impedidos de continuar a viagem. De acordo com a PRF, eles seguiram para o terminal rodoviário de Lins.



**Homens viajam em redes no baú do caminhão para a Paraíba (Foto: Divulgação/ Polícia Rodoviária Federal)**

**ANEXO D**

<https://www.saobentoemfoco.com.br/noticia/13871/prefeitura-de-sao-bento-realiza-reuniao-com-feirantes-sobre-mudanca-para-o-shopping-das-redes>

**NOTÍCIA****Prefeitura de São Bento realiza reunião com feirantes sobre mudança para o Shopping das Redes****Prefeitura de São Bento realiza reunião com feirantes sobre mudança para o Shopping das Redes**

23/11/2017 14h57

Por: São Bento em Foco

Ouvir:0:00



Ocorreu na noite desta quarta-feira (22), na cidade de São Bento, no auditório do Shopping das Redes, uma reunião com os feirantes da Feira da Pedra, para tratar do processo de mudança do local da feira, de onde funciona atualmente, no centro da cidade, para o Shopping das Redes. Participaram da reunião, feirantes de São Bento e cidades circunvizinhas, como Brejo do Cruz, Jardim de Piranhas e Paulista.

A reunião foi realizada pelo secretário municipal de Administração e Finanças, John Lúcio, que informou aos presentes como se dará o processo de migração da Feira da Pedra. *“Será realizado um novo cadastro para os feirantes adquirirem as barracas, a partir do dia 15 de Dezembro. Os documentos solicitados serão os documentos pessoais (RG e CPF) e a Certidão Negativa de Tributos municipais. Serão*

*disponibilizados de início, 420 pontos para as barracas”, disse John.*

Caso haja uma procura maior, a prefeitura irá fechar uma das ruas laterais do Shopping, fazer uma cobertura metálica e instalar mais barracas, de acordo com a demanda solicitada.

## **AS**

## **BARRACAS**

John Lúcio informou que foram abertos dois processos de licitação para a compra do material para confecção das barracas, porém, ambas não apareceram empresas interessadas. *“Por esse motivo, as barracas foram compradas prontas pela prefeitura e serão repassadas aos feirantes”.*

As barracas serão padronizadas, medindo 2,0m x 1,0m, distribuídas no espaço de maneira que possibilitem o acesso a todos os lugares. O engenheiro responsável pela organização do espaço, Rodolfo Dias, disse que foi feito um estudo para que haja acessibilidade a todas pessoas, inclusive cadeirantes e portadores de necessidades especiais.

A aquisição do direito de uso da barraca será através de comodato, por um período de 10 anos, no valor de R\$ 1.156,46. O feirante irá pagar 35% do valor de início, depositado numa conta da prefeitura e terá um prazo, ainda a ser estipulado, para o pagamento do restante do valor. O critério de escolha dos lugares das barracas será através de sorteio entre os feirantes.

## **FUNCIONAMENTO**

A Feira do Shopping das Redes irá continuar com as mesmas características, funcionando as segundas-feiras, e acomodará todos os feirantes interessados de São Bento e região. A ideia é que a feira comece a funcionar no Shopping assim que todos estiverem cadastrados e adquirirem as barracas.

A forma de administração do espaço, será através de um regime de condomínio, onde os feirantes irão arcar com as despesas de estrutura gerencial, segurança e limpeza. Essa despesa será dividida entre todos os feirantes de forma igual. De início, uma

empresa será contratada pela prefeitura para administrar a Feira. *“Futuramente, se os feirantes tiverem interesse de se organizarem para administrar a feira, será feita sem problema algum”,* informou John.

Os feirantes tiveram espaço para fazer perguntas durante a reunião, afim de esclarecerem suas dúvidas.

Estiveram presentes também, o advogado Layon Rodolfo, do setor jurídico do município, o secretário de Infraestrutura, Toni Lúcio, o coordenador de tributos do município, Raphael Araújo, o coordenador de Desenvolvimento Econômico, Turístico e Tecnológico, Wallison Relre, e Hudson Albino, do setor de Licitações do município.

ANEXO E – PRF encontra maconha em redes de dormir

<https://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2019/02/18/prf-encontra-mais-de-70-kg-de-maconha-escondidos-em-redes-de-descanso.ghtml>

## PRF encontra mais de 70 kg de maconha escondidos em redes de descanso

Droga estava no bagageiro de um ônibus que seguia de Foz do Iguaçu para Pato Branco; dois passageiros foram presos.

Por G1 PR

18/02/2019 15h00 Atualizado há 11 meses



As redes com a maconha estavam no bagageiro de um ônibus; dois passageiros foram presos — Foto: PRF/Divulgação

Policiais rodoviários federais encontraram 72 kg de maconha escondidos no meio de redes de descanso.

O flagrante foi feito nesta segunda-feira (18) durante uma abordagem no posto de fiscalização da BR-277 em Santa Terezinha de Itaipu, no oeste do Paraná.

A droga e as redes estavam no bagageiro de um ônibus que seguia de Foz do Iguaçu para Pato Branco, no sudoeste do estado.

Dois passageiros, de 27 e 28 anos de idade, foram presos em flagrante. Eles disseram aos agentes que levariam a maconha até Francisco Beltrão.

Os suspeitos foram encaminhados para a Delegacia da Polícia Civil de Santa Terezinha de Itaipu.



No total, foram apreendidos 72 kg de maconha; droga seria levada para Francisco Beltrão — Foto: PRF/Divulgação